UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA APARECIDA GONÇALVES GOMES

**A dimensão afetiva e a felicidade nos projetos de vida de jovens: um estudo
na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento**

São Paulo
2016

MARIA APARECIDA GONÇALVES GOMES

**A dimensão afetiva e a felicidade nos projetos de vida de jovens: um estudo
na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Psicologia e Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Valéria Amorim
Arantes de Araújo.

São Paulo
2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

154.2
G633d

Gomes, Maria Aparecida Gonçalves

A dimensão afetiva e a felicidade nos projetos de vida de jovens: um estudo na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento /Maria Aparecida Gonçalves Gomes; orientação Valéria Amorim Arantes de Araújo. São Paulo: s. n., 2016.
198 p.; graf.; tabs.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Psicologia e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Valores 2. Projeto de vida 3. Sentimentos 4. Felicidade
5. Juventude 6. Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento

I. Araújo, Valéria Amorim Arantes de, orient.

GOMES, Maria Aparecida Gonçalves. **A dimensão afetiva e a felicidade nos projetos de vida de jovens:** um estudo na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Psicologia e Educação

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Ass: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Ass: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Ass: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Ass: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Ass: _____

AGRADECIMENTOS

Finalizar esta produção acadêmica envolveu esforço pessoal, uma luta intensa entre razão e emoção. A razão pontuando o tempo finito, a emoção dando forças para seguir em frente. Porém, se não fosse por muitas pessoas, a energia empreendida nesses anos me traria um prazer menor, porque o que fiz não foi só por minha felicidade, mas por uma felicidade que contagie outros. Dentre todos, agradeço a Deus, que me reconforta.

Sou carinhosamente grata à Prof^a Dr^a Valéria Amorim Arantes, aquela que foi mestre não só na ciência, pelas intervenções quando me encontrava academicamente sem rumo, mas na sua principal maestria, a de acolher o outro e proporcionar-me o tempo necessário na hora de meu maior sofrimento.

Ao Prof. Dr. Nílson José Machado, pela contribuição em suas aulas, ao abordar temas tão importantes sobre o conhecimento e valores. Sua gentileza é contagiante.

À Prof^a. Dr^a. Viviane Potenza Guimarães Pinheiro, que em sua gentileza intelectual muitas vezes me acolheu e socorreu.

À Prof^a. Me. Hanna Cebel Danzza, que gentilmente se dispôs a compartilhar os caminhos da plataforma *online*.

Ao Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza e Prof^a Dr^a. Cristina Satiê Pátaro, pelas considerações especialmente importantes no momento da qualificação.

A todos os componentes da banca de defesa, que acolheram este estudo para suas considerações.

À Universidade de São Paulo, instituição que me proporcionou a realização deste projeto.

Aos jovens participantes da pesquisa, por suas “vozes”, sem as quais este trabalho não se realizaria.

A meu esposo, Dorival Gomes, pela compreensão e apoio, abdicando de parte de sua vida pela realização da minha.

A meus filhos, Rodrigo e Talissa, por aceitarem as muitas ausências de uma mãe.

A meu genro, Fábio, minhas noras, Alexandra e Gislaine, por se preocuparem e torcerem por mim.

A meus netos, João Pedro, Caio, Kauã, Pedro, Maria Cecília, Davi e “bebê”, por não ter podido muitas vezes ser a avó que gostaria de ser.

Aos amigos da vida e do trabalho, que deram força para eu me manter firme nesse projeto.

A meu filho “Juninho”, que pouco antes de partir para Deus me disse, com orgulho: “Mãe, Deus têm um projeto para sua vida!”

E eu disse “Amém!”

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral investigar os processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade. A relevância do tema se deve ao fato de que os jovens elaboram seus projetos de vida orientados por valores que lhes são centrais e nos quais estão envolvidas projeções afetivas. O trabalho pautou-se pela concepção da indissociabilidade entre os aspectos cognitivos e afetivos no funcionamento do psiquismo. Analisaram-se as possíveis relações entre os projetos de vida construídos pelos jovens e o sentimento de felicidade a eles relacionados. Essas duas dimensões foram contempladas na análise dos dados empíricos, tendo como subsídio teórico-metodológico a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, elaborada por Moreno, Sastre, Bovet e Leal. Para o plano de investigação, foi aplicado um questionário *online* a jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas das cinco regiões brasileiras. A análise dos dados compreendeu algumas etapas orientadas pelos objetivos da pesquisa e organizadas de forma a estabelecer um *continuum* entre si. Quatro categorias de análise orientaram à reflexão sobre as possíveis formas de elaboração mental envolvidas no processo de formulação das justificativas às respostas, pelos entrevistados. Os modelos organizadores do pensamento foram construídos a partir do estudo sobre a organização do raciocínio dos jovens, ao abstraírem elementos, atribuírem-lhes significados e estabelecerem as relações e implicações entre eles. As formulações expressaram diferentes compreensões a respeito dos projetos de vida dos jovens, desde os modelos organizadores que imprimem uma forma natural sobre o modo de viver a vida até os modelos em que os jovens realizam suas projeções com aparente cuidado em relação ao outro. A análise dos modelos organizadores levou a perceber a predominância de uma carga afetiva positiva vinculada aos projetos de vida dos jovens. Observa-se a importância desta investigação a partir de seus resultados sobre projetos de vida com foco no sentimento de felicidade, que apontaram para perspectivas diversas no que se refere à articulação entre valores e sentimentos construída pelos jovens em seus projetos de vida, desde a não vinculação de tais relações até o entendimento de que esses conceitos se complementam.

Palavras-chave: Valores. Projeto de vida. Sentimentos. Felicidade. Juventude. Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.

ABSTRACT

The present study had as general objective to investigate the psychic processes underlying the life projects of young people and their affective dimension, focusing on the feeling of happiness. The relevance of the theme lies in the fact that young people elaborate their life projects oriented by values that are central to them and in which affective projections are involved. The work's basis is the conception of the inseparability between the cognitive and affective aspects in the functioning of the psyche. Possible relations among the life projects of young people and the feeling of happiness related to them were analyzed. These two dimensions were contemplated in the analysis of empirical data, having as theoretical and methodological support the Theory of Thought-Organizing Models, elaborated by Moreno, Sastre, Bovet and Leal. For the research plan, an online questionnaire was applied to young high school students from public schools in the five Brazilian regions. The data analysis comprised some steps guided by the research objectives and organized in order to establish a continuum among them. Four categories of analysis guided the reflection on the possible forms of mental elaboration involved in the process of formulating the justifications for the answers, by the interviewees. The so-called thought-organizing models were made from the study of the organization of young people's reasoning, by abstracting elements, assigning meanings to them, and establishing their relationships and implications. The formulations expressed different understandings about the life projects of the youth, from the organizing models that gave a natural way of living the life to the models in which the young people made their projections with apparent care for the other. The analysis of the organizing models led us to perceive the predominance of a positive affective charge linked to the life projects of the youth. It is observed the importance of this research from its results on life projects focused on the feeling of happiness, which pointed to different perspectives regarding the articulation between values and feelings built by the youth in their life projects, from the non-linking of such relationships to the understanding that these concepts complement each other.

Keywords: Values. Life project. Feelings. Happiness. Youth. Theory of Thought-Organizing Models.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Municípios participantes da pesquisa, por região.....	70
Quadro 2 – Roteiro de questões que compõem o instrumento de pesquisa <i>online</i>	74
Quadro 3 – Distribuição dos grupos de elementos centrais (valores) por região.....	104
Quadro 4 – Distribuição isolada dos elementos centrais (valores) por região.....	105
Quadro 5 – Elementos do conjunto de Categorias: Valores e Projetos.....	123
Quadro 6 – Comparativo de elementos dos projetos de vida nas Categorias 3 e 4.....	125
Quadro 7 – Intersecção dos elementos dos projetos entre as Categorias 3 e 4.....	130
Quadro 8 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 1.....	138
Quadro 9 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 2.....	145
Quadro 10– Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 3	151
Quadro 11 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 4....	155
Quadro 12 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 5....	162
Quadro 13 – Descrição das Categorias 1 e 2 (valores) a partir das respostas à Questão 15.....	165
Quadro 14 – Descrição das Categorias 3 e 4 (projetos de vida) a partir das respostas às Questões 29 e 30.....	166
Quadro 15 – Descrição sumária dos modelos e submodelos organizadores.....	172
Quadro 16 – Análise da carga afetiva dos sentimentos nos modelos.....	177

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Elementos centrais e quantidades.....	80
Gráfico 2 – Elementos e quantidades do conjunto Outros.....	81
Gráfico 3 – Percentual de indicações dos elementos mais importantes por região brasileira.....	82
Gráfico 4 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Família.....	83
Gráfico 5 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Deus.....	84
Gráfico 6 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Amigos.....	85
Gráfico 7 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Estudo.....	86
Gráfico 8 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Saúde.....	87
Gráfico 9 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Dinheiro.....	88
Gráfico 10 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Futuro.....	89
Gráfico 11 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Trabalho.....	91
Gráfico 12 – Quantitativo e percentual por região referente ao conjunto Outros.....	93
Gráfico 13 – Elementos e quantidades correspondentes aos projetos de vida.....	108
Gráfico 14 – Distribuição quantitativa dos elementos dos projetos de vida.....	109
Gráfico 15 – Distribuição dos itens por região – Elementos Não Nomeados.....	110
Gráfico 16 – Distribuição dos itens por região – Não Tem/Não Sabe.....	111
Gráfico 17 – Quantitativo do elemento Estudo por região.....	113
Gráfico 18 – Quantitativo do elemento Trabalho por região.....	114
Gráfico 19 – Quantitativo do elemento Dinheiro/Bens por região.....	115
Gráfico 20 – Quantitativo do elemento Bem-Estar por região.....	116
Gráfico 21 – Quantitativo do elemento Família por região.....	117
Gráfico 22 – Quantitativo do elemento Ser Feliz por região.....	118
Gráfico 23 – Quantitativo do elemento Ser Independente por região.....	119
Gráfico 24 – Quantitativo do elemento Deus por região.....	120
Gráfico 25 – Quantitativo do elemento Ser Importante por região.....	120

Gráfico 26 – Comparativo de quantidades de elementos por categorias.....	126
Gráfico 27 – Categoria 3: quantidade de indicações por região.....	127
Gráfico 28 – Categoria 4: quantidade de indicações por região.....	129
Gráfico 29 – Distribuição das Categorias 1 e 2 na composição dos modelos.....	169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de participantes em cada uma das cinco regiões geopolíticas brasileiras.....	70
Tabela 2 – Número de participantes por gênero e idade.....	71
Tabela 3 – Número de participantes por região brasileira e ano de escolaridade.....	71
Tabela 4 – Elementos e suas quantidades citados pelos participantes.....	77
Tabela 5 – Elementos e quantidades do conjunto Outros.....	78
Tabela 6 – Recorte de elementos considerados centrais.....	79
Tabela 7 – Conjunto Outros.....	79
Tabela 8 – Distribuição quantitativa, por região brasileira, do conjunto de elementos representando o recorte prioritário da amostra (85%) para a Questão 1 .	82
Tabela 9 – Distribuição quantitativa, por região, do conjunto de elementos Outros.	92
Tabela 10 – Categorias, número de participantes por região e percentuais.....	95
Tabela 11 – Elementos das Subcategorias 1.....	96
Tabela 12 – Distribuição, por região, dos participantes das Subcategorias 1.....	97
Tabela 13 – Elementos das Subcategorias 2.....	99
Tabela 14 – Distribuição, por região, dos elementos citados nas Subcategorias 2.....	100
Tabela 15 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Norte.....	101
Tabela 16 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Nordeste.....	102
Tabela 17 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Centro-Oeste.	102
Tabela 18 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Sudeste.....	103
Tabela 19 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Sul.....	104
Tabela 20 – Elementos dos projetos de vida e quantidades indicadas pelo total de participantes.....	107
Tabela 21 – Organização dos elementos dos projetos e seus percentuais totais.....	108
Tabela 22 – Distribuição dos elementos por região nos projetos de vida.....	112
Tabela 23 – Quantidade de participantes nas Categorias 3 e 4 por região.....	121
Tabela 24 – Distribuição dos participantes por categorias e regiões.....	123
Tabela 25 – Distribuição dos elementos da Categoria 3 por região: projetos de vida	126
Tabela 26 – Distribuição dos elementos da Categoria 4 por região: projetos de vida	128
Tabela 27 – Concentração de elementos nas Categorias 3 e 4.....	130
Tabela 28 – Distribuição quantitativa e percentual dos participantes em modelos e submodelos referentes à elaboração do projeto de vida.....	173

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 JUVENTUDE E FELICIDADE.....	17
2.1 Juventude e adolescência.....	17
2.1.1 <i>Adolescência e juventude: um campo de imprecisões.....</i>	18
2.1.2 <i>Juventude: algumas definições e formulações etárias.....</i>	20
2.2 Felicidade.....	24
2.2.1 <i>Contextualização histórica.....</i>	25
2.2.2 <i>A felicidade: ideias contemporâneas.....</i>	30
2.2.3 <i>O estudo da felicidade na Psicologia Positiva.....</i>	34
2.2.4 <i>Bem-estar: duas concepções.....</i>	39
2.2.4.1 <i>Bem-estar subjetivo (BES).....</i>	42
2.2.4.2 <i>Bem-estar psicológico (BEP).....</i>	44
3 PROJETO DE VIDA.....	47
3.1 Projetos de vida: ideias fundamentais.....	50
3.2 Projetos e valores.....	55
3.3 Projetos de vida e moralidade.....	59
4 A TEORIA DOS MODELOS ORGANIZADORES DO PENSAMENTO.....	62
5 PLANO DE INVESTIGAÇÃO.....	69
5.1 Objetivos.....	69
5.2 Participantes.....	69
5.3 Instrumento.....	72
5.4 Análise dos dados.....	75
6 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	76
6.1 Apresentação e análise de elementos centrais (valores).....	77
6.2 Apresentação e análise de categorias sobre valores – Categorias 1 e 2.....	94
6.2.1 <i>Categoria 1: Elementos Centrais Agrupados e Categoria 2: Elementos Centrais Não Agrupados.....</i>	94
6.3 Apresentação e análise de categorias sobre projetos de vida.....	106
6.4 Composição e distribuição dos elementos dos projetos: Categorias 3 e 4.....	121
7 APRESENTAÇÃO DOS MODELOS ORGANIZADORES REFERENTES AOS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS.....	132
7.1 Considerações sobre a apresentação dos modelos organizadores do pensamento	132

7.2 Apresentação dos modelos organizadores do pensamento.....	133
7.3 Identificação e caracterização dos modelos organizadores do pensamento.....	135
7.3.1 <i>Modelo 1: Modos de vida.....</i>	137
7.3.2 <i>Modelo 2: Projeções sobre relações interpessoais e/ou vínculos.....</i>	138
7.3.3 <i>Modelo 3: Projeções sobre trabalho.....</i>	146
7.3.4 <i>Modelo 4: Trabalho e família.....</i>	151
7.3.5 <i>Modelo 5: Preocupação com o outro.....</i>	156
8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	163
8.1 Considerações sobre a apresentação dos dados e discussão dos resultados.....	164
8.1.1 <i>Análise do primeiro objetivo.....</i>	164
8.1.2 <i>Análise do segundo e terceiro objetivos.....</i>	171
8.1.2.1 <i>Análise da dimensão afetiva.....</i>	176
8.1.2.2 <i>As possíveis relações entre projeto de vida e o sentimento de felicidade.....</i>	179
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS.....	192

1 INTRODUÇÃO

Projetar o futuro pode ser considerado um desafio para os jovens na sociedade atual, uma vez que há poucos anos atrás o caminho a seguir ao adentrar a vida adulta já estava, na maioria das vezes, culturalmente desenhado. Hoje, ao nos remetermos aos aspectos dos projetos de vida de jovens, percebemos que eles se enredam por uma multiplicidade de questões, envolvendo desde a crença numa forma natural de viver a vida até a preocupação com a sociedade de que fazem parte e o desejo de contribuir com ela. Um ponto a ser destacado em nosso estudo é que os jovens, em sua maioria, demonstram preocupação quanto ao futuro, almejando realizações profissionais e pessoais, sendo a felicidade significada como fruto de tais realizações.

Partindo desse pressuposto, e tendo como objetivo geral estudar os processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva com foco no sentimento de felicidade, propomo-nos a investigar o processo de elaboração desses projetos de vida e os valores e sentimentos que os organizam e orientam.

Nos estudos desenvolvidos no campo da Psicologia, encontramos um histórico sobre a afetividade que nos guia a uma concepção racionalista e fragmentada do pensamento humano, ao desconsiderar os valores e sentimentos construídos ao longo da vida. Contudo, investigações recentes na área têm mostrado um novo olhar sobre a relação entre valores e sentimentos presentes nos diferentes projetos de vida, o que nos leva a observar a indissociabilidade entre eles.

Partindo dessas contribuições e situando-se no universo teórico que respalda as discussões referentes a projetos de vida, valores e sentimentos, o presente projeto trata de investigar as relações existentes entre projetos de vida e o sentimento de felicidade.

A estrutura do estudo está organizada a partir de objetivos orientadores das análises e discussões. O objetivo geral é estudar os processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade. Como objetivos específicos, temos:

- identificar e analisar os valores subjacentes aos projetos de vida dos jovens participantes;
- identificar os modelos organizadores do pensamento subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade;
- analisar as possíveis relações entre os projetos de vida dos jovens e o sentimento de felicidade.

Postos os objetivos que orientaram o percurso investigativo, elaboramos um quadro teórico que nos oportunizou a construção de referências significativas para o estudo em questão, por meio do qual buscamos conceitos que nos ajudassem a compreender os dados empíricos coletados. Assim, o trabalho foi organizado em capítulos, os quais passamos a apresentar, sendo o primeiro correspondente a esta “Introdução”, que traz um panorama geral do estudo.

No segundo capítulo, intitulado “Juventude, adolescência, felicidade”, é feita a distinção entre os termos adolescência e juventude e nos valem de concepções da Sociologia com apoio das perspectivas propostas, entre outros, por Sposito (1992, 1997, 2003), Pais (1993) e Freitas (2005), permitindo uma compreensão mais atual sobre o tema. Esta construção teórica é útil para nossa investigação sobre como a juventude se organiza e se envolve com seus projetos de vida, na medida em que possibilita o entendimento de que, em conexão às escolhas dos jovens e seu modo de viver o presente e o futuro, está envolvido um complexo de valores e sentimentos, dentre os quais damos ênfase ao sentimento de felicidade, temática abordada no mesmo capítulo.

As considerações teóricas a respeito da temática da felicidade são desenvolvidas em duas etapas: a primeira, constituída a partir de algumas considerações sobre a evolução de seu significado, desde os aspectos filosóficos que denotam a felicidade permeada por ações hedonistas, com fim em si mesmas, tendo uma visão de bem-estar como prazer. Relativamente a isto diverge Epicuro (2002), ao evidenciar a virtude da prudência e trazer a acepção do conceito de felicidade como algo relacionado às virtudes, uma vez que estas “estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas” (EPICURO, 2002, p. 47). Ainda nesse cenário, encontramos a visão de Aristóteles (2009), de que felicidade é uma atividade própria do homem, em que o “sumo bem” é o mais elevado bem para o homem. Segundo este autor, o objetivo é alcançar uma vida boa, virtuosa e feliz. Esta é uma perspectiva do eudaimonismo, segundo o qual a “virtude humana não é a do corpo, mas a da alma” (ARISTÓTELES, 2009, p. 37).

A segunda etapa das discussões foi elaborada sob uma perspectiva contemporânea, em que se ampliam e aprofundam os estudos sobre felicidade pela confluência de diversas vertentes do conhecimento, incluindo a Psicologia, que contribui com a temática da afetividade, ao valorizar os sentimentos como elementos fundamentais nas relações estabelecidas na organização do pensamento humano e acreditar que cognição e afeto são indissociáveis. Ainda no mesmo contexto, o tema é aprofundado a partir das contribuições de diferentes áreas, visando a melhor compreender a afetividade humana, principalmente no que

tange aos sentimentos, incluindo o de felicidade. Nesse sentido, os trabalhos de Arantes (2013), Aristóteles (2006), Damon (2009), Epicuro (2002), Giannetti (2002), Greve (2013), Pátaro (2011), Pinheiro (2013) e Seligman (2004) são cruciais no tocante às reflexões contextualizadas nas áreas científicas que respaldaram o presente estudo, ao favorecerem discussões que enriqueceram nosso universo de compreensão sobre conceitos adotados como norteadores para o projeto. De acordo com o nosso entendimento, ao estabelecer um diálogo com estes autores, nossos horizontes ampliaram-se na tentativa de buscar novos conhecimentos sobre o significado de felicidade, principalmente para investigar suas relações com os projetos de vida dos jovens.

O terceiro capítulo, “Projeto de vida”, está organizado a partir de um conjunto teórico definido em torno dos estudos de autores como Boutinet (1996), Machado (2006a, 2006b), Marías (1989), Marina (2009) e Velho (2003), os quais tratam de conceitos relativos a valores e projetos sob a perspectiva das Ciências Sociais, da Educação, da Psicologia e da Filosofia. Tais estudos têm papel fundamental na compreensão das diferentes definições de projeto, a exemplo daquelas que o delineiam como um elemento dotado de natureza ativa e, ao mesmo tempo, fruto de uma autoria. No que se refere a valores, os trabalhos apontados como referenciais desse conceito também são essenciais, na medida em que colaboram para a construção de visões mais amplas, destacando-se a noção de que “o desenvolvimento da personalidade de cada ser humano não é senão o espectro que busca desenvolver ao longo da vida” (MACHADO, 2006a, p. 21).

Somadas às vertentes teóricas já apresentadas, buscamos na área da Psicologia os estudos de Damon e seus colaboradores do Stanford Center on Adolescence (BUNDICK, 2010; DAMON, 2009; DAMON; MENON; BRONK, 2003), que desenvolveram o conceito de *purpose*, termo do idioma inglês que no Brasil foi significado como “projeto vital”. Por essa visão, compreendem-se por uma via positiva as projeções futuras e sua importância para a constituição da identidade dos jovens. Tal perspectiva aprimorou nossa investigação sobre os processos psicológicos que subjazem à construção dos projetos de vida de jovens, como uma das formulações que ocorrem no pensamento humano.

O quarto capítulo finaliza nosso quadro teórico, contemplando a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al., 1999), que nos dá subsídios teórico-metodológicos para a investigação e nos possibilita compreender os aspectos funcionais do psiquismo humano e as formulações que os jovens fazem para suas representações da realidade baseados em seus pensamentos e sentimentos, bem como

contribui para a compreensão de como se articulam projetos de vida, valores e sentimentos (ARANTES, 2013).

No quinto capítulo adentramos o plano de investigação, no qual pautamos a consecução de nossos objetivos centrados nos projetos de vida, valores e sentimentos subjacentes à sua elaboração com foco no sentimento de felicidade, a caracterização dos participantes, as regiões envolvidas e o instrumento de pesquisa.

O sexto capítulo apresenta o processo de análise dos dados, realizado a partir da identificação de categorias de análise sobre valores e projetos de vida, as quais foram extraídas dos próprios dados analisados, sob considerações qualitativas e quantitativas envolvidas em um processo que se complementa.

Para o sétimo capítulo, intitulado “Apresentação dos modelos organizadores referentes aos projetos de vida dos jovens”, trazemos os modelos organizadores identificados na pesquisa e a organização que permeia sua elaboração no raciocínio dos jovens. Tais elaborações compreendem, de acordo com o seu significado, a possibilidade de uma divisão em submodelos.

No capítulo “Discussão dos resultados”, retomamos os três objetivos específicos da pesquisa, norteadores de nossas discussões sobre os resultados encontrados, as quais são acompanhadas de referenciais teóricos que as embasam. Tais objetivos nos encaminham, primeiramente, a contemplar a formulação de quatro categorias de análise, realizadas a partir das respostas dos participantes, que se referem aos elementos mais importantes de suas vidas (valores) e aos elementos centrais de seus projetos de vida. Os outros dois objetivos são discutidos em um processo conjunto que conduz à reflexão sobre os resultados dos modelos organizadores encontrados, subjacentes aos projetos de vida dos jovens, e à observação da complexidade existente na dinâmica de pensamento empreendida por aqueles na construção de seus modelos organizadores, referendados por valores e sentimentos. Por esta ótica, contribui enfaticamente Araújo (2007, p. 18), ao dizer que “entender como se dão os processos constitutivos da natureza humana é uma meta da psicologia”; assim, nossa pesquisa tem o objetivo de contribuir com os estudos dessa área.

Ao analisarmos todo esse percurso, observamos a dimensão afetiva presente, a qual tivemos como foco de análise e discussão, especificamente no que tange ao sentimento de felicidade e suas possíveis relações com os projetos de vida dos jovens.

No cerne destas últimas elaborações encontramos o sentimento de felicidade compreendido, em sua maioria, a partir de sentimentos positivos e predominantemente vinculados aos projetos de vida construídos.

Por fim, nas “Considerações finais” abriremos um novo diálogo com os objetivos propostos nesta pesquisa, refletindo sobre outras possíveis relações a serem desbravadas academicamente.

2 JUVENTUDE E FELICIDADE

Uma vez que o foco temático do presente estudo situa-se no campo das investigações relativas aos projetos de vida e ao sentimento de felicidade, alguns conceitos serão de fundamental importância para a interpretação dos dados constitutivos da investigação. Dentre eles, destacam-se as discussões relativas a adolescência, juventude, projetos de vida e felicidade, estabelecendo-se, em seu percurso de construção, uma perspectiva dialógica entre tais noções. Para tanto, trataremos de cada uma dessas categorias, buscando pontuar suas definições e implicações por diferentes aspectos conceituais.

2.1 Juventude e adolescência

Considerando o jovem um sujeito psicológico em uma realidade concreta, um sujeito real que organiza projetos de vida partindo de diferentes dinâmicas do pensar – o que exige dele uma mobilização de valores e sentimentos –, necessitamos, para melhor compreendê-lo e a seus projetos, discutir acerca de quem ele é. Assim, é importante debruçarmo-nos sobre as temáticas da adolescência e da juventude.

Conceber a juventude no âmbito da sociedade contemporânea demanda o diálogo com diferentes áreas, o que, por vezes, coloca os jovens em papéis fluidos e incertos (PAIS, 1993). Contudo, reconhecemos que o conceito de juventude é de difícil definição, por abarcar processos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos, os quais trazem divergências e ambivalências sobre seu emprego em diferentes áreas. No campo da Psicologia, tradicionalmente, o conceito de adolescência é utilizado para designar os jovens da faixa etária que estudamos, restrita ao período marcado pelas alterações biológicas e início das transformações psíquicas e sociais; porém, nossa escolha recai sobre o termo “juventude”, que, segundo Freitas (2005), é um conceito mais amplo, tanto do ponto de vista etário quanto do das questões que a caracterizam.

Deste modo, diversos autores dialogam sobre questões como crises, conflitos sociais, engajamentos ideológicos, transição... Mas, seguindo a linha de pensamento de Dayrell (2003), a dificuldade de compreender como as experiências dos jovens são construídas leva-nos a desvelar, nos próximos parágrafos, um pouco dessa juventude contemporânea e a realizar reflexões sobre tais construções.

Na sociedade contemporânea, a juventude foi atingida com tamanha velocidade por uma série de avanços tecnológicos que sofreu evoluções e transformações. Esta juventude não

se assemelha à de décadas atrás, sendo necessário caracterizá-la e categorizá-la em contato direto com as transformações desse processo contemporâneo – seja pelo trabalho, pelo engajamento político-ideológico, pela tecnologia ou pelo estudo. Porém, ao tentar dar significados a seus projetos de vida e ao buscar articular conhecimentos a valores e sentimentos, sobretudo à felicidade, muitas vezes a juventude é retratada como extremamente complexa, graças às infinitas possibilidades que lhe são apresentadas.

2.1.1 Adolescência e juventude: um campo de imprecisões

Ao refletirmos sobre os significados de adolescência e de juventude, por vezes entrelaçados como sinônimos, trilhamos um caminho de incertezas, o que nos leva a debruçar sobre a História para compreender tais imprecisões.

No campo da Psicologia tradicional, como já apontado, os estudos sobre a adolescência e a juventude assentam-se no entendimento de que os processos biológicos e suas decorrências acontecem como uma fase natural e universal do desenvolvimento humano. Já a Sociologia abrange as questões sociais, culturais e históricas que envolvem os jovens – definidos como indivíduos entre 15 e 24 anos –, num contexto mais contemporâneo.

Para além destas questões, estando o presente estudo situado no campo da Psicologia, será preciso nortear os leitores sobre a escolha do termo “juventude” e não “adolescência”. O fim do século XX marcou a origem do termo “adolescência” na burguesia como consequência de uma sociedade capitalista e industrializada, com a intenção de definir o início do segundo período da infância, a idade acima dos 13 anos.

Para Erikson (1976a, p. 156),

[...] a adolescência é a última fase da infância. Contudo, o processo adolescente só está inteiramente concluído quando o indivíduo subordinou as suas identificações da infância a uma nova espécie de identificação, realizada com a absorção da sociabilidade e a aprendizagem competitiva com (e entre) os companheiros de sua idade. Essas novas identificações [...] forçam o indivíduo jovem a opções e decisões que, com um imediatismo crescente, levam a compromissos para toda a vida.

Com base nessas ideias, Erikson (1976a) identificou a adolescência como um período de latência entre a infância e a vida adulta, necessário para que os indivíduos se preparem para os papéis impostos aos adultos pela sociedade. Assim, evidencia-se o caráter social do desenvolvimento humano, pois, para além dos conflitos individuais e biológicos, o sujeito

deve atender ao que a sociedade espera dele. Tais ideias foram importantes para chamar a atenção sobre a problemática do papel social do jovem.

Vista de uma perspectiva social, a juventude pode ser entendida como parte de um processo de crescimento cujos contornos são definidos nas experiências mais abrangentes vivenciadas no contexto social, das quais certas especificidades marcam a vida de cada um, fundamentalmente pelo desenvolvimento biológico e cognitivo e por transformações culturais e morais, além da identidade (ABRAMO, 2005; PAIS, 1993; SPOSITO, 2003, 2009b). Segundo Pais (1993). Ao se adotar uma concepção mais dinâmica de juventude como um modo de vida específico, com significados e valores particulares, faz-se jus à complexidade advinda do fenômeno juvenil.

Não perdendo de vista o processo de crescimento, a juventude é percebida como fase transitória, tempo de *moratória social*, indicada como um período de preparação para a vida adulta, para a construção da identidade e a definição de projetos para o futuro. Tem como prerrogativas a perspectiva da inserção dos jovens nas diferentes dimensões da vida social, como a formação da própria família, a inserção no mundo do trabalho e como exercício de direitos e deveres de cidadania (NOVAES; VITAL, 2005).

A fim de compreender com exatidão as prerrogativas deste conceito, utilizaremos a definição de moratória social dada por Erikson (1976a, p. 157):

[...] um período de espera concedido a alguém que não está pronto para enfrentar uma obrigação ou é algo imposto a alguém a quem deveria dar-se um prazo de tempo. Assim, entendemos por moratória um compasso de espera dos compromissos adultos, no entanto não se trata apenas de uma espera. É um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem.

A moratória social é por nós entendida como um período de desenvolvimento das capacidades cognitivas, psicológicas, sociais e relacionais, concedido aos jovens pela sociedade para aliviá-lo do tempo de sua contribuição social formal. São efeitos dessa moratória os anos de estudos formais prolongados, a tardia inserção no mercado de trabalho e o adiamento da constituição de uma nova família, com maior permanência na família de origem. Nas palavras de Abad (2003, p. 24), “a juventude se prolonga até depois dos 30 anos, o que significa que quase um terço da vida, e um terço da população tem o rótulo, impreciso e convencional como todos, mas simbolicamente muito poderoso”.

A ideia de moratória é desenvolvida com maior amplitude por Margulis e Urresti (2000), que a definem em dois tipos: a social, como visto anteriormente, que incide no modo de ser do jovem e na postergação de seu ingresso no mundo adulto; e a moratória vital, como

um crédito temporal que depende da idade dos jovens. Para estes autores, a moratória vital diz respeito ao aspecto energético do corpo próprio da juventude, sendo comum a todos os sujeitos juvenis, e se identifica com a sensação de imortalidade.

Sposito (1997, 2003) reforça esse contexto de mudança social ao observar que a era contemporânea tem cedido diferentes arranjos às experiências juvenis, sendo a transitoriedade para a vida adulta cada vez mais variante, desregulada e desnormalizada. Segundo a autora, não há efetivamente caminho único, tampouco linear, para a entrada na vida adulta.

No entanto, Pais (1993) observa que o modo de viver dos jovens parece estar relacionado à formação de novos valores que, por vezes, rejeitam o modelo tradicional de vida – como casamento, família, escola e trabalho, entre outros aspectos. A estrutura normativa de valores e práticas culturais revela-se em descompasso com conceitos tradicionais; desse descompasso emergem novas possibilidades de arranjo, entre as inúmeras possíveis na contemporaneidade.

Assim, assumimos para este estudo as definições de Pais (1993), que nos orientam a uma concepção mais dinâmica de juventude como um modo de vida específico, permitindo compreendermos aspectos característicos das trajetórias juvenis e oferecendo indicações importantes para a análise dos projetos de vida dos jovens de nosso estudo – sempre partindo de uma visão contemporânea do termo, que os considera em suas múltiplas dimensões.

2.1.2 Juventude: algumas definições e formulações etárias

Ao reconhecer neste trabalho uma visão de juventude a partir de uma perspectiva mais ampla em relação a seu conceito e um modo de vida mais dinâmico, optamos por considerar, em uma perspectiva interdisciplinar, a articulação entre Educação, Psicologia, Antropologia e Sociologia. Sendo assim, faremos uma abordagem sucinta da literatura acadêmica sobre a definição do termo “juventude”, uma vez que nossa amostra constitui-se desse perfil etário. Por pressuposto, observamos que o crescente interesse dos acadêmicos e do mercado pelos jovens indica uma representatividade da juventude em nossa sociedade que merece ser mais aprofundada.

Assim, já não cabe considerar a juventude como determinada faixa etária no percurso da vida, pois ela se vem transformando aos olhos da sociedade e dos estudiosos, que se têm juntado a médicos, psicanalistas e educadores a fim de tentar compreendê-la. Logo, considerando que, após um período de ausência no cenário acadêmico nacional (ABRAMO, 1997), nos últimos anos o tema vem ganhando especial relevância no conjunto das

produções científicas, buscamos compreender as vivências e as preocupações dos jovens nos dias de hoje. Almejamos entender seus desafios e delimitações, impostos em múltiplas esferas. Vejamos, a seguir, mais contribuições de alguns teóricos para a definição de “juventude”.

Considerando a complexidade que envolve tal definição, buscamos a colaboração de Morin (2006), que afirma ser a juventude uma “classe de idade”, no sentido de que está presente em todas as classes sociais, mas se renova perpetuamente, já que os indivíduos só serão jovens durante algum tempo. Além disso, afirma o autor, a cultura juvenil, ao mesmo tempo que reforça o caráter individualizante de seus símbolos e valores, promove a solidariedade e alimenta um sentimento de grupo. Para Morin (2006), a “cultura adolescente-juvenil”, como prefere chamar, é ambivalente, já que participa da cultura de massa, mas ao mesmo tempo procura diferenciar-se dela.

Já Bourdieu (1983) afirma que a juventude é uma construção dos adultos e serve a um controle social que estabelece uma divisão de poder. Assim como acontece com a adolescência e a velhice, a noção de juventude foi inventada pelos adultos para exercerem controle social sobre ela. A separação entre jovens e velhos seria, como afirma o sociólogo, uma forma de manter uma ordem que coloca cada um em seu lugar, respeitando limites sociais invisíveis. Aos adolescentes é atribuída uma espécie de “irresponsabilidade provisória”: dependendo da situação, eles são adultos ou crianças.

Giddens (2002), por sua vez, destaca a globalização e a disseminação da mídia eletrônica, entre outros, como elementos que colocam o indivíduo frente a frente com um grande número de escolhas. Contudo, enfatiza a escolha imperativa de um estilo de vida. Para o autor, a noção de estilo de vida deve extrapolar a simples definição do senso comum, que a associa ao “consumismo superficial” (GIDDENS, 2002, p. 79). Segundo ele, estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque elas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade que define seus projetos.

Na perspectiva antropológica, Vianna (1997, p. 15) enfatiza a diversidade cultural criada pelos jovens contemporâneos, estimulando uma análise que coloca de lado o estigma da uniformidade. Vianna discute a juventude não como um “denominador comum”, um padrão que a transforma em uma coisa só, mas segundo o viés da diversidade: são “juventudes”, em todas as suas pluralidades.

Na mesma linha de Vianna, ao considerar a juventude uma categoria delimitada por critérios culturais, sociais e históricos e levando em conta as especificidades e a diversidade

desses jovens, Dayrell (2003) compartilha do termo “juventudes”, no plural, na medida em que se reconhecem os diferentes modos de ser jovem na sociedade contemporânea.

Ademais, de acordo com Dayrell (2003, p. 1.107-1.108),

[...] uma primeira constatação é a existência de uma nova condição juvenil no Brasil. Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Refere-se às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim, existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. [...] Nesse contexto mais amplo, a condição juvenil no Brasil manifesta-se nas mais variadas dimensões.

Para além das perspectivas que envolvem as “juventudes”, algumas prerrogativas e direitos também envolvem a esfera da juventude.

Orientações sobre a inserção da juventude constam em documentos oficiais para a garantia de direitos deste segmento. Na esfera jurídica, após a promulgação da Emenda Constitucional (EC) nº 65, de 2010 (BRASIL, 2010), uma nova redação alterou a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modificou o seu artigo 227 para cuidar dos interesses da juventude. Realçamos, para efeito didático, excertos da inserção do termo segundo a nova redação:

Art. 1º – O Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal passa a denominar-se “Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso”.

Art. 2º – O art. 227 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão [...]

§ 8º-A lei estabelecerá:

I – O estatuto da juventude, destinado a regular os direitos dos jovens;

II – O Plano Nacional de Juventude, de duração decenal, visando à articulação das várias esferas do poder público para a execução de políticas públicas. (BRASIL, 2010)

O novo termo acrescenta à Carta Magna novo conteúdo jurídico: antes, constava apenas “criança e adolescente”; agora, há “jovem”. Pelo disposto nos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, art. 2º, “considera-se

criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre 12 e 18 anos de idade” (BRASIL, 1990).

Nesse aspecto, anuncia-se uma proposta jurídica para a categorização da idade, sobre a qual a comissão especial encarregada da análise da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da qual se origina o texto da EC nº 65/10 emite parecer:

A juventude, conceituada como importante segmento social, compreendendo a faixa etária dos 15 aos 29 anos, de acordo com a recomendação da Comissão Especial desta Casa, representa quase 50 milhões de pessoas em nosso País. (BRASIL, 2005)

Sobretudo, houve divergências quando a matéria foi discutida em primeiro turno na Câmara Federal. A relatora da referida comissão especial, deputada Alice Portugal, aludiu ao conceito em termos diversos quanto à idade mínima:

[...] objetivamente, Sr. Presidente, nós sabemos, com base na ausculta de diversos especialistas, que a juventude brasileira não é uma só. São várias juventudes: a juventude rural, a juventude urbana, a juventude afrodescendente, as meninas jovens do Brasil. Decidimos, então, estipular uma circunstância cientificamente lastreada de ser considerado jovem, no Brasil, aquele brasileiro de 16 a 29 anos e, ao mesmo tempo, constitucionalizar este conceito a partir desta PEC [...]. (BRASIL, 2005)

Complementando o viés desta identificação etária, o estudo em que Sposito (2009) abordou as melhores pesquisas sobre juventude na pós-graduação brasileira no período de 1999 a 2006, também infere sobre a instabilidade das delimitações etárias. Segundo a autora, um recorte para além dos 24 anos seria necessário no Brasil. Por esse prisma, percebemos a complexidade para delimitar o termo terminológica e etariamente. No entanto, em estudo anterior (SPOSITO, 2003) a autora já destacava uma organização, ou seja, propunha um recorte operativo com base em considerações da Organização das Nações Unidas (ONU), por reconhecer a dificuldade de uma definição da categoria “juventude” que desse conta de compreender as particularidades dos jovens. Assim, “[...] inclui nessa definição ampla de juventude os adolescentes (entre 15 e 19 anos) e os jovens propriamente ditos (entre 20 e 24 anos)” (SPOSITO, 2003, p. 10).

O critério etário proposto pela ONU – que considera jovem aquele na faixa etária entre 15 e 24 anos¹ – é utilizada por órgãos de referência como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e por pesquisas ligadas à área de Psicologia. É importante ressaltar que este

¹ A definição do marco etário para definir o jovem varia muito entre países e instituições.

critério faz a delimitação para o sujeito jovem e não a relação para com sua experiência na juventude.

Neste sentido, acreditamos ser este o critério etário mais eficiente para delimitar a idade do “jovem” e, com base nestas definições, consideraremos a delimitação proposta por Sposito (2009a) e Pais (1993) para efeito de nossa análise, que incide em um recorte operativo de idade e na definição mais ampla sobre os jovens. Ademais, tal recorte é condizente com trabalhos de diferentes áreas (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005; PÁTARO, 2011), inclusive da Psicologia, que levantam restrições ao uso do termo “adolescência”.

A noção de adolescência emerge inteiramente vinculada à lógica desenvolvimentista, sendo uma etapa do desenvolvimento pela qual todos passariam obrigatória e similarmente. A psicologia, ou melhor, o pensamento psicológico que naquele momento predominava foi responsável por instituir algumas características que seriam inerentes a essa etapa da vida, com seus tempos e atributos específicos, diferenciando jovens normais e anormais de acordo com o grau de aproximação às normas estabelecidas para cada período. (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 35)

Conforme o exposto, durante nossas análises utilizaremos a terminologia “jovem” para designar os participantes de nosso estudo, por acreditamos que, ao chamá-los assim, referendamos um olhar sobre o sujeito e suas particularidades. Tal conceito de juventude é relevante porque constitui um perfil mais amplo do jovem, em que os aspectos culturais e, sobretudo, os psicológicos nortearão nossa análise das elaborações de projetos por eles desenvolvidos.

Dessa forma, as considerações sobre a juventude contemporânea e a busca da construção de seus projetos de vida estão sustentadas por valores e sentimentos que lhes são vinculados. Poderemos, assim, olhar para o jovem a partir de seu cotidiano, de suas projeções para o futuro e dos sentimentos envolvidos em suas formulações, com foco na felicidade – sentimento ao qual daremos destaque na próxima seção, para tornar mais claras nossas ideias sobre a temática.

2.2 Felicidade

Desde a antiguidade clássica, a felicidade tem sido tema de reflexões filosóficas e religiosas que buscavam uma ideia de felicidade. Partiremos da ótica de pensadores clássicos e contemporâneos que refletiram sobre o tema da felicidade em diferentes perspectivas, todas elas historicamente constituídas e necessárias para o significado do conceito que dará sustentação ao nosso estudo. Ao considerarmos que a ideia de felicidade não é recente e faz

parte da história do ser humano, será importante analisá-la ao longo do tempo para chegarmos ao seu significado contemporâneo no campo da Psicologia, foco de nossas reflexões neste trabalho.

2.2.1 Contextualização histórica

Os filósofos gregos foram os primeiros a sistematizar reflexões sobre felicidade ocupando-se, em diferentes períodos, com algumas ideias sobre a origem do mundo, as causas da transformação da natureza e das questões morais, sendo a religião vista como forma de resolver os problemas da vida, uma vez que acreditavam que a razão não os resolveria integralmente.

A felicidade era definida pela palavra grega *eudaimonia*, cujo prefixo *eu* significa “bom” e o sufixo *daimon*, “espírito”, visto como uma espécie de semideus que acompanha os seres humanos. Segundo essa lógica, ser feliz era dispor de um bom espírito relacionado à sorte de cada um. Contudo, havia uma tendência ao pessimismo, visto que os maus espíritos eram tidos como mais frequentes que os bons. Com o passar do tempo, rompido esse pessimismo, estabeleceram-se outras orientações para a procura da felicidade.

Foi dado, então, um novo rumo à ideia de felicidade, que deixava de se relacionar apenas à concretização dos desejos e das necessidades do corpo para se ligar ao bem da alma, sendo atingida por meio de uma conduta virtuosa e justa. Antístenes, fundador da Escola Cínica e discípulo de Sócrates, afirmava ser a virtude o único fundamento da felicidade, a qual alcançaríamos ao nos libertarmos das necessidades e dos desejos.

Para Platão – também discípulo de Sócrates e um dos principais pensadores da história da Filosofia – existem o mundo das ideias, de natureza epistemológica, que diz respeito à filosofia do conhecimento, e o mundo sensível, de natureza ontológica, relativo ao estudo do ser. Segundo o filósofo, o homem tem três almas: a do desejo, que busca o prazer do corpo; a do coração e da coragem, que busca a glória; e a intelectual, que busca a razão e o conhecimento. Por terem objetivos diferentes, tais valores entram em conflito quando precisam decidir o que deve ser feito. De acordo com Platão, noções como virtude e justiça integram a ética, que não se limita ao individual, devendo ser posta em prática na esfera pública, a política. Assim, o filósofo entendia ser função do Estado tornar os homens bons e felizes.

Segundo Aristóteles (2009), a felicidade consiste na execução de uma atividade que seja própria do homem, ressaltando-se que o “sumo bem” é o mais elevado bem que o homem pode alcançar. Em Aristóteles, este sumo bem e a virtude fazem parte de um pensamento em

que o objetivo é alcançar uma vida boa, virtuosa e feliz. Esta é uma perspectiva do eudaimonismo, doutrina segundo a qual a felicidade é o objetivo da vida humana. Para o autor a “virtude humana não é a do corpo, mas a da alma” (ARISTÓTELES, 2009, p. 37).

Aristóteles (2009) afirma que todo homem deseja, naturalmente, ser feliz; aponta para a ideia de que não existe consenso universal acerca do conceito de felicidade e enxerga três ideais sobre a felicidade. No primeiro, a felicidade adviria do gozo e do prazer; no segundo, ela seria encontrada nas honrarias e no reconhecimento público da opinião dos homens; e por fim, a felicidade adviria da virtude e da contemplação, como a mais elevada forma de vida. Por meio da atividade contemplativa, o homem se tornaria cada vez mais feliz.

Em complemento à vertente histórica, para ser feliz o homem necessita de três coisas: liberdade, amizade e tempo para filosofar. Esta é a visão epicurista, concebida pelo filósofo ateniense Epicuro de Samos, do período helenístico, que prega a moderação dos prazeres. Para ele, para obter a tranquilidade e libertar-se do medo, o homem deveria conhecer o funcionamento do mundo e limitar seus desejos. Conforme Epicuro, não é preciso ter muito, mas é necessário saber pensar a vida e posicionar-se diante das situações. Assim, a felicidade pode ser entendida como uma atitude filosófica diante do mundo. Quando os desejos são exacerbados, podem ser fonte de perturbações constantes, dificultando o encontro da felicidade – algo que só pode ser atingido pelo esforço e pela sabedoria humanos. Assim, trata-se de conduzir a vida de modo ético e prudente perante as pessoas e o mundo (EPICURO, 2002).

Uma das sùmulas do pensamento epicurista encontra-se nos conselhos dirigidos a seu discípulo na obra *Carta sobre a felicidade* (EPICURO, 2002). Tais conselhos podem ser analisados em contraponto ao viver contemporâneo, em que a busca da felicidade se dá pelo consumo e pela autoafirmação estética. No texto em questão, Epicuro discorre sobre a conduta humana tendo em vista alcançar a “saúde do espírito”, que, pelo exercício da filosofia, deve ser cultivada ao longo de toda a existência, desde a tenra juventude, sendo prioridade a qualidade da vida e não sua duração. A carta é um documento decisivo para desfazer equívocos associados à doutrina epicurista, quase sempre confundida com o gozo imoderado dos prazeres mundanos observado no hedonismo puro e simples.

Também encontramos a felicidade como certeza de vida eterna, a qual, segundo a ética cristã, elaborada no contexto de transição entre a Antiguidade e Idade Média, só pode ser obtida no céu, como compensação pela infelicidade terrena – a felicidade ideal e ilusória vem substituir a felicidade terrena e real. Assim, com a declaração da existência da vida eterna, o significado da vida, na visão medieval, estava na máxima comunhão com Deus. Para Agostinho de

Hipona², universalmente conhecido como Santo Agostinho, a inclinação orientada para o bem conduz à felicidade, enquanto a busca da felicidade subordinada ao impulso de uma tendência puramente subjetiva é infelicidade. Para ser de fato feliz, não se pode temer perder a felicidade. A vida que se norteia pela posse de bens frágeis, perecíveis, marcada pela insaciabilidade e pela incompletude nunca será satisfatória – sempre há de se desejar mais, além do que se possui, tendo como consequência a infelicidade. A virtude apresenta-se como imutável, residindo em Deus. Assim, é feliz quem possui a Deus (GILSON, 2006, p. 21).

O conceito de felicidade também será fortemente influenciado pelos valores que permeiam a fase situada entre a Idade Média e o início da Idade Moderna, conforme mostram os apontamentos de Giannetti (2002) a respeito da crença iluminista de que, a harmonia entre o progresso da civilização e o consequente aumento da felicidade e a construção gradativa de um mundo historicamente diferente se organiza com o avanço do saber científico, do domínio crescente da natureza pela tecnologia, do aumento da produtividade e da riqueza material, da emancipação após séculos de opressão religiosa e do aprimoramento intelectual e moral dos homens, por meio da ação conjunta da educação e das leis. Nas reflexões do autor,

se o homem é produto do ambiente em que ele se forma e se o ambiente tende a se tornar cumulativamente melhor pela ação dos próprios homens, nada mais natural do que supor que, à medida que o mundo a seu redor progride, também os homens ampliaram a sua competência como produtores de bens materiais e a sua capacidade de moldar a sua conduta de acordo com os princípios da razão. (GIANNETTI, 2002, p. 23)

O processo civilizatório tinha como objetivo um final feliz, no qual o bem-estar viesse de conquistas objetivas e subjetivas. Para que a perfeição humana se concretizasse, deveria haver um elo entre progresso e felicidade. Neste sentido, o matemático e político revolucionista francês Condorcet (apud GIANNETTI, 2002, p. 26) observa:

A bondade moral do homem [...] é suscetível de um aprimoramento ilimitado e que a natureza vincula estreitamente, numa corrente indissolúvel, a verdade, a felicidade e a virtude; o progresso das artes mecânicas trará um novo padrão de conforto e felicidade à massa da humanidade; o estado atual do conhecimento nos assegura que o futuro será feliz, mas sob a condição de que saibamos como auxiliá-lo com toda a nossa força.

O período iluminista falha ao supor ser possível fazer afirmações sobre a felicidade humana orientada para a realidade objetiva – que não é a realidade como um todo. A realidade subjetiva, nosso mundo interno e a experiência pessoal de sermos quem somos e sentirmos o

²Agostinho de Hipona dedicou-se ao estudo de Platão e do neoplatonismo, na obra de Plotino. Mesclou a influência desses dois mestres em sua filosofia cristã.

que sentimos, deve ser considerada. O bem-estar do ser humano tem uma confluência entre o objetivo e o subjetivo, depende de seus sentimentos e de como está avaliando a própria vida à medida que o mundo à sua volta se transforma. Dessa forma, para Gianetti (2002) o sentido de felicidade abordado pelos iluministas é o do grau de satisfação global com a vida que se tem – o *ser feliz* mais que o *estar feliz*. Sobre essa reflexão, Gianetti (2002, p. 23) acrescenta:

[...] a crença de que existe algum sistema ou arranjo socioeconômico que irá finalmente resolver por nós o desafio da felicidade e da realização pessoal, não existe. A solução dos nossos problemas éticos e existenciais [...] não será dada de cima para baixo, a golpes de engenharia social e doutrinação moral, ou na base de decretos, alvarás e ordens régias. Só os indivíduos podem fazê-lo.

Giannetti (2002) aborda também a temática do bem-estar, partindo de indicadores objetivos e subjetivos. Dessa perspectiva, a discussão sobre felicidade inclui uma avaliação subjetiva individual e das condições de vida do sujeito. Sendo a felicidade uma preocupação universal, o autor observa que ela deve ser tratada cientificamente de diversos ângulos, como: estados da consciência; fatores pessoais, socioeconômicos e culturais associados às variações do bem-estar subjetivo; bases químicas, hormonais e neurobiológicas das experiências mentais e emocionais que levem alguém a ser feliz.

E é com base na análise desses dois indicadores que Morin (1997a), ao debater a questão da cultura de massa no século XX, entende que, numa época marcada por tantas industrializações, dentre elas a industrialização do próprio espírito,

[...] a cultura de massa se constitui em função das necessidades individuais que emergem. Ela vai oferecer à vida privada as imagens e os modelos que dão forma a suas aspirações. [...] as imagens se aproximam do real, as ideias tornam-se modelos, que incitam a uma certa práxis... Um gigantesco impulso do imaginário em direção ao real tende a propor mitos de auto-realização, heróis, modelos, uma ideologia e receitas práticas para a vida privada. (MORIN, 1997a, p. 90)

Nesse contexto, no qual são observadas as “receitas” referidas pelo autor, também encontram-se os elementos que contextualizam, no imaginário individual ou coletivo, a concepção de felicidade. Isto porque a partir dessas diversas modalidades de industrializações “opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente voltado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando mercadorias culturais” (MORIN, 1997a, p. 13).

Com base nessas concepções, Morin (1997a, p. 125) afirma:

A cultura de massa delineia uma figura particular e complexa da felicidade: projetiva e identificativa simultaneamente. A felicidade é mito, isto é, projeção imaginária de arquétipos de felicidade, mas é ao mesmo tempo idéia-força, busca vivida por milhões de adeptos.

Consonantemente a tal enumeração, é pertinente afirmar que nesse conjunto de mercadorias também se faz presente a concepção de felicidade.

No que se refere à relação entre felicidade e cultura de massa, isto é, “a cultura produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial”, Morin (1997a, p. 14) explica a relação entre a cultura de massa e seus respectivos elementos sustentadores. De acordo com o autor, existe um processo de entrelaçamento entre a referida cultura e as projeções que sustentam a criação de novas definições para concepções há muito existentes no interior das diversas organizações sociais: “é porque a cultura de massa se torna o grande fornecedor dos mitos condutores do lazer, da felicidade, do amor, que nós podemos compreender o movimento que a impulsiona, não só do real para o imaginário, mas também do imaginário para o real” (MORIN, 1997a, p. 90).

Norteando-se nessa concepção, é possível admitir que, assim como as outras culturas, a cultura de massa também se define em relação a duas vertentes de sustentação: a natureza, na qual são manifestadas as características biológicas de todo ser humano, e os traços das culturas particulares, os quais se manifestarão de acordo com cada época e com os valores cultivados em cada sociedade.

A felicidade moderna é partilhada pela alternativa entre a prioridade dos valores afetivos e a prioridade dos valores materiais, a prioridade do ser e a prioridade do ter, e ao mesmo tempo faz a força para superá-la, para conciliar o ser e o ter. A concepção de felicidade, que é a cultura de massa, não pode ser reduzida ao hedonismo do bem-estar, pois, pelo contrário, leva alimentos para as grandes fomes da alma, mas pode ser considerada consumidora, no sentido mais amplo do termo, isto é, que incita não só a consumir os produtos, mas a consumir a própria vida. (MORIN, 1997a, p. 127)

Em síntese, Gianetti (2002) observa que o ser humano é composto de uma dimensão objetiva, que pode ser observada e medida de fora, sendo registrada por indicadores numéricos como nutrição, saúde, moradia, tempo, renda, desigualdade, criminalidade, poluição etc.; e de uma dimensão subjetiva, que trata da experiência interna do sujeito. A dimensão subjetiva trata da experiência interna do sujeito, de tudo o que se passa em sua mente de forma espontânea enquanto vai vivendo e agindo, sendo que tais indicadores objetivos e subjetivos do bem-estar não obedecem a um padrão.

Ainda sob a ótica de Gianetti (2002), a felicidade sempre foi – e continua sendo – um grande fim pelo qual se justificam escolhas na vida pública e privada. Nesse sentido, o que importa, segundo o mesmo autor, é como a pessoa se percebe diante do outro, diante de seu grupo de referência, daqueles cujo sentimento e opinião contam para ela. Não obstante, seria necessário concretizar a autorrealização, a educação para o desenvolvimento de valores e o desejo de encontrar um sentido mais profundo na vida do que o interminável acúmulo de bens de consumo e a busca do prazer.

Sendo assim, as diversas noções sobre felicidade e a maneira como são utilizadas em diferentes abordagens, embora a felicidade tenha como base as percepções que cada pessoa tem de si e de sua própria situação, ajudam-nos a perceber a importância deste conceito em sua relação com os projetos de vida de nossos jovens.

2.2.2 A felicidade: ideias contemporâneas

Com a proposta de avançar um pouco mais sobre o tema da felicidade em uma perspectiva interdisciplinar, teceremos sobre este conceito mais algumas ideias contemporâneas que apontam para fatores de grande impacto na felicidade individual e social, bem como elementos subjetivos que ajudam a compreender a questão da felicidade, além da mensuração econômica, também proveniente de ideias vigentes na sociedade como um todo.

Para tanto, tomaremos definições que vão desde as mais usuais, a exemplo daquelas apresentadas nos verbetes dos dicionários, até as mais elaboradas, construídas nos mais diversos campos do saber.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a definição de felicidade apresenta-se como: “1. qualidade ou estado de feliz, estado de uma consciência plenamente satisfeita, satisfação, contentamento, bem-estar; 2. boa fortuna, sorte; 3. bom êxito, acerto, sucesso” (HOUAISS, 2004, p. 1.323).

Giannetti (2002) realiza apontamentos sobre as várias definições de felicidade que mostram que ela está sempre relacionada, de perto, com as palavras “sorte” e “acaso”. Happiness, felicidade em inglês, vem do inglês antigo hap, que significa a mesma coisa. Isto vale também para os vocábulos do idioma francês bonheur e hereux (felicidade e feliz). A palavra italiana felicità, o termo espanhol felicidad e a vocábulo português “felicidade” vêm do latim felix, “afortunado” e felicitas, “sorte” ou “fortuna”.

Sobre estes aspectos, as ideias gerais de Giannetti (2002) acentuam a necessidade de entender e discutir a felicidade por um tratamento científico que aborde os determinantes da

felicidade por diversos ângulos, dentre os quais se destacam os objetivos e subjetivos que levem alguém a ser feliz.

Segundo Giannetti (2002, p. 62):

[...] o grande desafio aos estudiosos que se propõem a analisar os determinantes da felicidade na vida e convivências humanas é obter dados empíricos confiáveis sobre a dimensão subjetiva do bem-estar. [...] dado que não é possível observar e medir de fora o bem-estar subjetivo, como então saber se as pessoas estão se sentindo mais ou menos felizes com a vida que levam à medida que as condições do mundo ao seu redor se transformam?

Para este autor, o estudo da felicidade ocorre na confluência das dimensões objetiva e subjetiva, porém:

Há várias décadas os cientistas sociais deram início a investigações em larga escala sobre a satisfação dos indivíduos com as suas vidas e a sua sociedade. Um dos achados mais robustos desta pesquisa foi que as correlações entre juízos globais sobre a qualidade de vida e as condições objetivas são frequentemente fracas. (GIANNETTI, 2002, p. 62)

Conforme o autor, a economia clássica, por exemplo, ao utilizar padrões para entender como as sociedades funcionam, pressupunha um comportamento quase exclusivamente influenciado por fatores monetários, em detrimento de aspectos subjetivos relacionados ao bem-estar, sendo que uma amostra de evidências e achados está descrita na literatura sobre as relações entre condições objetivas e subjetivas. Ilustraremos aqui, sucintamente, alguns dos resultados observados pelo autor:

a) o crescimento econômico pouco ou nada altera a proporção de indivíduos felizes e infelizes na população de países pesquisados³ e, a partir do momento em que uma nação atinge determinado nível de renda, acréscimos adicionais de renda não se traduzem mais em ganhos de bem-estar subjetivo;

b) desempregados involuntários apresentam taxas significativamente maiores de infelizes e suicidas do que a média da população, mesmo em países com sistema de salário-desemprego;

c) um estudo com ganhadores de prêmios vultosos em loteria constatou que, passada a euforia do momento, os ganhadores não apresentavam níveis de bem-estar subjetivo diferentes dos verificados entre os não ganhadores, bem como relatavam um grau menor de prazer relacionado a seus afazeres diários do que antes do prêmio recebido;

³ Como exemplo, a renda média por habitante nos Estados Unidos aumentou 43% em termos reais, ao passo que a felicidade média da população não saiu do lugar.

d) o vínculo entre saúde e bem-estar subjetivo se mantém somente quando é percebido pela própria pessoa e enfraquecido quando feito por avaliações médicas sobre o estado de saúde da pessoa ou, ainda, pela frequência que ela utiliza de serviços médicos ou hospitalares (GIANNETTI, 2002).

Em suma, observamos uma variação nos indicadores apresentados, sendo que os indicadores subjetivos têm maior grau de correlação com sua felicidade do que os objetivos.

Outros autores apresentam ideias diversificadas sobre felicidade. Segundo Greve (2013), uma primeira iniciativa conceitual deve ser considerada sobre o termo felicidade a partir de sua origem linguística, que confirma suas muitas definições, sendo a maioria delas voltada para um estado emocional positivo de sentimentos de bem-estar e prazer.

Para Marías (1989, p. 12), as palavras podem ser vistas de diferentes perspectivas ou pontos de vista da realidade e não há um verbo para expressar a felicidade; além disso, em vários momentos ela se confunde com alegria, bem-estar e prazer. Sendo assim,

A felicidade tem que ver com muitas coisas, e a infelicidade com as opostas [...] o homem não cessa de procurá-la: tudo o que faz, o faz com o propósito mais ou menos deliberado, pelo menos com a esperança de aumentar a felicidade. É algo que enche a nossa vida, na forma de ausência que seja, da privação, da busca, porém a ocupa inteira. É a grande envolvente de tudo o mais. As coisas que buscamos, que queremos, que nos interessam, pelas quais labutamos, têm todas como pano de fundo essa elusiva, essa improvável felicidade. Interessam-nos à medida que irão contribuir à felicidade, ou torná-la mais provável, ou restabelecê-la se a perdemos, e isto mostra a desproporção entre a importância intelectual que se lhe deu e o peso real, absorvente, imenso que tem em nossa vida. (MARÍAS, 1989, p. 15)

Marías (1989) observa a felicidade como acontecimento na vida humana, em que tem duração predeterminada. Assim, ser feliz é buscar a continuação da felicidade no futuro para manter o bem-estar e a plenitude. Ainda segundo este autor:

[...] definitivamente, poderíamos dizer que a felicidade é aquilo ao que se diz *sim*, aquilo que sentimos como nossa inexorável realidade. Quando em algo nos reconhecemos, quando dizemos a nós mesmos: “sim, é isto”, somos felizes, ainda que não estejamos bem, ainda que a situação seja difícil e penosa. Se falta isto, não há felicidade; se, em condições objetivamente favoráveis, não nos sentimos identificados com aquilo que estamos sendo, não somos justamente aquilo que estamos fazendo, que estamos vivendo, não podemos dizer que somos felizes [...]. (MARÍAS, 1989, p. 35)

Para esse autor, há obstáculos à felicidade:

[...] um fator capital para confundir e dificultar o conhecimento da figura e do estado de felicidade é o fato de o homem mover-se sobre um fundo de pressupostos vigentes, crenças sociais no sentido rigoroso da palavra, que

influem decisivamente em nossa maneira de viver a realidade. [...] Na época atual tem enorme vigência o econômico, dá-se por pressuposto que é o que primariamente interessa. É verdade? (MARÍAS, 1989, p. 59)

Devido ao entendimento de que a felicidade não é totalmente perdurável, que não podemos aprisioná-la nem nos apropriar dela em definitivo, Marías (1971) afirma ser a felicidade o “impossível necessário”; é impossível por certa instabilidade, contudo sua efemeridade é fundamental, necessária para todo e qualquer projeto vital, relacionada às principais carências do ser humano pela necessidade de completar suas pretensões.

Desse modo, Marías (1971) atribui ao ser humano a responsabilidade pela constante busca da felicidade, mostrando que, na abundância ou na privação, ela nos ocupa a vida inteira. As escolhas e decisões humanas estão relacionadas com o que foi dado em nossa história:

O que se escolhe na vida é algo diferente: não o que se é, e sim quem se vai ser. Há que se precisar um pouco mais: não escolho quem tenho de ser (isto vem definido pela vocação, frente à qual, repito, sou livre, porém à custa da inautenticidade, se a uso para afastar-me dela) e sim quem e de que maneira vou ser; em outras palavras, qual vai ser a trajetória efetiva de minha vida, na medida em que permite a circunstância. (MARÍAS, 1983, p. 24, tradução nossa)

Visto por essa ótica, a felicidade, em certa medida, estará fortemente associada a duas dimensões, relativas ao passado e ao futuro: a primeira diz respeito aos elementos constitutivos da nossa história; a segunda vincula-se às decisões tomadas em referência à organização do nosso futuro.

Uma breve incursão nas discussões implementadas no âmbito das Ciências Sociais sobre o mesmo tema mostrará que também essa área das Ciências Humanas tem oferecido importantes contribuições, ao admitir o conceito de felicidade como um constructo bidimensional. De acordo com as explicações de Giannetti (2002, p. 61):

Existe uma dimensão objetiva, passível de ser publicamente apurada, observada e medida de fora, e que se reflete nas condições de vida registradas por indicadores numéricos de nutrição, saúde, moradia, uso do tempo, renda per capita, desigualdade, criminalidade, poluição e assim por diante; e há uma dimensão subjetiva que é a experiência interna do indivíduo, ou seja, tudo aquilo que se passa em sua mente de forma espontânea enquanto ele vai vivendo e agindo.

Feitas as devidas considerações a respeito do conceito de felicidade, sem deixar de pontuar as várias acepções nas quais essa construção mental vem sendo tomada no cerne das

discussões de diferentes campos do saber, passaremos agora às ponderações que situam o referido conceito no campo dos estudos psicológicos.

2.2.3 O estudo da felicidade na Psicologia Positiva

Como vimos, nos últimos anos observou-se crescente interesse de algumas áreas para o estudo da felicidade e, sendo esta uma dimensão do bem-estar, encontramos na abordagem da Psicologia Positiva⁴ a procura por investigar processos psicológicos subjetivos baseados em experiências positivas em várias fases da vida, processos estes marcados por bem-estar, satisfação e felicidade.

Idealizada a partir de uma postura oposta às aplicações da Psicologia tradicional (localizar e curar distúrbios de ordem psicológica, disfunções e aspectos negativos no funcionamento da base psicológica humana), a Psicologia Positiva, sem pretender “diminuir a importância e a dor associadas ao sofrimento humano” (SNYDER; LOPEZ, 2009, p. 17), fez emergir as bases da sua afirmação pela via dos aspectos positivos do funcionamento psicológico. Nessa acepção, a Psicologia Positiva “voltou-se para investigar os elementos que constituem o funcionamento ótimo do ser humano, propondo um equilíbrio em relação ao enfoque anterior, sugerindo que, junto com seus defeitos, as qualidades das pessoas também devem ser exploradas” (SNYDER; LOPEZ, 2009, p. 17).

Sendo assim, em face da importância e abrangência do tema que figura como elemento norteador da Psicologia Positiva – a felicidade –, é relevante pontuar alguns aspectos singulares na constituição e organização dessa vertente da Psicologia. Conforme descrito por seus próprios idealizadores:

[...] não é somente o estudo da patologia, fraqueza e danos; é também o estudo da força e virtude. Tratamento não é somente consertar o que está quebrado; é alimentar o que é melhor. Psicologia não é somente uma filial da medicina preocupada com saúde e doença; é muito mais. É sobre trabalho, educação, amor, crescimento; e viver. (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000, p. 7, tradução nossa)

Em par com essa perspectiva, Seligman (2004) elenca as orientações dessa vertente da Psicologia no que diz respeito à sua função no processo de organização dos possíveis sentidos

⁴Psicologia Positiva constitui-se como um ramo da ciência psicológica baseado na crença de que é possível identificar, compreender, desenvolver, promover e cultivar os mecanismos necessários para se viver de maneira significativa e satisfatória.

atribuídos à vida pelo indivíduo. Segundo o conjunto de considerações apresentadas pelo psicólogo e estudioso dos fenômenos relativos à felicidade,

[...] o que a psicologia positiva nos diz acerca de encontrar um propósito de levar uma vida significativa além da vida boa? Não sou tão imaturo a ponto de propor uma teoria sobre o significado, mas sei que consiste em aderir a algo maior, e quanto maior a entidade a que você se apegar, mais significado haverá na sua vida. (SELIGMAN, 2004, p. 29)

Tais fundamentos rompem com a clássica tradição de investigação de distúrbios psicológicos com foco nos estudos de transtornos mentais, para priorizar o estudo das emoções positivas, dos fatores que levam as pessoas à felicidade. O psicólogo e professor Seligman, um dos representantes da Psicologia Positiva, organiza os fundamentos dessa abordagem em três pilares:

O primeiro é o estudo da emoção positiva; o segundo é o estudo dos traços positivos, principalmente as forças e as virtudes, mas também as “habilidades”, como a inteligência e a capacidade atlética; o terceiro é o estudo das instituições positivas, como a democracia, família e a liberdade, que dão suporte às virtudes que, por sua vez, apoiam as emoções positivas. (SELIGMAN, 2004, p. 13)

De acordo com as considerações desse estudioso, um dos objetivos norteadores da Psicologia Positiva é “corrigir o desequilíbrio, incentivando o campo da psicologia a complementar seu conhecimento acumulado sobre sofrimento e doença mental com novos conhecimentos sobre emoções positivas, virtudes e forças pessoais” (SELIGMAN, 2004, p. 20). Nessa perspectiva, as investigações que problematizam a relação entre felicidade, força e virtudes pessoais proporcionam indiscutíveis contribuições da Psicologia Positiva aos diversos campos da Psicologia, na medida em que

[...] a crença de que existem maneiras rápidas de alcançar felicidade, alegria, entusiasmo, conforto e encantamento, em vez de alcançar esses sentimentos pelo exercício de força e virtudes pessoais, cria legiões de pessoas que, em meio de grande riqueza, definham espiritualmente. (SELIGMAN, 2004, p. 22)

Na visão do autor, tais considerações são justificadas a partir da compreensão de que “a emoção positiva desligada do exercício de caráter leva ao vazio, à invidade, à depressão e, à medida que envelhecemos, à corrosão de toda realização que buscamos até o último dia de vida” (SELIGMAN, 2004, p. 22). A partir dessa perspectiva, Seligman (2004) afirma que a felicidade pode aumentar e se estender a partir da intensificação das emoções positiva pelas forças e virtudes, para que a felicidade tenha significado e propósito.

Relativamente às influências dos sentimentos negativos e positivos no processo de significação ou construção da felicidade, Seligman (2004) apresenta um conjunto bastante extenso de considerações destinadas a esclarecer o papel de cada uma delas no contexto social e emocional de cada pessoa. Nas palavras do autor,

No mundo onde os psicólogos se sentem mais confortáveis, sentimentos positivos em relação a uma pessoa ou um objeto provocam aproximação, enquanto sentimentos negativos provocam afastamento [...]. No entanto, os animais mais complexos adquiriram a cobertura umedecida de uma vida emocional. Por quê? (SELIGMAN, 2004, p. 46)

De acordo com o psicólogo e professor, um dos procedimentos fundamentais para problematizar tal indagação seria o estabelecimento de um olhar comparativo entre esses dois tipos de emoção. Tal postura se justificaria, primeiramente, pelo fato de que:

Emoções negativas – medo, tristeza, raiva – são nossa linha de frente da defesa contra ameaças externas, que provocam situações de luta. Medo é sinal de perigo à espreita, tristeza é sinal de perda iminente e raiva é sinal de que alguém está tentando nos invadir. No processo de evolução, perigo, perda e invasão são ameaças à própria sobrevivência. (SELIGMAN, 2004, p. 46)

Nessa perspectiva, as emoções serão concebidas como fenômenos dotados de componentes de naturezas diversas, responsáveis por uma gama de manifestações igualmente diversificadas quanto à natureza e aos resultados manifestados por conta de cada uma delas. Segundo descreve Seligman (2004, p. 47),

Todas as emoções têm um componente de sentimento, um componente sensorial, um componente de raciocínio e um componente de ação. O componente de sentimento de todas as emoções negativas é a aversão, traduzida por desgosto, medo, repulsa, ódio e outros sentimentos parecidos.

O papel dos sentimentos negativos, segundo as considerações apresentadas até aqui, emerge como ponto fundamental no processo organizacional das ações humanas, na medida em que, “ao agir como um alarme sensorial que avisa sobre a possibilidade de um jogo em que, para uma das partes ganhar, a outra tem necessariamente que perder, os sentimentos negativos mobilizam o indivíduo a descobrir e eliminar o que está errado” (SELIGMAN, 2004, p. 47).

No âmbito dos estudos da Psicologia Positiva, as emoções positivas são categorizadas em três diferentes modalidades. Com base em tal divisão e em conformidade às considerações tecidas, as emoções positivas podem ser concebidas a partir de três diferentes espécies: “voltadas para o passado, para o futuro e para o presente. Satisfação, contentamento e

serenidade são emoções orientadas para o passado; otimismo, esperança, confiança e fé são emoções orientadas para o futuro” (SELIGMAN, 2004, p. 287).

No dizer do mesmo autor, “As emoções positivas voltadas para o presente dividem-se em duas categorias crucialmente diferentes: prazeres e gratificações” (SELIGMAN, 2004, p. 287). Tais categorias são descritas pelo autor, que busca explicar seu funcionamento a partir de cada grupo conceitual:

Os prazeres podem ser físicos ou maiores. Prazeres físicos são emoções positivas que vêm através dos sentidos: cheiros e gostos deliciosos, sensações sexuais, uma boa movimentação do corpo, visões e sons agradáveis. Os prazeres maiores também são momentâneos, provocados por eventos mais complicados e mais aprendidos que os sensoriais, e podem ser definidos pelos sentimentos que despertam: êxtase, enlevo, emoção, regozijo, alegria, encantamento, júbilo, divertimento, entusiasmo, conforto, graça, relaxamento, e outros do gênero. (SELIGMAN, 2004, p. 287)

As gratificações, por sua vez, são definidas pelo autor como uma “outra classe de emoções positivas em torno do presente. Ao contrário dos prazeres, porém, não são sentimentos, mas atividades que gostamos de fazer: ler, escalar montanhas, dançar, conversar, jogar voleibol ou cartas, por exemplo” (SELIGMAN, 2004, p. 288).

Especificamente no que tange à abordagem psicológica deste estudo, temos os estudos de Arantes (2000a, 2003, 2013) sobre o funcionamento psicológico do ser humano, e sobre os aspectos cognitivos e morais envolvidos na dinâmica funcional do indivíduo. Com base em uma série de investigações, a autora segue uma linha de reflexão sobre o papel que os sentimentos e as emoções exercem nos juízos e ações de conteúdo de natureza moral. Para a temática da afetividade, que nos é fundamental nas correlações com o tema da felicidade neste estudo, tomamos por base estes trabalhos, que estão referenciados em três dimensões indissociáveis – afetividade, cognição e moralidade –, constituídas, segundo a autora, de um *continuum existente* entre o pensar, o agir e o sentir e indissociáveis no psiquismo humano.

Em sua tese de livre-docência, Arantes (2013) apresenta o desenvolvimento de alguns trabalhos em sua área de pesquisa, situada na interface dos aspectos afetivos e cognitivos que permeiam o funcionamento psíquico humano. Dentre estes estudos, Arantes (2000a) investigou as possíveis relações entre estados emocionais e a resolução de conflitos de natureza moral a partir da vivência de diferentes estados emocionais experimentados pelos jovens ao resolverem uma mesma situação de conflito moral em duas perspectivas: a deontológica (ligada a deveres) e a cognitivo-afetiva (ligada a sentimentos). Seu objetivo foi observar se o estado emocional influencia da mesma forma as duas situações apresentadas. Na perspectiva deontológica, sobre o “dever”, o grupo experimentou emoções positivas

envolvendo satisfação ou felicidade. Outro grupo vivenciou emoções negativas de insatisfação ou tristeza. Para o experimento, aplicou-se o mesmo conflito, porém, perguntando aos jovens sobre seus sentimentos, desejos e pensamentos. Arantes (2000a) concluiu que, de alguma forma, os estados emocionais influenciam os valores e virtudes que configuram nossas estratégias mentais na resolução de conflitos morais.

Em um estudo denominado “Pesquisa 2 – Cotidiano escolar de portadores de HIV/Aids: resolução de conflitos e os modelos organizadores” (ARANTES, 2013, p. 74), buscou-se “identificar representações de docentes na resolução de situações do cotidiano escolar que envolvem estudantes portadores de HIV/Aids”. Desenvolvida a partir de situações reais descritas por 23 dos professores participantes, a pesquisa foi estruturada com foco em três questões norteadoras: “1) O risco de transmissão do HIV/Aids; 2) as dificuldades de aprendizagem desse aluno; 3) inclusão desses alunos na escola” (ARANTES, 2013, p. 74). A investigação se deu a partir do desenvolvimento de uma situação de conflito para cada uma das três questões citadas. Tendo em vista o foco desta pesquisa, os participantes “responderam a perguntas [...] que versavam sobre os pensamentos, os sentimentos e as ações dos protagonistas envolvidos e do próprio participante” (ARANTES, 2013, p. 74).

Outro estudo, nomeado “Pesquisa 3 – Violência moral, resolução de conflitos e os modelos organizadores”, “teve como objetivo central identificar as representações que os alunos e alunas têm sobre violência moral no cotidiano escolar” (ARANTES, 2013, p. 83). O propósito era observar, em perspectiva de análise, os tipos de representações que adolescentes de escolas da rede pública e privada da cidade de São Paulo costumam construir, a partir de “situações de violência moral e suas relações com o gênero” (ARANTES, 2013, p. 83). A pesquisa teve como objeto central “o estudo das representações, dos sentimentos e das ações do protagonista do conflito analisado, acrescido das representações sobre as ações do gênero oposto no mesmo conflito” (ARANTES, 2013, p. 84). Um dos interesses que também motivaram o investimento em questão foi “estudar o papel que diferenças de gênero desempenham sobre o mesmo fenômeno” (ARANTES, 2013, p. 83).

O trabalho identificado como “Pesquisa 4 – Significados cognitivos e afetivos na resolução de conflitos interpessoais e modelos organizadores” foi desenvolvido em conjunto com universidades espanholas (Universidade de Barcelona, Universidade Autônoma de Barcelona, Universidade Politécnica de Catalunha e Universidade de Granada) e a Universidade de Massachusetts (Estados Unidos). O objetivo dessa investigação foi a ampliação de “estudos e reflexões sobre *continuum* entre relações interpessoais, resoluções de conflito, raciocínio moral e afetividade” (ARANTES, 2013, p. 106).

A investigação referenciada por Arantes (2013) como “Pesquisa 5 – Generosidade, sentimentos e valores” foi norteadada pelo objetivo de “investigar as relações entre sentimentos e valores no funcionamento psíquico” (ARANTES, 2013, p. 122). Organizada com foco na “generosidade”, valor escolhido como elemento de estudo, a pesquisa desenvolveu-se a partir da adoção “das Teorias dos Modelos Organizadores como instrumento teórico metodológico” (ARANTES, 2013, p. 122).

[...] o objetivo central deste quinto estudo foi identificar, por meio dos Modelos Organizadores do Pensamento, o aparecimento ou não do valor diante de um conflito de natureza moral, atentando para o fato de os sentimentos morais regularem ou não esse aparecimento, bem como os próprios valores exercerem esse papel de regulação. (ARANTES, 2013, p. 122)

O último trabalho ao qual faremos referência nesta seção é citado por Arantes (2013) como “Pesquisa 6 – Projetos de vida da juventude e modelos organizadores do pensamento”. Conforme menciona a autora, a investigação foi proposta com base no conceito de *purpose* proposto por Damon e colaboradores, adotando-se como referência a Teoria dos Modelos Organizadores e com o objetivo de “avançar nos estudos sobre as relações entre cognição e afetividade nos valores e projetos de vida da juventude brasileira” (ARANTES, 2013, p. 160). Somado a esse propósito inicial, buscou-se também estudar os “processos psicológicos que levam o ser humano (e, de forma específica, os jovens) que almejam a realização de projetos significativos para o *self*, com consequências para o mundo que extrapola o *self (purpose)*” (ARANTES, 2013, p. 159-160). Para tanto, a questão relativa ao papel exercido pelas emoções e sentimentos no processo de organização de tais projetos foi colocada como objeto central do trabalho de pesquisa.

De fato, o percurso empreendido nessa série de estudos oportunizam referências importantes sobre as relações entre cognição e afetividade.

A importância de tais pesquisas para o presente investimento pauta-se na razão de que todas apontam, em diferentes níveis de intensidade, para os aspectos relativos à afetividade, cognição e moralidade, os quais no dizer da própria autora constitui-se num *continuum* que reside na ação, no pensamento e no sentimento humano.

2.2.4 Bem-estar: duas concepções

Historicamente, a temática do bem-estar vem-se difundindo entre os estudiosos do comportamento humano de forma bastante complexa e insistentemente ligada à temática da

felicidade. Nas palavras de Siqueira e Padovam (2008, p. 201), “a atenção dispensada ao tema não é recente. Desde a Grécia antiga, filósofos como Aristóteles já tentavam decifrar o enigma da existência feliz”.

A questão sobre o que constitui o bem-viver tem sido um tema central na civilização ocidental desde os antigos filósofos gregos. Contudo, a inclusão do estudo do bem-estar no âmbito psicológico no domínio da investigação científica deu-se apenas na década de 1960, impulsionada por grandes transformações sociais (por exemplo o fim da Segunda Guerra Mundial) e pela necessidade de desenvolver indicadores sociais de qualidade de vida. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 202)

Entretanto, a postura assumida por representantes de diferentes áreas com relação ao tema vem-se diferenciando com o passar do tempo. Nessa perspectiva, “enquanto filósofos ainda debatem a essência do estado de felicidade, pesquisadores empenharam-se, nas últimas três décadas, para construir conhecimento e trazer evidências científicas sobre bem-estar” (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 201). Como resultado desse investimento científico, foi possível,

[...] após décadas de investigações, instalar o conceito de bem-estar no campo científico da Psicologia e transformá-lo em um dos temas mais enfaticamente discutidos e aplicados para compreender os fatores psicológicos que integram uma vida saudável. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 201)

Nesse sentido, admitindo-se o bem-estar como um dos fatores constitutivos da organização psicológica, que exerce importante papel tanto no processo de tomada de decisões quanto nas questões relativas à autoavaliação, a presente seção será dedicada a algumas breves considerações a respeito desse campo de estudo. Para tanto, serão apresentadas as duas abordagens mais frequentemente expostas nas discussões sobre o tema: bem-estar subjetivo (BES) e bem-estar psicológico (BEP), uma vez que, de acordo com Siqueira e Padovam (2008, p. 201),

[...] as concepções científicas mais proeminentes da atualidade sobre bem-estar no campo psicológico podem, segundo Ryan e Deci [...], ser organizadas em duas perspectivas: uma que aborda o estado subjetivo de felicidade (bem-estar hedônico), e se denomina bem-estar subjetivo, e outra que investiga o potencial humano (bem-estar eudemônico) e trata de bem-estar psicológico.

Note-se que é nítida a preocupação em pontuar as diferentes percepções sob as quais se descreve a felicidade. Isto porque as implicações que se desenvolverão em torno de cada uma dessas visões oferecerão soluções teóricas bastante diversificadas.

[...] na visão desses autores, essas duas tradições de estudo refletem visões filosóficas distintas sobre felicidade: enquanto a primeira (hedonismo) adota uma visão de bem-estar como prazer ou felicidade, a segunda (eudemonismo) apoia-se na noção de que bem-estar consiste no pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa, ou seja, em sua capacidade de pensar, usar o raciocínio e o bom senso. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 201)

No que diz respeito ao contexto científico do nosso século, a despeito das diferenciações legivelmente demarcadas no percurso de compreensão do tema em pauta, o bem-estar tem sido o foco pelo qual “pesquisadores espalhados por diversos países estão empenhados em descobrir o quanto as pessoas se consideram felizes ou em que medida são capazes de realizar plenamente suas potencialidades” (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 201).

É nesse sentido que alguns pesquisadores concebem felicidade e bem-estar como termos que mantêm uma relação de intercâmbio, como é o caso de Seligman, principal representante do campo da Psicologia Positiva, que em sua conhecida obra *Felicidade autêntica* (2004) preocupa-se em ressaltar o nível de significado empregado para cada um desses termos. Consoante a essa intenção, ele explica:

Emprego *felicidade* e *bem-estar* de modo intercambiável, como termos abrangentes, para descrever os objetivos de todos os esforços da Psicologia Positiva, incluindo sentimentos positivos (êxtase e conforto, por exemplo) e atividades positivas (absorção e dedicação, por exemplo). É importante reconhecer que “felicidade” e “bem-estar” às vezes se referem a sentimentos, mas também podem referir-se a atividades em que não há sentimento algum. (SELIGMAN, 2004, p. 287, grifo do autor)

Semelhante preocupação é manifestada em relação ao papel desses dois termos como elementos norteadores da Psicologia Positiva. De acordo com as considerações do professor e fundador dessa vertente da Psicologia, “felicidade e bem-estar são os resultados desejáveis da Psicologia Positiva” (SELIGMAN, 2004, p. 287).

Em sua estrutura, o bem-estar é exatamente como o “tempo” e a “liberdade”: nenhuma medida o define exaustivamente (no jargão, “definir exaustivamente é operacionalizar), mas diversas coisas contribuem para formá-lo; são os elementos do bem-estar, e cada um desses elementos é mensurável. A satisfação com a vida, por sua vez, operacionaliza a felicidade na teoria da felicidade autêntica, assim como a temperatura e a velocidade do vento definem a sensação térmica. (SELIGMAN, 2011, p. 26)

Feitas as devidas considerações, julgamos pertinente, a partir daqui, tecermos algumas diferenciações entre as concepções tradicionais da temática em voga, iniciando o quadro de explicações a partir da análise do conceito de BES.

2.2.4.1 Bem-estar subjetivo (BES)

Surgido nas últimas décadas de 1950, o termo BES foi instaurado a partir das pesquisas que “buscavam indicadores de qualidade de vida para monitorar mudanças sociais e implantação de políticas sociais” (LAND apud SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 202).

Delineando-se como uma versão perpassada, ainda que sutilmente, pelas matrizes da vertente psicológica, em 1967 foi realizada por Wilson a primeira revisão sobre BES, num estudo intitulado *Correlatos de felicidade declarada*. Como resultado de tal investimento, e apesar das dificuldades relativas à escassez de material teórico de referência, o estudioso concluiu que pessoas felizes incluíam as que eram:

[...] jovens, com boa educação, bons salários, extrovertidas, otimistas, despreocupadas, com religiosidade, casadas, elevada autoestima, moral no trabalho, aspirações modestas, de ambos os gêneros e que detinham diversificados níveis de inteligência. (WILSON apud SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 202)

Na década seguinte, as pesquisas a respeito da mesma temática não somente apontavam para a ampliação do universo teórico a respeito do BES, mas também já indicavam a multiplicidade de direções a serem traçadas e trilhadas por esse novo conceito. Contextualizado nesse cenário,

[...] o debate sobre os componentes emocionais do BES teve suas primeiras formulações no trabalho seminal de Bradburn (1969). Este pesquisador defendia a idéia de que os afetos positivos e negativos não eram duas polaridades de um mesmo contínuo, mas formavam dois contínuos distintos de afetividade, capazes de apresentar correlações particulares com conjuntos específicos de traços de personalidade. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 203)

Ainda na década de 1960, outras noções foram atribuídas ao termo, a exemplo da definida por Ostrom, segundo a qual o BES seria uma “atitude” (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008). Tal constructo teve suas bases assentadas nas ideias correntes na época, que consideravam as atitudes como um fenômeno constituído a partir de elementos cognitivos e afetivos.

As discussões sobre quais componentes afetivos integrariam BES provocaram a indicação de um variado leque de conceitos psicológicos, sendo especialmente apontados para sua composição traços como ansiedade e depressão para representar afetos negativos. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 203)

Daquele cenário de intensas discussões a respeito do recente pensamento resultou uma gama significativa de novos conceitos, ampliando expressivamente o conjunto de referenciais teóricos investigativos sobre o tema. No que concerne ao enriquecimento proporcionado pelas inúmeras contribuições teóricas no campo das pesquisas referentes ao BES, salientam Siqueira e Padovam (2008, p. 203):

[...] na composição de afetos positivos, a auto-estima foi apontada como um conceito psicológico que representava saúde mental, porque incluía uma auto-avaliação em que o próprio indivíduo se reconhece como tendo valor e sendo dotado de características positivas e também negativas. Além do senso pessoal de auto-estima, outros conceitos também foram arrolados como integrantes da dimensão positiva de BES, tais como auto-aceitação, auto-imagem e auto-respeito.

No contexto das pesquisas atuais, a noção de BES tornou-se um campo bastante promissor, apresentando significativo nível de abrangência que tem proporcionado a criação de outros objetos teóricos de investigação. É o caso das noções de satisfação e felicidade, que têm sido tomadas como principais objetos constitutivos da noção de BES. Nesse sentido, Machado e Bandeira (2012, p. 588) fazem referência ao trabalho de Diener como:

[...] um marco na tentativa de sistematização dos estudos na área, cunhando o termo Bem-Estar Subjetivo (BES) para representá-la. [...] O BES é definido como um conjunto de fenômenos que incluem respostas emocionais, domínios de satisfação e julgamentos globais de satisfação de vida.

Ainda como parte do processo de integração do espaço conceitual, igualmente importantes são os campos de interesse eleitos como foco de observação para a avaliação dos pesquisadores, campos hoje muito mais diversificados e mais cautelosamente organizados:

[...] não se limita(m) mais à descrição dos atributos de pessoas felizes, nem tampouco a identificar correlações entre características demográficas e níveis de BES. O esforço atual dos pesquisadores está orientado pela busca de compreensão do processo que sustenta a felicidade. (DIENER et al. apud SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 202)

De forma análoga, as reconsiderações a respeito da natureza conceitual de BES têm posto em questão os possíveis percursos metodológicos aplicáveis a tal conceito. Diener e Lucas (apud SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 202) descrevem o BES “como um conceito que requer auto-avaliação, ou seja, ele só pode ser observado e relatado pelo próprio indivíduo e não por indicadores externos escolhidos e definidos por terceiros”.

Ainda no que diz respeito à natureza conceitual do BES, é possível observar que, no campo da Psicologia, ela se apoia em duas acepções:

[...] uma que se assenta nas teorias sobre estados emocionais, emoções, afetos e sentimentos (afetos positivos e afetos negativos) e outra que se sustenta nos domínios da cognição e se operacionaliza por avaliações de satisfação (com a vida em geral, com aspectos específicos da vida como o trabalho). (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 202)

A dimensão emocional do conceito constitui-se a partir de duas diferentes vertentes, representadas por dois tipos básicos de manifestações emocionais: emoções negativas e positivas. Nas razões dessa lógica, a dimensão de BES será satisfatoriamente representada a partir da predominância das emoções positivas sobre as negativas, na totalidade das fases da vida.

Entretanto, outras dimensões sobre o bem-estar têm sido consideradas nos estudos referentes ao desenvolvimento humano, a exemplo do bem-estar psicológico, que será tratado na próxima subsecção.

2.2.4.2 Bem-estar psicológico (BEP)

Após as considerações dedicadas ao BES, faremos nesta subsecção algumas reflexões a respeito do BEP. Constituído por uma natureza largamente complexa, a partir de múltiplas vertentes da psicologia,

[...] o Bem-Estar Psicológico (BEP) é um construto baseado na teoria psicológica, agregando conhecimentos de áreas como psicologia do desenvolvimento humano, psicologia humanista-existencial e saúde mental, a respeito do funcionamento psicológico positivo ou ótimo. (*apud* MACHADO; BANDEIRA, 2012, p. 587)

Tal conceito foi constituído num cenário diferenciado daquele que deu origem às definições de BES, uma vez que partiu de uma série de “críticas à fragilidade das formulações que sustentavam BES e aos estudos psicológicos que enfatizaram a infelicidade e o sofrimento e negligenciaram as causas e consequências do funcionamento positivo” (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 205).

No contexto da literatura que forneceu subsídios teóricos ao tema, os trabalhos de Ryff, nos anos 1980, e de Ryff e Keyes, na década seguinte – ambos apoiados no argumento relativo à fragilidade dos pilares teóricos representativos de BES –, são considerados os pilares de tais discussões. Dentre as inúmeras considerações elaboradas pelos estudiosos a respeito da natureza insustentável do conceito de BES, um dos mais fortes argumentos para tal crítica sustentava-se na ideia de que

[...] o clássico estudo de Bradburn [...] que sugeriu a existência de duas dimensões na estruturação dos afetos (positivos e negativos) são resultantes do efeito de serendipidade, visto que Bradburn, na época, buscava identificar como certas mudanças sociais de nível macro (mudanças em níveis educacionais, padrões de emprego, urbanização ou tensões políticas) afetavam o padrão de vida dos cidadãos e este o seu senso de bem-estar, dando-se atenção mínima para a compreensão de bem-estar. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 205)

Além da diferenciação dos contextos nos quais surgem os conceitos de BES e BEP, outro aspecto que distingue essas duas vertentes do conceito de bem-estar são as concepções teórico-metodológicas que as regem. Assim,

[...] enquanto BES tradicionalmente se sustenta em avaliações de satisfações com a vida e num balanço entre afetos positivos e negativos que revelam felicidade, as concepções teóricas de BEP são fortemente construídas sobre formulações psicológicas acerca do desenvolvimento humano e dimensionadas em capacidades para enfrentar os desafios da vida. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 205)

A partir de tais considerações, foi pensado um modelo atribuído ao BEP. Organizado a partir de seis componentes, o propósito focal de tal modelo seria “abstrair visões distintas do funcionamento psicológico positivo”. Originado a partir das ideias de Ryff, o arquétipo foi reorganizado e reformulado posteriormente por Ryff e Keyes, resultando na seguinte composição:

- *Auto-aceitação*: definida como o aspecto central da saúde mental, trata-se de uma característica que revela elevado nível de autoconhecimento, ótimo funcionamento e maturidade. Atitudes positivas sobre si mesmo emergem como uma das principais características do funcionamento psicológico positivo.
- *Relacionamento positivo com outras pessoas*: descrito como fortes sentimentos de empatia e afeição por todos os seres humanos, capacidade de amar fortemente, manter amizade e identificação com o outro.
- *Autonomia*: são seus indicadores o *locus* interno de avaliação e o uso de padrões internos de auto-avaliação, resistência à aculturação e independência acerca de aprovações externas.
- *Domínio do ambiente*: capacidade do indivíduo para escolher ou criar ambientes adequados às suas características psíquicas, de participação acentuada em seu meio e manipulação e controle de ambientes complexos.
- *Propósito de vida*: manutenção de objetivos, intenções e de senso de direção perante a vida, mantendo o sentimento de que a vida tem um significado.
- *Crescimento pessoal*: necessidade de constante crescimento e aprimoramento pessoais, abertura a novas experiências, vencendo desafios que se apresentam em diferentes fases da vida. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 205)

Atualmente, o BEP tem sido definido como um “um construto multidimensional que reflete características relativas ao funcionamento psicológico positivo ou ótimo” (MACHADO; BANDEIRA, 2012, p. 593). A natureza multidimensional desse conceito explica-se pelo seu próprio percurso constitutivo, uma vez que, ao se basear “na teoria psicológica, reúne avanços conceituais e achados empíricos de décadas de pesquisas nas áreas do desenvolvimento humano, psicologia humanista-existencial e saúde mental” (MACHADO; BANDEIRA, 2012, p. 593). Somando-se a tais características, “do ponto de vista metateórico, o BEP representa a tradição eudaimônica do estudo do bem-estar, resgatando o sentido original do bem-viver na doutrina aristotélica” (MACHADO; BANDEIRA, 2012, p. 593).

Do ponto de vista da sua funcionalidade e aplicação, “a operacionalização das dimensões do BEP permitiu o desenvolvimento de escalas psicométricas válidas e fidedignas para sua avaliação” (MACHADO; BANDEIRA, 2012, p. 593). Como parte desse percurso de definição conceitual, enquanto zona de conhecimento válido e dotado de um potencial de utilização reconhecível,

[...] uma razoável quantidade de estudos demonstra evidências da validade dessas medidas, em suas diversas formas de apresentação. Entretanto, as possibilidades de avaliação do BEP não se limitam à abordagem quantitativa, mas ainda incluem métodos qualitativos, como a análise de narrativas. (MACHADO; BANDEIRA, 2012, p. 593-594)

Motivados pelo propósito de apresentar empiricamente os traços relacionais estabelecidos entre BES e BEP, na década de 2000 Keyes e colaboradores ocuparam-se em coletar evidências que comprovassem tal relação, por intermédio de uma pesquisa com amostra nacional de 3.032 estadunidenses com idades entre 25 e 74 anos. No âmbito da referida pesquisa,

Análises fatoriais confirmaram que os dois conceitos, embora mantivessem correlações entre si, poderiam ser considerados distintos e serem mantidas suas identidades conforme consta na literatura. Os resultados do estudo também revelaram que um estado ótimo de bem-estar, definido pelas autoras como alto BES e alto BEP, aumentava com a idade, com o nível educacional, com fortes traços disposicionais, tais como extroversão e conscienciosidade, mas decrescia com o neuroticismo, considerado este último um componente negativo da personalidade. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 205)

Outro ponto a ser destacado como resultado do empreendimento investigativo de Keyes e colaboradores foi o fato de que,

[...] ao observar entre os participantes adultos de sua amostra quais eram as características de pessoas que apresentavam BES superior a BEP ou o inverso, verificou-se que entre eles estavam os mais jovens, que galgaram níveis educacionais mais elevados e que mostravam, como traço de personalidade, maior abertura a experiências. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 207)

Diante de todo esse cenário que envolve o bem-estar e felicidade, fundamentado por diferentes estudos e áreas, nossa investigação parte do princípio de que os aspectos cognitivos e afetivos mantêm entre si um complexo entrelaçado de relações e desempenham importante papel na organização do pensamento dos jovens para subsidiar suas decisões, planos e ações sobre o que desejam para si e para a sociedade. Sendo assim, acreditamos que se devam reconhecer as diferentes necessidades e percepções do que torna os jovens felizes a partir da análise de seus projetos de vida, objetivo que este estudo intenta alcançar, ao buscar compreender a complexidade e a dinâmica que subjazem ao pensamento humano, empreendidas por uma análise de caráter multidimensional e integrada de pensamentos, sentimentos e ações.

3 PROJETO DE VIDA

A evolução e o progresso no estudo de nossa história contemporânea se fazem presentes em diferentes áreas e conteúdos. Entre as diversas áreas, o tema ligado à juventude traz a preocupação de que o jovem participe na construção da cidadania e tenha papel relevante nessa fase da vida, podendo fazer suas projeções, ou seja, seus projetos com vistas ao futuro.

Neste capítulo específico, iniciaremos com os projetos de vida dos jovens para buscar sua conceituação, de forma que nos auxiliem em nossas análises futuras. Para tanto, o texto será organizado com o apoio de referências desenvolvidas em diferentes áreas: Antropologia, Filosofia, Psicologia e Sociologia, com ênfase sobre os aspectos provenientes da literatura sociológica e psicológica.

Certamente, ao percorrermos estas áreas refletiremos sobre pontos e/ou contrapontos, para que se articulem os antigos supostos, incertezas e verdades, mudanças sobre a realidade em que vivemos na cultura contemporânea, onde se sobrepõem linguagens, tempos e projetos em uma trama plural, com múltiplos eixos, de forma complexa, contrariando o que se pauta, na maioria das vezes, por um ponto de vista determinista, linear e homogêneo da realidade em que vivemos.

Depreende-se daí que o conjunto de premissas e noções que têm orientado até hoje a atividade científica deve dar lugar a outras reflexões sobre as ações humanas, sociais e sobre a subjetividade do ser humano, nas diversas fases da sua vida. O presente estudo é, portanto, de natureza qualitativa.

A construção de uma nova visão de ciência em oposição à verdade única introduz a necessidade de se levar em conta que a ciência se interconecta com a vida cotidiana, desconstrói premissas culturais, sociais, subjetivas e científicas. Neste contexto se inclui o desenvolvimento do sujeito cognitivo e seu processo de conhecer a sociedade, considerando suas dimensões afetivas.

Assim, não optamos por um discurso capaz de dar um traçado único, um horizonte de sentido unitário de experiência da vida, da cultura, da ciência ou da subjetividade. Os projetos humanos têm seus aspectos sociais que permitem, a partir do presente, a construção de futuros possíveis. Para o ser humano, isto consiste em participar da sociedade, onde emergem significados, sentidos, conflitos e sentimentos.

Nesta perspectiva se encontra nosso interesse de estudo; porém, além de conhecer os projetos dos sujeitos, é preciso conhecer os sujeitos que os projetam. Sobre isso, Morin (apud SCHNITMAN, 1996, p. 45) argumenta:

[...] a noção de sujeito é uma noção extremamente controversa. Desde o princípio manifesta-se de forma paradoxal: é, simultaneamente, evidente e não-evidente. Por um lado é uma evidência óbvia, dado que, em quase todas as línguas, existe uma primeira pessoa do singular; mas também é uma evidência à reflexão, tal como indicou Descartes: se duvido, não posso duvidar de que duvido, portanto penso, ou seja, sou eu quem pensa. É nesse nível que aparece o sujeito.

E acrescenta:

Em muitas filosofias e metafísicas, o sujeito confunde-se com a alma, com a liberdade, a vontade moral, etc. Não obstante, se o considerarmos a partir de outro lado, por exemplo, pela ciência, só observamos determinismos físicos, biológicos, sociológicos ou culturais, e nessa ótica o sujeito dissolve-se. (MORIN apud SCHNITMAN, 1996, p. 45)

Para Morin (apud SCHNITMAN, 1996), por um lado, uma primeira noção de sujeito como alma e, por outro, como sujeito na visão da ciência, faz-nos viver uma disjunção em função de um paradigma enraizado culturalmente, visto por Descartes como dois mundos: o que era relevante ao conhecimento objetivo, científico, sendo o mundo dos objetos; e outro, o mundo sob outra forma de conhecimento, um mundo intuitivo, reflexivo – o mundo dos

jovens. Segundo Descartes, de uma parte, a alma, o espírito, a sensibilidade, a filosofia, a literatura; de outra, as ciências, as técnicas, a matemática.

Para a ciência clássica, a subjetividade a que estariam expostos os jovens seria fonte de erros. No século XX, com a invasão dessa cientificidade clássica nas Ciências Humanas e Sociais, afasta-se o sujeito da Psicologia e da História para prevalecerem os determinismos sociais.

Morin(apudSCHNITMAN, 1996, p.47) “considera uma segunda noção que já existia, e que tem novo destaque: a noção de indivíduo”. E diz:

O pensamento biológico compreendeu, há vários séculos, que existe uma relação entre a espécie e o indivíduo. Havia uma maneira de conceber essa relação, na qual a espécie era considerada como um padrão, um modelo geral, do qual saíam exemplares particulares, os indivíduos. (MORIN apud SCHNITMAN, 1996, p. 47)

Morin (apud SCHNITMAN, 1996, p. 48)compreende a sociedade como produto de interações entre indivíduos que, por sua vez, têm qualidades próprias, em particular a linguagem e a cultura.

Para o mesmo autor, na noção de sujeito humano, dois princípios subjetivos estão associados: o de exclusão e o de inclusão. Como princípio de exclusão, “os linguistas assinalaram que qualquer um pode dizer ‘eu’, mas que ninguém pode dizê-lo por mim. Ou seja, ‘eu’ é a coisa mais corrente, mas ao mesmo tempo é uma coisa absolutamente única” (MORIN apud SCHNITMAN, 1996, p. 50).

Contudo, Morin (apud SCHNITMAN, 1996, p. 51) orienta-nos ao dizer que os princípios são inseparáveis, sendo que o de inclusão é o que faz com que possamos integrar, em nossa subjetividade, outros jovens diferentes de nós, ao integrar nossa subjetividade pessoal numa subjetividade coletiva: “nós”. Como exemplo, a família faz parte do círculo de inclusão: somos parte dela e ela de nós. Porém, experimentamos ambivalências, situações de conflito com aqueles a que estamos ligados subjetivamente. Característicos do sujeito humano, os princípios podem sofrer uma oscilação, ou seja, entre o egocentrismo como predomínio do princípio de exclusão, e a inclusão, pela abnegação ou o sacrifício pessoal.

Temos, pois, nesse nível de seres subjetivos, a liberdade. A liberdade é outra noção que podemos inscrever, na organização propriamente humana, como possibilidade de escolha entre diversas alternativas que supõem duas condições: uma interna e outra externa.A condição interna constitui-se da capacidade cerebral, mental, intelectual necessária para

considerar uma situação e poder estabelecer escolhas, apostas; a condição externa é aquela na qual tais escolhas são possíveis de se realizar.

Morin (apud SCHNITMAN, 1996, p. 54) também observa a existência do sujeito humano ligada a dois princípios de incerteza. O primeiro: o eu que não é nem o primeiro, nem puro. Isso significa que, quando falo, ao mesmo tempo falamos “nós”, a comunidade da qual somos parte. O segundo: o de que o sujeito oscila entre o tudo e o nada. Devido ao princípio egocêntrico, está no centro do mundo, mas objetivamente é nada, é efêmero no universo. Sendo assim, estamos divididos entre o egoísmo e o altruísmo.

Ademais, para se conceber a ideia de sujeito com as características já apontadas até aqui, a partir de um pensamento capaz de unir conceitos que se rechaçam entre si e que são suprimidos e catalogados em compartimentos fechados das ciências clássicas, será necessário o que Morin chama de “pensamento complexo”.

Ao considerarmos a interação dos jovens com a realidade em que vivem e a forma ativa como se relacionam consigo e com outros na promoção de diálogos intrapessoais e interpessoais, podemos entender que cada sujeito se faz autor de projetos para sua vida a partir de sua realidade pessoal, social e de acordo com seus valores.

Em atenção a esse aspecto e exploradas algumas das polarizações conceituais concernentes à subjetividade humana, encontramos-nos, no presente estudo, orientados a efetivar análises para um significado mais profundo dos projetos de vida dos jovens, o que carece de uma ousadia interpretativa de sua subjetividade, a que nos dispomos a partir deste trabalho.

3.1 Projetos de vida: ideias fundamentais

Para alicerçar nossa perspectiva sobre projetos de vida, considerando o caráter subjetivo de sua análise, dialogaremos com diferentes campos de estudo. Escolhemos iniciar por Machado (2006a), que apresenta um panorama conceitual bastante abrangente de significados sobre projetos, o que colabora com nosso estudo sobre projetos de vida. Ademais, o autor chama a atenção para uma reflexão sobre a ideia de projeto e sua contribuição; nesse sentido, oferece subsídios para uma compreensão mais nítida da importância desta ideia para a presente investigação, subsídios estes cujas análises estão centradas numa dimensão filosófica e antropológica.

De acordo com Machado (2006a), a palavra projeto, de forma abrangente, costuma ser associada aos trabalhos de arquitetos e engenheiros, bem como a trabalhos acadêmicos em

suas etapas iniciais, ou ainda à estruturação de planos de ação educacionais, políticos ou econômicos. A ideia de projeto também está presente em diferentes contextos pessoais, com respeito às ações características do modo de ser do ser humano.

O ponto central do presente trabalho é analisar a ideia de projeto de uma perspectiva psicológica; porém, faz-se necessária uma incursão mais abrangente, que inclua as dimensões metodológica, biológica e política, sem separação de sua complementar ideia de valor.

Neste sentido, Machado (2006a) remete a Boutinet, que se refere à necessidade de amear elementos que forneçam a construção do significado antropológico do termo, sendo que, etimologicamente, a palavra “projeto” deriva do latim *projectus*, que significa algo como um jato lançado para frente.

Segundo Machado (2006a, p. 2-3):

Cada ser humano, ao nascer, é lançado no mundo, como um jato de vida. Paulatinamente, constitui-se como pessoa, na medida em que desenvolve a capacidade de antecipar ações, de eleger continuamente metas a partir de um quadro de valores historicamente situado e de lançar-se em busca das mesmas, vivendo, assim, a própria vida como um projeto.

Ainda nos aspectos etimológicos, Machado (2006a) apresenta outras duas noções que trazem proximidade ao termo. A primeira, quanto ao seu prefixo “pro”, articulado com os significados de “problema” e “programa”. A segunda refere-se à raiz: o termo origina-se de *gramma* (letra ou o que foi escrito anteriormente) e representa uma antecipação do que se intenta oferecer. Quanto ao “problema”, em sintonia com “emblema”, é algo que se apresenta diante de nós, ou seja, uma dificuldade objetiva que deve ser assumida subjetivamente.

Em síntese, Machado (2006a, p.3) conclui: “poder-se-ia afirmar que cada ser humano é como um misterioso programa, que se desenvolve por meio dos problemas enfrentados na busca de realização dos projetos que nos caracterizam como pessoas”.

Para o mesmo autor, ainda no terreno etimológico, existe um sistema de proximidade terminológica:

Associado à raiz *jactum*, há as palavras sujeito, derivada de *subjectus/subjéciri* (lançado de dentro, de baixo, ou do fundo), ou objeto, de *objectum/objícere* (lançado diante, exposto), ou ainda, trajeto, de *trajectus/trajectare* (passagem através de). Todas têm um significado relativamente ambíguo, que talvez seja mais explícito em sujeito, que tanto designa o que é submetido à ação, quase equivalente a objeto, quanto o que submete, o que realiza ação. Também objeto pode nomear tanto o objeto de uma ação de transformação do real quanto a porção da realidade na qual tal ação se efetua; e trajeto pode nomear, igualmente, o caminho já percorrido ou o caminho a percorrer. No caso do projeto, a palavra designa igualmente

tanto aquilo que é proposto realizar-se quanto o que será feito para atingir tal meta. (MACHADO, 2006a, p.3-4)

Machado (2006a, p. 4) compreende que a relativa ambiguidade destas palavras abre caminho para diversas articulações conceituais e destaca, no âmbito semântico, a língua inglesa:

A ideia de projeto, tal como se esboça a partir de sua etimologia, articula-se de modo significativo com a de desenho, ou *design*, cujo significado atual parece representar mais fielmente a ideia de projeto do que *project*. De fato, à palavra *project* parece associar-se muito facilmente certa conotação técnica, como no caso das perspectivas, ou das projeções cartográficas, enquanto a palavra *design* mantém uma relação mais direta com as idéias de plano, concepção, criação, esboço, desenho.

De modo geral, a palavra *design* teve seu significado enriquecido, aproximando-se de estilo, criação e concepção.

A importância especial da ideia de *design* enquanto projeto em seu sentido mais legítimo deve ser associada à singular mediação realizada entre a criação individual e a intenção de reprodução, entre a centelha do novo e a consolidação de padrões no imaginário coletivo. (MACHADO, 2006a, p.5)

O autor refere-se à ideia de *design* enquanto projeto e afirma que, apesar de toda a sua abrangência, a ideia de projeto apresenta três características gerais como ingredientes fundamentais para constituição de seu significado: “a referência ao ‘futuro’, a abertura para o ‘novo’ e o caráter ‘indelegável’ da ação projetada” (MACHADO, 2006a, p. 5).

Quanto à referência ao futuro, Machado (2006b, p. 8) explica que o fundo filosófico para o conceito de projetos vem de um pensador espanhol, Ortega y Gasset, que falava de “futurição”, termo que pode ser entendido como lançar-se sempre para o futuro como um modo de agir do ser humano que define quem ele pretende ser e como se lançar em busca de metas. Refere-se à perspectiva de que um projeto sempre significa a antecipação de uma ação, envolvendo uma referência ao futuro. São as representações antecipadoras, que dizem respeito a um futuro que está sendo gestado, de uma realidade que está sendo construída.

Contribui com esta ideia Barbier (1993, p.52), ao dizer que “o projeto não é uma simples representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma ideia; é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real e uma ideia a transformar em acto”.

A segunda característica eleita como fundamental para a concepção de projeto é a abertura para o novo, para o desconhecido, para o não-determinado, para o universo de possibilidades, da imaginação, da criação, para o risco do insucesso, como ingredientes necessários. Machado (2006a) considera que, na eleição das metas de um projeto, o desafio

está na fuga às certezas e à tentação da determinação. Pressupõe um futuro aberto, indeterminado, que depende de nossas ações.

No que tange à terceira característica, as realizações prefiguradas em um projeto são uma ação a ser realizada pelo sujeito que projeta, individual ou coletivamente. Neste sentido é que podemos ter projetos com os outros, mas não pelos outros.

Em síntese, Machado (2006a, p. 8) observa que, garantidos os três elementos fundamentais da ideia de projeto, a capacidade de projetar é o traço característico da atividade humana: “o modo de ser do ser humano é o permanente pretender ser [...] poder-se-ia afirmar: não só é próprio do ser humano não viver sem projetar, como o é fazer da própria vida um projeto”.

Contudo, como capacidade verdadeiramente humana, a de elaborar projetos, o autor leva-nos a pensar sobre a existência de algo que é anterior aos projetos, ou seja, algo que nos mantém vivos e nos dá condições de projetar.

O nome desse algo pode variar segundo a visão de mundo, a religião que se professa, ou em diferentes temas filosóficos. Pode-se chamá-lo de esperança, como em São Paulo ou em Santo Agostinho; de “*élan vital*”, como em Bergson; de “vontade”, como em Schopenhauer ou em Nietzsche; de “ilusão”, como em Marías: qualquer um desses nomes é suficiente para recordar a importância das instâncias anteriores ao projetar o propriamente dito. (MACHADO 2006a, p. 9)

A partir destes apontamentos, de algo que vem antes dos projetos, nos deteremos um pouco mais em duas noções anteriores à ideia de projeto: ilusão e utopia. A palavra “ilusão” traz frequentemente uma conotação negativa, caracterizada como irrealidade, engano ou erro; porém, sua conotação positiva está associada às ideias de imaginação, fantasia, utopia e projeto.

Como forma de exemplificar seu sentido positivo, utilizaremos o que foi sublinhado pelo espanhol Marías em seu *Breve tratado de la ilusión*, ao explicar que:

Etimologicamente, a palavra deriva do latim, onde o substantivo *illusio* procede do verbo *illudere*, cuja forma simples é *ludere*, associada a *ludus*, que quer dizer jogo. “Ter ilusões”, portanto, é achar que vale a pena estar no jogo, é permanecer jogando, seguindo as regras e buscando os resultados; não ter ilusões é crer que não vale a pena prosseguir seguindo as regras, é desistir de jogar o jogo da vida. (MACHADO, 2006a, p.11)

Em acréscimo a essa compreensão, a palavra *ludus*, como origem da palavra *ilusão*, associa-se a jogos que envolvem ação, o que nos leva a pontuar que,

Se é verdade que não se vive só de sonhos, só de ilusões, que nos alimentamos como seres humanos dos projetos que realizamos, também o é que sem sonhos, sem ilusões, sem *élan vital*, sem esperança, sem vontade de viver – ou de jogar – não se fazem projetos. (MACHADO, 2006a, p.11-12)

Para melhor compreensão da noção de utopia, associada a projetos, é pertinente apontar algumas características. De acordo com Machado (2006a, p.13), “a palavra origina-se do grego: *ou* (não) + *topos* (lugar). A palavra foi criada pelo chanceler inglês Thomas More, como título de seu livro sobre política, indicando o nome de um país inexistente, meramente imaginário”.

O mesmo autor acrescenta:

Utopias costumam ser associadas a coisas impossíveis de se realizar, ou a desejos vãos. Por outro lado, sonhos, ilusões, e particularmente utopias são essenciais para alimentar a imaginação no caminho para a elaboração de projetos. Todos os seres humanos deveriam ter utopias, no sentido de serem capazes de imaginar o mundo que funcionasse de um modo considerado mais adequado. Não o mundo pessoal de cada um de nós, mas a sociedade humana, em sentido amplo. (MACHADO, 2006a, p.14)

No entanto, observa:

Enquanto um projeto sempre se apresenta munido de elementos operatórios que instrumentam as ações transformadoras e apontam no sentido de sua realização, uma utopia não considera sequer a discussão sobre os caminhos ou a possibilidade de sua realização. [...] uma utopia é como uma imagem que não aspira à imaginação, é um autêntico não-projeto, ou mesmo, um anti-projeto. (MACHADO, 2006a, p.14)

O fato é que o caráter operatório dos projetos é exatamente o que os distingue das utopias. Portanto, é importante observar que as fontes utópicas têm papel fundamental na germinação dos projetos, e a renúncia a elas poderia significar perda da vontade de transformar a realidade e construir um projeto de vida.

Por fim, destaque seja dado no sentido de que, para Machado (2006a), os projetos individuais ou coletivos são estruturados por uma arquitetura de valores socialmente acordados que os sustentam. Sobre os valores, o autor contribui com mais esta característica fundamental de nosso estudo, pois, ao agirmos sobre a realidade, a transformamos para o alcance de nossas aspirações em direção ao novo, ou a conservamos para o que nos é essencialmente valioso. Neste sentido, como já afirmado, nossos projetos são sustentados por valores socialmente negociados e acordados.

Naturalmente, não basta alimentar-se de projetos individuais: carecemos de projetos coletivos, que estimulem ações individuais, articulando-as na construção do significado de algo maior. Tanto quanto da satisfação das necessidades básicas em sentido biológico ou econômico, necessitamos participar de projetos mais abrangentes, que transcendam nossos limites pessoais e impregnem nossas ações, nossos sonhos, de um significado político e social mais amplo. (MACHADO, 2006a, p.42)

Os projetos de vida, característicos do modo de ser humano, não percorrem um caminho único. Eles se movimentam por um território de potencialidades externas que se articulam com nossas expectativas interiores, emergindo como projetos originais que nos identificam como pessoa. Tal situação mostra que não vivemos apenas de projetos pessoais ou coletivos em nosso cotidiano. Vivemos uma multiplicidade de níveis de projetos, pessoais, familiares, de trabalho, de esporte, de associações, em busca de uma sintonia, de equilíbrio entre eles.

Em nível pessoal, satisfeitas as necessidades básicas, biológicas ou econômicas, parece-nos claro que tais satisfações, se desvinculadas de uma abertura para sonhos, fantasias, projetos individuais, conduziriam à falência de nossa personalidade. Contudo, em nível social, a ausência de projetos coletivos pode constituir um problema crítico, com o surgimento de conflitos entre as pessoas.

Sobre as ideias fundamentais apresentadas, concluímos que os projetos de vida devem articular-se entre o pessoal e o coletivo, a partir de um equilíbrio entre os elementos afetivos, cognitivos e sociais, sob a égide dos valores que os sustentam.

3.2 Projetos e valores

Porum prisma de sintonia entre projetos e valores, o texto será construído numa perspectiva psicológica que pode ajudar nas análises posteriores sobre projetos de vida e felicidade. O funcionamento psicológico do ser humano e seu relacionamento consigo mesmo e com o mundo aproxima-o da Psicologia, ciência que fornece elementos importantes para a compreensão da vida humana e de sua relação com a construção efetiva de valores éticos, desejáveis por uma sociedade que almeja alcançar a felicidade.

Para alcançar tal objetivo, trilharemos um breve caminho que se inicia com os processos psicológicos de construção de valores à luz da teoria da complexidade, que, segundo Araújo (2007, p. 27) “traz novas perspectivas para o estudo das relações do ser humano consigo mesmo e com o mundo externo”.

Esta discussão abarca uma questão central que é a de que como cada ser humano se apropria de determinados valores e não de outros. Isto é relevante para nosso estudo, pois nos auxiliará a compreender o investimento feito em cada projeto de vida elaborado pelos jovens. Entender os processos que são constitutivos da natureza humana é uma meta da Psicologia e pode nos ajudar a compreender a realidade psicológica dos jovens que participaram do presente estudo.

Araújo (2007, p. 19-20) citam o epistemólogo suíço Jean Piaget, que se refere a valores como a uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, objetos ou pessoas, e que pertencem à dimensão geral da afetividade. Assim, as projeções afetivas que os jovens fazem resultam em valor.

Sob novo ângulo, Araújo (2007, p. 20) apontam para a possibilidade de se “assumir o pressuposto epistemológico interacionista e construtivista trazido por Piaget de que os valores são construídos nas interações cotidianas”. Tomando por base esta referência, os valores são resultado das ações do sujeito sobre o mundo objetivo e subjetivo de que faz parte, ou seja, resultado de projeções afetivas feitas nas interações com o mundo.

No conjunto de tais pressupostos, Araújo (2007, p. 20) redefinem “as ideias de Piaget, afirmando que os valores são construídos com base na projeção dos sentimentos ‘positivos’ que os jovens têm sobre objetos e/ou pessoas e/ou relações e/ou sobre si mesmo”.

Com base nessa perspectiva, Araújo (2007) incorporam os sentimentos, tanto positivos quanto negativos, que podem ser projetados sobre objetos, pessoas, relações e sobre si mesmo. Segundo eles, projetar sentimentos positivos torna-se essencial para que o alvo da projeção possa ser considerado um valor pelo sujeito. Pelo contrário, quando se projetam sentimentos negativos, também com forte carga afetiva, o que se constrói são os chamados contravalores.

Os mesmos autores afirmam que, do ponto de vista psicológico, é possível que o ser humano construa valores que não sejam morais, pois estes dependem da realidade psicológica das pessoas e daquilo que elas valoram. Ao se tornarem projeções afetivas positivas para os jovens, aumentarão a possibilidade de que sejam valorados por eles.

Araújo (2007) apresentam a síntese do pensamento de alguns autores para nos levar a entender que os valores e contravalores construídos organizam-se em um chamado sistema de valores e se incorporam à identidade das pessoas e às representações que fazem de si.

De acordo com Piaget (1954), os valores são originados do sistema de regulações energéticas entre o sujeito e o mundo externo a partir das relações daquele com objetos, pessoas e consigo mesmo e, lentamente, vão se constituindo em um outro sistema, mais estável, organizados em escalas normativas de valores.

Para Blasi (1995), os valores integram-se a sistemas motivacionais e emocionais que dão base para a formação da identidade e do autoconceito do sujeito.

Damon (1995, p. 141) afirma que, “para alguns, valores morais são, desde a infância, centrais na concepção que têm de si; para outros, a moralidade permanece periférica em relação ao que pensam ser”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, La Taille (1996b, p. 104) afirma:

[...] a grande motivação das condutas morais seria a preservação da identidade pessoal, e a ausência de motivação ou motivação fraca para seguir regras morais seria justamente decorrente de uma identidade pessoal construída com outros valores.

Em síntese, no processo de desenvolvimento psicológico, à medida que vão sendo construídos, nossos valores organizam-se em um sistema e se posicionam em nossa identidade como centrais ou periféricos. O que determinaria este posicionamento seria a carga afetiva vinculada a determinado valor ou contravalor construído.

Segundo Araújo (2007, p. 27), o funcionamento psicológico é complexo, portanto:

A construção de nosso sistema de valores e de nossa identidade está calcada em princípios de incerteza e de indeterminação que fazem com que o posicionamento mais central ou periférico dos valores dependa de seus vínculos com conteúdos específicos. Mais importante, tais características fazem com que nosso sistema de valores e nossa identidade não sejam rígidos pois podem variar constantemente em função dos contextos e das experiências. No entanto, quanto maior a carga afetiva envolvida no valor, mais central ele se “posiciona” na identidade do sujeito e menos flexível ou fluido ele é.

Quanto à ideia central da construção de valores de cada ser humano, prosseguem Araújo (2007, p. 28):

[...] o ser humano constrói um sistema de valores, a partir das interações que estabelece com o mundo e consigo mesmo desde o nascimento, e que tais valores são resultado da projeção de sentimentos positivos sobre objetos, pessoas, relações e sobre seus próprios pensamentos e ações. Todos nós possuímos nosso sistema de valores e ele é constituído por valores morais e/ou não morais. É importante, no entanto, diferenciar o valor moral do valor psíquico. Enquanto o segundo tipo é inerente à natureza humana e todos os seres humanos constroem seu próprio sistema de valores a partir das interações no mundo, desde o nascimento, o valor moral depende de uma certa qualidade nas interações, e não é, necessariamente, construído pelas pessoas. Vincula-se à projeção afetiva positiva que o constitui, ligada ou não a conteúdos de natureza moral. Se os valores construídos como centrais na identidade são de natureza ética, estamos falando que existe maior probabilidade de que os pensamentos e os comportamentos dessa pessoa sejam éticos. Pelo contrário, se os valores construídos como centrais na identidade baseiam-se na violência, na discriminação, etc, é provável que seus comportamentos e pensamentos não sejam éticos.

Não obstante, toda essa incursão temática sobre projetos e valores pode ser vista como espectros de possibilidades que a natureza, a cultura e a sociedade oferecem de forma não previsível. É o que dizem Araújo (2007, p. 29), para argumentar que esses “são processos caóticos não possíveis de ser determinados com antecipação”. Contudo, os autores fazem uma

aproximação de teorias da complexidade tomando como referência os trabalhos de Morin, para procurar entender de que maneira se dá a relação do sujeito com o mundo externo e interno, e as infinitas relações que podem ser construídas.

Para Morin (1997b, p. 135), “a complexidade fundamental de um sistema é associar em si a ideia de unidade, por um lado, e a de diversidade ou multiplicidade, do outro, que em princípio se repelem e se excluem”. O autor exemplifica:

À primeira vista a complexidade é um tecido (*complexus*: o que está tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: apresenta o paradoxo do único e do múltiplo. Ao olhar com mais atenção, a complexidade é, efetivamente, o tecido de eventos, ações, interações, retroalimentações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. Assim, a complexidade se apresenta com as características inquietantes do enredo, do intrincado, da desordem, da ambigüidade, da incerteza. (MORIN, 1997b, p. 32)

A partir dos pressupostos do pensamento complexo, buscamos compreender a organização do psiquismo humano na qual o processo de construção psicológica dos valores se ancora.

Para nosso estudo, o modelo conceitual da teoria da complexidade aponta para uma nova perspectiva sobre como pode ser compreendido o processo de construção de valores e a relação entre o pensamento e a ação, que transitam em um universo diferente de explicação, próximo aos princípios de incerteza, indeterminação e acaso. Sendo estes últimos princípios reais, contradizem as ideias determinísticas que dominam as explicações científicas e desafiam a buscar formas mais adequadas para compreender os projetos de vida e seu investimento afetivo, ou seja, o investimento que a eles destinam os jovens.

As breves exposições teóricas aqui apresentadas fazem referência ao fato de que os autores que defendem a abordagem dos projetos e valores destacam as dificuldades que permeiam a construção e a realização de um projeto de vida, por seus aspectos subjetivos e objetivos, ou seja, aspectos internos e externos relacionados aos sentimentos e emoções ou fatores externos impositivos como o meio, a cultura e demais interesses individuais e coletivos.

Neste contexto, a figura do projeto se reporta ao aspecto moral do sujeito, com seus sentimentos, desejos, valores, sonhos, mas também com metas e ações permeadas por tais conceitos.

Sendo assim, apostamos que investigações a respeito dos projetos de vida dos jovens, em sua complexa construção de identidade na interação com o mundo, mostram-se um campo

rico de possibilidades para a compreensão de como a moralidade sustenta os modos de vida destes jovens.

Partindo deste ponto de vista, apresentamos a seguir o referencial teórico da pesquisa, direcionado a uma abordagem, pelo viés da Psicologia, sobre a moralidade humana e suas consequências na elaboração de projetos de vida, buscando aprofundar nossas concepções acerca do tema, principalmente no que tange à moralidade como componente psíquico implicado na elaboração desses projetos pelos jovens participantes deste estudo, envolvidos pelos seus aspectos cotidianos e suas projeções futuras.

3.3 Projetos de vida e moralidade

Sobre os projetos de vida no campo da Psicologia Moral, elegemos uma construção teórica específica proposta por Damon, pesquisador e estudioso da Psicologia Moral, que adentra o universo dos projetos de vida dos jovens e propõe um novo conceito para o que, no idioma inglês, denomina-se *purpose*, que vem sendo empregado no Brasil como “projeto vital”

Araújo (2009, p. 13) destaca que o *Dicionário Michaelis* define *purpose* como “propósito: a) desígnio, intento, intenção; b) sentido, objetivo, finalidade”. Segundo ele, a melhor definição adotada para um trabalho sobre a moralidade é “sentido, objetivo, finalidade”.

Entretanto, Damon (2009, p. 53) define *purpose* como “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é, ao mesmo tempo, significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu”.

Na tentativa de um termo correspondente para o idioma português, Araújo (2009) utiliza a denominação de “projeto vital”. Tal escolha refere-se ao fato de que o termo “projeto” não abarca toda a definição do conceito de *purpose* adotado e apresentado por Damon, e o termo “vital” passa, então, a pressupor a centralidade que este projeto ocupa na vida do sujeito, sendo parte constituinte do *self*, uma preocupação central, um fim em si mesmo, a razão por trás dos objetivos e motivos imediatos da maior parte das metas em curto prazo de um sujeito (DAMON, 2009).

Damon (2009, p. 54) utiliza dois argumentos para a composição de sua teoria:

- 1) projeto vital é uma espécie de objetivo, mas tem longo alcance e é mais estável do que objetivos mais simples e comuns como “divertir-se esta

noite”, “encontrar um lugar para estacionar na cidade”, “comprar um par de sapatos barato, mas que seja bonito” ou “passar na prova de química”;

2) o projeto vital pode ajudar na busca pessoal de um sentido de vida, mas vai além do aspecto pessoal, e, por esta razão, não é um sinônimo exato. O projeto vital comunica-se com o mundo além do eu. Isso implica um desejo de fazer diferença no mundo, talvez de contribuir com algo para os outros, criar algo novo ou realizar algo de sua autoria. O intento almejado pode ser material ou imaterial, externo ou interno, realista ou puramente idealista. Em muitos casos, um projeto vital pode não ser atingível durante o período de vida de alguém – por exemplo, acabar com a pobreza ou criar a paz mundial. Mas uma meta extremamente ambiciosa não é necessariamente ingênua; para muitos, é uma fonte de intensa motivação.

Em relação à juventude, Damon, Menon e Bronk (2003) assinalam que os aspectos positivos dos projetos de vida – comportamentos generosos, comprometimento com a moral, a realização pessoal e a autoestima –constituem oportunidades para a emergência de uma identidade moral.

Nos estudos sobre projetos vitais, Bundick (2010) aprimora as concepções utilizadas por Damon, concluindo que o projeto vital é um objetivo estável e generalizado altamente centrado, que organiza e motiva as ações, decisões e aspirações cotidianas. Alerta para o fato de que o projeto vital é significativo para o *self* no que diz respeito a beneficiar a si mesmo; porém, há objetivos cuja meta é extrapolar o *self*. De acordo com Bundick (2010), a natureza das ações voltadas para o *self*, para cumprir os objetivos pessoais, poderiam estender-se para além do *self*.

Pátaro (2011) contribui ao dizer que o projeto vital é a razão mais profunda para os objetivos e ações imediatas presentes na vida cotidiana e justifica as escolhas do sujeito no tempo presente, conferindo sentido à vida.

Damon (2009) argumenta que, em um projeto de vida maior, objetivos de curto e longo prazo não estão dissociados. Na ausência de um projeto vital, objetivos de curto prazo acabam por extinguir-se, em uma atividade inútil.

Nas pesquisas de Damon e seus seguidores há destaque para o bem-estar, no que se refere a ações de engajamento em um projeto de vida. Em suas formulações, os autores se referem a este posicionamento como forma de levar os jovens à satisfação pessoal, tornando possível se interessarem por outras séries de atividades.

Pinheiro (2013) considera esta visão muito oportuna, na compreensão de que experiências significativas do cotidiano dos jovens criam oportunidades para a elaboração e a reorganização dos projetos vitais, já que nem sempre formulamos de forma racional nossos projetos para depois pensarmos em meios para atingi-los, por intermédio de formas de engajamento.

Klein (2011) completa dizendo que, para muitas pessoas, os projetos vitais podem não ter metas que se constituam em significado para suas vidas. Decorre disso a necessidade de garantir aos jovens cotidianos que estejam impregnados de experiências significativas, para que possam criar sentido para suas vidas.

Sobre isso colabora Pinheiro (2013, p. 112), ao afirmar que, na construção dos projetos vitais:

O engajamento em ações significativas se refere à forma como cada sujeito elege atividades que se mostram envolventes em todos os domínios de sua vida, de acordo com o que é sentido como importante e em consonância com valores e características de sua identidade. O engajamento, dessa forma, designa-se como uma construção singular que pode estar relacionada ao projeto vital, mas não precisa, necessariamente, estar vinculada a ele.

Para Damon (2009), mesmo que os jovens construam seus projetos vitais com base em seus interesses e valores, ainda assim suas descobertas são guiadas mediante outras pessoas, outros valores presentes na cultura na qual estão inseridos, e também por projetos coletivos. Em suas palavras:

O paradoxo é que o projeto vital é tanto um fenômeno profundamente pessoal quanto inevitavelmente social. É construído internamente, ainda que se manifeste na relação com os outros. É fruto de reflexão interna, ainda que também o seja de exploração externa. (DAMON, 2009, p. 173)

As pesquisas realizadas por Damon, Menon e Bronk (2003) evidenciam que o bem-estar assume elevada proporção no engajamento em um projeto vital. Diferentes trabalhos na área de Psicologia revelaram a relação estabelecida entre um projeto e a obtenção de satisfação com ele (DAMON, 2009).

Estudos no campo da Psicologia Positiva⁵ mostraram que ter um projeto vital se destaca como elemento que leva à felicidade. Porém, o que ocorre é que muitos jovens alimentam-se de ambições idealizadas que possuem pouca ou nenhuma relação com suas possibilidades reais (DAMON, 2009).

Ressaltamos que o comprometimento com algo que o sujeito considere envolvente e desafiador leva-o a realizar ações benéficas para o mundo. São ações significativas que podem levar a uma felicidade, segundo Bundick (2010), diferente das ações hedonistas, pois

⁵ Psicologia Positiva é o campo de estudo que investiga os processos psicológicos ligados à felicidade e ao bem-estar, rompendo com a clássica tradição relacionada a doenças e/ou distúrbios psicológicos que orientam o percurso histórico da Psicologia.

se caracteriza pela realização das potencialidades da pessoa, causando grande sensação de completude, denominada de “eudemonia”, com base na filosofia aristotélica.

Damon (2009) argumenta que, ao ser capaz de fazer sua contribuição para o mundo, o jovem demonstra o sentimento de gratidão, elemento comum a todos os jovens participantes de sua pesquisa que demonstraram ter projetos vitais. Nas palavras do autor:

Em suas muitas outras funções psicológicas valiosas, a gratidão é uma janela para o projeto vital, porque ela nos ajuda a identificar as coisas importantes da vida – e a transmitir essa percepção aos que estão à nossa volta. Da gratidão brota não só o reconhecimento de nossas bênçãos pessoais, mas também o desejo de estender tais bênçãos aos outros – o coração e a alma do projeto vital. (DAMON, 2009, p. 155-156)

Em arremate às ideias aqui tecidas, reafirmamos a importância e a contribuição que os projetos de vida oferecem aos jovens, seja de ordem pessoal seja social, na realidade que partilham ou na construção de seus objetivos.

De fato acreditamos que estudar os projetos de vida e sua relação com a felicidade é um caminho profícuo que pode contribuir com as pesquisas no campo da Psicologia Moral, ao propiciar uma análise fecunda para entender a complexidade dos projetos de vida dos jovens em intersecção com sua realidade vivida na contemporaneidade.

4 A TEORIA DOS MODELOS ORGANIZADORES DO PENSAMENTO

Nossas investigações situam-se a partir de uma perspectiva teórico-metodológica de análise do ser humano que comporte sua complexidade como sujeito psicológico. Dessa forma, o objetivo deste capítulo é apresentar a teoria que servirá como elemento de referência para a compreensão da complexidade e da diversidade existentes na construção dos projetos de vida dos jovens, bem como os valores e sentimentos, com foco no sentimento de felicidade. Vale ressaltar que a escolha de tal teoria foi orientada pelo fato de acreditarmos que ela seja capaz de abarcar o funcionamento psíquico dos jovens envolvidos neste processo.

Esta teoria foi formulada pelas autoras Montserrat Moreno, Genoveva Sastre Vilarrasa, Aurora Leal e Magali Bovet (MORENO et al., 1999a) e se constitui em uma contribuição teórico-metodológica que, a partir de seus fundamentos e implicações, incorpora a análise de um sujeito complexo, dotado de pensamentos, crenças, sentimentos e desejos em constante interação com seu meio. Por este viés, nos auxiliará à compreensão dos processos funcionais subjacentes à organização do pensamento do ser humano frente às situações que se lhe apresentam.

Para empreendermos o arcabouço conceitual e metodológico atinente a esta teoria, iniciaremos pela vertente conceitual, para depois nos propormos à sua caracterização e contribuição metodológica.

Sobre a primeira vertente, dos aspectos conceituais, Arantes (2000a) colabora com seus estudos centrados nesta perspectiva teórica e orienta a nos aproximarmos de uma explicação convincente para as ações humanas, buscando uma investigação crítica sobre o papel da afetividade no funcionamento psíquico. Para esta finalidade, nos últimos anos esta autora realizou uma série de estudos como forma de consolidar uma linha de investigação sobre novas perspectivas da psicologia moral, e as relações entre os aspectos afetivos e cognitivos do ser humano, integrando as relações interpessoais e intrapessoais (ARANTES, 2000a, 2000b, 2003, 2008; ARANTES; SASTRE, GONZÁLES, 2010; SASTRE; ARANTES; GONZÁLES, 2007).

Ainda neste caminho, atualmente a autora contribui com pesquisas sobre os projetos/*purposes* dos jovens brasileiros, na busca de compreender suas representações e os significados cognitivos e afetivos subjacentes a eles, a partir da proposta teórico-metodológica da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al., 1999a).

Consideramos que, no contexto do presente estudo, a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento é uma ferramenta importante por permitir entrar na lógica de pensamento dos jovens, entendendo a organização de seu raciocínio a partir de processos de seleção e abstração de elementos, atribuição de significados e relações e/ou implicações por eles estabelecidas, diante dos questionamentos que lhes são apresentados.

Concordando com as autoras de tal teoria, reafirmamos, para o nosso trabalho, que o intuito será analisar as representações mentais elaboradas pelos jovens participantes da presente investigação, a respeito da ideia de felicidade, como forma de atender aos nossos objetivos. Não obstante, consideramos que a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento é uma escolha profícua para compreender os fenômenos que ousamos elucidar, a partir de suas origens, fundamentos e implicações, tendo como viés a temática da felicidade.

Segundo Moreno e outras (1999a), outras teorias que visam a compreender o desenvolvimento, funcionamento e organização da cognição humana mostram-se insuficientes para o estudo de processos complexos elaborados pela estrutura cognitiva; sendo assim, as autoras orientaram-se pelos pressupostos do desenvolvimento cognitivo de Piaget⁶ e da teoria

⁶Teoria piagetiana: consiste nas interações do sujeito com o objeto, de acordo com níveis de desenvolvimento, da menor à maior complexidade. Esta teoria é de natureza epistemológica. A preocupação está em como se dá a construção do conhecimento dos sujeitos.

dos modelos mentais⁷ de Johnson-Laird, que contribuíram para o ponto de partida de sua teoria. A partir das contribuições dessas duas vertentes teóricas, de valiosa importância para os estudos da Psicologia Cognitiva, as autoras buscam a confluência das ideias epistemológicas de Piaget e da teoria dos modelos mentais de Jonhon-Laird, e captam destes pressupostos o aspecto funcional, e não apenas estrutural, do psiquismo humano, na busca de construir representações sobre a realidade. Dessa forma, Moreno e outras (1999a) elaboram uma teoria que contempla as estruturas internas dos sujeitos e os aspectos externos que configuram sua realidade.

Com esta teoria, temos um instrumento intelectual necessário para se avançar no conhecimento, fundamentados na interação do sujeito com o meio, construído com base em aspectos estruturais internos e externos, ou seja, nos conteúdos presentes na realidade dos jovens que servem à compreensão dos fenômenos que buscamos explicar, e que estão sempre submetidos a modificações (MORENO; SASTRE, 2010).

Para as autoras da teoria, os modelos organizadores do pensamento são definidos:

[...] como o conjunto de representações que o sujeito realiza a partir de uma situação determinada, constituído pelos elementos que abstrai e retém como significativo entre todos os possíveis, aqueles que imagina ou infere como necessários, os significados e as implicações que lhes atribui, e as relações que estabelece entre todos eles. Os modelos organizadores do pensamento constituem aquilo que é tido por cada sujeito como a realidade, a partir da qual elabora pautas de conduta, explicações ou teorias. (SASTRE et al., 1994, p. 19)

Como uma teoria de natureza funcional, os modelos organizadores do pensamento sintetizam o resultado das atividades utilizadas pela mente na organização do pensamento, relacionando os aspectos estruturais da cognição aos conteúdos presentes na realidade, atribuindo-lhe significado e estabelecendo relações e/ou implicações com outros elementos e significados, que guiam e/ou direcionam a organização do pensamento.

Nesse sentido, consideramos ser efetiva a contribuição que a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento traz para o desenvolvimento de um modelo metodológico para os estudos sobre o funcionamento psicológico humano. Neste campo de conhecimento, o processo de abstrair, identificar e analisar os modelos organizadores do pensamento como proposta de compreensão do funcionamento mental permite que o raciocínio seja analisado a partir da dinâmica de pensamento das pessoas, presente nos dados da realidade dos jovens.

Em síntese, as considerações acerca das atividades mentais envolvidas na elaboração dos modelos organizadores do pensamento são fundamentadas na interação do sujeito com o

⁷ Teoria dos modelos mentais: pautada no campo da linguagem, tem como proposta que o sujeito constrói modelos mentais de representação da realidade.

meio e são construídas com base em aspectos estruturais internos e externos, em conteúdos presentes na realidade. Esta teoria parte do princípio de que o ser humano constrói modelos da realidade, por meio dos quais é capaz de orientar seu raciocínio e suas ações.

Segundo as palavras das autoras:

Concebemos um modelo organizador como uma particular organização que o sujeito realiza dos elementos que seleciona e elabora a partir de uma determinada situação, dos significados que lhes atribui e das implicações que deles se originam. Tais elementos procedem das percepções, das ações (tanto físicas como mentais) e do conhecimento em geral que o sujeito possui sobre uma certa situação, assim como das inferências que a partir de tudo isso realiza. O conjunto resultante é organizado por um sistema de relações que lhe confere uma coerência interna, a qual produz, no sujeito que o elaborou, a ideia de que mantém também uma coerência externa, ou seja, uma coerência com a situação do mundo real que representa. (MORENO et al., 1999a, p. 78)

Os modelos organizadores do pensamento, a partir de sua conceituação, sintetizam o resultado das atividades utilizadas pela mente na organização do pensamento dos jovens, relacionando os elementos internos (estruturais da cognição) e externos (presentes na realidade). Trata-se, portanto, de um processo psicológico, imbuído de sentimentos e emoções que direcionam a organização do pensamento, pois comportam desejos, sentimentos, afetos, representações sociais e valores de quem os constrói.

Para Moreno e Sastre (2010, p. 60), “nosso sistema de crenças restringe nossa percepção da realidade”, e uma consequência disso é que estas representações são construídas por nossas estruturas psíquicas mediante a interação com os objetos e com o meio, e não fruto da realidade objetiva. Neste sentido, as ideias elaboradas pelos jovens para entender o mundo proporcionam-nos apenas uma visão aproximada, sendo que os modelos organizadores são construções mentais esquemáticas que fazemos com base no que observamos e experimentamos, a fim de que estes fenômenos se tornem compreensíveis para nós a partir do conhecido e observado em relação à situação concreta.

No que diz respeito a nosso estudo dos projetos de vida e sua relação com o significado de felicidade para os jovens, os modelos organizadores do pensamento permitirão identificar a centralidade do conceito de felicidade nos projetos de vida daqueles jovens, a partir das relações que se estabelecem com sua realidade. Na consecução deste objetivo nos organizaremos, para efeito apenas didático, em três fases da teoria, sucintamente descritas a seguir:

1) Abstração e seleção de elementos

Os dados selecionados, seus significados e relações são as representações do sujeito para determinado fenômeno que advém da situação vivenciada por ele (MORENO; SASTRE,

2010). Cada sujeito elege elementos que lhe são particulares, assim, nem todos os elementos presentes na realidade serão abstraídos pelos jovens, mas apenas os considerados relevantes. Por isso, alguns elementos serão rechaçados na construção do modelo organizador. Ademais, um modelo organizador pode ser baseado em elementos que não estão presentes na realidade, e que, portanto, são resultado de inferências ou invenções dos jovens⁸. Diferentes jovens podem construir modelos absolutamente distintos sobre a mesma situação; porém, as variações não são infinitas, devido à coerência com a realidade objetiva.

2) Atribuição de significados aos elementos

O processo de atribuição de significados é responsável pela eleição de um elemento para compor o modelo (MORENO; SASTRE, 2010). Dessa forma, a abstração e atribuição de significados são processos simultâneos. De acordo com as autoras, “O significado é, portanto, fundamental para a própria existência dos dados presentes no modelo e é o que faz com que se atribua uma interpretação ou outra a cada elemento” (MORENO; SASTRE, 2010, p. 75, tradução nossa). Arantes (2013) orienta, ainda, para o fato de que aspectos de outra natureza, tais como sentimentos, emoções, valores e representações sociais, também são mobilizados para os significados. Para Moreno et al. (1999a), os sentimentos são parte primordial dos significados atribuídos aos elementos que compõem o modelo, porque estão presentes em todo ato cognitivo.

3) Organização, relações e implicações entre os elementos e seus significados

Ao compreender que as ideias e as ações dos jovens têm por base sua realidade subjetiva na representação que fazem do mundo, e não na realidade objetiva, os elementos que compõem esta representação são fundamentais para a coerência interna do modelo organizador. Contudo, para Arantes (2013), a organização é empreendida de modo subjetivo, individual, e não necessariamente compartilhada com outros jovens. Salientam Moreno e Sastre (2010) que a organização é um sistema de relações dotado de coerência e que uma relação nunca é observável, e sim produto de inferências que o sujeito realiza e de ligações mentais estabelecidas entre fatos ou objetos, dando sentido e coerência ao modelo organizador em construção. Dessa forma, toda a organização se dá por um sistema de relações que o sujeito estabelece entre os significados que atribui aos elementos abstraídos.

Ao optar pela aplicação dos pressupostos da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, valemo-nos de uma segunda vertente, ou seja, da contribuição que ela traz para o desenvolvimento de um modelo metodológico que se faz inovador e necessário aos estudos

⁸ Salientamos que tanto os elementos que de fato estão presentes na realidade quanto os inferidos ou imaginados possuem o mesmo valor para o sujeito (PINHEIRO, 2013).

do desenvolvimento humano. Isto porque, partindo da ideia de que o sujeito constrói modelos da realidade que lhe permitem conhecer uma parte do mundo que o cerca, a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento procura estudar a forma como ele os constrói, a forma como seleciona e organiza uma série de elementos e significados.

Nesta perspectiva há maior fidedignidade aos dados coletados, uma vez que não se trabalha com categorias pré-determinadas de modelos organizadores e isto permite uma compreensão mais abrangente da complexidade que envolve o modo como o sujeito pensa a realidade. Sendo extraídos das próprias respostas dos jovens, temos maior visibilidade acerca da diversidade dos modelos por eles elaborados, e a partir de suas atividades perceptivas ao interpretar e organizar o conhecimento se dará a seleção e abstração de elementos, atribuição de significados e relações e/ou implicações estabelecidas entre eles. Assim, aspectos socioculturais, valores, sentimentos, princípios e regras mostram-se mais fecundos para abordar o raciocínio humano, pois influem na abstração e significação de elementos da realidade.

Enquanto instrumento de análise, como subsídio teórico-metodológico, esse método nos auxilia a contemplar o dinamismo do psiquismo humano na busca de uma forma de organização entre elementos, significados e suas implicações, orientando-nos a compreender a forma como os jovens elaboram sua representação mental diante de diferentes situações. Essa perspectiva permite, com base nos dados coletados, que o raciocínio dos jovens seja analisado a partir da dinâmica de seu pensamento.

Para além de tais aspectos, essa teoria consegue conjugar estruturas e conteúdos, o que contribui para uma compreensão mais abrangente da complexidade que envolve o modo como as pessoas pensam a realidade. Nessa perspectiva, os aspectos socioculturais, valores, sentimentos, princípios e regras influem na abstração e significação de elementos da realidade. E, ao analisarmos de que forma esses conteúdos da realidade são incorporados e organizados pelos jovens em seus modelos organizadores, temos um caminho fecundo para os estudos sobre a moralidade humana.

Sendo assim, do ponto de vista metodológico esta teoria se constitui em um avanço conceitual e mostra-se profícua, pois nos permite explorar a complexidade inerente à elaboração de modelos sobre o real, contemplar a diversidade de modelos e observar a regularidade entre eles. Proporciona, enfim, uma abertura para verificar a diversidade e a complexidade dos dados coletados em nossas investigações. Sobre esses aspectos, contribui Arantes (2013, p. 33) ao dizer que:

[...] do ponto de vista metodológico, o que nos atrai nessa teoria, e que constitui um grande avanço conceitual, é o fato de não trabalharmos com categorias predeterminadas de modelos organizadores. Eles são extraídos a partir das respostas dos jovens e não por inferências prévias do pesquisador. Isso significa que os modelos organizadores encontrados não se repetem necessariamente em outras situações e com outra amostra.

A partir da complexidade inerente à elaboração de modelos sobre o real e aspectos subjetivos de construção de uma interpretação sobre o contexto, esta teoria rompe com a linearidade e o estruturalismo propostos por diversos trabalhos em Psicologia, compreendendo que, como estudo funcional, visa a contemplar o psiquismo de cada sujeito, que necessariamente é diferente de outros.

Para finalizar, retomamos nossa preocupação sobre a complexidade deste estudo e ressaltamos, em síntese, que a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento não está à procura de inserir o sujeito em uma categoria predeterminada; pelo contrário, propõe que se busque o que emana de suas próprias respostas, o que possibilita observar regularidades – o que tais respostas têm em comum, ou seja, quais as suas similaridades a partir dos modelos de realidades aplicados – bem como não regularidades – o que têm de singular e o que os caracteriza perante a diversidade de pensamentos possíveis em dada realidade.

Neste sentido, o pesquisador que trabalha com essa teoria terá maior entendimento sobre as estratégias utilizadas pela mente humana na elaboração de seus raciocínios. Para nosso estudo, significa a oportunidade de maior clareza na discussão conceitual sobre a dimensão afetiva nos projetos de vida de jovens brasileiros e sua relação com o significado de felicidade para esses jovens.

No capítulo que se segue, apresentaremos nosso plano de investigação.

5 PLANO DE INVESTIGAÇÃO

Com a finalidade de desenvolver pesquisa em âmbito acadêmico, pretendemos investigar, junto a jovens em cinco diferentes regiões do Brasil, a dimensão afetiva nos processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens com foco específico no sentimento de felicidade.

5.1 Objetivos

Objetivo geral:

- Estudar os processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva com foco no sentimento de felicidade.

Objetivos específicos:

- Identificar e analisar os valores subjacentes aos projetos de vida dos jovens participantes;
- Identificar os modelos organizadores do pensamento subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade;
- Analisar as possíveis relações entre os projetos de vida de jovens e o sentimento de felicidade.

5.2 Participantes

As escolas públicas estaduais e os jovens envolvidos neste estudo são provenientes de um projeto de pesquisa em andamento, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenado pela Prof^a Dra. Valéria Arantes.

Participaram ao todo da coleta de dados para esta pesquisa 297 jovens de ambos os sexos, com idades entre 15 e 24 anos, de diferentes escolas públicas de cinco regiões geopolíticas brasileiras.

Ao definir as cidades participantes desta pesquisa, foi adotada a classificação feita em 2007 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), utilizando-se o conceito de metrópole, centro urbano com mais de 1 milhão de habitantes, e o conceito de capitais regionais C, municípios caracterizados por população de até 250 mil habitantes.

Em cada região, esforçamo-nos ao máximo para coletar dados em dois tipos de municípios: metrópoles e capitais regionais, porém com necessidade de adequações. A pesquisa maior, com financiamento pelo CNPq, a que este trabalho em parte se vincula, optou por uma metrópole e uma capital regional C de cada um das cinco regiões brasileiras, de acordo com os contatos efetivados e custos. Sendo assim, este trabalho contempla as mesmas regiões e escolas.

O Quadro 1 mostra as cidades contempladas em cada região brasileira com a finalidade de estudos e pesquisas nos âmbitos científico e acadêmico e utilizadas por esta pesquisa:

Quadro 1 – Municípios participantes da pesquisa, por região

Região	Metrópole	Capital regional C
Norte	Belém (PA)	Macapá (AM)
Nordeste	Fortaleza (CE)	Crato (CE)
Centro-Oeste	Goiânia (GO)	Dourados (MS)
Sudeste	São Paulo (SP)	Sumaré (SP)
Sul	Curitiba (PR)	Ponta Grossa (PR)

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A tabela a seguir traz o número de participantes em cada região.

Tabela 1 – Número de participantes em cada uma das cinco regiões geopolíticas brasileiras

Região	Número de participantes
Norte	24
Nordeste	24
Centro-Oeste	24
Sudeste	24
Sul	24
Total	120

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Os dados quantitativos da Tabela 1 foram extraídos do sistema utilizado para a aplicação do questionário de pesquisa. A tabela contempla a quantidade de participantes em cada região, perfazendo um total de 120 participantes. Não há um critério específico em

relação às quantidades, porém buscamos equilíbrio entre a representação das metrópoles e capitais regionais, por acreditar nos aspectos qualitativos de análise dos dados.

A tabela a seguir ilustra a distribuição dos participantes da pesquisa por idade e gênero.

Tabela 2 – Número de participantes por gênero e idade

Idade dos participantes	Nº de participantes por gênero		Total de participantes por idade
	Masculino	Feminino	
15	15	17	32
16	17	15	32
17	18	21	39
18	8	6	14
19	1	1	2
21	1	-	1
Total	60	60	120

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Na tabela seguinte, apresentamos os participantes por região brasileira e ano de escolaridade no ensino médio.

Tabela 3 – Número de participantes por região brasileira e ano de escolaridade

Região	Ano de escolaridade (ensino médio)			Total
	1º ano	2º ano	3º ano	
Norte	12	12	-	24
Nordeste	3	4	17	24
Centro-Oeste	6	12	6	24
Sudeste	8	14	2	24
Sul	5	7	12	24
Total	34	49	37	120

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Embora os participantes estejam relacionados às cinco regiões brasileiras, não se configura objetivo deste estudo uma análise por região, mas sim um conjunto representativo de jovens de todas as regiões.

A seguir, detalharemos o instrumento utilizado para este estudo sobre os projetos de vida e felicidade dos jovens.

5.3 Instrumento

Para o presente estudo foi aplicado um questionário, cujas perguntas tiveram cunho qualitativo, com jovens, alunos e alunas de cinco diferentes regiões brasileiras, com o objetivo de buscar elementos que ajudassem a identificar e analisar o significado de felicidade para eles, e as possíveis relações com seus projetos de vida. A escolha dos jovens para esta pesquisa, se deu de forma aleatória considerando o convite realizado para participação, não estabelecendo como foco de organização metodológica da investigação o equilíbrio quantitativo entre os gêneros masculino e feminino.

Cabe ressaltar que o instrumento permite considerar a complexidade do tema estudado. Buscamos nas pesquisas de Damon e seus colaboradores (DAMON, 2009; DAMON; MENON; BRONK, 2003; BUNDICK, 2010) subsídios para a elaboração de um questionário que atendesse aos objetivos referentes aos projetos de vida dos jovens e a relação com o significado de felicidade para eles. Assim, construímos um questionário online que permitisse: a) identificar aspectos que permeiam a constituição do *self* dos jovens estudantes; b) investigar aspectos dos projetos de vida destes jovens; c) analisar a relação dos projetos com o sentimento de felicidade.

Relativamente às limitações apresentadas pelo instrumento, é possível apontar a impossibilidade de perceber alguns aspectos não verbais manifestados pelos respondentes, os quais seriam de importância significativa para avaliar o nível de envolvimento e autenticidade manifestada por cada um desses sujeitos. Outro aspecto que também se constitui como limitação do instrumento é a impossibilidade de solicitar esclarecimentos a respeito de determinadas respostas consideradas muito vagas ou fora do contexto.

O questionário elaborado ficou disponível no *software online Survey Monkey*⁹ e os alunos acessaram o *link* por meio da sala de informática das escolas. Foram passadas todas as orientações iniciais, de forma bastante completa, principalmente sobre o termo de consentimento, considerando a necessidade de procedimentos éticos que foram tomados segundo as normas estipuladas pela Resolução nº 196/96 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) para pesquisas com seres humanos; e, de forma específica, por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de modelo específico, que fez parte da documentação *online* da pesquisa.

⁹ Disponível em: <www.surveymonkey.com>.

Os participantes foram convidados a iniciar as respostas sem se preocupar com o certo e o errado; no entanto, foram orientados a detalhar suas respostas da forma mais completa possível. As respostas foram dadas uma a uma, pois o instrumento *online* não permitia o avanço às questões posteriores sem que fosse respondida a anterior. Os participantes levaram entre uma hora e meia e duas horas para completar todo o quadro de respostas.

O quadro de questões formuladas aos participantes foi estruturado a partir do método utilizado nos trabalhos de Damon (2009), que nos auxiliou a construir um instrumento eficiente, no sentido de capturar elementos que comparecem com centralidade para o sujeito, contendo perguntas que abordaram diferentes aspectos da vida diária dos jovens, suas projeções para a vida futura e seus sentimentos gerais, com foco no sentimento de felicidade.

O instrumento *online* contou com adaptações para atender à especificidade desta pesquisa. No que diz respeito ao tema sobre projetos de vida e felicidade, este instrumento faz parte de um estudo mais amplo, financiado pelo CNPq, que contém um total de 45 questões, das quais 32 foram selecionadas para a presente tese.

O questionário como um todo compreende aspectos introdutórios e de caracterização dos participantes; um termo de consentimento para participação da pesquisa; aspectos do “eu”, do mundo, do futuro, dos projetos e da felicidade que envolvem a vida dos participantes.

Das 32 questões, nossos dados estarão centrados em 12 questões específicas, por nós escolhidas por se tratarem de questões que envolvem valores, projetos de vida e o ideal de felicidade para os jovens. Isto não quer dizer que, para que tenhamos o maior sentido possível na organização do pensamento dos jovens, não possamos lançar mão das demais questões. Tal situação será analisada no capítulo específico sobre os modelos organizadores do pensamento.

Das 12 questões eleitas para este estudo, iniciaremos com as que se referem aos elementos mais importantes na vida dos jovens participantes e que, portanto, constituem-se em seus valores no presente. Outras questões corresponderão aos projetos de vida dos jovens e, por fim, questões relacionadas especificamente ao sentimento de felicidade para o jovem e a relação estabelecida com seus prováveis projetos. Todo o percurso de nosso questionário objetiva trazer a manifestação dos jovens sobre seus sentimentos, com foco na felicidade.

Ao longo de todo o processo de coleta dos dados, os jovens participantes foram orientados a detalharem suas respostas, a fim de se obter um material de melhor qualidade para nossas análises. A seguir, o roteiro de questões; as 12 escolhidas aparecem em *itálico* no quadro.

Quadro 2 – Roteiro de questões que compõem o instrumento de pesquisa *online*

Informações gerais do sistema de coleta: respostas completas/incompletas	
Questão 1: Termo de consentimento	
Questão 2: Informações gerais	
Questões 3 a 6: Informações acadêmicas	
Questões 7 e 8: Informações pessoais	
Questões 9 a 32	
Introdução	9. Conte-me um pouco sobre você e a sua vida, destacando como se sente em seu dia a dia;
Self/felicidade	10. Em que contextos da sua vida (família, trabalho, estudo, lazer, saúde, religião etc.) você se sente feliz? Como é essa felicidade? Explique com riqueza de detalhes. 11. <i>Você se considera uma pessoa feliz? Por quê? Explique detalhadamente.</i> 12. <i>Quais são as três coisas mais importantes para você? Enumere por ordem de importância. Do mais importante para o menos importante.</i> 13. <i>Como você se sente com relação a cada uma dessas coisas? Explique com detalhes.</i> 14. <i>Você acha que estas coisas te fazem feliz? Por quê? Explique detalhadamente.</i> 15. <i>Como cada uma dessas coisas se tornou importante para você? Descreva minuciosamente.</i> 16. Quais as dificuldades enfrentadas por você com relação a essas coisas importantes? Escreva com riqueza de detalhes.
Mundo e felicidade	17. O que você gostaria que fosse diferente no mundo e o que faz para concretizar tal mudança? Descreva com pormenores. 18. Como você se sente com relação a essas mudanças? Descreva com pormenores. 19. Você acredita que, se o mundo fosse tal qual você apontou, você seria mais feliz? Por quê? Explique detalhadamente. 20. Você acredita que se o mundo fosse tal qual você apontou, as demais pessoas também seriam mais felizes? Por quê? Explique com detalhes.
Felicidade	21. <i>O que você entende por felicidade? Explique detalhadamente.</i> 22. Recorde uma situação vivida por você no último ano na qual você se sentiu feliz e descreva com detalhes as razões pelas quais você se sentiu assim. 23. <i>De hoje, o que te faz feliz? Explique detalhadamente.</i>
Self, futuro e felicidade	24. <i>Imagine como será sua vida daqui a cinco anos e diga o que será importante para você nessa ocasião.</i> 25. Como você acha que se sentirá daqui a cinco anos e diga o que será importante para você na ocasião. 26. Agora, imagine-se com 40 anos. Como você acha que será a sua vida? O que você acha que estará fazendo? O que acha que será importante para você? 27. Como você acha que se sentirá aos 40 anos? Descreva com detalhes este sentimento. 28. O que você acredita que te fará feliz quando estiver com 40 anos? Por

	quê? Explique com riqueza de detalhes.
Projeto de vida e felicidade	<p>29. <i>O que é para você um projeto de vida? Explique detalhadamente.</i></p> <p>30. <i>Que projeto você tem para a sua vida? Comente detalhadamente.</i></p> <p>31. <i>Caso você tenha um projeto, como se sente com relação a ele? Comente.</i></p> <p>32. <i>Que relações você estabelece entre o seu projeto de vida e felicidade? Explique com detalhes.</i></p>

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

5.4 Análise dos dados

Para a análise dos protocolos obtidos, respondendo aos objetivos enunciados para a pesquisa, pretendemos seguir uma linha de natureza psicológica na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento, ferramenta de análise das respostas dadas pelos jovens com o objetivo de preservar a complexidade da temática analisada, que consistirá em “extrair” os diferentes modelos organizadores elaborados e aplicados pelos jovens ao responderem às questões propostas. Tal processo consiste em buscar, no raciocínio emitido pelos jovens nas questões propostas, os elementos abstraídos e considerados relevantes, os significados que lhes atribuírem e as implicações que estabelecerem entre os elementos e seus significados.

A proposta consiste em analisar, de forma interpessoal, as respostas de todos os jovens selecionados à mesma questão, a fim de não fragmentar e se perderem os elementos centrais, constituintes do conjunto de respostas a cada questão única.

Para garantir o sigilo quanto ao nome dos participantes, adotamos um critério simplificado para identificação dos mesmos, utilizando o mesmo número gerado pelo instrumento *online*, seguido de outras informações, como no exemplo a seguir: “P_01, feminino, 15 anos, Sudeste”, onde “P” é a abreviatura de participante e “01” é o número de identificação do sujeito por seu protocolo de respostas no sistema *online* de pesquisa. Como elementos complementares, utilizamos a identificação de gênero (masculino/feminino), a idade e a região brasileira a que o jovem pertence (Norte/Nordeste/Centro-Oeste/Sudeste/Sul).

6. APRESENTAÇÃO DOS ELEMENTOS CENTRAIS INDICADOS PELOS JOVENS

Realizamos nosso instrumento de pesquisa pelo *site* SurveyMonkey, em *link* específico ao qual tivemos acesso para buscar o conjunto de 32 questões a serem respondidas pelos participantes. Optamos por realizar um tipo de arquivo de dados para nossas análises a partir das respostas individuais de cada participante da pesquisa, a fim de que pudéssemos contemplar os aspectos intrapessoais nas respostas. Dos dados coletados neste instrumento *online*, optamos por protocolos de respostas resultantes de um recorte por nós delimitado, composto por participantes do sexo masculino e feminino, representantes das cinco regiões estudadas.

Elegemos, para este trabalho, 12 questões norteadoras por intermédio das quais teremos uma visão mais ampla sobre o conjunto de valores expressos pelos jovens para suas vidas, seus projetos e, principalmente, os sentimentos subjacentes e a relação com a felicidade.

De posse dos 120 protocolos¹⁰, tivemos a oportunidade de realizar diferentes leituras dos dados, na tentativa de melhor compreendê-los. Iniciamos nosso estudo a partir de uma referência quantitativa sobre os três elementos mais importantes para a vida dos jovens, que nos posicionasse em relação aos dados mais citados pelo conjunto de participantes. Embora saibamos que o teor quantitativo não é o norte de nossas atenções, esta foi uma vertente de análise necessária. Com a mesma proposta, mas de outra perspectiva, levantamos os dados considerados mais significativos nas respostas do conjunto dos jovens participantes em relação a seus projetos de vida.

A investigação teve como objetivo construir categorias de análise que nos permitissem vislumbrar, a partir da elaboração do raciocínio do conjunto de jovens, suas articulações entre os valores e projetos. Nesse processo, encontramos uma diversidade de conteúdos, mas nosso objetivo esteve centrado, para além das similaridades, nas singularidades entre eles, no que tange às categorias sobre as coisas mais importantes na vida dos jovens e seus projetos de vida.

Após este percurso inicial, refinamos nossa análise para constituir um caminho que atendesse especificamente aos objetivos deste estudo.

A seguir, apresentaremos a organização das categorias de análise referentes às questões específicas aqui pontuadas.

¹⁰ Os protocolos coletados pelo instrumento virtual SurveyMonkey somam 360 respostas de participantes; porém, algumas delas foram descartadas por estarem incompletas em seu conjunto de 32 questões. Optamos por considerar um recorte a partir dos dados de protocolos que estivessem completos.

6.1 Apresentação e análise de elementos centrais (valores)

Nessa primeira etapa, observamos quais elementos nos pareceram mais relevantes e se constituem em “valores” para um conjunto de 120 jovens pertencentes a cinco regiões brasileiras, reiterando que nosso objetivo de análise não teve como foco o gênero, e que os elementos centrais foram abstraídos das respostas dos jovens à seguinte pergunta:

– *Quais as três coisas mais importantes para você? Enumere por ordem de importância. Do mais importante para o menos importante.*

Obtivemos, nos 120 protocolos de pesquisa, 72 indicações de elementos para cada uma das cinco regiões brasileiras específicas, totalizando 360 indicações. Este total – observadas suas regularidades de indicação, ou seja, suas repetições por distintos participantes – sintetiza um conjunto com 43 elementos representativos de 100% de nossa amostra para a questão acima. Tais elementos foram agrupados considerando-se suas maiores repetições. Dentre eles, a maioria que se repete corresponde a 94% das indicações dos jovens, demonstrando sua relevância. Para os demais 6% não há repetição. Estes últimos parece-nos referirem-se a uma diversidade de elementos que foram indicados de forma muito peculiar.

Optamos por uma delimitação de nossa amostra, considerando, com finalidade de análise, um recorte com os itens que se repetem o maior número de vezes para o mesmo elemento. Sendo assim, obtivemos uma configuração de oito elementos considerados prioritários, como demonstrado pela Tabela 4, e que correspondem a 84% de todos os apontamentos. Os demais elementos foram agrupados em um conjunto único denominado de “Outros”¹¹.

Observemos as tabelas em questão:

Tabela 4 – Elementos e suas quantidades citados pelos participantes

Elementos	n =360	%
Família	118	85
Deus	51	
Amigos	50	
Estudo	39	
Saúde	24	
Dinheiro	10	
Futuro	9	
Trabalho	5	
Outros	54	15
Total	360	100

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

¹¹ “Outros” contempla todos os elementos indicados que estão além dos 85% selecionados.

Foram considerados centrais oito elementos, os quais representam 85% das indicações totais. O item 9 compila os demais elementos, cujo número de repetições não se apresentou relevante.

Observemos na tabela a seguir o detalhamento do conjunto Outros:

Tabela 5 – Elementos e quantidades do conjunto Outros

Elementos	Quantidade
Amor/Namoro/Carinho	5
Lazer/ Festa/ Balada	4
Eu	4
Computador/Console	4
Esporte/Futebol/Jiu -Jitsu	3
Conquistar Objetivo	2
Mulher	2
Vida	2
Carreira/Profissão	2
Felicidade	2
Jogar	1
Equidade	1
Autoconhecimento	1
Autocontrole	1
Sorrir	1
Ler	1
Sociedade	1
Comida	1
Liberdade	1
Ajudar Alguém	1
Consciência	1
Compreensão	1
Humildade	1
Bem-Estar	1
Compaixão	1
Paz	1
Foco	1
Orgulho	1
Paciência	1
Respeito	1
Equilíbrio	1
Perseverança	1
Dedicação	1
Confiança	1
Total	54

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Na Tabela 5, em sua primeira e segunda partes temos nomeados e quantificados os 34 diferentes elementos que não fizeram parte do recorte prioritário adotado por razões já apontadas anteriormente. Temos para o conjunto Outros um total de 54 indicações.

A partir desta tabela pudemos observar uma diversidade de itens, alguns bem peculiares. Há apontamentos de elementos do cotidiano dos jovens que indicam aspectos da modernidade a que se submetem, quando apontam o uso de tecnologias como “computador, console, videogame”; ou outros, relacionados à dimensão afetiva, como é o caso de “felicidade, sorrir, bem-estar”. Ainda como parte deste último, em análise inicial, alguns elementos citados nos parecem referirem-se a um contexto de valores humanos, nos quais temos como menções dos participantes os elementos “humildade, equidade, compaixão, orgulho, respeito, confiança”. Uma análise refinada com o apoio da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento dará maior aprofundamento para considerações pontuais sobre este aspecto.

Diante do exposto, as tabelas ficam assim reorganizadas:

Tabela 6 – Recorte de elementos considerados centrais

Elementos indicados	Quantidade	%
Família	306	85
Deus		
Amigos		
Estudo		
Saúde		
Dinheiro		
Futuro		
Trabalho		

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A tabela acima representa a organização de aproximadamente 85% de nossa amostra (360 elementos), configurada por oito elementos considerados prioritários de acordo com o número de indicações dos jovens para cada um dos itens, resultando em 306 indicações.

A próxima tabela mostra a organização realizada para configurar os elementos restantes (54 elementos) não considerados no recorte prioritário.

Tabela 7 – Conjunto Outros

Ordem	Elementos indicados	Quantidade	%
1	Outros	54	15%

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Esta tabela representa a síntese para o conjunto denominado “Outros” com o respectivo percentual. É constituído de 34 elementos distintos de acordo com o número de indicações dos jovens para cada um de seus itens, resultando em 54 indicações totais. Como exemplo, alguns destes elementos: Amor/Namoro/Carinho, indicados por cinco jovens; Lazer/Festa/Balada e Computador/Console/*Videogame*, com quatro indicações cada; Mulher com duas indicações e Sorrir, com apenas uma indicação.

Para continuidade dessa etapa de análise sobre a primeira questão, organizamos gráficos como meio alternativo para comparação visual entre os grupos de elementos.

Gráfico 1 – Elementos centrais e quantidades

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Observamos, pelo Gráfico 1, que o maior destaque está no elemento Família, com aproximadamente 33% de indicações. Parece-nos que os participantes que representam as cinco regiões brasileiras consideram este o elemento de maior relevância.

Os elementos Deus e Amigos apresentam percentuais equilibrados ao perfazerem aproximadamente 14% cada, não havendo disparidade quantitativa entre eles.

Considerando o que foi solicitado pela questão proposta, sobre a indicação das três coisas mais importantes para os participantes deste estudo, ocorre-nos que Família/Deus/Amigos, a partir dos resultados quantitativos expostos, foram eleitos como os três itens centrais para os jovens participantes, que representam as cinco regiões brasileiras.

Para os demais elementos da amostra, também representados quantitativamente, temos Estudo, com aproximadamente 11% das indicações; Saúde, representando em torno de 6,5%; Dinheiro, Futuro e Trabalho, apontam para um menor percentual, de aproximadamente 3%, 2,5% e 1,5%, respectivamente.

Os elementos agrupados no item Outros representam 34 diferentes itens, correspondendo a aproximadamente 15% das citações, que, somadas aos 85% analisados nos demais itens, totalizam 100% dos elementos coletados em nossos protocolos de pesquisa.

Vejamos, também, a representação gráfica do item Outros:

Gráfico 2 – Elementos e quantidades do conjunto Outros

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Como se pode observar, o gráfico foi organizado em ordem decrescente, contemplando do maior ao menor número de vezes em que o elemento foi citado pelos participantes. Alguns destes elementos foram agrupados por semelhança de significado, como é o caso de amor/namoro/carinho; lazer/festa/balada; computador/console/*videogame*, entre outros.

Para nos aprofundarmos na análise dos dados que compõem a amostra para a primeira questão, optamos por demonstrá-los em novas tabelas e gráficos que contemplam a distribuição quantitativa de cada elemento em cada uma das cinco regiões brasileiras que compuseram este estudo. Em primeiro lugar, apresentaremos a distribuição dos oito elementos do recorte prioritário da amostra; a seguir, adentraremos aos elementos que compõem o conjunto denominado “Outros”.

Vejamos, pela tabela abaixo, como os participantes concentram suas indicações em cada região:

Tabela 8 – Distribuição quantitativa, por região brasileira, do conjunto de elementos representando o recorte prioritário da amostra (85%) para a Questão 1

Elementos	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total*
Família	27	25				
Deus	14	8	23	23	20	118
Amigos		11	15	5	9	51
Estudo	12		4	14	9	50
Saúde		8	9	9	4	39
Dinheiro	9		7	3	6	24
Futuro	3	5	4	3	2	10
Trabalho		1	1	2	3	9
	-	2	2	-	-	5
	1	2				
	1	2				
Total**	67	59	65	59	53	306

* $n = 360$ – Total de elementos citados pelos participantes das cinco regiões.

** $n = 72$ – Total de participantes de cada região.

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Esta tabela propicia uma visão pormenorizada dos apontamentos realizados. O destaque vai para o primeiro elemento, que concentra aproximadamente 40% das indicações totais, sendo citado por jovens de todas as regiões brasileiras.

É importante considerar que os totais apontados em cada região especificademonstram a força dos oito elementos e assim, parecem bastante representativos das cinco regiões brasileiras.

Orientemo-nos visualmente pelo gráfico:

Gráfico 3 – Percentual de indicações dos elementos mais importantes por região brasileira

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

As informações condensadas no Gráfico 3 confirmam nossa afirmação anterior de que a maioria dos participantes de cada região brasileira¹² concentram suas indicações nos oito elementos priorizados neste estudo, com um percentual de aproximadamente 74% a 93% das indicações totais.

Os demais elementos restantes de todas as regiões encontram-se diluídos em elementos gerais, não tão proeminentes de repetições, que integram o conjunto Outros, por nós destacado na Tabela 5.

Consideradas as semelhanças ou diferenças de quantidade indicadas nas cinco regiões brasileiras, necessitamos de uma análise refinada de cada um dos oito elementos considerados centrais aos participantes deste estudo e orientar-nos-emos por gráficos representativos de cada elemento para organização e comparativo percentual entre as regiões. Ilustraremos cada um dos oito elementos com o apontamento de um exemplo ou excerto de exemplo por região.

Gráfico 4 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Família

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

O elemento Família, o mais citado em todas as regiões, apresenta uma aproximação percentual entre elas. O elemento se constitui em importante item para os jovens participantes em todas as regiões, com discreto destaque percentual para a Região Norte.

Vejamos um exemplo¹³, por região, do elemento Família:

- Norte: “[...] *minha família me ensina a cada vez mais a ter confiança neles e aprender a confiar em mim e vencer desafios eles são importantes para mim*” (P. 131, feminino, 15 anos, Norte).

¹² Participantes por região = 72

¹³ Os exemplos utilizados sofreram correções gramaticais “leves” com o objetivo de não comprometer seu sentido para o leitor e não alterar o significado proposto pelo participante da pesquisa

- Nordeste: *“Bem eu aprendi a valorizar cada uma dessas coisas quando cheguei perto de perdê-las, por exemplo, eu só entendi o real valor da minha família quando meus pais quase se separam”* (P. 40, masculino, 17 anos, Nordeste).
- Sudeste: *“Minha família se tornou importante desde o momento que nasci, pois tudo que eu vivi foi com eles e eles sempre estiveram lá me dando amor e me mostrando como é amar”* (P. 278, feminino, 16 anos, Sudeste).
- Centro-Oeste: *“A minha família é importante pra mim desde sempre, pois desde pequena eu tenho o amor dos meus pais e isso pra mim já basta”* (P. 07, feminino, 16 anos, Centro-Oeste).
- Sul: *“Eu amo meu pai e minha mãe, se não fosse por eles, hoje eu não seria nada, não teria jogado vôlei, não teria conhecido vários lugares do Brasil, não seria reconhecido dentro do meu esporte, eles são minha maior inspiração... Um dia vou retribuir tudo que já fizeram por mim”* (P. 178, masculino, 17 anos, Sul).

As considerações para este elemento, a partir destes exemplos e outros de nossos protocolos, estão pontuadas pelas relações na família em que se valorizam a convivência, o sentimento de amor e de confiança, bem como o desejo de retribuição aos familiares.

O segundo elemento que obteve destaque nas indicações dos jovens foi o elemento Deus. Observemos o gráfico com informações comparativas para referências sobre este elemento.

Gráfico 5 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Deus

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Este parece-nos um item significativo nas cinco regiões do estudo, porém, maior para as Regiões Norte e Centro-Oeste, que juntas perfazem aproximadamente 58% das indicações totais, demonstrando a relevância do elemento nas duas regiões.

Vejamos um exemplo, por região, do elemento Deus:

- Norte: *“Aprendi a entregar tudo a Deus e confiar nele, ele é importante para mim”* (P. 131, feminino, 15 anos, Norte).
- Nordeste: *“Deus é tudo, é a verdade e a vida”* (P. 32, masculino, 16 anos, Nordeste).
- Sudeste: *“Deus, não vivo sem quem comanda é ele”* (P. 244, masculino, 15 anos, Sudeste).
- Centro-Oeste: *“A religião desde quando comecei a frequentar a igreja e perceber que nós somos muito mais felizes quando estamos perto de Deus, rezando e acreditando nos seus ensinamentos”* (P. 07, feminino, 16 anos, Centro-Oeste).
- Sul: *“[...] pois acima de tudo Deus que é o criador de tudo”* (P. 175, feminino, 18 anos, Sul).

A partir destes exemplos pudemos observar que há uma tendência deste grupo de participantes em valorizar elementos religiosos, no caso, sob o comando de Deus e seus ensinamentos.

O terceiro elemento, Amigos, também foi por nós considerado como um dos elementos centrais da análise, com 50 indicações e proximidade quantitativa ao elemento Deus, com 51 indicações.

Vejamos o Gráfico 6, a seguir, com informações mais detalhadas.

Gráfico 6 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Amigos

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

As Regiões Sudeste e Norte centram suas indicações para o elemento Amigos com 28% e 24%, o que corresponde a mais da metade das quantidades totais apontadas neste item.

Vejamos um exemplo, por região, do elemento Amigos:

- Norte: “[...] meus amigos aprendi a olhar mais para os outros e ajudar mesmo aqueles a quem não os conheço e são importantes para mim” (P. 131, feminino, 15 anos, Norte).
- Nordeste: “Sofri um pouco no ensino fundamental com essa coisa de amizade. Aprendi que nem todo mundo que dizia ser meu amigo realmente o era. Tornou-se importante para mim pertencer a um grupo com o qual me identificasse e que não tivesse uma ‘hierarquia’” (P. 40, feminino, 17 anos, Nordeste).
- Sudeste: “Amigos desde que me vi sem eles, pois acredito que não valorizava o suficiente” (P. 262, feminino, 16 anos, Sudeste).
- Centro-Oeste: “[...] meus amigos são importantes para me manter sempre alegre e sorridente, pois são com eles que eu convivo na escola” (P. 102, masculino, 19 anos, Centro-Oeste).
- Sul: “Amizade porque não conseguimos viver sozinhos” (P. 172, masculino, 17 anos, Sul).

Com base em tais respostas, percebemos que o elemento Amigos está pontuado a partir da constituição de um círculo de amizades em que, segundo os jovens, se deva valorizar o outro, bem como o convívio com ele, denotando sua importância para as relações interpessoais.

O quarto elemento, Estudo, foi indicado por 39 participantes e pode ser mais bem detalhado a partir do gráfico a seguir:

Gráfico 7 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Estudo

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Este elemento é apontado com proximidade percentual em quatro regiões e na Região Sul apresenta-se bem abaixo das médias percentuais das demais.

Vejamos um exemplo, por região, do elemento Estudo:

- Norte: *“Meus estudos são tudo, pois é o que eu gosto de fazer e quero ser alguém na vida, pois sem estudos hoje em dia, as pessoas não são nada, umas não chegam a ganhar nem um salário mínimo”* (P. 201, feminino, 17 anos, Norte).
- Nordeste: *“[...] eu gosto de estudar e acho que o estudo vai ser importante na minha vida lá na frente”* (P. 36, feminino, 17 anos, Nordeste).
- Sudeste: *“[...] os estudos vão me ajudar no futuro com empregos melhores”* (P. 242, feminino, 15 anos, Sudeste).
- Centro-Oeste: *“[...] os estudos são importantes para minha formação acadêmica principalmente e na minha preparação para o futuro, pois através dele que tenho adquirido conhecimento”* (P. 102, 19 anos, masculino, Centro-Oeste).
- Sul: *“Vivendo e percebendo que são coisas da vida”* (P. 148, feminino, 17 anos, Sul).

Para o elemento em destaque, a maioria das respostas nestes exemplos denota a importância do estudo como meio para chegar a ser alguém na vida, ou seja, o estudo tem sua importância para o futuro e também para se conquistarem melhores oportunidades de emprego. Alguns jovens o concebem como uma consequência natural do curso da vida; para outros, significa a via acadêmica a ser seguida, como oportunidade de conhecimento e forma de preparação para o futuro.

O quinto elemento, Saúde, com 24 indicações, pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 8 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Saúde

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Para o elemento Saúde, encontramos acentuada disparidade entre os percentuais das regiões. Três delas apresentam percentual de indicações significativo, enquanto em outras duas temos uma distância percentual, a menor, bastante expressiva.

Vejamos um exemplo, por região, do elemento Saúde:

- Norte: *“Porque aos poucos fui percebendo seu devido valor”* (P. 124, feminino, 15 anos, Norte).
- Nordeste: *“[...] eu não sei viver sem saúde”* (P. 36, feminino, 17 anos, Nordeste).
- Sudeste: *“Minha saúde se tornou importante para mim desde que meu tio morreu e eu comecei a prestar mais atenção nisso”* (P. 278, feminino, 16 anos, Sudeste).
- Centro-Oeste: *“[...] saúde que outra coisa mais importante ainda. Nada melhor do que ter uma boa saúde e ter forças para conquistar os sonhos”* (P. 94, feminino, 17 anos, Centro-Oeste).
- Sul: *“[...] a saúde de todos é algo fundamental para que eu me sinta bem”* (P. 178, masculino, 17 anos, Sul).

O elemento Saúde, a partir destes exemplos, está constituído por um significado de atenção ao bem-estar físico dos jovens. As respostas giram em torno do aspecto da boa saúde enquanto condição para o bem-estar. Argumenta-se que, ao se ter boa saúde, consequentemente se terá força para a conquista dos sonhos.

Os três elementos seguintes, Dinheiro, Futuro e Trabalho, comparecem com os menores números de indicações. Vejamos:

Gráfico 9 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Dinheiro

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Em relação ao sexto elemento, Dinheiro, o item foi composto por dez indicações distribuídas por quatro regiões, pois uma, a Região Norte, não indica este elemento entre os

participantes pesquisados. Para o Centro-Oeste, temos 40% das indicações, seguido de 30% para o Sudeste. As duas regiões juntas contemplam a maioria das indicações. O restante se distribui em 20% para o Sul e 10% para o Nordeste.

Vejamos um exemplo, por região, do elemento Dinheiro:

- Norte: este elemento não é citado nessa região.
- Nordeste: *“Com o passar dos anos ao ter uma melhor percepção da vida, conclui que sem..., e o dinheiro não poderia viver bem”* (P. 213, masculino, 16 anos, Nordeste).
- Sudeste: *“O dinheiro sempre me proporcionou conforto”* (P. 269, masculino, 16 anos, Sudeste).
- Centro-Oeste: *“[...] com o passar do tempo descobri que essas coisas eram fundamentais para viver”* (P. 04, masculino, 18 anos, Centro-Oeste).
- Sul: *“Para termos uma qualidade de vida boa, tecnicamente precisamos de dinheiro para as necessidades básicas como: alimentação, água, luz, internet, roupas”* (P. 149, feminino, 15 anos, Sul).

As indicações conferem a pouca relevância externada pelos jovens ao item dinheiro; porém, as respostas acima estão relacionadas ao viver bem e com conforto. O dinheiro é percebido, para alguns jovens, como fundamental para se viver e proporcionar qualidade de vida, pelo menos para as necessidades consideradas básicas.

Para o sétimo elemento, Futuro, observarmos que quantitativamente seus apontamentos parecem ter pouca relevância nas indicações dos jovens. Visualizemos o gráfico a seguir:

Gráfico 10 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Futuro

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Ao considerarmos que, de um total de 360 indicações de elementos para 120 jovens, apenas nove indicações foram dadas, parece haver ainda pouca preocupação dos jovens com aspectos relacionados a seu futuro.

Vejamos um exemplo, por região, do elemento Futuro:

- Norte: *“Se tornaram importantes a partir da convivência, tanto na vida particular quanto com relação às outras pessoas do convívio na escola e em outros lugares. Essas coisas são muito importantes na minha vida”* (P. 205, feminino, 18 anos, Norte).
- Nordeste: *“Porque desde pequeno que meus pais me ensinaram família em primeiro lugar, os outros dois eu que escolhe pra fazer parte da minha vida, pois estudo vai me ajudar muito no meu futuro”* (P. 39, masculino, 17 anos, Nordeste).
- Sudeste: *“O meu futuro sempre foi algo importante, talvez porque todos querem saber ‘o que você quer ser quando crescer?’ Isso me fez planejar o meu futuro desde muito cedo e realizar aquilo que eu planejei se tornou fundamental”* (P. 252, feminino, 16 anos, Sudeste).
- Centro-Oeste: *“[...] meus pais me falaram que quando eram crianças não podiam estudar, tinham que trabalhar, eles me ensinaram que para ser alguém na vida tem que estudar senão não vai a lugar nenhum”* (P. 79, feminino, 16 anos, Centro-Oeste).
- Sul: *“[...] com o passar do tempo vai ficando importante”* (P. 141, masculino, 16 anos, Sul).

Observamos o pouco destaque dado ao elemento pelos jovens, embora apareça em todas as regiões. Contudo, no conteúdo das respostas destes exemplos notamos que a maioria põe o foco no significado de futuro relacionado a outros elementos, em um contexto mais geral, como família e estudos. O item Futuro está alicerçado nas orientações familiares e vinculado ao ato de estudar. A consideração de que o futuro seja algo importante foi mais bem detalhada de significados pelo participante do Sudeste, ao desenvolver a ideia de que o futuro envolve planejamento e a realização deste.

O oitavo elemento, Trabalho, apareceu em respostas de apenas três regiões, com cinco indicações totais para o item. Este elemento, dentre os oito itens selecionados para análise, é o que aparece com uma das menores quantidades indicadas.

Gráfico 11 – Comparativo de percentuais entre as cinco regiões para o elemento Trabalho

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Vejamos um exemplo, por região, do elemento Trabalho:

- Norte: *“É isso que eu quero, acho que é o que algumas pessoas querem então isso que será”* (P. 203, masculino, 18 anos, Norte).
- Nordeste: *“[...] porque vou ter minha casa e minha família”* (P. 33, masculino, 16 anos, Nordeste).
- Sudeste: este elemento não é citado nessa região.
- Centro-Oeste: *“[...] no meu viver no crescer e na minha formação”* (P. 78, masculino, 21 anos, Centro-Oeste).
- Sul: este elemento não é citado nessa região.

O elemento Trabalho, com poucas indicações e de acordo com as respostas dos jovens nas três regiões em que foi citado, parece-nos representar um desejo ou um querer dos jovens para suas vidas futuras.

Como já anunciado, passaremos agora a apresentar a distribuição dos 34 elementos que compõem o conjunto denominado Outros nas cinco regiões brasileiras.

A Tabela 9, a seguir, permite uma visão dos apontamentos agrupados no item Outros da Questão 1. Também destacamos as quantidades de citações de cada um dos elementos nas cinco regiões brasileiras, que remontam a 15% da amostra, ao totalizarem 54 indicações.

Tabela 9 – Distribuição quantitativa, por região, do conjunto de elementos Outros

Elementos	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Amor/Namoro/Carinho	-	1	1	2	1	5
Lazer/Festa/Balada	1	1	-	-	2	4
Eu	1	-	1	2	-	4
Computador/Console/Videogame	-	-	-	-	4	4
Esporte/Futebol/ Jiu-Jitsu	1	-	-	-	2	3
Conquistar objetivo	-	1	-	-	1	2
Mulher	-	-	2	-	-	2
Vida	-	1	-	-	1	2
Carreira/Profissão	1	-	1	-	-	2
Felicidade	-	-	-	-	2	2
Jogar	-	-	-	1	-	1
Equidade	-	-	-	1	-	1
Autocontrole	-	1	-	-	-	1
Autoconhecimento	-	-	-	1	-	1
Sorrir	-	-	-	1	-	1
Ler	-	-	-	1	-	1
Sociedade	-	1	-	-	-	1
Comida	-	-	-	-	1	1
Liberdade	-	-	-	1	-	1
Ajudar alguém	-	-	-	1	-	1
Consciência	-	-	-	1	-	1
Compreensão	-	-	1	-	-	1
Humildade	1	-	-	-	-	1
Bem-estar	-	-	-	-	1	1
Compaixão	-	-	1	-	-	1
Paz	-	1	-	-	-	1
Foco	-	1	-	-	-	1
Orgulho	-	-	-	-	1	1
Paciência	-	1	-	-	-	1
Respeito	-	-	-	-	1	1
Equilíbrio	-	1	-	-	-	1
Perseverança	-	-	-	-	1	1
Dedicação	-	-	-	-	1	1
Confiança	-	-	-	1	-	1
Total*	5	10	7	13	19	54**

* Total de indicações do conjunto de elementos por região.

** Total de indicações do conjunto de elementos por região.

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A imagem a seguir aponta o resultado percentual em cada uma das cinco regiões brasileiras para o conjunto Outros.

Gráfico 12 – Quantitativo e percentual por região brasileira referente ao conjunto Outros

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Para a análise destes dados, é válido lembrar que os percentuais quantitativos foram calculados com base em 360 elementos indicados pelo total de participantes.

Para ilustrar este conjunto, apresentaremos apenas um exemplo ou excerto que tenha sido indicado na maioria das regiões estudadas, devido ao número elevado de diferentes itens.

Vejamos o exemplo Amor/Namoro/Carinho nas respostas em que os jovens apontam suas justificativas para a escolha do item, único conjunto de elementos que apresenta indicações em quatro das cinco regiões, como segue:

- Norte: estes elementos não são citados nessa região.
- Nordeste: *“Foram se tornando mais importantes de acordo com o passar do tempo”* (P. 220, feminino, 16 anos, Nordeste).
- Sudeste: *“[...] amor, pois é algo necessário”* (P. 264, feminino, 15 anos, feminino, Sudeste).
- Centro-Oeste: *“[...] com uma percepção mais detalhada das emoções e sentimentos meus e das pessoas que observo,... de demonstrações de afeto, de forma clara e objetiva, de que alguém faça o outro sentir-se especial, o que afinal, todos gostam de se sentir realmente”* (P. 30, feminino, 15 anos, Centro-Oeste).
- Sul: *“Não sei”* (P. 140, feminino, 15 anos, Sul).

Os elementos Amor/Namoro/Carinho foram agrupados para este estudo como tendo a mesma significação e demonstram, nestes exemplos, sua importância pelo passar do tempo e por fazerem com que as pessoas sintam-se especiais.

Em suma, a análise da Questão 1, na qual selecionamos oito elementos considerados mais importantes para os jovens representantes de cinco regiões brasileiras a partir do recorte da amostra por nós proposto, mais o conjunto de elementos denominado “Outros”, proporcionou uma observação quantitativa e percentual minuciosa dos elementos destacados pelos jovens. Observamos cada elemento e sua regularidade de indicações, compondo tabelas e gráficos auxiliares, bem como exemplos elucidativos de cada região.

Na etapa seguinte, avançaremos em nossas análises sobre os elementos centrais – valores destacados no presente estudo.

6.2 Apresentação e análise de categorias sobre valores – Categorias 1 e 2

Considerando os elementos abstraídos e selecionados até o presente momento sobre as três coisas mais importantes para os jovens de nosso estudo, considerados como valores para eles, daremos continuidade à análise envolvendo uma nova questão de pesquisa.

– Como cada uma dessas coisas se tornou importante para você? Descreva minuciosamente.

Ao analisar a questão, é importante destacar que buscamos evidenciar qual a organização do raciocínio do conjunto de jovens, bem como ressaltar as diferenças existentes no funcionamento psíquico que levam a uma multiplicidade de organizações, ao tecerem suas justificativas em relação aos três elementos considerados mais importantes (valores).

Partindo do exposto, notamos que os participantes se orientam por duas formas distintas de organização para suas respostas: 1) por integração de três elementos considerados mais importantes em uma única justificativa e 2) por justificativas distintas a cada elemento selecionado. Desta forma, identificamos duas categorias de análise que emergiram dos dados coletados.

6.2.1 Categoria 1: Elementos Centrais Agrupados e Categoria 2: Elementos Centrais Não Agrupados

Observamos nesta etapa que alguns participantes organizam suas respostas sobre como cada elemento se tornou importante por meio de uma única justificativa, agrupando os três elementos citados. Nomeamos de Categoria 1 esta forma de organização. Os demais jovens, da Categoria 2, justificam elemento por elemento, levando-os a uma organização mais complexa de suas respostas. Vejamos a tabela com o número de participantes em cada categoria e regiões:

Tabela 10 – Categorias, número de participantes por região e percentuais

	Região	Nº de participantes	%
Categoria 1 Elementos centrais agrupados	Norte	16	
	Nordeste	15	
	Centro-Oeste	17	
	Sudeste	11	
	Sul	14	
	Subtotal	73	61
Categoria 2 Elementos centrais não agrupados	Norte	8	
	Nordeste	9	
	Centro-Oeste	8	
	Sudeste	13	
	Sul	10	
	Subtotal	47	39
	Total	120	100

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A partir da tabela acima observamos que, para a Categoria 1, aproximadamente 61% dos participantes organizam suas respostas sobre como cada elemento se tornou importante por meio de uma única justificativa, agrupando os três elementos citados. Os jovens da Categoria 2, aproximadamente 39%, justificam elemento por elemento, o que nos parece uma organização mais complexa de suas respostas.

As categorias de análise aqui identificadas no raciocínio dos jovens não expressam uma uniformidade de posicionamento destes perante suas escolhas, tampouco uma simplificação da complexidade que caracteriza o raciocínio do ser humano. Nossa ênfase recai sobre as categorias a serem consideradas neste estudo como procedimento relevante para a análise de nossos dados. Elas nos possibilitam uma análise mais apurada das regularidades e não regularidades presentes nos raciocínios dos jovens, e nos permitem a visualização de formas de pensamento a partir de perspectivas mais amplas.

A seguir, para melhor compreensão destas categorias, traremos alguns exemplos extraídos de nossos protocolos de respostas.

a) Categoria 1: Elementos Centrais Agrupados

Nesta categoria apresentaremos, a título de exemplo, duas respostas em que os participantes elaboraram uma única explicação para o grupo de três elementos considerados centrais e se constituem como valores aos jovens.

1) Deus/Família/Amigos: *“Por serem coisas que me deixam felizes”* (P. 122, masculino, 16 anos, Norte);

2) Respeito/Dedicação/Perseverança: *“[...] na medida em que eu consigo alcançar um obstáculo que muitas vezes parece impossível, percebo que sou mais forte do que aparento ser”* (P. 173, masculino, 17 anos, Sul).

A partir destes exemplos pudemos perceber que os participantes, ao agruparem os três elementos em uma única explicação, parecem posicioná-los em uma mesma escala de valor, não se detendo nas especificidades de cada elemento.

Com vistas a um melhor detalhamento das categorias identificadas e devido às diferentes integrações de elementos formuladas pelos 120 jovens, que ocasionaram diferentes dinâmicas do pensar, subdividimos as categorias em subcategorias, com o objetivo de preservar a complexidade própria do estudo realizado.

Sendo assim, orientamo-nos de forma a organizar as respostas a partir das subcategorias, que serão expostas nas tabelas a seguir.

Tabela 11 – Elementos das Subcategorias 1

Subcategorias	Elementos	Repetem-se	Não se repetem	Nº de participantes
1 A	Família/Deus/Amigos	13	-	13
1 B	Família/Deus/Saúde	7	-	7
1 C	Família/Amigos/Estudos	6	-	6
1 D	Família/Deus/Estudos	6	-	6
1 E	Família/Saúde/Estudos	2	-	2
1 F	Família/Saúde/Futuro	2	-	2
1 G	Família/Estudos/Trabalho	2	-	2
1 H	Família/Saúde/Amigos	2	-	2
1 I	Família/Deus/Namorado	2	-	2
1 J	Agrupamentos diversos	-	31	31
Total	42		31	73

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A Tabela 11 contém dez subcategorias que demonstram como a maior parte dos participantes de nosso estudo agrupou os elementos para responder como eles se tornaram importantes (valor) para eles. Tivemos em nossas amostras 73 participantes que se apropriaram desta forma de organização e, ao indicarem três elementos, tivemos um total de 219 das 360 indicações totais.

A Subcategoria 1J, devido à extensa quantidade de agrupamentos que a compõe, foi nomeada de “Agrupamentos diversos” e representa 31 diferentes organizações de três elementos, citados uma única vez, ou seja, não se repetem.

Encontramos 42 participantes que indicaram as Subcategorias de 1A a 1I por no mínimo duas vezes, enquanto os demais, 31, concentram-se na Subcategoria 1J, sem repetições.

De forma complementar, e para um detalhamento sobre a quantidade de participantes que mobilizaram suas respostas conforme exposto na Categoria 1 e suas subcategorias, apresentamos abaixo a distribuição dos participantes por região.

Tabela 12 – Distribuição, por região, dos participantes das Subcategorias 1

Categoria 1 - Elementos centrais agrupados						
Regiões	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Nº de participantes
Subcategorias						
1 A	6	3	1	-	3	13
1 B	-	1	4	1	1	7
1 C	1	1	-	4	-	6
1 D	2	-	3	1	-	6
1 E	2	-	-	-	-	2
1 F	1	-	-	-	1	2
1 G	-	1	1	-	-	2
1 H	-	1	-	1	-	2
1 I	-	1	-	1	-	2
1 J	4	7	8	4	8	31
Total	16	15	17	12	13	73

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A tabela acima nos detalha como as regiões concentram suas 219 indicações de elementos em subcategorias pelos 73 participantes da Categoria 1. Observamos que as Regiões Centro-Oeste (23%), Norte (22%) e Nordeste (20,5%) se fazem representar por aproximadamente 66% dos participantes que elegem uma das subcategorias, perfazendo 48 participantes nas três regiões. A seguir, temos as Regiões Sul e Sudeste, com 18% e 16,5%, respectivamente, com um total de 25 participantes que indicam uma destas subcategorias.

Com referência a estes dados, observamos que a Subcategoria 1A, representada pelos elementos Família/Deus/Amigos, é a mais citada de todas, com aproximadamente 18% das indicações, sendo que a Região Norte é a que mais indica este grupo de elementos.

Em sequência, temos as Subcategorias 1B, com os elementos Deus/Família/Estudos com 9,5%, sendo mais citada pela região Centro-Oeste; para a Subcategoria 1C e 1D, Família/Amigos/Estudos e Família/Deus/Estudos, respectivamente, temos 16,5% das

indicações para as duas em conjunto, sendo que a primeira é mais citada pelos participantes da Região Sudeste e a segunda, pelos jovens da Região Centro-Oeste. Para as Subcategorias 1E (Família/Saúde/Estudo), citada somente pela região Norte; 1F (Família/Saúde/Futuro), citada igualmente pelas Regiões Norte e Sul; 1G (Família/Estudos/Trabalho), citada pelo Nordeste e Centro-Oeste; 1H (Família/Saúde/Amigos), citada pelo Nordeste e Sudeste; e 1I (Família/Deus/Namorado), citada pelo Nordeste e Sul, obtivemos um total de dez jovens que, distribuídos nestas cinco subcategorias, representam 13,5% do total de participantes.

A Subcategoria final 1J representa aproximadamente 42,5% das indicações, mas este percentual elevado não significa que seja a subcategoria em destaque, pois nela se encontra todo o conjunto de 31 grupos de elementos diversificados que diferem dos enunciados das Subcategorias 1A a 1I, sem que haja repetições, ou seja, foram citados por uma única vez pelos participantes. As Regiões Sul, Centro-Oeste e Nordeste são as que concentram indicações de elementos nesta última subcategoria, perfazendo 23 indicações.

Desta forma pudemos concluir, sobre a representação para a Categoria 1: Elementos centrais agrupados, que os participantes organizam seus raciocínios para as justificativas dos elementos mais importantes (valores) tendo como relevância o trio de elementos Família/Deus/Amigos, representado pela Subcategoria 1A.

b) Categoria 2: Elementos Centrais Não Agrupados

Diferentemente da categoria anterior, aqui o participante, ao responder sobre como os três elementos centrais se tornaram importantes para si, o faz explicando cada elemento isoladamente. Traremos, a título de exemplo, a resposta de um jovem sobre as três coisas mais importantes – Família/Amigos/Estudo – e, ao justificar sua escolha, explica item a item:

1) Família: *“Minha família se torna importante para mim, porque através dela eu tenho toda a ajuda e auxílio no que preciso”* (P. 102, masculino, 19 anos, Centro-Oeste).

2) Amigos: *“Meus amigos são importantes para me manter sempre alegre e sorridente, pois são com eles que eu convivo na escola”* (P. 102, masculino, 19 anos, Centro-Oeste).

3) Estudo: *“Os estudos são importantes para minha formação acadêmica, principalmente na minha preparação para o futuro, pois é através deles que eu tenho adquirido conhecimento”* (P. 102, masculino, 19 anos, Centro-Oeste).

Esta segunda forma de organização do raciocínio dos participantes para suas justificativas quanto ao que lhes é mais importante, em suas subcategorias, será demonstrada pela tabela a seguir.

Vale ressaltar nossa opção por agrupar alguns termos considerando-os como sinônimos para este trabalho, devido à grande quantidade de itens e suas derivações. Por exemplo, para pai, mãe, irmãos, tios, consideramos como termo representativo “família”; para escola, ensino, conhecimento, o termo é “estudo”. Assim, quando usarmos repetições nos agrupamentos da tríade na Categoria 1, eles significarão que, dentre os três elementos indicados, alguns são sinônimos e foram indicados entre as coisas mais importantes para um mesmo participante.

**Tabela 13 – Elementos das Subcategorias 2
(47 participantes)**

Subcategorias	Elementos	Nº de citações
2 A	Família	53
2 B	Amigos	25
2 C	Deus	16
2 D	Estudo	14
2 E	Dinheiro	5
2 F	Saúde	8
2 G	Futuro	4
2 H	Outros	16
Total		141

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Observamos nesta tabela, em que foram organizadas as subcategorias da Categoria 2, que os elementos justificados item a item perfazem oito subcategorias, nas quais se agrupam em sete delas os elementos que mais se repetem nas regiões, ou seja, os que são citados com maior frequência pelos participantes. Na Subcategoria 2 H temos um grupo de diferentes itens singulares, não provenientes de repetições, sendo citados por uma única vez. A este agrupamento, composto por 16 elementos, denominamos de “Outros”.

De forma similar à Categoria 1, dos elementos centrais agrupados em que os elementos considerados como “valor” para os jovens foram Família/Deus/Amigos, na Categoria 2 encontramos, dentre as três maiores indicações, estes mesmos elementos como centrais. As Subcategorias 2A a 2C com Família, Amigos e Deus, representam aproximadamente 66%, ou seja, 94 indicações. Para as subcategorias 2D a 2G temos 22,5% no conjunto das 31 indicações. O conjunto de elementos representado pela Subcategoria 2H totalizou em torno de 11,5%, com 16 elementos indicados pelos jovens.

Os percentuais nos indicam que, para a Categoria 2: Elementos centrais não agrupados, os participantes de nosso estudo consideram mais relevantes para suas vidas três elementos (valores): Família, Amigos e Deus, o que significa dizer que, embora tenhamos

duas formas de organização do raciocínio dos jovens para suas justificativas quanto aos elementos que lhes são “valor”, os elementos considerados são similares, concentrando-se em três deles, como se pôde observar nos detalhamento realizados.

Diferentemente da Tabela 12, que distribui o número de participantes das Subcategorias 1 nas regiões, a próxima tabela mostra as quantidades de citações de elementos nas Subcategorias 2 distribuídas por região. A diferença de demonstração dos dados em sua distribuição se faz necessária devido à organização destes participantes que indicam elementos isolados e não agrupados, influenciando, assim, em nossas estatísticas. Ao final do conjunto de citações, divididos por três elementos citados por cada participante, teremos o número de participantes para a Categoria 2.

Tabela 14 – Distribuição, por região, dos elementos citados nas Subcategorias 2 (47 participantes)

Categoria 2: Elementos centrais não agrupados						
Regiões	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total de citações
Subcategorias						
2A	9	11	8	14	11	53
2B	4	5	3	8	5	25
2C	5	2	4	2	3	16
2D	3	3	3	4	1	14
2E	-	-	-	3	2	5
2F	-	2	2	1	3	8
2G	-	2	-	1	1	4
2H	3	2	1	6	4	16
Total	24	27	21	39	30	141

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Nesta tabela observamos a distribuição dos elementos que pertencem às Subcategorias 2 nas diferentes regiões. Para as Subcategorias 2A a 2G encontramos repetições de elementos e estes foram agrupados em subcategorias distintas; porém, a Subcategoria 2H foi organizada com um grupo de 16 elementos distintos citados uma única vez em alguma das regiões, representando um percentual de 11,5% do total de citações na Categoria 2. As demais subcategorias perfazem 88,5% dos elementos da Categoria 2. O total de 141 elementos citados por 47 participantes correspondem a 39% do total encontrado em nossa análise. Os percentuais dos elementos das Categorias 1 e 2 somam 100% de nossa amostra para esta etapa de análise de dados.

Ambas as categorias, com suas correspondentes subcategorias, serão objeto de nova análise e detalhamento ao tecermos algumas observações complementares sobre elas em cada

uma das regiões. As informações complementares serão apresentadas na seguinte ordem, por região: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Nossa leitura para as tabelas a seguir centrar-se-á em cada elemento que, analisado de maneira interpessoal, foi quantitativamente mais citado em cada uma das categorias. Ambas as categorias serão apresentadas em uma mesma tabela.

Nosso objetivo, a partir dos dados que serão demonstrados, será identificar a relevância quantitativa dos elementos que representam cada categoria. Pela soma das duas compor-se-á a tríade dos elementos mais relevantes para os 24 jovens de cada região – seus “valores”.

- Região Norte

Tabela 15 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Norte

Elementos centrais agrupados (16 participantes)	Nº citações	Elementos centrais isolados (8 participantes)	Nº citações
Família/Deus/Amigos	18	Família	9
Família/Deus/Estudo	6	Deus	5
Família/Saúde/Estudo	6	Amigos	4
Família/Estudo/Amigos	3	Estudo	3
Família/Futuro/Saúde	3	Eu	1
Família/Família/Estudo	3	Prof. qualificado	1
Família/Família/Amigos	3	Jiu-Jitsu	1
Família/Deus/Humildade	3	-	-
Família/Trabalho/Lazer	3	-	-
Total citações	48	Total citações	24

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A Região Norte apresenta a tríade de elementos centrais (valores) Família/Deus/Amigos, representada por um conjunto percentual de 50%. O restante dos itens perfaz os outros 50%.

- Região Nordeste

Para a Região Nordeste, encontramos um grupo de quatro elementos, representado por Família/Deus/Amigos/Estudo, com um percentual 61% das indicações; contudo, para compor a tríade, os mais citados entre as duas categorias foram Família/Deus/Amigos, pois o

elemento Estudo foi o que obteve, dentre os quatro elementos, a menor indicação. O restante das indicações equivale a 39%.

Tabela 16 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Nordeste

Elementos centrais agrupados (15 participantes)	Nº citações	Elementos centrais isolados (9 participantes)	Nº citações
Família/Deus/Amigos	9	Família	11
Família/Estudo/Amigos	3	Amigos	5
Família/Saúde/Deus	3	Deus	2
Família/Estudo/Trabalho	3	Saúde	2
Família/Deus/Namoro	3	Futuro	2
Família/Deus/Vida	3	Conquistar	1
Curso/Trabalho/Ajudar Família	3	Festa	1
Família/Paz/Paciência	3	-	-
Família/Estudo/Estudo	3	-	-
Família/Saúde/Dinheiro	3	-	-
Família/Amigos/Sociedade	3	-	-
Carinho/Compreensão/Compaixão	3	-	-
Equidade/Foco/Autocontrole	3	-	-
Total citações	48	Total citações	24

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

- Região Centro-Oeste

Tabela 17 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Centro-Oeste

Elementos centrais agrupados (16 participantes)	Nº citações	Elementos centrais isolados (8 participantes)	Nº citações
Família/Deus/Saúde	12	Família	9
Família/Deus/Estudo	6	Deus	5
Família/Deus/Amigos	3	Amigos	3
Família/Estudo/Trabalho	3	Estudo	4
Deus/Mulher/Dinheiro	3	Saúde	2
Dinheiro/Mulher/Dinheiro	3	Carreira	1
Família/Eu/Dinheiro	3	-	-
Família/ Família/ Família	3	-	-
Estudo/Estudo/Futuro	3	-	-
Família/Deus/Deus	3	-	-
Família/Saúde/Trabalho	3	-	-
Carinho/Compreensão/Compaixão	3	-	-
Total citações	48	Total citações	24

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

As categorias nesta região estão representadas pelos elementos mais citados, Família/Deus/Saúde/Amigos, com aproximadamente 40%, seguidos de 60% dos demais elementos. Entretanto, para compor a tríade, os mais citados entre as duas categorias foram Família/Deus/Saúde, pois o elemento Amigos foi o que obteve, dentre os quatro elementos, a menor indicação. O restante das indicações equivalem a 40%.

- Região Sudeste

Tabela 18 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados: Sudeste

Elementos centrais agrupados (11 participantes)	Nº citações	Elementos centrais isolados (13 participantes)	Nº citações
Família/Estudo/Amigos	12	Família	14
Família/Amigos/Saúde	3	Amigos	7
Família/Deus/Estudo	3	Estudo	5
Família/Deus/Futuro	3	Dinheiro	3
Família/Saúde/Deus	3	Deus	2
Família/Amigos/Eu	3	Saúde	1
Consciência/Equidade/Autoconhecimento	3	Futuro	1
Ajudar alguém/ Ler livro/ Jogar	3	Eu	1
		Sorrir	1
		Amor	1
		Namoro	1
		Liberdade	1
		Confiança	1
Total citações	33	Total citações	39

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Os participantes desta região organizam três elementos mais relevantes – Família/Estudo/Amigos –, que perfazem 53% das indicações, seguidos pelos elementos restantes, que totalizam 47%.

- Região Sul

A Região Sul compõe sua tríade representativa do que é valor para seus jovens com os elementos Família/Deus/Amigos, correspondentes a 43%, seguidos pelo restante dos elementos, que somam 57%, conforme se pode ver na Tabela 19, a seguir.

Tabela 19 – Distribuição dos elementos centrais agrupados/isolados:Sul

Elementos centrais agrupados (14 participantes)	Nº citações	Elementos centrais isolados (10 participantes)	Nº citações
Família/Deus/Amigos	12	Família	11
Família/Futuro/Saúde	3	Amigos	5
Família/Deus/ Namoro	3	Deus	3
Vida/ Saúde/Educação	3	Saúde	3
Respeito/ Dedicção/Perseverança	3	Bens	2
Videogame/Computador/Corrida	3	Estudo	1
Família/Amizade/Futuro	3	Futuro	1
Família/Estudo/Lazer	3	Felicidade	1
Deus/Estudo/Balada	3	Bem-estar	1
Família/Computador/Console	3	Esporte	2
Conquistar o que quero/Felicidade/Orgulho	3		
Total citações	42	Total citações	30

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Tais apontamentos, no conjunto das regiões, trazem claras evidências de que, independentemente da forma de justificativa na organização mental de suas respostas, apontada pelas categorias identificadas, temos, como três elementos centrais (valores) para os jovens, a prevalência de Família, Deus e Amigos para as Regiões Nordeste, com 61%, Norte, com 50%, e Sul, com 43% das indicações totais. As Regiões Centro-Oeste e Sudeste apresentaram outras tríades, sendo Família, Estudo e Amigos para o Sudeste (53%) e Família, Deus e Saúde para o Centro-Oeste (40%).

Se realizarmos a intersecção dos elementos apontados pelas cinco regiões, encontraremos cinco elementos que se constituem como relevantes e valores para os jovens brasileiros, a saber: Família/Deus/Amigos/Estudo/Saúde.

Para maior detalhamento, observemos a distribuição dos elementos centrais identificados nas regiões:

Quadro 3 – Distribuição dos grupos de elementos centrais (valores) por região

Região	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Família/Deus/Amigos	X	X			X	3
Família/Deus/Saúde			X			1
Família/Estudo /Amigos				X		1
Total						5

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A partir do exposto no quadro acima, observamos que 60% das regiões aparecem com a indicação Família/Deus/Amigos; as demais, cada uma com 20%, comparecem com Família/Deus/Saúde e Família/Estudo /Amigos.

Por outro enfoque, a leitura para estes dados pode ser feita considerando cada elemento distinto, conforme demonstrado no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Distribuição isolada dos elementos centrais (valores) por região

Região Elemento	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Família	X	X	X	X	X	5
Deus	X	X	X		X	4
Amigos	X	X		X	X	4
Estudo				X		1
Saúde			X			1

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Na composição do quadro acima, observamos a centralidade de cada um dos elementos para o conjunto das cinco regiões. Percebemos que Família é um valor central para todas as regiões, aparecendo em 100% delas. Os elementos Deus e Amigos estão representados em 80% das regiões. O elemento Estudo se faz presente em 20% das regiões, assim como o elemento Saúde, que também comparece em 20% das regiões. Nesse contexto, a crença em Deus vincula os projetos futuros aos aspectos da Religiosidade.

Com esta análise interpessoal pormenorizada das Categorias 1 e 2, pudemos demonstrar que os participantes elegem formas de organização do raciocínio de acordo com a realidade vivida e a centralidade dos elementos que se constituem como valores para eles.

Com o propósito de avançar em nossas análises a partir de um *continuum* de raciocínio elaborado pelos participantes, entre os elementos escolhidos como centrais (valores) e seus projetos de vida, e oportunamente compor seus significados, relações/implicações expressos pelos jovens a partir de suas realidades, analisaremos outras questões de pesquisa que nos nortearão com dados para a identificação do conteúdo dos projetos de vida dos jovens.

A seguir, para a abstração e caracterização dos elementos sobre os projetos de vida dos jovens, diante da complexidade do estudo e também da extensa quantidade de dados, analisaremos de forma interpessoal duas questões específicas, com a finalidade de estabelecer coesão entre elas.

6.3 Apresentação e análise de categorias sobre projetos de vida

Para efeito de continuidade entre a análise anterior – em que identificamos os três elementos mais importantes (valores) – e a próxima etapa, utilizaremos a mesma subdivisão de jovens constituintes das duas classes de categorias anteriores, sendo 73 jovens identificados na Categoria 1, caracterizados por agruparem os três elementos mais importantes nas suas justificativas; e 47 na Categoria 2, que mantiveram os elementos justificados item a item, totalizando 120 participantes.

Para a categorização dos dados sobre os elementos identificados nos projetos de vida, orientamo-nos pelas respostas a duas novas questões:

- *O que é para você um projeto de vida? Explique detalhadamente.*
- *Que projeto você tem para sua vida? Comente detalhadamente.*

A partir dos dados encontrados nas respostas a estas questões norteadoras das análises específicas sobre projetos de vida, trataremos de identificar e nomear, de forma interpessoal, todos os elementos que compuseram os projetos de vida dos jovens e que foram mais citados pelos participantes deste estudo. Em seguida, atendendo ao critério de estabelecer uma continuidade na metodologia de análise, organizaremos tais elementos, separando-os a partir das duas classes de categorias anteriores e passando, assim, a compor as novas categorias, dos projetos.

Obtivemos em nosso total de protocolos de pesquisa, na análise interpessoal das respostas a estas duas questões sobre projetos de vida, 11 indicações de elementos para o total de 120 participantes em que foram observadas algumas regularidades, ou seja, repetições de elementos. Estes foram agrupados considerando-se suas repetições e suas similaridades de termos, que por nós foram considerados como correlatos. Por exemplo: o elemento Trabalho, também considerado como Emprego/Serviço/Profissão. Dentre estes, a maior repetição está para o elemento Estudo, que corresponde a 47,5% das indicações dos jovens, demonstrando sua relevância nos projetos de vida.

Caracterizaremos os elementos destacados nos projetos de vida por meio de quadros, tabelas e gráficos, para maior detalhamento do processo de análise.

Vejamos as indicações dos jovens a partir da Tabela 20, na sequência.

Tabela 20 – Elementos dos projetos de vida e quantidades indicadas pelo total de participantes

Projeto geral	Nº de jovens
Estudo	57
Trabalho	17
Dinheiro/Bens	10
Bem-estar	10
Família	9
Não tem/Não sabe	5
Ser feliz	4
Elementos não nomeados	4
Ser independente	2
Deus	1
Ser importante	1
Total	120

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Observamos que o maior número de indicações se deu para o elemento Estudo, presente em aproximadamente 47,5% das respostas dos jovens sobre que projetos têm para suas vidas. Este elemento está fortemente vinculado aos projetos que envolvem uma forma de educação institucionalizada, apresentando demanda expressiva de indicações desde a conclusão do ensino médio até a formação acadêmica, o que mostra a vontade de ingressar na faculdade.

O elemento Trabalho comparece com 14% das indicações ligadas ao projeto de vida e expressa a vontade dos jovens em se realizarem por meio de uma atividade profissional remunerada. O item Dinheiro/Bens demonstra que 8,5% dos participantes elegem estes elementos, caracterizados por ganhar dinheiro e/ou comprar bens materiais, como parte de seus projetos. Quanto ao item Bem-Estar, 8,5% das indicações se pautam pela perspectiva de se viver a vida e estar bem consigo mesmo. Para o elemento Família, com 7,5% das indicações, encontramos os jovens que expressam o desejo de constituir sua própria família e/ou preservar seus familiares mais próximos.

Encontramos 4% das indicações em jovens que se manifestaram pelos itens Não Tem/Não Sabe. O elemento Ser Feliz, com 3,5% das indicações, é apontado por aqueles que expressam a felicidade de forma naturalizada após conquistas. Alguns jovens (3,5%) não nomeiam elementos para seus projetos e foram representados pelo item Elementos Não Nomeados. O item Ser Independente, com 1,5% das indicações, foi citado por aqueles que expressam a liberdade como sendo a finalidade de seu projeto. Para os elementos Deus e Ser Importante, representados isoladamente com 1% das citações cada um, observamos, para o primeiro, um apelo à religiosidade, e para o segundo, a expressão do desejo de se destacar dos demais.

De forma complementar, vejamos uma sequência de gráficos sobre os dados coletados, para continuidade e maior detalhamento de nossos apontamentos.

Gráfico 13 – Elementos e quantidades correspondentes aos projetos de vida

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A partir desta imagem, observamos a relevância quantitativa para o elemento Estudo indicado nos projetos de vida dos participantes. Tal fato demonstra que os jovens atribuem maior preocupação com sua formação acadêmica, com vistas ao seu futuro.

Em síntese, os jovens referem-se a uma pequena diversidade de elementos que representam seus projetos, enquanto alguns não indicam ou não se referem a nenhum dos elementos já identificados. Vejamos na tabela abaixo a proporção percentual entre os que nomeiam os elementos e os que não os nomeiam ou dizem não tê-los:

Tabela 21 – Organização dos elementos dos projetos e seus percentuais totais

Elementos dos projetos	%
Estudo	92,5
Trabalho	
Dinheiro/Bens	
Bem-Estar	
Família	
Ser Feliz	
Ser Independente	
Deus	
Ser Importante	
Não Tem/Não Sabe	
Elementos Não Nomeados	4
	3,5
Total	100

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Observamos na tabela anterior uma escala com três formas de organização dos elementos nos projetos de vida dos participantes. Comporemos nossas considerações sobre elas, de forma decrescente, iniciando pelo item Elementos Não Nomeados, que representa 3,5% das indicações; seguido do item Não Tem/Não Sabe, com 4% delas. Por fim, traremos a primeira organização que contempla nove elementos distintos, os quais representam 92,5% das indicações totais dos participantes. O gráfico abaixo organiza visualmente estas informações.

Gráfico 14 – Distribuição quantitativa dos elementos dos projetos de vida

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A representação gráfica dispõe de três tipos de organização dos elementos identificados nos projetos sobre o total de 120 jovens que representam nossa amostra, sendo que a de maior representatividade está para os elementos que foram nomeados nos projetos. Assim, observamos que quatro participantes se organizam em não nomear elementos para seus projetos, enquanto outros cinco afirmam não tê-los ou mesmo não saber sobre eles. Os demais, 111 participantes, nomearam elementos para seus projetos.

Para pontuar mais detalhadamente cada uma destes três tipos de organização de elementos, utilizaremos duas formas distintas de apresentação dos dados. A primeira contemplará dois exemplos de respostas extraídos de nossos protocolos, para as duas primeiras organizações, a fim de exemplificar os itens Elementos Não Nomeados e Não Tem/Não Sabe. Para a segunda forma de apresentação, traremos primeiramente, para o item Nomeados, dois exemplos de respostas, seguidos de uma tabela com a distribuição dos seus elementos nas regiões e suas especificidades devido à sua maior quantidade em nossa amostra. Todos os elementos estarão acompanhados de gráficos, com o objetivo de ilustrar sua distribuição nas regiões.

Vejamos, abaixo, para a primeira forma de apresentação dos dados, dois exemplos para cada um dos dois primeiros tipos de organização dos elementos:

- **Elementos Não Nomeados**

“[...] muitos” (P. 140, masculino, 16 anos, Sul).

“Realizar todas as metas” (P. 208, masculino, 17 anos, Centro-Oeste).

Vejamos a informação gráfica com os apontamentos para cada região brasileira.

Gráfico 15 – Distribuição dos itens por região – Elementos Não Nomeados

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Nordeste e Sul são as regiões que concentram participantes para esta forma de organização, na qual quatro jovens não nomeiam os elementos de seus projetos.

A segunda organização está relacionada à ausência de elementos para os projetos de vida. Vejamos:

- **Não Tem/Não Sabe**

“[...] nem sei ainda” (P. 09, masculino, 17 anos, Centro-Oeste).

“[...] não tenho, no máximo quero viajar por aí e conhecer pessoas mas isso é algo difícil de se fazer... Talvez pensem que é triste não ter projetos, mas para mim é normal e o que faz com que eu me sinta bem” (P. 264, feminino, 15 anos, Sudeste).

A informação gráfica para este item pode ser assim visualizada:

Gráfico 16 – Distribuição dos itens por região – Não Tem/Não Sabe

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Esta forma de organização está representada por participantes que não indicam elementos para seus projetos, argumentando não tê-los, ou mesmo não saber qual o seu projeto. Este item obteve cinco indicações.

Para a segunda forma de apresentação traremos o conjunto de nove elementos nomeados pelos participantes no apontamento de seus projetos e, além dos dois exemplos de respostas abaixo, que o representam de forma geral, mostraremos uma tabela com a distribuição quantitativa dos elementos nas distintas regiões e, por fim, gráficos para cada elemento, seguidos de novos exemplos contemplando cada região, o que nos oferece maior detalhamento e compreensão do item.

- **Elementos nomeados:**

“[...] me formar em Veterinária e construir uma família” (P. 242, feminino, 15 anos, Sudeste).

“[...] me tornar um homem trabalhador e conquistar meus objetivos” (P. 122, masculino, 16 anos, Norte).

Estes exemplos mostram como, de forma geral, os participantes de nosso estudo nomearam elementos que representam o conteúdo para seus projetos.

Para compor um panorama geral do que foi relatado até este ponto sobre os elementos identificados nos projetos de vida dos jovens, a tabela a seguir nos proporcionará uma síntese

dos dados. Nela, apresentaremos a distribuição quantitativa de todos os elementos nas regiões, para observarmos como se concentram as indicações em cada uma delas.

Tabela 22 – Distribuição dos elementos por região nos projetos de vida

Elementos	Região					Total
	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	
Estudo	16	7	10	13	11	57
Trabalho	4	3	2	2	6	17
Dinheiro/Bens	2	2	3	1	2	10
Bem-Eestar	1	3	1	4	1	10
Família	1	3	2	2	1	9
Ser Feliz		1	2		1	4
Deus		1				1
Ser Importante		1				1
Ser Independente			2			2
Subtotal	24	21	22	22	22	111
Não Tem/Não Sabe			2	2	1	5
Não nomeia elementos		3			1	4
Subtotal						9
Total	24	24	24	24	24	120

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

De acordo com as informações da tabela acima, nos subtotais apresentados, observamos que a Região Norte é a única em que todos os participantes nomeiam elementos em seus projetos. Nas demais regiões isso não acontece: Centro-Oeste, Sudeste e Sul têm 22 participantes a nomear elementos, o que representa 91,5% de cada uma delas. A Região Nordeste comparece com 21 participantes, ou 87,5% das nomeações.

Sob outro aspecto, é importante ressaltar, ao observarmos as quantidades totais apontadas na última coluna da tabela, que, dos elementos identificados, o maior quantitativo está relacionado ao elemento Estudo, indicando constituir o elemento com maior representatividade para os participantes das cinco regiões estudadas, pois isoladamente, ao perfazer 47,5% do total de indicações, aproxima-se quantitativamente de todo o conjunto das demais indicações (52,5%).

Partimos, então, do pressuposto de que os jovens, em seus projetos de vida, preocupam-se com sua formação acadêmica, sendo prioridade para eles. Notamos que o maior destaque quantitativo ao elemento é dado pela Região Norte, com 16 indicações, seguida da Região Sudeste, com 13. As Regiões Sul e Centro-Oeste indicam 11 e 10 elementos, respectivamente. Por fim, a Região Nordeste comparece com sete indicações para o item.

Considerada a organização das indicações no conjunto das cinco regiões brasileiras, refinaremos nossa análise para cada um dos elementos nomeados nos projetos dos jovens e orientar-nos-emos por gráficos representativos destes elementos entre as regiões. Ilustraremos cada elemento com o apontamento de um exemplo ou excerto de exemplo para cada região.

Iniciaremos com o elemento Estudo, destacado pela maioria dos jovens em seus projetos.

Gráfico 17 – Quantitativo do elemento Estudo por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Já discorremos sobre este item em algumas considerações anteriores, contudo, a imagem sintetiza as informações quantitativas sobre o elemento, que representa 47,5% das indicações relacionadas aos projetos de vida dos jovens.

Vejamos um exemplo por região: Estudo

- Norte: “*Os meus estudos*” (P. 121, feminino, 17 anos, Norte).
- Nordeste: “*Me formar na área de Educação Física*” (P. 219, feminino, 17 anos, Nordeste).
- Centro-Oeste: “*Pretendo me formar em Medicina Veterinária... Construir uma família... Ter minhas próprias condições financeiras e ser feliz*” (P. 29, feminino, 15 anos, Centro-Oeste).
- Sudeste: “*Estudar, se formar, ter uma família*” (P. 266, feminino, 16 anos, Sudeste).

- Sul: *“Primeiramente ter minha formação profissional. Esse é o ponto mais importante para mim porque é meu futuro que está em jogo. Ajudar as pessoas e construir uma família. Ser feliz pelas escolhas feitas por mim”* (P. 173, masculino, 17 anos, Sul).

As considerações para este elemento, a partir destes exemplos e outros de nossos protocolos, estão pontuadas por uma valorização ao estudo ou formação educacional específica.

Outro destaque para os projetos dos jovens e que obteve 17 indicações foi o elemento Trabalho. Observemos o gráfico com informações comparativas para referências sobre este elemento.

Gráfico 18 – Quantitativo do elemento Trabalho por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

O elemento Trabalho é o segundo mais indicado pelos participantes, com 17 indicações, e é citado por aqueles jovens que o veem como uma atividade natural da vida e também como meio de subsistência. Com relação a este elemento, o destaque está para a Região Sul, com seis indicações, seguida das Regiões Norte e Nordeste, com quatro e três, respectivamente. As Regiões Sudeste e Centro-Oeste apresentam duas indicações cada.

Vejamos um exemplo por região: Trabalho

- Norte: *“Me tornar um homem trabalhador e conquistar meus objetivos”* (P. 122, masculino, 16 anos, Norte).
- Nordeste: *“[...] trabalhar”* (P. 31, feminino, 19 anos, Nordeste).

- Centro-Oeste: *“Abrir um negócio para mim não sei o que ainda”* (P. 78, masculino, 21 anos, Centro-Oeste).
- Sudeste: *“Constituir minha família e uma boa localização profissional”* (P. 285, masculino, 16 anos, Sudeste).
- Sul: *“Montar a própria empresa”* (P. 141, masculino, 16 anos, Sul).

As considerações para este item demonstram a preocupação dos jovens, em seus projetos, com a atividade de trabalho futura. Alguns indicam o trabalho de forma generalizada, enquanto outros se abrem à possibilidade de um trabalho autônomo.

O próximo elemento, Dinheiro/Bens, faz parte das indicações de alguns jovens que priorizam este aspecto em seus projetos.

Gráfico 19 – Quantitativo do elemento Dinheiro/Bens por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Para este item, encontramos dez indicações distribuídas em quantidades aproximadas entre as cinco regiões, onde o destaque está para a Região Centro-Oeste, com três indicações, seguida das demais regiões, com duas indicações cada. Na Região Sudeste temos a indicação de apenas um elemento. Vejamos um exemplo por região: Dinheiro/Bens

- Norte: *“Economias, e bastante estudo para que eu consiga um ótimo emprego”* (P. 130, masculino, 15 anos, Norte).
- Nordeste: *“Talvez sair desse país, ficar bem de vida e etc., ter uma mulher com respeito e carinho”* (P. 46, masculino, 15 anos, Nordeste).

- Centro-Oeste: “[...] *ter minha casa própria meu carro*” (P. 11, feminino, 17 anos, Centro-Oeste).
- Sudeste: “*Ganhar dinheiro, ter filhos, conhecer novos lugares e culturas*” (P. 263, masculino, 16 anos, Sudeste).
- Sul: “*Ganhar dinheiro fazendo o que eu gosto e formar uma família*” (P. 179, masculino, 17 anos, Sul).

Percebemos que este elemento está representado por aqueles jovens cujo objetivo é ganhar dinheiro ou adquirir bens materiais a partir de seus projetos. Contrariando a ideia geral, observamos, entre os jovens, considerações sobre a necessidade de fazer economias para que possam realizar seus planos.

Quanto ao elemento Bem-Estar, verificamos como os jovens elaboram suas indicações.

Gráfico 20 – Quantitativo do elemento Bem-Estar por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

O elemento é apontado por dez participantes, que demonstram buscar o sucesso pessoal e o viver a vida como elementos de seus projetos. Temos sua representação na Região Sudeste, com quatro indicações, seguida da Região Nordeste, com três. As Regiões Norte, Centro-Oeste e Sul perfazem três indicações ao todo.

Vejamos um exemplo por região: Bem-Estar

- Norte: “*Primeiramente crescer na vida e ter sucesso, ter paciência e conquistar o que quero*” (P. 200, masculino, 17 anos, Norte).
- Nordeste: “*Ter um bom casamento, estabilidade financeira, e saúde*” (P. 213, masculino, 16 anos, Nordeste).

- Centro-Oeste: “*Seguir a vida com felicidade e autoestima, concretizando todos meus planos que pretendo conquistar*” (P. 30, masculino, 17 anos, Centro-Oeste).
- Sudeste: “*Ser bem-sucedido e Feliz!*” (P. 244, masculino, 15 anos, Sudeste).
- Sul: “*Viver acima de tudo a vida vai fazer o melhor*” (P. 148, feminino, 17 anos, Sul).

As respostas tiveram como característica referências a alguns aspectos pessoais, como seguir a vida, ser feliz, ter saúde e sucesso.

O próximo elemento, Família, é indicado por oito participantes das cinco regiões.

Gráfico 21 – Quantitativo do elemento Família por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

O item Família, com nove indicações, é citado por três participantes da Região Nordeste, seguido das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, com duas indicações cada. Por fim, as Regiões Norte e Sul apresentam uma indicação cada.

Vejamos um exemplo por região: Família

- Norte: “*Ter meus filhos, minha esposa, meus irmãos sempre unidos, ter Deus no coração e etc...*” (P. 129, masculino, 15 anos, Norte).
- Nordeste: “*Projeto de ajudar mais minha família*” (P. 39, masculino, 17 anos, Nordeste).
- Centro-Oeste: “*[...] casar e ter filhos, ter uma casa para morar e fazer faculdade*” (P. 81, masculino, 17 anos, Centro-Oeste).
- Sudeste: “*[...] uma grande família, viver em rancho...*” (P. 139, feminino, 16 anos, Sudeste).

- Sul: “*Constituir uma família, ser professora ter uma casa boa e dinheiro, muita saúde e Deus*” (P. 176, feminino, 17 anos, Sul).

Este elemento compreende aqueles jovens que buscam, em seus projetos, constituir sua própria família e/ou manter o vínculo com os familiares mais próximos, ou ainda, sentir em sua vida a presença de Deus.

O gráfico a seguir traz a representação do elemento Ser Feliz, por região brasileira.

Gráfico 22 – Quantitativo do elemento Ser Feliz por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Ser Feliz é considerado por participantes que utilizam o termo como um jargão. É indicado por quatro jovens, sendo duas indicações no Centro-Oeste e uma nas Regiões Nordeste e Sul. As Regiões Norte e Sudeste não indicam este elemento.

Vejamos um exemplo por região: Ser Feliz

- Norte: o elemento não é citado nessa região.
- Nordeste: “*Ser feliz com a família e com Deus no coração*” (P. 216, feminino, 17 anos, Nordeste).
- Centro-Oeste: “*Ser feliz e conquistar tudo que eu desejo*” (P. 99, feminino, 15 anos, Centro-Oeste).
- Sudeste: o elemento não é citado nessa região.
- Sul: “[...] *ser feliz*” (P. 144, masculino, 16 anos, Sul).

O elemento analisado caracteriza-se por respostas em que os jovens manifestam o desejo de ser feliz.

O próximo item, Ser Independente, é apontado apenas em uma região.

Gráfico 23 – Quantitativo do elemento Ser Independente por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Este elemento é citado duas vezes, apenas por jovens da Região Centro-Oeste. Representa aqueles que buscam conquistas sem depender de suas famílias e/ou para se tornarem independentes.

Vejamos um exemplo da região: Ser Independente

- Norte: este elemento não é citado nessa região.
- Nordeste: este elemento não é citado nessa região.
- Centro-Oeste: “Com 19 anos ter minhas coisas e sem depender dos pais” (P. 75, masculino, 16 anos, Centro-Oeste).
- Sudeste: este elemento não é citado nessa região.
- Sul: este elemento não é citado nessa região.

Para o próximo elemento, Deus, obtivemos uma indicação em uma única região. Este elemento é citado por um participante da Região Nordeste que demonstra sua crença em Deus. As demais regiões não indicam este elemento.

Gráfico 24 – Quantitativo do elemento Deus por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Vejamos o exemplo, na região: Deus

- Norte: este elemento não é citado nessa região.
- Nordeste: *“Isso quem descreverá é Deus”* (P. 44, feminino, 17 anos, Nordeste).
- Centro-Oeste: este elemento não é citado nessa região.
- Sudeste: este elemento não é citado nessa região.
- Sul: este elemento não é citado nessa região.

Esse participante da Região Nordeste compõe todas as suas ações alicerçadas em um conteúdo religioso, especificamente na figura de “Deus” representando sua religiosidade.

A seguir, traremos o elemento Ser Importante, com o qual finalizaremos nossos apontamentos sobre os elementos nomeados pelos jovens referentes a seus projetos de vida.

Gráfico 25 – Quantitativo do elemento Ser Importante por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Este elemento é citado uma vez na Região Nordeste e se caracteriza por um desejo singular de um jovem dessa região. As demais regiões não indicam este elemento.

Vejamos o exemplo da região: Ser Importante

- Norte: este elemento não é citado nessa região.
- Nordeste: “[...] *ser alguém importante no mundo*” (P. 49, masculino, 15 anos, Nordeste).
- Centro-Oeste: este elemento não é citado nessa região.
- Sudeste: este elemento não é citado nessa região.
- Sul: este elemento não é citado nessa região.

Após toda a análise realizada de forma pormenorizada, e considerando os resultados nela encontrados, em que identificamos os elementos dos projetos de vida, é importante ressaltar que, a partir dos dados quantitativos e percentuais apresentados, um discreto número de elementos constitui-se como valor nos projetos dos participantes. Obtivemos uma prevalência de indicações nomeadas para cinco elementos distintos, seguidas de outras seis com menor relevância. Tal aspecto sinaliza a preponderância de aspectos relacionados a valores comuns entre os jovens, como Estudo, Trabalho, Dinheiro/Bens, Bem-Estar e Família, e identificados como os mais relevantes em seus projetos de vida.

6.4 Composição e distribuição dos elementos dos projetos: Categorias 3 e 4

Considerados os apontamentos até aqui reunidos sobre os elementos que compõem os projetos de vida dos jovens e sua distribuição nas regiões, trataremos de demonstrar agora, minuciosamente, tais elementos distribuídos para o conjunto de participantes das categorias dos valores, sendo 73 participantes da Categoria 1 e 47 da Categoria 2. O objetivo com esta ação é darmos continuidade ao processo de análise e orientarmos-nos à composição das categorias dos projetos de vida que doravante serão denominadas de “Categoria 3” e “Categoria 4”. Vejamos a distribuição do número de participantes nas regiões para as duas categorias de projetos.

Tabela 23 – Quantidade de participantes nas Categorias 3 e 4 por região

Regiões	Categoria 3	Categoria 4
Norte	16	8
Nordeste	15	9
Centro-Oeste	17	7
Sudeste	11	13
Sul	14	10
Subtotal	73	47
Total	120	

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

De acordo com a tabela anterior e as novas classes de categorias que representarão os elementos centrais dos projetos de vida dos jovens das cinco regiões brasileiras, observamos que a Categoria 3 compreende 61% dos jovens deste estudo, enquanto a Categoria 4 abrange 39%. Tal distribuição foi organizada tendo por objetivo a continuidade da linha de análise de categorias, estabelecendo um *continuum* entre valores e projetos.

Neste ponto, faremos uma breve retomada de como chegamos à identificação dos jovens pertencentes às categorias dos valores que foram nomeadas de Categoria 1 – Elementos Agrupados e Categoria 2 – Elementos Não Agrupados, para depois adentrarmos às novas categorizações sobre projetos (Categorias 3 e 4).

Em etapa anterior de análise, identificamos duas categorias para as formas de organização dos participantes quanto às suas justificativas sobre os três elementos que lhes fossem mais importantes. Na Categoria 1, os jovens agruparam os três elementos solicitados pelo estudo, justificando sua importância de uma única vez, para o conjunto dos três elementos. Para a Categoria 2, os jovens não agruparam os elementos em suas justificativas e realizaram um esforço de elaboração para cada um dos três elementos por eles escolhidos. Assim, compreendemos que esta última categoria, dos elementos não agrupados, exigiu dos participantes maior elaboração envolvida em seu raciocínio para justificar item a item selecionado, sendo por nós considerada de maior grau de complexidade para os jovens.

Em decorrência de serem três elementos escolhidos por cada participante, o número total de elementos 360 somou indicações, trazendo duas características: uma de regularidade, pela recorrência dos mesmos itens, e uma de não regularidade, com indicações distintas. Sendo assim, os elementos foram organizados quantitativamente e compuseram centralidade nas Categorias 1 e 2, necessitando, ainda, para atender às especificidades das indicações, serem agrupados em subcategorias. Não nos deteremos nas demais especificidades, pois foram contempladas na etapa de análise de tais categorias e subcategorias.

Retomados os aspectos iniciais de nossas análises, as tabelas a seguir apresentarão uma síntese com as quatro categorias identificadas até o presente momento, o número de participantes por região e o conjunto dos elementos centrais de cada categoria.

Tabela 24 – Distribuição dos participantes por categorias e regiões

Regiões	Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3	Categoria 4
Norte	16	8	16	8
Nordeste	15	9	15	9
Centro-Oeste	17	7	17	7
Sudeste	11	13	11	13
Sul	14	10	14	10
Subtotal	73	47	73	47
Total	120		120	

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A tabela a seguir, nos auxiliará a visualizar de forma geral todos os elementos identificados nas categorias de 1 a 4, da presente pesquisa.

Quadro 5 – Elementos do conjunto de Categorias: Valores e Projetos

Categoria 1 Elementos Centrais Agrupados (valores)		Categoria 2 Elementos Centrais não Agrupados (valores)	
Família/Deus/Amigos Família/Deus/Saúde Família/Amigos/Estudos Família/Deus/Estudos Família/Saúde/Estudos Família/Saúde/Futuro Família/Estudos/Trabalho Família/Saúde/Amigos Família/Deus/Namorado Agrupamentos diversos		Família Amigos Deus Estudo Dinheiro Saúde Futuro Outros	
Categoria 3 Elementos Centrais dos Projetos de Vida		Categoria 4 Elementos Centrais dos Projetos de Vida	
Estudo Trabalho Dinheiro/Bens Bem-Estar Família Não Tem/Não Sabe Ser feliz Elementos Não Nomeados Ser Independente Ser Importante		Estudo Trabalho Dinheiro/Bens Bem-Estar Família Não Tem/Não Sabe Elementos Não Nomeados Deus	
Total de participantes	73	Total de participantes	47

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Ilustradas as categorias 1 a 4 com seus respectivos elementos, nosso intuito agora será

o de exemplificar, a partir de duas respostas provenientes da questão sobre qual o projeto de vida dos jovens, os elementos dos referidos projetos constituintes, especificamente das Categorias 3 e 4.

Vejamos o detalhamento das duas categorias a representação de suas respostas que orientam-nos a pensar sobre as diferentes possibilidades de organização do raciocínio dos jovens para escolha de elementos em seus projetos.

a) Categoria 3: Elementos dos Projetos de Vida da Categoria 1

1) “*Ter uma família, casa e uma carreira profissional estável e segura*” (P. 267, masculino, 16 anos, Sudeste).

2) “[...] *ser alguém importante no mundo*” (P. 49, masculino, 15 anos, Nordeste).

Nesta categoria, o primeiro exemplo ressalta três aspectos que são recorrentes nos protocolos deste estudo: família, casa e profissão/trabalho, o que parece significar que eles se encontram em uma mesma escala de valor para o jovem, sendo um alvo comum para a maioria deles. O segundo exemplo, “ser alguém importante no mundo”, caracteriza-se pela indicação de um único participante, que, ao manifestar seu desejo, o faz de maneira singular.

b) Categoria 4: Elementos dos Projetos de Vida da Categoria 2

1) “[...] *ser bem-sucedido e ser feliz acima de tudo*” (P. 259, masculino, 16 anos, Sudeste).

2) “[...] *espero estar trabalhando em breve*” (P. 211, masculino, 19 anos, Nordeste).

Para esta categoria, observamos que há uma fala recorrente para alguns dos participantes, que se dá no sentido de expressarem seus projetos por meio de frases “afetivas”, como “ser bem-sucedido e feliz”; porém, no conjunto de suas respostas que constam dos protocolos, a maioria deles não indica ações para a realização concreta deste objetivo. Observamos que os participantes também vinculam seus projetos à brevidade do tempo – “espero estar trabalhando em breve” – e, de forma similar ao exemplo anterior, muitos não indicam ações para a efetivação do projeto.

Com estes exemplos, nosso intuito foi observar como os participantes organizam suas respostas para as questões sobre seus projetos. Em ambas as categorias encontramos praticamente as mesmas indicações de elementos que se concentram em torno de uma pequena variedade.

Para um melhor detalhamento destas categorias e da composição de seus elementos, optamos por demonstrá-los em um quadro comparativo no qual possamos observar item a item, em cada uma das categorias, as similaridades e as particularidades provenientes das indicações de elementos. Tais elementos, centrais aos projetos dos jovens, nos serão orientadores para a identificação e compreensão dos modelos organizadores, um dos nossos objetivos nesse estudo.

Quadro 6 – Comparativo de elementos dos projetos de vida nas Categorias 3 e 4

Categoria 3 Elementos centrais dos projetos de vida	Nº de participantes	Categoria 4 Elementos centrais dos projetos de vida	Nº de participantes
Estudo	30	Estudo	27
Trabalho	10	Trabalho	7
Dinheiro/Bens	7	Dinheiro/Bens	3
Bem-Estar	9	Bem-Estar	1
Família	5	Família	4
Não Tem/Não Sabe	2	Não Tem/Não Sabe	3
Ser feliz	4	-	-
Elementos Não Nomeados	3	Elementos Não Nomeados	1
Ser Independente	2	-	-
-		Deus	1
Ser Importante	1	-	-
Total por categoria	73		47
Total	120		

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

O quadro comparativo acima apresenta todos os elementos extraídos dos protocolos de respostas relativos às questões específicas sobre projetos. As colunas ímpares informam os elementos dos projetos em suas respectivas categorias, enquanto as pares indicam a quantidade de participantes que optou por tais elementos.

Ressaltamos que o item “Deus”, não é considerado um projeto, mas sim, representa a religiosidade que está envolvida na formulação dos mesmos. Os jovens que se referem a Deus, o colocam como elemento importante para a efetiva construção dos seus projetos. No gráfico a seguir, visualizaremos os oito elementos da Categoria 3, enquanto teremos seis para a Categoria 4. Os demais elementos – Não Tem/Não Sabe e Não Nomeia Elementos– já foram analisados anteriormente.

Gráfico 26 – Comparativo de quantidades de elementos por categorias

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Em observação à imagem gráfica apresentada, temos um conjunto de oito elementos nomeados pela Categoria 3, que representam 68 indicações (56,5% do total), enquanto a Categoria 4, com um conjunto de seis elementos e 43 indicações, corresponde a 36% das indicações totais. Destes totais, faltam nove indicações (7,5%) para a composição de 100% de nossa amostra, que não compuseram este gráfico por se tratar de cinco participantes da Categoria 3 e quatro da Categoria 4 que não nomearam elementos ou disseram não tê-los ou não sabê-los, e já foram analisados anteriormente.

Após esse comparativo, partimos para um detalhamento a fim de comparar as quantidades de elementos indicadas em cada região brasileira.

Tabela 25 – Distribuição dos elementos da Categoria 3 por região: projetos de vida

Regiões						
Elementos	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Estudo	10	3	5	5	7	30
Trabalho	2	2	2	1	3	10
Dinheiro/Bens	2	2	2	-	1	7
Bem-Estar	1	3	1	3	1	9
Família	1	1	1	2	-	5
Ser Feliz	-	1	2	-	1	4
Ser Independente	-	-	2	-	-	2
Ser Importante	-	1	-	-	-	1
Não Nomeia Elementos	-	2	-	-	1	3
Não Tem/Não Sabe	-	-	2	-	-	2
Total	16	15	17	11	14	73

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Por meio do detalhamento proporcionado pela tabela acima, observamos que o elemento Estudo comparece com 41% do total da amostra da Categoria 3, com expressiva distância quantitativa do segundo elemento, que obteve 13,5% das indicações. Tal observação nos leva a acreditar que Estudo seja o elemento mais representativo dos projetos dos jovens. A Região Norte apresenta 13,5% deste item, seguida do Sul, com 9,5%, e de Centro-Oeste e Sudeste, com 7% cada, finalizando com a Região Nordeste, que tem 4% das indicações para este elemento.

Para o elemento Trabalho, temos 13,5% no total, pois o item recebe 4% na Região Sul, seguida das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que, conjuntamente, somam 8%, e, por fim, o Sudeste, que se apresenta com 1,5%. No item Dinheiro/Bens, o percentual total é de 9,5%, sendo 8% referentes às Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, completados pela Região Sul, com 1,5% das indicações. Temos também nesta categoria o elemento Bem-Estar, que se apresenta com um percentual total de 12,5%, sendo 4% no Nordeste, seguido de 4% no Sudeste e, finalmente, 4,5% na soma das Regiões Norte, Centro-Oeste e Sul.

O elemento Família registra um total de 7%, ao ser indicado pela Região Sudeste (3% das indicações), seguida das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com 4% conjuntamente. O elemento Ser Feliz, com 5,5% no total, é indicado pela Região Centro-Oeste com 2,5%, seguida das Regiões Nordeste e Sul, que somam 3% no conjunto. Quanto ao elemento Ser Independente, é citado somente pela Região Centro-Oeste, com 2,5% das indicações. Para o elemento Ser Importante temos somente uma citação pela Região Nordeste, com 1,5% das indicações. O item Não Nomeia Elementos, com 4%, está distribuído pelas Regiões Nordeste e Sul com este percentual em conjunto. O elemento Não Tenho/Não Sabe, indicado somente pela Região Centro-Oeste, corresponde a 3% do total.

A seguir trazemos a imagem gráfica que sintetiza visualmente as informações elencadas.

Gráfico 27 – Categoria 3: quantidade de indicações por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa

O gráfico acima mostra os oito elementos que foram citados nos projetos de vida dos participantes da Categoria 3 e suas quantidades de indicações por região brasileira. O elemento Estudo, o mais indicado dentre todos os apontamentos (30 indicações), tem sua maior expressividade na Região Norte. Os sete elementos restantes apresentam-se em ordem decrescente de frequência, com cada elemento distribuído pelas regiões trazendo as indicações de seus quantitativos específicos.

A tabela a seguir faz a comparação das quantidades de elementos indicadas em cada região brasileira na Categoria 4.

Tabela 26 – Distribuição dos elementos da Categoria 4 por região: projetos de vida

Regiões Elementos	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Estudo	6	4	5	8	4	27
Trabalho	2	1		1	3	7
Família		2	1		1	4
Dinheiro/Bens			1	1	1	3
Bem-Estar				1		1
Deus		1				1
Não tenho/ não sabe				2	1	3
Não nomeia elementos		1				1
Total	8	9	7	13	10	47

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Esta tabela apresenta os elementos da Categoria 4 e destaca, na primeira coluna, seus elementos, seguidos das colunas que apresentam os correspondentes quantitativos para cada região. Temos um total de oito indicações de elementos para a Região Norte, com dois dos elementos indicados. A Região Nordeste comparece com o total de nove jovens, distribuídos em cinco elementos. Com sete indicações, a Região Centro-Oeste comparece com três elementos. Com 13 jovens e a indicação de cinco dos elementos destacados no quadro, temos a Região Sudeste, com o maior número de jovens desta categoria. Para a Região Sul encontramos dez indicações, distribuídas para cinco elementos do quadro.

A partir de um detalhamento dessa tabela, observamos que o elemento Estudo se destaca quantitativamente dos demais, com a somatória de 57,5% no conjunto das regiões na Categoria 4, o que significa uma distância quantitativa expressiva em relação ao segundo elemento, que se apresenta com 15% das indicações.

Temos, assim, também nesta categoria, a forte indicação de que Estudo seja o elemento de maior representatividade para os projetos de vida dos jovens. A Região Sudeste

tem um percentual de 17% do total de indicações ao item. A Região Norte comparece com aproximadamente 13%, seguida do Centro-Oeste, com 10,5%. As Regiões Nordeste e Sul têm o mesmo quantitativo, sendo responsáveis por 8,5% das indicações cada.

Os demais elementos e regiões apresentam-se com índices quantitativamente menores. Para o elemento Trabalho, temos aproximadamente 15% das indicações totais distribuídas em quatro regiões, sendo que o Norte e o Sul compreendem 10,5%, com cinco indicações no conjunto. As Regiões Nordeste e Sudeste se apresentam com 2% cada uma, em duas indicações totais.

As Regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sul têm o total de quatro indicações para o elemento Família, equivalendo a 8,5% neste item. O elemento Dinheiro/Bens, nesta categoria, apresenta-se indicado por três regiões, perfazendo 6,5% e uma indicação por região. Para Bem-Estar, temos uma indicação na Região Sudeste equivalendo a 2% das indicações. A Região Nordeste tem uma indicação para o elemento Deus e uma para Não Nomeia Elementos, totalizando 4%. Finalizando, temos três indicações para o item Não Tem/Não Sabe, representado pelas Regiões Sudeste e Sul, que juntas somam 6,5% das indicações no item.

A seguir, traremos a imagem gráfica que sintetiza visualmente as informações elencadas para a Categoria 4.

Gráfico 28 – Categoria 4: quantidade de indicações por região

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

O gráfico mostra seis elementos pertencentes à Categoria 4 e suas quantidades por região brasileira. O elemento Estudo, o mais indicado (27 indicações), tem sua maior representação para a Região Sudeste. Os outros cinco elementos, com quantitativos bastante inferiores ao do primeiro elemento, também estão ordenados das maiores às menores indicações, com seus respectivos quantitativos entre as regiões.

Comparando os dados das duas categorias, a Categoria 3 apresenta maior concentração de indicações de elementos quando comparada à Categoria 4. Vejamos:

Tabela 27 – Concentração de elementos nas Categorias 3 e 4

Região Categoria	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Categoria 3	16	15	17	11	14	73
Categoria 4	8	9	7	13	10	47
Total de participantes	24	24	24	24	24	120

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Em quatro das cinco regiões, a Categoria 3 apresenta de 58,5% a 71% das indicações de elementos, tendo apenas na região sudeste um percentual menor, por volta de 46%. Para a Categoria 4 encontramos menor concentração de elementos em quatro das cinco regiões, entre 29% e 41,5%, sendo que a Região Sudeste é a única que obteve maior percentual de indicações, aproximadamente 54%.

Considerando uma intersecção entre os elementos presentes nas duas categorias, encontramos a seguinte configuração:

Quadro 7 – Intersecção dos elementos dos projetos entre as Categorias 3 e 4

Categoria Elemento	Categoria 3	Categoria 4
Estudo	X	X
Trabalho	X	X
Bem-Estar	X	X
Dinheiro/Bens	X	X
Família	X	X
Ser Feliz	X	-
Ser Independente	X	-
Ser Importante	X	-
Deus	-	X

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

De acordo com o quadro acima encontramos cinco elementos comuns entre as duas categorias: Estudo, Trabalho, Bem-Estar, Dinheiro/Bens e Família. Observamos, também, que quatro elementos não são comuns às duas categorias: Ser Feliz, Ser Independente e Ser Importante comparecem na Categoria 3 apenas, enquanto Deus, somente na Categoria 4.

Tendo em vista as particularidades apresentadas para cada categoria e, conseqüentemente, em cada região, os dados revelam que os elementos dos projetos relacionados com o futuro dos jovens concentram-se em poucos elementos que são comuns à maioria deles, prioritariamente o elemento Estudo, com aproximadamente 50% das indicações totais. Isto nos mostra que a organização mental dos jovens na indicação de elementos para seus projetos não é vista como um valor em si, posto que é significada pela maioria dos jovens, tendo no estudo a forma de ação para suas conquistas.

Sendo assim, concluímos esta etapa do processo de análise de categorias considerando um *continuum* entre quatro questões de pesquisa já desenvolvidas, sendo duas para a categorização dos elementos mais importantes para os jovens e outras duas que corresponderam aos elementos mais importantes destacados pelos participantes quando perguntados sobre seus projetos de vida.

Algumas questões a mais do questionário aplicado, relacionadas aos sentimentos dos participantes, serão utilizadas conjuntamente à identificação dos modelos organizadores prevista para o próximo capítulo, a partir do levantamento do “complexo de sentimentos” com foco na felicidade, para futuramente responder ao problema geral que norteia este estudo: qual a relação estabelecida entre os projetos de vida dos jovens e o sentimento de felicidade?

Com a identificação dos modelos organizadores que envolvem o que é valor, hoje, para os jovens, suas projeções para o futuro a partir do delineamento de seus projetos de vida e o complexo de sentimentos envolvidos com foco na felicidade, buscaremos analisar de que forma a felicidade é significada por estes jovens e que relação estabelecem com seus projetos de vida.

Para esta finalidade, associado às nossas novas exposições e tratamento de dados e análise dos modelos organizadores, mantendo uma ligação entre seus raciocínios, relacionaremos os conteúdos que envolvem o complexo de sentimentos junto aos modelos, organizando-os de forma a evidenciar o sentimento de felicidade.

7. APRESENTAÇÃO DOS MODELOS ORGANIZADORES REFERENTES AOS PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS

O objetivo geral de nossa investigação requer o estudo dos processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade. Para a consecução de tal empreitada, buscaremos na Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento subsídios para a análise das respostas emitidas pelos jovens participantes da presente pesquisa. Desse modo, nosso empenho se dará no sentido de identificar e analisar os modelos organizadores aplicados nos processos de organização do pensamento destes jovens.

A partir dos pressupostos dessa teoria tornam-se possíveis algumas análises que contemplem nosso olhar, não somente para os conteúdos, mas também para as dinâmicas do pensamento humano, envolvendo tais aspectos em um *continuum*, o que traz maior significado às respostas dos jovens para a representação que fazem de determinado fenômeno. Ao se evidenciarem os elementos abstraídos pelos jovens nas respostas sobre seus projetos de vida, podemos observar a afetividade envolvida em todo o processo, no qual os sentimentos, emoções, angústias, medos e desejos relacionados a valores, contravalores, relações interpessoais, vínculos, entre outros, são significados de diferentes formas, por diferentes jovens.

No item a seguir apresentaremos alguns aspectos a serem considerados na identificação dos modelos organizadores.

7.1 Considerações sobre a apresentação dos modelos organizadores do pensamento

Ao observar a dinâmica do funcionamento psíquico na construção dos projetos de vida dos jovens, percebemos a complexidade inerente à sua elaboração, calcada na multiplicidade de relações e organizações envolvidas no raciocínio destes jovens, alicerçadas em valores e sentimentos tecidos em seu processo de construção. Contudo, para a extração dos modelos organizadores referentes a estes projetos de vida, para além dos elementos, significados e relações/implicações – em que consiste a proeminência do processo para a organização destes modelos –, focalizaremos a dimensão afetiva e a felicidade que subjazem e integram o raciocínio dos jovens.

Contribuem com a identificação dos modelos organizadores quatro categorias levantadas nas seções anteriores, sendo as Categorias 1 e 2 as que apontam os três elementos mais importantes para a vida dos jovens, constituídos como seus “valores”, e as Categorias 3 e 4 as que nos informam os elementos centrais destacados nos projetos de vida dos jovens.

Tais categorias foram organizadas, inicialmente, a partir de uma análise de forma interpessoal na qual buscamos os elementos mais citados nas respostas emitidas pelo conjunto dos 120 jovens participantes da amostra; a seguir, novo levantamento se deu, a partir de uma subdivisão de participantes proposta pelas Categorias 1 e 2¹⁴.

Os dados coletados pelas questões de pesquisa que envolveram a mobilização de sentimentos¹⁵, especificamente o sentimento de felicidade, em relação ao que é “valor” para o jovem e suas relações com os elementos centrais destacados nos projetos de vida, são deveras importantes para a constituição dos modelos organizadores, por adotarmos a concepção apontada em nosso quadro teórico sobre a dimensão afetiva dos projetos de vida, orientada pelas proposições de Araújo (2007), de que os valores são construídos por meio da projeção de sentimentos sobre pessoas, objetos e/ou relações.

A partir desta perspectiva, em que se projeta uma carga afetiva positiva aos elementos centrais dos projetos destacados pelos jovens, tais elementos, possivelmente, configurem-se como valores para eles e se posicionem com maior ou menor intensidade, tornando-se centrais ou periféricos em seu sistema de valores; destacamos que este sistema é fluido e cambiante, o que implica que sua organização se dê em função dos contextos e das experiências vividas pelos jovens. Ademais, vale ressaltar que o posicionamento de um elemento no projeto de vida do jovem pode ser de valor periférico em seu sistema de valores, mas em relação a outros contextos de vida poderá se constituir em valor central.

Assim, definidos alguns aspectos que se coadunam à elaboração dos modelos organizadores, passaremos à sua identificação, considerando o complexo de relações que podem ser estabelecidas no processo de extração destes, atinentes aos valores, projetos, sentimentos e felicidade.

7.2 Apresentação dos modelos organizadores do pensamento

Tendo por objetivo identificar os modelos organizadores subjacentes ao raciocínio dos

¹⁴ Maiores detalhes sobre a subdivisão proposta podem ser encontrados no capítulo anterior, que tratou sobre o processo de análise de dados.

¹⁵ As questões serão identificadas no próximo item, referente aos modelos organizadores.

jovens na elaboração de seus projetos de vida e o complexo de sentimentos a eles relacionados com o foco no sentimento de felicidade, procederemos às nossas análises a partir do pressuposto teórico-metodológico da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al., 1999a), de cujas ideias compartilhamos por entendermos que o ser humano faz a formulação de modelos de “realidade” a partir de uma complexidade que envolve seu psiquismo; esta teoria permite também averiguar a atuação e implicação de diferentes aspectos para a organização dos modelos frente ao conteúdo do meio.

Diante disto, realizaremos uma análise quantitativa e qualitativa advinda de intenso processo de leitura e releitura dos protocolos de respostas. Para efeito quantitativo, tal processo foi realizado de forma interpessoal, com todos os respondentes, para compor as maiores regularidades nas indicações de elementos para o total de jovens que participaram do estudo, bem como destacar sua centralidade para eles a partir de um contexto geral. Obtivemos dos participantes muitas indicações singulares, o que nos leva a enaltecer o caráter inovador da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento, que oportuniza uma análise qualitativa dos dados de forma intrapessoal, em que o processo de organização de cada sujeito é único, muito embora contemplemos as organizações similares com agrupamentos em modelos, necessitando, por vezes, no intuito de considerarmos a diversidade que emergiu das respostas dos jovens, orientarmo-nos à elaboração de submodelos para atender às particularidades provenientes de tais modelos.

Por este viés, é importante destacar que os modelos não são uma inferência prévia do pesquisador e, sim, são buscados e identificados nas respostas emitidas pelos próprios participantes, cada um em seu contexto de vida. Para a extração de cada um destes modelos prevaleceu uma análise intrapessoal qualitativa e “fina”, em busca da linha de pensamento destes jovens. Neste aspecto, nossa análise priorizou um *continuum* na leitura das respostas de cada jovem, à procura das formas de seu pensar.

Com a finalidade de descrever e caracterizar os modelos organizadores identificados, os exemplos extraídos dos protocolos de pesquisa para explicar os aspectos abordados pela dinâmica do pensamento no modelo apresentado, bem como os sentimentos envolvidos, com destaque para o sentimento de felicidade, serão trazidos pelas respostas dos diferentes participantes que se incorporem ao modelo proposto.

A partir do que postulamos como modelo organizador, detivemo-nos na organização dos elementos centrais, significados e relações/implicações que os envolvem. Contudo, dada a extensa quantidade de dados e variabilidade nas respostas, com elementos que não possuíam significado e relação com os demais, optamos por dar destaque aos elementos e significados

mais presentes para os jovens, organizando-os em um núcleo central que referendou cada modelo organizador. Neste processo, alguns elementos foram abstraídos e significados por parte dos jovens e constituíram-se em não regularidades, não presentes no núcleo central. Desta forma, contemplaremos, na descrição de cada modelo, este núcleo periférico, para evidenciar as diferentes maneiras de pensar.

A diversidade e a complexidade que envolvem as respostas dos jovens são evidentes e ao buscarmos, nos modelos organizadores extraídos, seus elementos comuns, pela dinâmica do pensamento e o conteúdo que nos permitiram um agrupamento dos protocolos, por vezes necessitamos dividi-los em submodelos, para que nos aproximássemos ainda mais das singularidades próprias da organização do raciocínio de cada jovem e das peculiaridades que envolvem os elementos abstraídos, os significados atribuídos e as relações/implicações existentes entre eles.

7.3 Identificação e caracterização dos modelos organizadores do pensamento

Para atender ao objetivo de identificar os modelos organizadores relacionados aos projetos de vida dos jovens, procedemos a uma leitura das respostas emitidas pelos participantes a 12 questões de pesquisa, de forma intrapessoal, com base em a) valores e sentimentos, b) projetos e sentimentos e c) projetos e felicidade. Embora o questionário *online* contenha mais questões, para o presente estudo utilizaremos este recorte de 12 questões que atendem à nossa especificidade. Eventualmente, poderão ser trazidas mais respostas do participante, dependendo da necessidade de cada modelo organizador, para proporcionar maior sentido ao texto.

a) Valores e sentimentos

Para este item, consideraremos as respostas que trazem os elementos mais importantes, que se constituem “valor” para os jovens, sentimentos que os envolvem e a relação com o sentimento de felicidade. Vejamos a ordem¹⁶ das questões propostas:

12 – Quais são as três coisas mais importantes para você? Enumere por ordem de importância. Do mais importante para o menos importante.

15 – Como cada uma dessas coisas se tornou importante para você? Descreva minuciosamente.

¹⁶ Tal numeração segue a do questionário *online*; porém, na análise deste capítulo a ordem das questões se dará conforme nossa necessidade.

13 – Como você se sente em relação a cada uma dessas coisas? Explique com detalhes.

14 – Você acha que essas coisas te fazem feliz? Por quê? Explique detalhadamente.

b) Projetos e sentimentos

Este segmento orientou-nos à busca de respostas para identificar os elementos centrais nos projetos de vida dos participantes e os sentimentos a eles relacionados. Vejamos as questões:

29 – O que é para você um projeto de vida? Explique detalhadamente.

30 – Que projeto você tem para a sua vida? Comente detalhadamente.

31 – Caso você tenha um projeto, como se sente em relação a ele? Comente.

24 – Imagine como será sua vida daqui a cinco anos e diga o que será importante para você nessa ocasião.

c) Projetos e felicidade

Este último segmento permitiu-nos atender ao objetivo de nossa análise, ao buscar quais as relações estabelecidas entre os projetos de vida e o sentimento de felicidade para os jovens. Vejamos as questões:

11 – Você se considera uma pessoa feliz? Por quê? Explique detalhadamente.

21 – O que você entende por felicidade? Explique detalhadamente.

23 – E hoje, o que te faz feliz? Explique detalhadamente.

32 – Que relações você estabelece entre seu projeto de vida e felicidade? Explique com detalhes.

Objetivando atender à lógica subjacente aos modelos aplicados pelos jovens de nossa amostra, realizamos uma análise minuciosa do grupo de respostas de cada participante. Para elucidar cada modelo organizador identificado no conjunto dos segmentos – valores, projetos e felicidade –, debruçamo-nos sobre muitos exemplos oriundos dos vários questionários; contudo, pela complexidade que compõe cada agrupamento de respostas em relação aos modelos aplicados, decidimos por apresentar dois participantes e seu grupo de respostas nos segmentos elencados para cada modelo, com a intenção de trazer a voz dos jovens.

Como procedimento metodológico, na caracterização de cada modelo destacaremos duas quantidades: a primeira, para o número de jovens que aplicaram o modelo organizador

apresentado, e a segunda, para a quantidade destes jovens que foram identificados *a priori* nas categorias de análise 1 ou 2.

7.3.1 Modelo 1: Modos de vida

Nº de participantes que aplicaram o Modelo 1: oito

Categoria 1: sete

Categoria 2: um

O Modelo 1 consiste de jovens que, na organização de seu raciocínio, mobilizaram como elemento central o *modo de vida*, trazendo uma ideia frágil sobre projetos futuros e caracterizado pela brevidade de conteúdo das informações. Observamos nestas respostas que o significado relacionado a projeções futuras está sustentado por uma forma natural de viver a vida, considerada como um acontecimento “natural”.

Tendo em vista estas informações, vejamos os dois exemplos para este modelo.

- Valores (Deus/Estudo/Balada): *“Vivendo e percebendo que são coisas da vida/ Deus é tudo na vida de alguém, estudar para eu poder ter um ótimo futuro sucedido e balada pra se divertir/ Acho que sim, pois é tudo que eu preciso”*.
- Projetos: *“É planejar tudo aos mínimos detalhes e querer sempre crescer na vida/ Viver acima de tudo, a vida vai fazer o melhor/ Bem/ Estar formada, com minha casa, uma boa vida, trabalhando ao lado de quem amo, tendo minha família”*.
- Felicidade: *“Sim. No momento sim não há nada de errado que possa me deixar triste tenho ótimos amigos uma bela família e meus propósitos estão indo bem/ Felicidade é estar bem com a vida e saber seus limites o que é certo e errado saber que a verdade por pior que seja é a melhor coisa que a vida é curta e precisamos viver tudo o que desejemos, não levemos nada nessa vida então fazer o que sonhamos e planejamos é a base de tudo, felicidade também é estar ao lado de quem gostamos ajudar o próximo. Felicidade é saber que o mundo não é perfeito mas podemos mudar isso/ Hoje saber que já vivi muitas coisas e a cada dia que se passa eu aprendo mais/ Realizar todos”* (P 148, feminino, 17 anos, Sul).

Pudemos observar que os jovens, embora reconheçam a necessidade de um planejamento para seus projetos, contraditoriamente afirmam que “se deve viver a vida, a vida vai fazer o melhor”, produzindo uma relação/implicação, de certa forma, incipiente.

- Valores(Deus/Família/Amigos): *“Pois a cada dia eles estão ao meu lado, junto, lado a lado, nas boas e nas más horas/ Me sinto bem/ Sim, pois quando preciso de algo tenho eles”*.
- Projetos: *“[...] um planejamento de vida/ Faculdade, casa, carro, família/ Feliz/ Overdose, tomorroland¹⁷, festa, cachaça, festa, amigos”*.
- Felicidade: *“Sim, pois tenho tudo o que quero, gosto, amigos, família, e música/ Amigos, família, zoeira, cachaça, festa/ A VIDA/ Tudo”*(P 05, feminino, 16 anos, Centro-Oeste).

Algumas respostas dos jovens que aplicaram este modelo revelam que a felicidade também está vinculada ao modo de viver a vida, envolvendo algumas conquistas de ordem material e a participação de um contexto de vida onde a diversão e o lazer cumprem o papel de mantê-los imersos na vida cotidiana.

Tendo realizado a descrição do Modelo 1, sistematizaremos a dinâmica geral de organização do pensamento dos jovens que aplicaram tal modelo, por meio do quadro abaixo.

Quadro 8 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 1

Elemento central	Modos de vida
Características do modelo	Respostas pouco elaboradas que não apresentam uma organização consolidada de projetos; elementos centrais carentes de significados e com implicações/relações incipientes
Complexo de sentimentos	Os sentimentos envolvidos para os possíveis projetos, em geral, são positivos, integrando bem-estar e contentamento; contraditoriamente, outros destacam ansiedade e preocupação. Para a felicidade, há o predomínio de um significado positivo em relação a estar bem com a vida
Felicidade	Os conteúdos encontrados indicam que os valores e projetos vinculam-se a este sentimento, assim descrito: “felicidade são momentos”/ “felicidade é realização”/ “felicidade tem uma constância”

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

7.3.2 Modelo 2: Projeções sobre relações interpessoais e/ou vínculos

Nº de participantes que aplicaram o Modelo 2: 44

Categoria 1: 28

Categoria 2: 16

¹⁷Tomorrowland é um festival de música realizado anualmente na Bélgica e também no Brasil. Disponível em: <www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=tomorroland>. Acesso em: 24 out. 2016.

Para o Modelo 2, temos como elemento organizador central as projeções realizadas para as *relações interpessoais e/ou vínculos* estabelecidos pelos jovens com referências às relações cotidianas com familiares, amigos ou namorado. Os significados atribuídos ao elemento central são, em sua maioria de base, apoio, confiança e bem-estar que norteiam as rotinas e os projetos dos jovens.

As relações interpessoais mostram-se importantes para a vida dos jovens, contudo, diferenças marcantes na carga afetiva foram estabelecidas nas relações e/ou vínculos estabelecidos por eles, o que nos demandou criar três submodelos organizadores. O Submodelo 2a realça as relações interpessoais e o convívio entre familiares, amigos ou namorado, recebendo uma carga afetiva positiva relacionada às relações cotidianas e projetos futuros. O submodelo 2b é caracterizado por relações interpessoais em que há o predomínio de uma carga afetiva negativa derivada de relações de pressão sobre os jovens por pessoas da família. No submodelo 2c as relações interpessoais estão direcionadas, especificamente, ao agradecimento e/ou retribuição aos familiares, tendo uma carga afetiva positiva fundamentada no apoio dado pela família aos jovens.

Submodelo 2a – Relações interpessoais e vínculos

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 2a: 36

O submodelo 2a é caracterizado pela presença do elementocentral *relações interpessoais e/ou vínculos* e está associado a uma carga positiva de sentimentos, com maior frequência a familiares, seguidos de amigos e namorado. Os participantes que aplicaram este submodelo demonstram que as relações interpessoais e o convívio com familiares são aspectos importantes, com forte significação e norteiam suas rotinas e projetos.

- Valores(Família/Amigos/Estudo): *“Com o apoio de cada um. Elas são tudo para mim, me ajudam muito/ Com minha família me sinto bem e com meus amigos me sinto mais feliz, pois com essas pessoas que tenho em minha vida que tenho forças para encarar o mundo/ Sim, porque essas pessoas me incentivam a estudar cada vez mais, me tiram do caminho errado (drogas, bebidas, festas)”*.

- Projetos: *“[...] ter feito tudo que planejou durante sua vida/ Terminar meus estudos, conviver com pessoas que amo/ Me sinto preocupada, penso ‘será que vai ser como eu queria?’. Tenho muito medo de não ser como planejo/Minha mãe vai estar*

fazendo as coisas que ela mais gosta que é viajar e eu vou estar trabalhando, se Deus quiser”.

- Felicidade: *“Sim, porque não tenho que reclamar de nada, tenho tudo que quero. Tem tanta gente por aí que não tem o que tenho. Eu só tenho a agradecer por tudo e por todos que tenho em minha vida/ Que se meus pais estão felizes, eu estou também e devemos fazer as coisas certas para ter uma vida melhor/ Meus amigos que não me abandonam nos momentos ruins e minha namorada. Me sinto muito bem quando estou com ela. Ops.: falei sobre minha namorada, porque aqui nesta pesquisa estão pedindo para sermos sinceros. Então, estou sendo/ Que entre minha família só haja amor, nada de ódio”* (P 204, feminino, 18 anos, Norte).

- Valores(Família/Amigos/Namoro): *“Família desde que nasci. Amigos desde que me vi sem eles, pois acredito que não valorizava o suficiente. E namoro quando tive meu primeiro relacionamento, gostei e gosto de ter alguém nesse sentido/ Quanto a minha família, na maioria do tempo me sinto muito bem graças ao apoio vindo dos mesmos. Eles podem ser protetores e implicantes, mas tudo numa medida que não atrapalha a minha vida. Quanto a amigos, já dei pouca importância e acabei dando mais quando vi alguns indo embora. É uma parte indispensável do meu dia e um alto fator de felicidade. Não há nada como uma roda de amigos rindo e brincando. Como uma pessoa romântica, eu considero não um namoro em si importante, mas qualquer tipo de relacionamento amoroso, gosto de ter alguém que goste de mim e tento manter as coisas o mais saudável possível/ Sim, cada uma delas costuma ser um grande motivo do meu sorriso e paz interior”.*

- Projetos: *“Faculdade, casa, carro, ser realizada, se sentir feliz na maioria do tempo/ Fazer faculdade, conhecer alguém legal, me juntar a esse alguém, comprar um carro, uma casa e um cachorro grande/ Feliz e espero que dê tudo certo, seria uma decepção caso não desse/ Em cinco anos estarei na faculdade, talvez precise trabalhar também. Vou dar importância maior aos estudos para ser uma ótima profissional”.*

- Felicidade: *“[...] não, tenho momentos felizes, mas as vezes penso demais e acho que isso atrapalha eu me considerar feliz. Sinto que poderia fazer mais, ter mais, viver mais, mas isso é tão vago e improvável, tento pensar que tenho uma vida boa e divertida. Que tenho tudo que preciso, mas isso é felicidade? Enfim, tenho meus momentos tanto de felicidade e tanto de tristeza/ Momentos, entendo em momentos felizes, momentos que estou bem comigo mesma e sentindo como se não tivesse espaço o*

suficiente para sorrir/ Meus amigos, meu rolo com uma menina e estar tudo bem com minha família/ Tudo, esse projeto é o meu significado de felicidade” (P 262, feminino, 16 anos, Sudeste).

Este exemplo chama-nos a atenção pela preocupação dos jovens com a manutenção das relações interpessoais, valorizando-as e entendendo-as.

Submodelo 2b – Pressão familiar

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 2b: dois

O submodelo 2b traz elementos organizadores centrais semelhantes ao submodelo 2a: *relações interpessoais e/ou vínculos*. Contudo, tais valores estão associados a uma carga afetiva, predominantemente negativa, originada da pressão exercida na vida dos jovens. Outro aspecto marcante para esse submodelo e, também, nesta resposta, é a falta de confiança em si revelada pelos jovens, o que gera tristeza neles.

- Valores(Família¹⁸/Estudos¹⁹/Amigos): *“[...]construir sua família/ Muito Bem sim, porque eu me sinto perfeitamente bem e sei que nada dessas coisas me faria mal.../ Muito bem, as vezes revoltada com algumas coisas em casa com minha irmã mais velha que me pressiona de mais por conta de estar no terceiro ano do ensino médio e outras coisas.../ Minha família, lazer, religião e saúde ainda não trabalho e os estudos estou um pouco triste porque não tive capacidade de passar de ano e ter reprovado em matemática... Eu só me sinto triste nisso nas outras coisas está tudo bem”*.
- Projetos: *“[...] ser o mais feliz que puder, a dor e tristeza faz parte mas superar também, então meu projeto de vida é ser o mais feliz que eu puder/ Me formar na área de Educação Física/ não tenho um projeto/ Eu já formada na universidade e trabalhando como professora de Educação Física”*.
- Felicidade: *“[...] sim, porque a família me ama e me demonstra isso frequentemente, tenho muitos amigos que me deixam muito a vontade e eu me sinto muito bem/ Quando você vive sua vida sem nada para te fazer mal e tudo dando certo, seus sonhos*

¹⁸ Questão complementar em que a resposta sinaliza o conflito na relação familiar e o sentimento de revolta, resultante da relação de pressão exercida por familiares. Trata-se da Questão 9: Conte-me um pouco sobre você e sua vida, destacando como se sente em seu dia a dia.

¹⁹ Questão complementar em que a resposta sinaliza o sentimento de tristeza em relação aos estudos, visto como falta de capacidade. Trata-se da Questão 10: Em que contextos de sua vida (família, trabalho, estudo, lazer, saúde, religião etc.) você se sente feliz? Como é essa felicidade? Explique com riqueza de detalhes.

se realizando, méritos conquistados por esforços próprios etc.../ Família/ Ainda não pensei nisto” (P 219, feminino, 17 anos, Nordeste).

As relações interpessoais com fortes significados nas relações familiares comparecem com maior carga afetiva voltadas para estas relações. A família é reconhecida como fonte de apoio, ensinamentos e provedora de sustento aos jovens.

- Valores (Deus/Família/Namorado): *“[...] foram se tornando mais importantes de acordo com o passar do tempo!/ Deus - Primeiramente porque Deus está sobre todas as coisas foi ele quem me ‘criou’ e eu sou grata a ele por cada dia da minha vida. Família - Porque são aqueles que sempre me apoiam, me dão lições, me ensinaram o que é certo e errado, e ainda me sustentam! Namorado - Porque é com ele que eu me sinto bem, que eu consigo me abrir, contar tudo que está se passando na minha vida, me sinto muito à vontade com ele/ não todas e nem sempre, mas sim!/Sou uma pessoa que além de ter vários amigos me sinto triste, sozinha, quase sempre finjo estar bem, mas as vezes não consigo nem disfarçar! Bom, eu acho que isso diz tudo!”^{20/ 21}Família - Me sinto muito pressionada pelos meus pais, sempre exigem muito de mim, mais do que eu posso ‘dar’, mas em alguns momentos me sinto em paz com eles converso, brinco, me divirto e tal”.*

- Projetos: *“Sempre ter planos para o futuro/ Casar, ter filhos, ter minha própria casa, trabalhar/ Só queria que acontecesse/ Daqui a 5 anos eu me imagino trabalhando e fazendo outros planos para minha vida”.*

- Felicidade: *“Não me sinto uma pessoa feliz, pois vivo quase sempre de mal comigo mesma, achando sempre que posso melhorar e tentando melhorar, mas continuo do mesmo jeito/ Na minha opinião, felicidade é ter e fazer o que quer, mas de uma forma que não atinja o outro de nenhuma forma/ Meu namorado, só ele que me faz feliz desde que estamos juntos/ Que eu seria, com certeza, mais feliz do que sou agora”* (P 220, feminino, 16 anos, Nordeste).

Submodelo 2c – Agradecimento e/ou retribuição

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 2c: seis

²⁰ Questão complementar em que a resposta indica o sentimento de tristeza. Trata-se da Questão 9: Conte-me um pouco sobre você e sua vida, destacando como se sente em seu dia a dia.

²¹ Questão complementar em que a resposta sinaliza a pressão exercida pelos pais e o ponto de vista dos jovens. Trata-se da Questão 10: Em que contextos de sua vida (família, trabalho, estudo, lazer, saúde, religião etc.) você se sente feliz? Como é essa felicidade? Explique com riqueza de detalhes.

Nesse submodelo, além de visar ao agradecimento, o jovem organiza seu raciocínio para retribuir aos familiares pelo suporte em suas conquistas. O reconhecimento do esforço dos pais implica para estes jovens que, futuramente, por meio do trabalho, consigam novamente retribuir, ajudando-os financeiramente. O sentimento de ser valor perante a família comparece neste submodelo.

- Valores (Família/Saúde/Estudo): *“[...] porque aos poucos fui percebendo seu devido valor/ 1 Família, aconteça o que acontecer sempre vai estar ao seu lado te ajudando. Meu pai sempre diz que podemos estar com os maiores problemas do mundo, mas se estamos com saúde está tudo bem. Estudo é um conhecimento que nós levamos para vida toda/ sim eu acho, porque possuo cada uma delas”.*

- Projetos: *“[...] é ter perspectivas, planejar um futuro logo cedo/ logo que terminar o terceiro ano, quero começar minha faculdade, depois trabalhar na minha área, ter uma casa minha, um carro e ter um marido/ me sinto bem, pois é o que eu quero para minha vida/ ter os meus pais ao meu lado e eles verem que eu consegui alcançar meus objetivos/ acho que vou estar casada, com filhos eu acho, vou estar trabalhando na área da medicina tendo muito sucesso, e o mais importante para mim é que eu tenha contato com a minha família²²”.*

- Felicidade: *“[...] sim! Eu tenho tudo que uma pessoa precisa para ser feliz, tenho ótimos pais, uma ótima família, tenho saúde, uma boa escola com amigos muito legais. Meus pais são muito protetores, sempre me dão conselhos, me ajudam, quando é para brigar eles brigam, eu me considero uma pessoa muito feliz e com a vida perfeita/ felicidade é você acordar bem, com saúde, ir para sua escola ver seus amigos, chegar em casa e ver sua família/ o que realmente me faz feliz hoje é a minha família/é o que eu pretendo fazer da minha vida e eu sei que no futuro serei muito feliz”* (P 124, feminino, 15 anos, Norte).

Ainda nesse submodelo, a família recebe definições que atuam diretamente nas relações familiares, o que implica o apoio que a família oferece para a vida dos jovens. Tal fato resulta que o jovem demonstre ser motivo de orgulho aos pais, entregando-lhe seu diploma em mãos, e ainda, em agradecimento, futuramente auxiliar na formação de outros familiares.

²² Questão complementar cuja resposta indica a manutenção do vínculo familiar no futuro. Trata-se da Questão 26: Agora, imagine-se com 40 anos. Como você acha que será a sua vida? O que você acha que estará fazendo? O que acha que será importante para você?

- Valores (Família/Estudo/Eu): *“Primeiro é minha família, minha razão de viver. Meus estudos são tudo, pois é o que eu gosto de fazer e quero ser alguém na vida, pois sem estudos hoje em dia, as pessoas não são nada, umas não chegam a ganhar nem um salário mínimo. Ser eu, é ser verdadeira com as pessoas e comigo, pois se não for comigo, com quem serei? É meu bem-estar comigo mesma, sou feliz assim/ São tudo na minha vida. Ser eu mesma, comigo mesma, sincera para as pessoas/ Sim, com certeza, pois sem elas não seria feliz, e nem verdadeira comigo mesma/ Sou estudiosa. Gosto de cinemas. Meu pai é moto-táxi, minha mãe é empregada doméstica. Pretendo estudar direito, vou dar o orgulho para os meus pais que trabalham muito até hoje para eu estar aqui.”²³ Tenho certeza que darei esse orgulho para eles. Sou meiga e prestativa a todos. Amo estudar. Vou trabalhar e um dia vou ajudar meus pais a pagar a faculdade da minha irmã”.*

- Projetos: *“É o que pretendo ter e ser. É planejar minha vida e espero que Deus queira que seja assim como planejei. A vida é o que você faz dela e farei que eu seja feliz/ Me formar, trabalhar, me casar e ter filhos, ajudar meus pais e minha irmã a seguir o sonho dela e dos meus filhos também/ Bem e confiante, pois sei que Deus me dará força para lutar pelo o que eu quero. Me ajudará a derrubar todas as barreiras e eu conseguirei/ Estaria quase formada em direito. Mais importante será entregar meu diploma, de ter terminado minha faculdade, nas mãos dos meus pais”.*

- Felicidade: *“Sim, primeiramente tenho Deus na minha vida, meus pais que até às vezes brigam comigo, mas sei que é para o meu bem. Uma família que me apoia em tudo que preciso não tem preço e nem como expressar minha felicidade só ao ter uma família/ É ter paz, amor, carinho, se sentir bem com si próprio, ter respeito pelos outros/ Minha família e meus estudos, amigos e ser quem sou/ Todas, pois sem felicidade não existe projeto de vida. Qual pessoa infeliz quer ter alguma coisa na vida?” (P 201, feminino, 17 anos, Norte).*

Sobre os sentimentos destacados pelos jovens que aplicaram o Modelo Organizador 2, é visível a presença de sentimentos morais, no nosso entender fruto das relações existentes, imaginadas ou projetadas nas respostas. Tal sentimento é citado como valor para os jovens quanto às suas rotinas de vida e familiares como em referência ao futuro. Os jovens também

²³ Questão complementar cuja resposta demonstra a preocupação do jovem com os estudos para dar orgulho a seus pais, que sempre trabalharam para garantir seu sucesso. Assim, a jovem quer retribuir ajudando também sua irmã. Trata-se da Questão 9: Conte-me um pouco sobre você e sua vida, destacando como se sente em seu dia a dia.

expressam sentimentos com grande carga afetiva negativa, advindos das relações interpessoais existentes entre eles e seus familiares.

Em síntese, os jovens desse modelo abstraíram como elemento organizador central as relações interpessoais e vínculos, com destaque para as relações familiares. Seu significado está relacionado às ações de apoio e confiança que família, amigos e namorado oferecem, bem como a pressão estabelecida nas relações. Acréscimos a este significado são dados pelos jovens que se preocupam em ajudar os outros, mais detidamente os familiares, projetando retribuir a eles o que entendem ter recebido.

O estabelecimento de relação/implicação advindo dessa forma de organização entre elementos e seus significados contribui para a elaboração de projetos de vida pautados nas relações entre os seres humanos. O complexo de sentimentos, com cargas positivas e/ou negativas, referendam as relações interpessoais, nas quais predominam o sentimento de realização e de satisfação que reforçam a projeção de um futuro centrado nestas relações, tendo como implicação o bem-estar e felicidade para o convívio dos jovens. Os sentimentos com carga negativa de tristeza, medo e incerteza que comparecem em algumas respostas parecem aproximá-los de suas dificuldades; contudo, é importante salientar, como visto nos relatos, a ideia de superação sobre tais aspectos.

Quadro 9 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 2

Elemento central	Relações interpessoais e/ou vínculos
Características do modelo	Constitui-se de respostas, em grande parte, mais elaboradas; contudo, a maioria não apresenta uma organização com metas e ações efetivas sobre como alcançar os projetos. Os elementos centrais são carregados de significações envolvendo, em maior proporção, as relações familiares, seguidas de amizade e, também, em poucas respostas, relacionadas a amizades e namoro
Complexo de sentimentos	Os sentimentos envolvidos para os possíveis projetos, em geral, são positivos, envolvendo um bem-estar, confiança, dedicação, determinação, realização e satisfação. Alguns jovens não indicam sentimentos, dizendo não ter ou não saber sobre seus projetos; assim, mantêm uma coerência interna em suas respostas. Para os valores, a maioria dos sentimentos são de bem-estar e felicidade; contudo, comparecem ao longo dos protocolos sentimentos negativos de tristeza e pressão. A felicidade em relação aos valores e projetos, em sua maioria, tem manifestação positiva
Felicidade	Neste modelo e submodelos encontramos seis conteúdos que indicam que os projetos se vinculam de alguma forma a este sentimento, assim descrito: “felicidade são relações prazerosas com o outro”; “felicidade são momentos”; “felicidade é realização”;

	“felicidade é um estado de espírito” e “felicidade é uma atividade que ativa os hormônios”. Um dos jovens, ao contrário dos demais, diz “não ter a felicidade”
--	--

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

7.3.3 Modelo 3: Projeções sobre trabalho

Nº de participantes que aplicaram o Modelo 3: 31

Categoria 1: 21

Categoria 2: dez

Os participantes que aplicaram o Modelo Organizador 3 abstraíram como elemento central e organizador de seus projetos de vida o *trabalho*²⁴. Este elemento central tem diferentes significações, sendo necessária sua divisão em dois submodelos.

O Submodelo 3a é significado por aqueles jovens que, em sua maioria, ainda não definiram o trabalho a ser realizado futuramente; a preocupação está somente na consecução do trabalho em si, que pode trazer-lhes condições financeiras para conquistas materiais. O Submodelo 3b diverge do anterior especialmente porque os jovens definem a profissão em que atuar, sendo significada como fonte de realização profissional futura. Os sentimentos foram elaborados com uma carga positiva pelos jovens sobre o elemento central e os mais descritos foram os de bem-estar, confiança, sucesso e felicidade.

Submodelo 3a – Realização financeira

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 3a:14

Os jovens que mobilizam este submodelo centram suas respostas em um trabalho significado como realização financeira, com vistas ao bem-estar. Isto é proveniente de uma forma idealizada de trabalho, em que predomina a imagem de ganhar dinheiro fazendo aquilo de que gosta. O que se sobressai nesta organização do raciocínio é o fato de trabalhar sem, necessariamente, delimitar uma área ou profissão. Mesmo que alguns dos jovens definam o trabalho, seu significado está vinculado à realização financeira.

²⁴ Consideramos, para este estudo, os elementos “Trabalho/Emprego/Profissão” como sinônimos.

- Valores (Família/Amigos/Dinheiro): *“A família por um convívio natural, amigos você acaba ganhando ao longo do tempo, e o dinheiro sempre foi base para se ter quase tudo/ Tenho boa relação com família e amigos, e com o dinheiro, dizem que não traz felicidade, mas é um caminho para ela, todos gostariam de ter mais, além de dar mais segurança na vida/ Sim, pois em meio a problemas, elas me distraem, me fazem feliz”.*

- Projetos: *“[...] é planejar uma coisa que você acha que será bom para seu futuro/ Ganhar dinheiro, ter filhos, conhecer novos lugares, culturas/ sinto que será a base da felicidade/ estarei no penúltimo ano da faculdade, pretendo estar trabalhando, e prevejo que não será muito diferente do que acho de importante hoje/ empolgado, vivendo um sonho de conseguir estar ganhando dinheiro com aquilo que gosto²⁵”.*

- Felicidade: *“[...] muitas vezes sim, tenho liberdade de expor minha opinião seja na família ou com amigos, mesmo com os estudos consigo sair, viajar e fazer as coisas que eu gosto/ ser feliz é um termo amplo, é estar de bem com família e amigos, fazer o que gosta etc./ Estar com amigos, família conhecer novos lugares e culturas/ uma leva a outra”* (P 263, masculino, 16 anos, Sudeste).

Alguns dos jovens se diferenciam dos participantes do exemplo anterior, pois indicam a área ou a profissão a ser realizada no futuro. O significado atribuído ao trabalho é de realização financeira; contudo, entendem que seja algo que depende de seu esforço pessoal, sendo reconhecidas algumas etapas para alcançá-lo. As respostas são mais bem elaboradas e compreendem outro elemento abstraído e vinculado ao trabalho, que é o *estudo*, significado como meio para a obtenção dos objetivos na consecução dos afazeres futuros.

- Valores (Deus/Família/Estudos): *“Com o passar do tempo eu fui percebendo a importância de cada um deles e não sei dizer como isso aconteceu porque é como se fosse algo natural que acontece comigo, da mesma forma que a gente cresce e envelhece, é da mesma maneira que cada uma dessas coisas se tornam mais importantes para mim/ Com Deus acredito que sou capaz de tudo, colocando Fé no que você quer você é capaz! Minha família e meus amigos são aqueles que sempre estão comigo me dando atenção e apoio sempre que preciso, muitas vezes me motivam, me dão conselhos, e me indicam o que é melhor a fazer perante um problema que não sei o que fazer nem uma solução. Estudo, acredito que uma pessoa sem estudo é uma pessoa sem futuro pois ela não terá conhecimento para conseguir um bom emprego e nem ter uma boa base estrutural para sustentar uma*

²⁵ Questão complementar em que a resposta confirma a ideia de se ganhar dinheiro fazendo o que gosta. Trata-se da Questão 25: Como você acha que se sentirá daqui a cinco anos? Descreva com detalhes esse sentimento.

família/ Elas me fazem feliz por sempre estar comigo, sem minha família, Deus, meus amigos e sem estudos não seria nada, iria viver como? Sinceramente? Não consigo me imaginar sem eles, o meu dia a dia é com eles, completado com eles, é como se eu fosse uma letra de uma música onde a melodia perfeita seriam eles”.

- *Projetos: “É onde você coloca tudo o que quer que aconteça, colocar todas as suas metas e objetivos em pauta, uma vida sem planejamento não tem garantia de ser uma vida como você quer que aconteça/ Terminar meu ensino médio, conseguir entrar em uma boa faculdade (Artes Cênicas, Arquitetura ou Estatística), casar, ter casa própria, carro, e um bom emprego/ Me sinto confiante/ Me imagino casada, ou namorando, cursando uma boa faculdade, trabalhando; isso tudo vai ser importante pra mim porque eu vou me sentir mais realizada pois são meus planos, para o futuro que eu quero que seja o mais feliz possível, ter uma vida de sucesso”.*

- *Felicidade: “Sim me considero, porque ando sempre sorrindo, alegre, acho que tenho mais motivos para ser feliz do que para ser uma pessoa triste, apesar dos motivos o sorriso é o melhor remédio para muitas coisas/ eu entendo que a felicidade seria como o maior prazer que a vida pode trazer, pois você só está feliz quando está realizado, por exemplo eu fico muito feliz quando eu to com a pessoa que eu amo que eu quero namorar, ter uma vida com ela, ter uma família e faz disso o meu ponto de equilíbrio/ E hoje o que me faz feliz? Nossa são tantas coisas, mas os principais são meus amigos que sempre estão comigo sendo conversando por um aplicativo no celular, isso é o que mais me deixa feliz/toda, porque tudo o que planejei para o meu futuro é tudo o que vai trazer minha felicidade” (P 255, feminino, 16 anos, Sudeste).*

Submodelo 3b – Realização profissional

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 3b: 17

Este submodelo tem como elemento organizador central o *trabalho* significado como provedor de realização profissional. Os jovens deste submodelo indicam a área ou a profissão a ser desempenhada no futuro e projetam ações que emergem na sua dinâmica de pensamento, o que abarca um maior grau de complexidade e significação atribuídas a esta área de atuação escolhida como fonte de realização profissional. O *estudo* comparece como elemento presente em todo o protocolo, produtor de conhecimento necessário a uma qualificação profissional. A família aparece como fonte de apoio para as escolhas profissionais.

- Valores (Família/Estudo/Amigos): *“Família vem desde o nascimento, te acompanhando e te ajudando em tudo que precisa, os amigos também te acompanham e ajudam onde podem e como podem, a escola se torna importante a partir do momento que você quer ter um bom futuro, pois sem os estudos não há como exercer algo como segurança do trabalho, pois cuida de vidas e famílias, deve ser feito o trabalho com toda atenção e conhecimento possíveis/ Sobre a família me sinto muito bem com eles, e com o apoio recebido na maioria das minhas escolhas. Sobre os estudos penso serem importantes para um bom emprego e assim garantindo um bom futuro para você e sua família. Quanto aos amigos, acho importante ter a presença deles (claro que os verdadeiros amigos), pois quem tem amigos, tem tudo nessa vida/ Sim, pois na grande parte das vezes, te trazem coisas boas, assim te deixando feliz e satisfeito, do tipo amigos com novas conquistas para comemorar e para comemorar as suas também, familiares para te apoiarem nas suas escolhas e estudos para ter informação e formação adequada para exercer algo”.*

- Projetos: *“Um projeto onde você coloca tudo que pretende para o seu futuro e tenta seguir aquilo o mais fiel possível/ Concluir os estudos, e ter um bom emprego/ Bem”.*

- Felicidade: *“Sim, me considero uma pessoa muito feliz, pois até agora alcancei tudo o que queria, nos estudos e na vida, com muito esforço, mas consegui, e assim pretendo seguir uma faculdade federal de Engenharia da Computação ou Ciência da Computação, coisa que meus familiares apoiam muito por ser um futuro bom e reconhecido na maioria das vezes/ Concluir os estudos, e ter um bom emprego/ Poder receber conhecimento e também passá-lo adiante, passar um tempo com familiares e amigos, contando histórias e conversando, apenas pelo prazer de estar próximo, me sinto feliz praticando esporte e E-Sport²⁶, pela diversão proporcionada por eles/ Gratificação e reconhecimento” (P 250, masculino, 16 anos, Sudeste).*

Os participantes que aplicaram o Submodelo 3b também apontam ações que já constam de seu cotidiano com vistas ao futuro. É interessante observar que fazem parte destas ações, para alguns jovens, além do estudo, guardar dinheiro, ou seja, poupar para contribuir com a efetivação da realização profissional.

- Valores (Deus/Família/Profissional qualificado): *“Deus é tudo na minha vida, sem ele eu não sou nada, ele me gerou e me ama, por isso, ele se torna mais do que*

²⁶Esporte eletrônico, ciberesporte ou eSports são alguns dos termos para as competições de jogos eletrônicos, organizadas especialmente entre os profissionais. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_eletr%C3%B4nico>. Acesso em: 26 out. 2016.

importante para mim. A minha família foi tudo que o senhor me deu. Às vezes penso que sem eles, eu morreria de tristeza. Ser um profissional qualificado é o que eu almejo e trabalho. Meus grandes sonhos são formados com essa esperança.../ Bom, na primeira sinto que Deus é o meu ponto seguro, meu amigo fiel... Na segunda são as pessoas que eu amo, que nunca me abandonariam... A terceira não é a menos importante, muito pelo contrário, é superimportante para mim. É a parte em que eu faço mil e um planos, tenho tudo na minha cabeça, algumas coisas não dão certo, mas isso não me desanima/ Sim, porque tenho muita esperança e sei que os meus planos vão dar certo. Deus está sempre ao meu lado e da minha família. Ter essa confiança me torna uma pessoa feliz”.

- *Projetos: “É aquele grande plano que todos nós fazemos antes de terminar os estudos. Ser um profissional de sucesso, ter uma família linda, curtir a vida ao máximo.../ Quero me empregar como jovem aprendiz, guardar meu rico dinheiro em uma poupança, ir morar em 2015 para Goiânia, terminar o ensino médio para lá, arrumar um emprego lá, fazer vestibular e faculdade, trabalhar muito, sempre fazendo poupança. Só depois de muito esforço, construir uma família, mas sempre trabalhando/ Bom, vou estar casada, com uma casa linda e trabalhando muito e já terei dado de presente para minha mãe uma casa linda/ Sinto que estou dando o meu melhor, posso fazer mais, eu sei, e estou trabalhando para isso”.*

- *Felicidade: “Sim, sou muito feliz. Tenho saúde, minha família também, estou amando, só não estou mais feliz porque ainda não consegui um emprego. Mas tenho fé em Deus que tudo vai dar certo/ Felicidade para mim é poder acordar todos os dias, respirar, curtir pequenas coisas da vida. É poder agradecer ao meu salvador por minha família, amigos, saúde... fazer muitos planos, poder estar do lado das pessoas que eu amo, dando gargalhadas/ Quando estou do lado dele [namorado] sou feliz e estamos fazendo planos para casar, mas só no futuro, e bem distante. É claro, ter minha família sempre ao meu lado, pois eles todos, sem tirar nem pôr, me fazem felizes. Obs.: comer pizza e escutar música também me faz feliz [rs]” (P 207, feminino, 17 anos, Norte).*

Em geral, os sentimentos destacados no Modelo 3 estão significados por uma carga afetiva positiva sobre o trabalho. Dentre os jovens que não se referiram a uma definição da área de trabalho futura, a carga afetiva positiva sobre o trabalho está relacionada a segurança, conquista, motivação e satisfação. Para os jovens que já definiram sua atuação profissional, predomina a mesma carga afetiva positiva, acrescida do sentimento de confiança, sendo que comparecem menções sobre preocupação, luta e expectativa sobre o trabalho.

Para uma síntese, destacamos que os jovens desse modelo abstraíram como elemento organizador central o *trabalho*, com destaque para o elemento *estudo*, que é significado como

uma das etapas para se alcançar a realização financeira e também profissional. Na maioria dos protocolos, percebemos que o trabalho está alicerçado no apoio e na confiança que a família oferece. As relações/implicações advindas dessa forma de organização entre elementos e seus significados contribui para a compreensão dos projetos futuros dos jovens no que se refere à realização financeira e/ou profissional por meio do trabalho. Quanto ao sentimento de felicidade, ele se relaciona a demais aspectos da vida cotidiana do jovem, como família e amigos, não só para suas projeções futuras com vistas a realização financeira e/ou profissional.

Quadro 10 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 3

Elemento central	Trabalho
Características do modelo	Constitui-se, em geral, de respostas mais bem elaboradas com expectativas, ações e sentimentos dos jovens, além de sua atuação profissional futura. Nesta perspectiva encontramos jovens que ainda não definem uma profissão ou área de atuação, como também aqueles que as definem
Complexo de sentimentos	Os sentimentos relacionados aos futuros projetos dos jovens apresentam-se com carga afetiva positiva, envolvendo segurança, satisfação, bem-estar, luta, confiança e perseverança. A preocupação é um sentimento que comparece em minoria, de forma tênue. Para os valores, os sentimentos relacionados são os de bem-estar, segurança e satisfação. A felicidade está relacionada às conquistas futuras
Felicidade	A felicidade comparece nesse modelo relacionada à conquista dos objetivos e à realização daquilo de que se gosta, descritos como: “felicidade é bem-estar”, “é a realização de um sonho”

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

7.3.4 Modelo 4: Trabalho e família

Nº de participantes que aplicaram o Modelo 4: 30

Categoria 1: 12

Categoria 2: 18

Os jovens que aplicaram este modelo organizador abstraem dois elementos organizadores centrais – *trabalho e família* –, que são significados de forma idealizada e não contam com ações para projetos futuros. Devido a diferentes significados atribuídos aos mesmos elementos centrais, subdividimos o Modelo 4 em dois submodelos para melhor atender à dinâmica de pensamento envolvida nos raciocínios dos jovens.

As respostas do Submodelo 4a mostram que os jovens ainda não definiram o trabalho a ser realizado futuramente, sendo que a preocupação está com a consecução do trabalho em

si, sempre contando com o apoio da família. No Submodelo 4b identificamos respostas nas quais a profissão encontra-se definida. Os sentimentos foram elaborados, em sua maioria, com uma carga positiva em relação aos elementos centrais, *trabalho e família*, e são descritas pelos jovens como apoio e segurança, quando se referem à família; e realização, esperança, determinação e confiança, quando se referem ao trabalho. No entanto, quando os jovens falam de seus projetos, comparecem alguns sentimentos com carga afetiva negativa, quando relacionados às projeções sobre o trabalho para a vida futura, descritos como expectativa, indecisão e ansiedade. Em relação à felicidade, os significados que comparecem são descritos como estar bem, ter ânimo, paz e bons momentos.

Submodelo 4a – Não definem a área de trabalho

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 4a: 14

O Submodelo 4a tem como elementos centrais *trabalho e família* e está caracterizado pela idealização do elemento trabalho, não havendo referências a ou definição de uma área profissional em que atuar futuramente. Os jovens compreendem o trabalho como algo que os auxiliará em conquistas materiais, contribuindo com o viver bem. A família é um elemento central forte, significada como uma instituição que lhes dará suporte em suas decisões.

- Valores (Família/Saúde/Amigos): *“[...]minha família se tornou importante desde o momento que nasci, pois tudo que eu vivi foi com eles e eles sempre estiveram lá me dando amor e me mostrando como é amar. Minha saúde se tornou importante para mim desde que meu tio morreu e eu comecei a prestar mais atenção nisso. Meus amigos se tornaram importantes para mim quando eu comecei a escola. Antes disso eu vivia com minha irmã, mas por ela ser mais velha não caia nas mesmas salas que eu e a partir daí surgiu a necessidade de não ficar sozinha/ Em relação a minha família, eu me sinto bem. Não digo que tudo sempre é bom, mas sempre passamos por todas as dificuldades juntos e nos amamos acima de tudo. Sobre minha saúde, eu me sinto feliz, pois não tenho problemas de saúde e raramente tenho alguma coisa mais séria do que dor de cabeça. Sobre meus amigos, depende. Tem alguns que são meus, mas outros que apenas eu sou. Tenho sempre a sensação de que eu tenho que ser pior nas coisas para não os deixar tristes, e estou sempre abdicando das coisas por eles. E muitas vezes me sinto sufocada/ Cada uma de seu modo faz. Porque elas são as coisas que eu preciso para me sentir bem, sem elas eu teria apenas solidão e dor”.*

- Projetos: *“Projeto de vida para mim seria uma rota ao qual seguir, na vida acadêmica, profissional e pessoal/ O meu projeto seria conseguir passar na faculdade e me formar em algo que eu gosto, trabalhar e conseguir ganhar bem. Viajar bastante e conhecer lugares que eu sempre quis ir, como a Índia. Ter bons amigos, ser uma boa pessoa para meus familiares. Encontrar alguém que me ame e eu ame também. Ter filhos. Ajudar aos meus pais e irmãos/Me sinto realizada, pois conseguiria tudo que julgo necessário para ser feliz/Acredito que eu vou continuar prezando coisas como minha família, saúde, amigos. Mas posso dizer que meu emprego, minha formação, fazer viagens, serão coisas importantes para mim”.*

- Felicidade: *“[...] na maior parte do tempo sim. Não posso reclamar de nada, tenho uma boa família, bons amigos, tudo que eu quero. As vezes não me sinto em algumas crises que tenho de muita tristeza, mas acredito que seja normal/ Se sentir bem, completo, com vontade de viver e amar. Dar risada, ou até chorar. Um beijo, um abraço/ Hoje o que me faz feliz é chegar em casa e ver meu irmão grande e saudável, pois ele teve muitos problemas de saúde e minha mãe passou grande provação para conseguir tê-lo. É saber que tenho um lar, boa escola, família e amigos. É os momentos, por mais simples que sejam, com meus amigos que fazem eu me sentir especial/ Faço uma relação de que se o planejado vier acontecer, então provavelmente eu terei bons momentos, desde conseguir passar na faculdade até ter filhos e conseguir ver eles crescerem. Seriam coisas que me fariam bem e sendo assim feliz” (P 278, feminino, 16 anos, Sudeste).*

Neste submodelo encontramos, ainda, os jovens que se referem ao sucesso no trabalho de forma idealizada, sem apresentar ações para seu alcance. Para eles, a família também é significada como instituição de apoio para suas projeções futuras.

- Valores (Família/Saúde/Dinheiro): *“[...] com o passar dos anos ao ter uma melhor percepção da vida, conclui que sem estrutura (família), Capacidade (Saúde), e o dinheiro não poderia viver bem/Em relação a família, é muito importante pois é a base de tudo, para você poder crescer como pessoa. Saúde porque é bom poder estar bem fisicamente e mentalmente. Dinheiro porque precisamos para viver, pois produtos que necessitamos só se compra com dinheiro.../ Sim, pois eu necessito disso para me sentir bem, para estar bem, levar meu projeto de vida adiante!”.*

- Projetos: *“[...] criar metas, ou colocar em prática os seus sonhos, buscar um proposito em sua vida!/ Ter um bom casamento, estabilidade financeira, e Saúde.../Estou no*

caminho certo para realiza-lo/ Se tudo der certo... uma carreira estável, sucesso no trabalho, minha família e eu bem de saúde e financeiramente!”.

- Felicidade: *“Não, Pois ainda não conclui os planos para o futuro que eu criei!/Se sentir bem, realizar-se!/ Minha família.../ Como um depende do outro pois eu vou ser feliz se realizar meus sonhos...”* (P 213, masculino, 16 anos, Nordeste).

Submodelo 4b – Definem a área de trabalho

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 4b: 16

Este submodelo apresenta dois elementos centrais – *trabalho* e *família* –, sendo caracterizado por respostas mais bem elaboradas sobre os elementos abstraídos, os significados atribuídos pelos jovens e as relações/implicações entre eles. Os jovens trazem uma definição sobre a área profissional futura e projetam metas reais e coerentes para efetivar a conquista desejada. Alguns dos jovens que aplicaram o Submodelo 4b elegeram Deus como uma das coisas importantes para suas vidas. Entretanto, este elemento comparece recebendo pouca significação e desaparece ao longo das respostas emitidas, principalmente nas relacionadas aos projetos futuros, o que nos faz inferir que não é um elemento central na organização do pensamento destes jovens.

- Valores (Deus/família/amigos): *“Para mim, Deus é o mais importante de tudo e de todos! Minha família, também é muito importante para mim, por mais que tenha as discussões, conflitos e tudo mais, eles sempre estão do meu lado, seja da coisa mais simples até a mais grandiosa. E meus amigos, meus verdadeiros amigos, são tudo! E por cada um desses (Deus, família, amigos) sou capaz de tudo! Deus, como explicar o amor que sentimos por Ele, e o d’Ele por nós! É inescapável, é um amor incondicional. E família, um amor sem tamanho, um amor verdadeiro, por mais que os conflitos aconteçam, é a família que vai está do nosso lado para nos apoiar, nos defender. E os amigos, são os irmãos de outra mãe, não é? São com os verdadeiros amigos, que passamos por muitas coisas, tanto as ruins como as boas, são eles que nos dão conselhos quando precisamos de um ombro AMIGO!/ Sim, porque são as maiores riquezas que alguém pode ter!”.*

- Projetos: *“Projeto de vida para mim, é ter um foco na vida (profissional, religiosa), saber o que realmente quer ser, o que quer ter. Não só ‘se jogar no mundo’ como muitos dizem e sim fazer literalmente um projeto para a vida. Sei que tem os imprevistos, coisas que não queremos mais muita das vezes é, tem que ser/ Assim, eu quero terminar meus*

estudos, fazer cursos, ter um trabalho bom, uma casa boa, ter saúde boa (sempre) com minha família sempre reunida!// Espero concretizar esse projeto, essa meta para minha vida!”

- Felicidade: *“Sim, porque eu tenho saúde, tenho uma família linda, tenho pessoas ao meu redor que são maravilhosas. Sei também que tem coisas que as vezes nos deixam cabisbaixo, mais são essas coisas que nos fortalecem e nos dão força para seguir adiante de cabeça erguida”* (P 139, feminino, 15 anos, Norte).

De forma geral, os jovens que aplicaram o Modelo 4 abstraíram como elementos centrais o trabalho e a família, sendo que o trabalho é significado como meta real para conquistas futuras, com o apoio da família. Para uns, de forma idealizada, sem definições da área a atuar nem ações efetivas relacionadas ao trabalho futuro. Para outros, a partir de significados mais elaborados, definindo a área profissional, meios e ações para efetivá-las. Em ambas as organizações, a família é significada como uma instituição que dá apoio às escolhas dos jovens.

Os sentimentos comparecem, em sua maioria, com carga afetiva positiva sobre os elementos centrais família e trabalho, essencialmente de ajuda, satisfação e segurança. Entretanto, encontramos nos dois submodelos, embora na minoria das respostas, uma carga afetiva negativa sobre as projeções futuras dos jovens, ao apontarem sentimentos de ansiedade e indecisão. A felicidade tem uma carga afetiva intensa sobre os projetos futuros relacionados ao trabalho e à família, descritos como bons momentos, algo que faz bem, que dá ânimo.

Quadro 11– Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 4

Elemento central	Trabalho e família
Características do modelo	Está dividido em dois submodelos como forma de contemplarmos as especificidades das diferentes dinâmicas de organização do raciocínio dos jovens. O primeiro submodelo contempla uma forma fragilizada de abordar as projeções futuras sobre o trabalho, enquanto o segundo apresenta definições e ações dos jovens sobre a área de atuação por eles projetada
Complexo de sentimentos	Os sentimentos relacionados aos futuros projetos dos jovens apresentam-se com uma carga afetiva positiva, envolvendo sentimentos de realização, determinação e confiança. A ansiedade e indecisão comparecem como carga afetiva negativa sobre os projetos futuros de forma branda, não interferindo nas ações se, e quando, projetadas. Para os valores, os sentimentos relacionados são os de apoio, segurança, satisfação e amor
Felicidade	A felicidade comparece nesse modelo relacionada às projeções futuras, descritas pelos jovens como: bons momentos, paz, ânimo e como algo que faz bem

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

7.3.5 Modelo 5: Preocupação com o outro²⁷

Nº de participantes que aplicaram o Modelo 5: sete

Categoria 1: quatro

Categoria 2: três

O Modelo Organizador 5 traz como elemento organizador central *ooutro*, que tem seu significado advindo de uma preocupação dos jovens com o bem de outras pessoas. Devido a diferentes dinâmicas de organização do pensamento daqueles que aplicaram o Modelo 5, optamos por dividi-lo em dois submodelos, que abrangem com maior precisão os significados atribuídos ao elemento central. O Submodelo 5a é caracterizado por respostas de jovens que se preocupam em ajudar o outro, mesmo que indiretamente, por meio de um trabalho formal, ou diretamente pela participação em campanhas solidárias. Já para o Submodelo 5b, percebemos que as respostas dos jovens relacionam-se a um trabalho mais voltado ao voluntariado, ou seja, os trabalhos descritos pelos jovens são direcionados para instituições como a Organização das Nações Unidas (ONU)²⁸ ou organizações não governamentais (ONGs).

Submodelo 5a – Envolvimento pelo trabalho formal

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 5a: cinco

O Submodelo 5a caracteriza-se por respostas que mobilizaram o elemento central *ooutro*. Devido à sua preocupação com o outro, os jovens pretendem, por meio de um trabalho formal, fazer a diferença para alguém. Neste submodelo encontramos respostas nas quais as profissões encontram-se definidas para a área desejada, sendo que ela poderá contribuir para ajudar o próximo. As profissões apontadas nas respostas deste submodelo são ligadas à atuação de professores, psicólogos, pedagogos e médicos.

- Valores (Ajudar alguém/Ler/Jogar): *“Com o tempo, muitas vezes me perguntei, o que eu precisava para me sentir bem, e muitas vezes eu falava que não precisava de mais nada para ser feliz, isso é muito distinto, quando se é tratado da minha forma, eu me importo*

²⁷ No Modelo 5, os jovens abstraem o elemento – outras pessoas e animais, significados como aqueles por quem os jovens sentem preocupação e gostariam de ajudar por meio do trabalho formal e/ou voluntário. Neste sentido elegemos o elemento -“outro” que, pensamos, possa representar os diferentes elementos.

²⁸ Organização internacional cujo objetivo é facilitar a cooperação em termos de direito e segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, direitos humanos e da paz mundial. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/onu>>. Acesso em: 30 out. 2016.

muito com as pessoas, e elas me fazem felizes muito facilmente, com um gesto com um sorriso... me descrevo como uma pessoa sentimental demais/ Me sinto satisfeito, algo que não sinto o dia todo, ou após uma discussão, é algo que vem de dentro/ Sim, não sei explicar o motivo, mas faz eu me sentir melhor, faz eu ficar satisfeito comigo mesmo, como se algo ou alguém entrasse em nossa vida/ Às vezes quando as pessoas estão tristes, não querendo saber de nada, mesmo eu tentando ajuda-las elas continuam tristes, muitas vezes eu consigo ajuda-las, porém, algumas vezes eu não consigo ajuda-las e com isso discutimos e ambos ficam tristes²⁹/Não... de certo modo, sempre me preocupo com a situação das pessoas ao meu redor, e acabo esquecendo de mim, e por isso não dou muito bem com a vida em que vivo, se eu parar pra realizar todos os meus desejos, eu me consideraria egoísta, algo que eu não quero ser, quero o bem dos outros, isso que importa para mim, mesmo que eu não seja beneficiado com tal situação, outras pessoas ficando felizes, isso já me basta³⁰”.

- *Projetos: “Planejar, desde jovem, um futuro, o que você deseja estar fazendo após um tempo determinado, objetivos de vida.../ Entrar em uma faculdade, cursar psicologia, ficar com alguém que ame o mesmo tanto que eu a amar, trabalhar em algo que não seja muito difícil mas o suficiente para me sustentar/ Sim, pois é algo que ninguém me indicou fazer, nem me obrigou, veio de mim mesmo/ Pretendo estar cursando uma faculdade de psicologia, com alguém do meu lado, que não seja diretamente de minha família, mas alguém me apoiando, com um emprego, juntando dinheiro para comprar uma casa própria...”*

- *Felicidade: “De certo modo sim, não sei ao certo como seria a felicidade, mas com o que eu sinto que me faz bem, me faz feliz, quando ajudo alguém principalmente, eu fico feliz de minha maneira, felicidade é algo que vem de cada um e não sei definir ela/ Felicidade é estar bem em uma situação que independente de o que a criou coloque um sorriso em tua boca, porém, sem que outra pessoa seja prejudicada/ Em um final de semana, eu havia acordado de manhã e saído com um pessoal para pedir comida para fazermos cestas básicas para doação, após 4 semanas havíamos arrecadado mais de 1 tonelada em alimentos, quando vi que eu ajudei a arrecadar tudo aquilo, me senti bem, pois outras pessoas vão ficar felizes por saberem que há alguém preocupado com eles, por saber que outras pessoas vão ter o que comer, algo que saiu de cada pessoa de minha cidade pode alimentar centenas de*

²⁹ Questão complementar cuja resposta aponta a preocupação com o bem-estar do outro. Trata-se da Questão 16: Quais as dificuldades enfrentadas por você com relação a essas coisas importantes? Escreva com riqueza de detalhes.

³⁰ Questão complementar cuja resposta sinaliza o bem-estar do outro em detrimento do seu próprio. Trata-se da Questão 19: Você acredita que se o mundo fosse tal qual você apontou, você seria mais feliz? Por que? Explique detalhadamente.

famílias, isso fez eu me sentir feliz³¹/ Escutar minhas músicas, me faz refletir um pouco a minha vida, me faz ter um objetivo de vida, do que eu quero, do que eu planejo, do que vai ser de mim nos próximos 5, 10, 15 anos... Isso não me faz me sentir feliz, mas me faz sentir-me bem, pois percebo que estou preocupado com meu futuro/ Meu projeto de vida, seria como uma conquista, algo que eu desejo, algo que sei que vai me trazer a felicidade, então não me importo muito com a ordem deles” (P 253, masculino, 15 anos, Sudeste).

Como vimos, as respostas dos jovens que aplicaram este submodelo compreendem uma elaboração mais complexa na qual o elemento central identificado é citado em todo o questionário, além de apresentarem coerência nos fundamentos apresentados para as metas e ações estabelecidas para os projetos.

- Valores (Família/Carreira/Amigos): *“[...]minha educação sempre foi em família, aquela coisa de reunião aos domingos. Acho que acabei me acostumando. Sempre gostei de dar o melhor de mim, como sou estudante, gosto de me dedicar (embora nem sempre tenha bons resultados). Sofri um pouco no ensino fundamental com essa coisa de amizade. Aprendi que nem todo mundo, que dizia ser meu amigo realmente o era. Tornou-se importante para mim pertencer a um grupo com o qual me identificasse e que não tivesse uma ‘hierarquia’/ Gosto de estar com minha família, apesar de nem sempre receber o apoio que desejo. Acho muito importante, essencial, o estudo para ser um bom profissional; me sinto insegura. Gosto muito de estar com meus amigos, a gente conversa bastante, nem sempre eles me entendem, por isso quase sempre eu escuto eles falando e dou conselhos/ Sim. É bom estar com as pessoas de quem gostamos/ Acho que o que falta no mundo é compreensão. O diálogo é muito importante em diferentes escalas de relacionamento, seja ele familiar, entre amigos ou até mesmo questões maiores, como a sociedade como um todo. Se pararmos para ouvir o que o outro tem para dizer e tentarmos ajudar, haveria mútua ajuda. O que falta no mundo é muito para colocar aqui, mas acho que se as pessoas não fossem tão egoístas, egocêntricas, o mundo estaria menos perdido³²”.*

- Projetos: *“[...] resume-se a objetivos e metas/ Quero me forma em filosofia, não parando na graduação. Exercer a profissão de professora. Ser útil de alguma forma. Quero muito morar em um lugar afastado da correria da cidade. Parece bobagem, um sonho*

³¹ Questão complementar cuja resposta indica o trabalho voluntário desempenhado e a preocupação com o outro. Trata-se da Questão 22: Recorde uma situação vivida por você no último ano, na qual você se sentiu feliz e descreva com detalhes as razões pelas quais você se sentiu assim.

³² Questão complementar cuja resposta sinaliza a preocupação com o outro. Trata-se da Questão 17: O que você gostaria que fosse diferente no mundo e o que faz para concretizar tal mudança? Descreva com pormenores.

pequeno, mas quero ter um café e biblioteca. Um lugar onde as pessoas possam se livrar do estresse/ Tenho muito receio de planejar, e planejar, e no final não dar nada certo. Como disse, quero ter um café e uma biblioteca. Não acho que vou conseguir, mas deixa eu sonhar.../ Estar formada e trabalhando. Quero ser professora, então espero estar ensinando/ Estar ensinando, quero me sentir útil. Passar conhecimento... mesmo que não seja reconhecida pela minha profissão, digo em relação à remuneração, se alguém algum dia me agradecer por ter ensinado algo que mudou de alguma forma sua maneira de pensar ou de viver, me sentirei feliz³³”.

- Felicidade: *“Sim e não. Tenho família unida, alguns poucos amigos, estou prestes a me formar no ensino médio. Contudo, as vezes me sinto só/ Estar bem com aquilo que faz ou com as pessoas. Sem sentir necessidades de ter ou sentir aquilo que já senti/ Ler. Nem família, nem amigos. Só eu e um livro/ Quando meu professor de filosofia me convidou primeiro para uma monitoria voluntária, depois para uma bolsa de iniciação científica. Me senti útil³⁴/ Fazer as pessoas felizes é um tipo de felicidade. Digo isso considerando que, no futuro próximo as pessoas deem valor ao conhecimento adquiridos nas escolas e nos livros”* (P 217, feminino, 17 anos, Nordeste).

Submodelo 5b – Envolvimento pelo trabalho voluntário

Nº de participantes que aplicaram o Submodelo 5b: 2

Os participantes que aplicaram este submodelo também apontam, em suas respostas, para ações que já constam em seus projetos futuros. A organização do raciocínio dos jovens sobre as formas de ajudar o outro também inclui os familiares, o que é significado como uma das formas de retribuir à ajuda já recebida por eles, da família. É interessante observar que, nas respostas que compõem este submodelo, a forma de ajudar o outro está centrada em ações específicas de trabalho voluntário. Um dos jovens, em sua resposta, define duas formas de atuação para o cuidado com o outro: uma por meio de um trabalho formal, quando indica abrir uma clínica veterinária; outra pela abertura de uma ONG para acolher animais abandonados. Outra área profissional apontada nas respostas que pertencem a este submodelo é descrita por uma jovem que pretende ser diplomata.

³³ Questão complementar cuja resposta indica a preocupação em ajudar o outro. Trata-se da Questão 28: O que você acredita que te fará feliz quando estiver com 40 anos? Por quê? Explique com riqueza de detalhes.

³⁴ Questão complementar cuja resposta aponta para trabalho estudantil voluntário. Trata-se da Questão 22: Recorde uma situação vivida por você no último ano na qual você se sentiu feliz e descreva com detalhes as razões pelas quais você se sentiu assim.

Valores (Família/Saúde/Amigos): “[...] porque foi com elas que eu cheguei a onde estou, com ajuda deles que ultrapassei algumas pedras do meu caminho/ Família é onde eu encontro paz e estabilidade. Saúde é o que importa pra viver. Amizade é uma das forças que supre a tristeza momentânea/ Sim, tudo que uma pessoa pode levar consigo, para onde queres. Fisicamente e emocionalmente”.

- Projetos: “É tudo aquilo que eu tenho como meta para conseguir meus sonhos. Minha vida detalhada, passo por passo/ Terminar a faculdade de Medicina Veterinária, abrir uma clínica, exercer a profissão dignamente, abrir uma ONG pra acolher animais abandonados e maltratados, constituir uma família e ajudar meus pais, tanto quanto eles me ajudaram/ Sinto que serei feliz/ Estarei concluindo o curso que quero e ser independente”.

- Felicidade: “Sim, porque tenho quase tudo que eu amo e os que eu não tenho, com coragem e força eu conseguirei, aos poucos/ É algo que torna a vida ampla, sem tristeza, sem angústia, onde não há empecilho pra ser o que somos, sem julgamentos/ Estar viva, com as graças de que tenho e posso conseguir o que quero/ Que conseguindo realizar o que projetei, a felicidade vai estar dentro de tudo. Ou seja, se eu conseguir realizar, tornarei-me feliz” (P 214, feminino, 17 anos, Nordeste).

As respostas dos jovens possuem uma elaboração de pensamento bem mais complexa, coesa e coerente durante todo o questionário, tornando claro o objetivo de atuar em causas sociais. Para uma jovem que aplicou este submodelo, o significado atribuído ao elemento central está vinculado à realização de um trabalho humanitário; seu desejo é trabalhar na ONU, ser diplomata ou voluntária. Chama-nos a atenção outro fato encontrado em suas respostas, sobre o anseio de constituir uma família com filhos adotivos. Mais uma ação projetada pela jovem que fortalece o elemento central – *preocupação com o outro*.

- Valores (Consciência/Equidade/Autoconhecimento): “A observação da forma de vida das pessoas ao meu redor e as coisas nas quais elas valorizavam, valores que me incomodavam, ou a falta deles, me fizeram perceber que a alienação dos próprios pensamentos nos faz agir de acordo com parâmetros errados e corrompidos desdeo princípio de sua formulação/ Me sinto triste por tais valores não serem considerados de suma importância na atual sociedade contemporânea, no entanto as coisas não estarem bem nestes âmbitos é uma motivação para que eu possame dedicar a melhorá-los futuramente, para que se construa um bom senso e um bem comum justo/ Me faz feliz a possibilidade de poder fazer algo em prol delas/ Gostaria que as pessoas soubessem o que há de mais importante na vida, o que o seu dia-a-dia tem de fato rendido a elas, uma rotina estafante e árdua nos robotiza e

petrifica nossa sensibilidade, o senso crítico deve ser melhor apurado, a observação de nosso meio, pensar globalmente para que se possa agir localmente, temos quer ter uma visão 'macro' para melhorarmos o 'micro', nossos direitos são muito desiguais, nossa política é em demasia sem fundamento, as falácias em prol de um individualismo falam mais alto que uma possível melhoria coletiva, o mundo tem muito que melhorar³⁵”.

- *Projetos: “Algo que se tem como ‘plano’, alguma coisa coisa que se almeje alcançar para si, ou para outros durante a sua vida/ Estar bem comigo mesmo independentemente da situação na qual eu me encontre, pois estando bem comigo posso ajudar aos demais a estarem bem consigo também, ter uma profissão não é necessariamente um projeto, mas poder trabalhar com o que eu gosto, direitos humanos, estar em contato com pessoas e fazer o melhor de mim para ajudá-las, quero estar ao lado daqueles que amo sempre que possível/ Tenho total convicção de que será muito difícil realiza-lo, mas sem dúvida estou construindo-o da melhor forma que posso desde cedo/ Creio que estarei me dedicando ao trabalho humanitário, terei um grande convívio com diferentes tipos de pessoas, talvez eu forme família, mas sem dúvida terei filhos adotivos, não pretendo ter uma moradia fixa, um automóvel, ou algo assim, o que torna mais difícil uma possível criação para meus filhos, pretendo trabalhar na ONU, seja como diplomata ou voluntária³⁶”.*

- *Felicidade: “Na minha opinião não se é feliz nem triste, a vida é cíclica. Eu posso estar feliz, mas ser feliz é algo que pra mim não existe, assim como nenhum outro sentimento é definitivo, a felicidade também não pode ser/ A felicidade é um sentimento, creio eu que bom, em sua plenitude boa e puro, a felicidade adquirida de forma inescrupulosa não é a real felicidade, mas uma ilusão/ Os projetos que tenho auxiliado, meus amigos, meu namorado, as chances que tenho tido de melhorar uma pequena parcela da humanidade/ A felicidade que eu puder fazer florescer nos outros, sem dúvida me fará feliz também” (P 281, feminino, 15 anos, Sudeste).*

De forma geral, os jovens que aplicaram o Modelo 5 abstraíram como elemento organizador central de seus projetos de vida o *outro*, elemento que se faz presente reiteradas vezes em suas respostas. Os significados atribuídos pelos jovens têm sua centralidade na preocupação com o outro, podendo, por meio do trabalho formal ou de ações voluntárias,

³⁵ Questão complementar cuja resposta aponta para uma forma de pensamento da jovem em prol de uma melhoria coletiva para a sociedade. Trata-se da Questão 17: O que você gostaria que fosse diferente no mundo e o que faz para concretizar tal mudança? Descreva com pormenores.

³⁶ Questão complementar cuja resposta faz menção ao desejo de trabalhar na ONU como diplomata e realizar um trabalho humanitário, ou ser voluntária. Trata-se da Questão 26: Agora, imagine-se com 40 anos. Como você acha que será a sua vida? O que você acha que estará fazendo? O que acha que será importante para você?.

realizar algo que lhes confira uma vida mais digna em sociedade. Os sentimentos, em geral, têm carga afetiva positiva, o que dá força aos projetos futuros delineados.

Quanto aos sentimentos expressos nas respostas dos jovens que aplicaram o Modelo 5, eles são significados por uma carga afetiva positiva sobre *o outro*. Dentre os jovens que definem um trabalho formal, e a partir dele poder ajudar as pessoas, a carga afetiva positiva é expressa por um sentimento de satisfação e bem-estar. Para os jovens que definem uma área específica relacionada ao trabalho voluntário, a carga afetiva positiva é de um sentimento de paz e motivação. Entretanto, uma carga afetiva negativa é atribuída por um jovem que sente receio de que seu projeto não dê certo; porém, tal sentimento tem pouca força sobre os projetos futuros, não se tornando central para o jovem.

Quadro 12 – Descrição da dinâmica de organização do pensamento do Modelo 5

Elemento central	O outro
Características do modelo	Constitui-se de respostas, em geral, muito bem elaboradas, com projeções dos jovens para ações que envolvem uma preocupação para com o outro. Nesta dinâmica de pensamento, os jovens projetam suas ações a partir de um trabalho formal e/ou voluntário futuro. Nesta perspectiva encontramos jovens que definem uma profissão ou área de atuação formal, como também aqueles que definem especificamente uma área de trabalho voltada ao voluntariado.
Complexo de sentimentos	Os sentimentos relacionados aos futuros projetos dos jovens apresentam-se com carga afetiva positiva de realização e felicidade. A dificuldade é um sentimento que comparece, de forma tênue, relacionada à possibilidade de não efetivação do projeto de vida. Para os elementos que são valor central para os jovens, o sentimento relacionado é de motivação e satisfação. A felicidade está relacionada às realizações futuras.
Felicidade	A felicidade comparece no Modelo 5 relacionada à ausência de tristeza, momentos de bem-estar

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da representação que os participantes deste estudo fazem de seus projetos de vida e da dimensão afetiva envolvida em suas projeções, e mediante a apropriação dos procedimentos da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al., 1999a), foi possível analisar uma multiplicidade de organizações de tais pensamentos e conteúdos presentes nos projetos. O referido procedimento permitiu tecer considerações sobre a dinâmica psíquica subjacente aos projetos de vida dos jovens e os sentimentos neles envolvidos, com foco na felicidade.

Salientamos que nossa apresentação estará orientada por três objetivos específicos, que nortearão nossas discussões e, conseqüentemente, contribuirão para o alcance do objetivo geral deste estudo: “estudar os processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade”. Assim, os objetivos específicos deste estudo são os seguintes:

- identificar e analisar os valores subjacentes aos projetos de vida dos jovens participantes;
- identificar os modelos organizadores do pensamento subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade;
- analisar as possíveis relações entre os projetos de vida dos jovens e o sentimento de felicidade.

Entretanto, atentamos para o fato de que nossas análises não foram pautadas pela hierarquia de objetivos. Tendo em vista nossa questão de pesquisa – quais as relações existentes entre os projetos de vida e o sentimento de felicidade de jovens? –, fazem-se presentes todos os objetivos por nós traçados, por contribuírem para a consecução de um caminho que contemple a indagação proposta, sendo a felicidade mais detalhada, em conjunto, no terceiro objetivo.

No próximo item abordaremos cada um dos objetivos específicos, numerados para efeito didático desta discussão, e utilizaremos tabelas e ilustrações que serão analisadas e comentadas à luz do embasamento teórico da pesquisa.

8.1 Considerações sobre a apresentação dos dados e discussão dos resultados

O enfoque qualitativo do estudo pretendeu, a partir da leitura dos protocolos, buscar a regularidade na representação dos jovens sobre a temática investigada. Não foram desprezados elementos que se constituíram em não regularidades, pois reforçam a complexidade existente no funcionamento psíquico humano, aqui representado pelos jovens selecionados para o estudo. Entretanto, pela abordagem quantitativa, utilizada de forma complementar, buscamos tendências na organização do pensamento humano, neste caso, no pensamento dos jovens sobre valores, projetos de vida e o sentimento de felicidade.

Os enfoques qualitativos e quantitativos deste trabalho desenvolvem uma relação de complementaridade, que acreditamos possa oferecer uma análise de forma mais ampla e, acima de tudo, pormenorizada sobre os dados.

8.1.1 *Análise do primeiro objetivo*

Visando a atender ao primeiro objetivodelineado em nosso estudo, identificamos quatro categorias(detalhadas anteriormente), pelas quais buscamos observar as regularidades e não regularidades encontradas nas respostas dos participantes. Faremos agora a retomada dessas categorias, que contemplam distintas formas de organização do raciocínio dos entrevistados quando apontam as três coisas mais importantes de suas vidas – o que lhes é *valor* – e, também, os elementos centrais de seus projetos.

Descritas as formulações do pensamento empreendidas pelos jovens que pertencem às Categorias 1 a 4, buscaremos as articulações entre tais formulações e as elaborações dos modelos organizadores identificados no capítulo anterior.

O quadro a seguir mostra os participantes cujas respostas à Questão 15 justificam a escolha de três elementos considerados mais importantes em suas vidas. Entretanto, a explicação envolveu duas formas de organização distintas do pensamento para responder à questão proposta: 1) agrupando elementos; 2) individualizando elementos. Essa diferença nos aproxima da contribuição da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al., 1999a), uma vez que compreende que a análise por meio da referida teoria permite uma investigação de tendências do raciocínio humano.

Quadro 13 – Descrição das Categorias 1 e 2 (valores) a partir das respostas à Questão 15*

Categoria	Subcategoria	Descrição
1 Elementos centrais agrupados	1A	A Categoria 1 contempla nove subcategorias que representam o grupo de três elementos indicados pelos participantes. Centramos nossas análises na forma como os jovens justificaram suas respostas sobre quais os três elementos mais importantes para suas vidas. Encontramos nesta forma de organização do raciocínio uma elaboração de respostas mais simples, nas quais os jovens agrupam os elementos indicados para suas considerações. Exemplo: Deus/Família/Amigos: <i>“Por serem coisas que me deixam felizes”</i> (P. 122, masculino, 16 anos, Norte).
	1B	
	1C	
	1D	
	1E	
	1F	
	1G	
	1H	
	1I	
	1J	
2 Elementos centrais não agrupados	2A	A Categoria 2 contempla oito subcategorias que representam o grupo de três elementos indicados pelos participantes. Encontramos nesta forma de organização do raciocínio uma elaboração de respostas mais complexa, nas quais os jovens individualizam cada um dos elementos indicados para suas considerações. Exemplo: Família: <i>“Minha família se torna importante para mim, porque através dela eu tenho toda a ajuda e auxílio no que preciso”</i> . Amigos: <i>“Meus amigos são importantes para me manter sempre alegre e sorridente, pois são com eles que eu convivo na escola”</i> . Estudo: <i>“Os estudos são importantes para minha formação acadêmica, principalmente na minha preparação para o futuro, pois é através deles que eu tenho adquirido conhecimento”</i> (P. 102, masculino, 19 anos, Centro-Oeste).
	2B	
	2C	
	2D	
	2E	
	2F	
	2G	
	2H	

* Questão 15: Como cada uma dessas coisas se tornou importante para você? Descreva minuciosamente.

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Tais categorias atenderam ao objetivo de realizar um levantamento de conteúdos que se constituem como modelo para os jovens e a forma de organização do raciocínio por eles utilizada em sua elaboração. Como resultado geral, tivemos a maioria dos jovens (61%) inserida na Categoria 1, considerada neste estudo como uma forma mais simples de elaboração das respostas; na Categoria 2 encontram-se 39% dos jovens que se apropriam de uma forma mais complexa de elaboração.

Delineadas essas duas formas de organização, passaremos à discussão das Categorias 3 e 4 e à forma de organização empreendida pelos participantes para apresentar os elementos que compõem seus projetos de vida, conforme descrito no quadro a seguir:

Quadro 14 – Descrição das Categorias 3 e 4 (projetos de vida) a partir das respostas às Questões 29 e 30*

Categorias	Descrição
<p>3</p> <p>Elementos³⁷ centrais dos projetos de vida</p>	<p>A Categoria 3 está representada por um grupo de oito elementos que foram indicados pelos participantes com vistas a seus projetos futuros, sendo que cinco deles são os mesmos entre as duas categorias e três não compõem o rol de elementos da Categoria 4. Centramos nossas análises em três formas de organização do raciocínio elaboradas pelos jovens que pertencem a esta categoria – os que indicam elementos para seus projetos, os que não indicam e os que dizem não ter/não saber sobre projetos. A distribuição destes elementos nestas categorias seguiu um <i>continuum</i> com as formas de organização das Categorias 1 e 2, no que se refere à distribuição dos participantes.</p> <p>Exemplos: Estudo, Trabalho, Dinheiro/Bens, Bem-Estar, Família, Ser Feliz, Ser Independente, Ser Importante.</p>
<p>4</p> <p>Elementos centrais dos projetos de vida</p>	<p>A Categoria 4 está representada por um grupo de seis elementos que foram indicados pelos participantes com vistas a seus projetos futuros, sendo que cinco deles são iguais aos da categoria anterior. As análises para esta categoria também estiveram centradas em três formas de organização do raciocínio, como na Categoria 3. O que as distingue é o fato de que, além da quantidade de elementos citados ser diferente, apenas um de seus elementos não compõe o rol da Categoria 3.</p> <p>Exemplos: Estudo, Trabalho, Família, Dinheiro/Bens, Bem-Estar, Deus.</p>

*Q29: O que é para você um projeto de vida? Explique detalhadamente.

Q30: Que projeto você tem para a sua vida? Comente detalhadamente.

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Este quadro representa uma síntese da organização das respostas às Questões 29 e 30 que compuseram um rol de elementos destacados pelos jovens para seus projetos de vida.

Mais uma vez, colaboram com nossas análises os aspectos metodológicos da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento(MORENO et al., 1999a), que, de acordo com seus pressupostos, nos fazem entender que os elementos identificados nas respostas dos participantes são fruto de uma análise construída por meio da identificação de semelhanças e diferenças nas respostas dos entrevistados diante de um mesmo questionamento. Para além dos aspectos quantitativos, esse modelo metodológico essencialmente contribuiu com o levantamento de categorias que referendaram a dinâmica de raciocínio realizada pelos jovens nas diferentes categorias.

Consoante esta perspectiva, as considerações de Arantes (2013, p. 33) pontuam a centralidade da “contribuição que a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamentotraz

³⁷ Os elementos que compõem estas categorias foram detalhados no sétimo capítulo. Nosso foco de discussão aqui não são tais elementos, mas sua forma de organização no pensamento dos jovens.

para o desenvolvimento de um modelo metodológico para os estudos sobre o funcionamento psicológico humano”. É preciso tornar claro que as categorias por nós identificadas não foram elaboradas *a priori*, mas seguem a lógica do referencial que aqui nos embasa. Diferentes aspectos orientaram a elaboração mental dos jovens para as categorias identificadas, e estas colaboraram com nosso estudo ao proporcionar uma visão mais abrangente sobre as escolhas que permeiam o pensamento destes jovens em relação a seus valores (Categorias 1 e 2) e a suas projeções futuras (Categorias 3 e 4). Consequentemente, esse conjunto de categorias trouxe distintas formas de mobilização do pensamento pelos participantes, ao comporem uma reflexão sobre o que realmente lhes é importante. Sendo assim, valores e projetos são vistos e referenciados para os jovens a partir de organizações distintas sobre seus conteúdos.

Feitas as devidas observações, buscaremos as relações estabelecidas entre os modelos organizadores do pensamento e as categorias de análise identificadas. Importante considerar que os modelos organizadores se delinearam a partir do conjunto de valores, sentimentos e elementos dos projetos de vida dos jovens entrevistados. Reiteramos que as Categorias 1 e 2 foram constituídas pela forma de organização das justificativas, por conta dos participantes, em relação às suas próprias respostas, enquanto as Categorias 3 e 4, aplicadas ao mesmo conjunto de participantes das Categorias 1 e 2, indicaram os elementos de seus projetos de vida. Para compreender a lógica estabelecida entre modelos e categorias, torna-se necessário observar que cada modelo organizador dialoga, de diferentes formas, com um conjunto específico de categoria.

a) Modelo 1: Modo de vida

Neste modelo encontramos oito jovens que organizam seus raciocínios, majoritariamente, com respostas simples e carentes de significados.

- Categoria 1 e 3: o Modelo 1 compreende sete jovens nesta categoria em que as respostas foram estimadas como uma forma de elaboração mais simples.
- Categoria 2 e 4: o Modelo 1 contempla um jovem nesta categoria cuja resposta entende-se como mais elaborada.

b) Modelo 2: Relações interpessoais e/ou vínculos

Neste modelo encontramos 44 respostas, sendo que a maioria possui uma organização do raciocínio mais elaborada sobre os projetos futuros dos jovens.

- Categoria 1 e 3: o Modelo 2 compreende 28 jovens nesta categoria cujas respostas foram consideradas como uma forma de elaboração mais simples.
- Categoria 2 e 4: o Modelo 2 envolve 16 jovens nesta categoria em que são emitidas respostas consideradas como de melhor elaboração.

Diante destes dados, os Modelos 1 e 2, em conjunto com suas categorias, apresentam como resultado a divisão dos participantes em duas categorias: uma, com a predominância de elaborações mais simples (46,5%), e a outra, constituída por respostas mais elaboradas (22,5%).

c) Modelo 3: Trabalho

Este modelo se constitui de 31 respostas, em geral mais bem elaboradas, em que alguns definem e outros não definem uma profissão ou área de atuação.

- Categoria 1 e 3: o Modelo 3 compreende 21 jovens nesta categoria considerada como uma forma de elaboração mais simples.
- Categoria 2 e 4: o Modelo 3 envolve dez jovens nesta categoria considerada como uma forma de melhor elaboração.

Diante destes dados, o Modelo 3, em conjunto com suas categorias, apresenta como resultado a divisão de seus participantes em duas categorias: uma tendendo a elaborações mais simples (46,5%) e outra constituída por respostas mais elaboradas (22,5%).

d) Modelo 4: Projeções idealizadas sobre trabalho e família

O presente modelo contém respostas de 30 jovens, em geral mais elaboradas, em que alguns definem e outros não definem sua área de atuação.

- Categoria 1 e 3: o Modelo 4 compreende 12 jovens nesta categoria considerada como uma forma de elaboração mais simples.
- Categoria 2 e 4: o Modelo 4 envolve 18 jovens nesta categoria considerada como de melhor elaboração.

A despeito da semelhança do Modelo 4 em relação aos três anteriores (divisão dos participantes em duas categorias), observa-se aqui uma tendência a elaborações mais bem definidas. A primeira categoria é representada por 10%, e a segunda, por 15%.

e) Modelo 5 – Preocupação com o outro

Este modelo constitui-se de sete respostas, em sua maioria bem elaboradas e com projeção de ações que envolvem uma preocupação para com o outro.

- Categoria 1 e 3: o Modelo 5 compreende quatro jovens nesta categoria considerada como uma forma de elaboração mais simples.
- Categoria 2 e 4: o Modelo 5 envolve três jovens nesta categoria considerada como uma forma de elaboração mais complexa.

Os dados do Modelo 5 indicam semelhança em relação aos Modelos 1 a 3, considerando que os referidos modelos apresentam como resultados a divisão de seus participantes em duas categorias. No caso do Modelo 5, observa-se uma proximidade entre as categorias de respostas, configurada por meio dos seguintes percentuais: elaborações mais simples, 3,5%, e respostas mais elaboradas, 2,5%.

Os dados analisados nos cinco modelos organizadores indicam que há a predominância de uma elaboração mental de natureza mais simples. Isto porque, apesar de os modelos constituírem-se dentro de uma organização mental elaborada, quando observada sua composição pelas categorias percebe-se uma tendência à simplificação de tais elaborações por parte dos participantes. Isso nos remete às considerações de Arantes (2013, p. 33), segundo a qual, “ao se propor a compreender o funcionamento mental, essa perspectiva permite que o raciocínio seja analisado a partir da dinâmica de pensamento da pessoa presente nos próprios dados coletados”.

O Gráfico 29 traz a distribuição das categorias presentes nos modelos organizadores.

Gráfico 29 – Distribuição das Categorias 1 e 2 na composição dos modelos

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Conforme se vê no gráfico, a distribuição dos participantes que compõem as Categorias 1 e 2, na composição final dos modelos organizadores, apresenta uma organização distinta entre as categorias e os modelos. É interessante notar que há diferentes correspondências entre a forma de organização das respostas identificadas pelas categorias e as formas de organização das respostas que pautam os modelos. Vale lembrar que o Modelo 1, considerado carente de significado nas formulações de suas respostas, tem correlação direta com a categoria de formulação mais simples. O Modelo 2, embora tenha a maioria de suas respostas consideradas de maior elaboração, diverge das categorias que o compõem, de maioria simples. Similar ao Modelo 2, o Modelo 3 traz, em sua constituição, a tendência a respostas mais elaboradas e nas categorias que o compõem, mais simples. No Modelo 4, percebe-se uma sutil semelhança entre a organização das categorias e a do próprio modelo, uma vez que, a despeito dos traços quantitativos dessemelhantes, tanto as categorias quanto os modelos apresentam respostas mais elaboradas. Enfim, o Modelo 5, embora constituído sob alto nível de elaboração, é composto por categorias situadas entre duas naturezas: uma mais simples e outra um pouco mais elaborada.

O que queremos reiterar a partir destes dados é o caráter dinâmico do pensamento humano, que pode ser observado nessa análise, com base na Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento(MORENO et al., 1999a). Conforme pontuado no capítulo teórico, referenciamo-nos em Araújo (2007, p. 27), que destaca a complexidade do funcionamento psicológico humano, observando que os valores construídos pelos jovens se posicionam de modo mais central ou mais periférico, dependendo de seus vínculos com conteúdo específicos.

Desse modo, nossos resultados apontam para uma variação nas formas de organização do pensamento dos jovens ao elegerem o que é valor para suas vidas, envolvidos pela complexidade existente. Também afirmamos a importância das ideias de Araújo (2007, p. 27), ao afirmar que todas estas “características fazem com que o nosso sistema de valores e a nossa identidade não sejam rígidos, pois podem variar constantemente em função dos contextos e das experiências”.

A definição de elementos que sejam valores para os jovens e os elementos que correspondam às suas projeções futuras constituem-se de conteúdo da sua realidade interna e externa, que são relacionados às suas elaborações, o que resulta na posição central ou periférica na concepção do *self* (DAMON, 1995); tal posicionamento envolve uma carga afetiva que a eles se dirige (ARAÚJO, 2007). Sobre este aspecto discutiremos mais detalhadamente ao abordar o segundo e o terceiro objetivos.

Por fim, a análise dos dados para o levantamento de categorias e a identificação de modelos se constituiu bastante extensa e complexa, não só pela quantidade de respostas, mas pela forma de análise implementada nesta investigação. Por essa razão, na presente discussão buscaremos descrever os processos psíquicos subjacentes às elaborações sobre valores e projetos de vida dos jovens. É possível asseverar que os jovens não expressam uma uniformidade de posicionamento para com suas escolhas, não havendo uma regra única para a organização do pensamento diante de uma situação ou fato; isto, segundo Araújo (2007, p. 27), “traz novas perspectivas para o estudo das relações do ser humano consigo mesmo e com o mundo externo”.

A seguir, faremos nossas reflexões a partir de outros objetivos.

8.1.2 Análise do segundo e terceiro objetivos

Com uma proposta de discussão diferenciada do objetivo anterior, a presente seção fará a análise do segundo e terceiro objetivos, por entendermos que estão interligados. Para tanto, somadas às descrições de tais objetivos, serão pontuadas separadamente algumas considerações referentes a cada um deles para, só então, tratar das relações estabelecidas entre eles e o sentimento de felicidade. Para fins de análise, em sintonia com o eixo teórico já estabelecido ao longo do presente trabalho, também será considerado o eixo de relações entre os projetos de vida e o sentimento de felicidade, além de outras possíveis contribuições referentes ao tema.

Nesse sentido, o segundo objetivo –identificar os modelos organizadores do pensamento subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva com foco no sentimento de felicidade – se inter-relaciona às análises que efetivaremos para atender ao terceiro objetivo – analisar as possíveis relações entre os projetos de vida dos jovens e o sentimento de felicidade.

De acordo com as considerações assinaladas na introdução da presente seção, a partir deste ponto será apresentada uma breve descrição dos modelos organizadores do pensamento, bem como a respectiva distribuição percentual de seus participantes (segundo objetivo). No que diz respeito ao terceiro objetivo, faremos nossa reflexão ressaltando as possíveis relações entre projetos de vida e o sentimento de felicidade.

Quadro 15 – Descrição sumária dos modelos e submodelos organizadores

Modelo 1 – Modo de vida	
Mobilização do elemento central <i>modo de vida</i> trazendo uma ideia frágil sobre projetos futuros. Modelo caracterizado pela brevidade de conteúdo das informações. O significado relacionado a projeções futuras está sustentado por uma forma de viver a vida considerada como um acontecimento “natural”	
Modelo 2 – Relações interpessoais e/ou vínculos	
Submodelo 2a	Mobilização do elemento central <i>relações interpessoais e/ou vínculos</i> , associado a uma carga positiva de sentimentos, com maior frequência dos familiares, seguidos de amigos e namorado. Demonstra que as relações interpessoais e o convívio com familiares são aspectos importantes, com forte significação, pois norteiam as rotinas e projetos dos jovens
Submodelo 2b	Mobilização dos elementos organizadores centrais <i>pressão familiar</i> , associados a uma carga afetiva predominantemente negativa, originada da pressão exercida na vida dos jovens. A falta de confiança em si revelada pelos jovens é elemento marcante e fonte de tristeza para eles
Submodelo 2c	Mobilização do elemento organizador central <i>retribuição/agradecimento</i> . Tal elemento leva os jovens a organizar seu raciocínio em retribuição aos familiares pelo suporte recebido em suas conquistas. O reconhecimento do esforço dos pais implica para estes jovens que, futuramente, por meio do trabalho, consigam novamente retribuir-lhes, ajudando-os financeiramente. Submodelo marcado pelo sentimento de valorização familiar
Modelo 3 – Projeções sobre trabalho	
Submodelo 3a	Mobilização do elemento organizador central <i>trabalho</i> como realização financeira com vistas ao bem-estar, proveniente de uma forma idealizada de trabalho em que predomina a imagem de ganhar dinheiro fazendo aquilo que gosta. O que sobressai nesta organização do raciocínio é o fato de trabalhar sem, necessariamente, delimitar uma área ou profissão. Alguns dos jovens, mesmo que definam o trabalho, vinculam seu significado à realização financeira
Submodelo 3b	Mobilização do elemento organizador central <i>trabalho</i> como provedor de realização profissional. Os jovens deste submodelo indicam a área ou a profissão a ser desempenhada no futuro e projetam ações que emergem na sua dinâmica de pensamento, o que abarca um maior grau de complexidade e significação atribuído a esta área de atuação escolhida como fonte de realização profissional. A família comparece como fonte de apoio para as escolhas profissionais
Modelo 4 – Família e Trabalho	
Submodelo 4a	Mobilização dos elementos organizadores centrais <i>trabalho e família</i> ; idealização destes elementos pelos participantes, que não definem a área profissional na qual desejam atuar futuramente, contando com o apoio da família e projetando viver bem, realizando conquistas materiais
Submodelo 4b	Mobilização dos elementos organizadores centrais <i>trabalho e família</i> ; respostas um pouco mais elaboradas pelos participantes, que definem a área profissional na qual desejam atuar futuramente, com ações definidas para tal conquista. A família é fonte de apoio ao jovem
Modelo 5 – Preocupação com o outro	
Submodelo 5a	Mobilização do elemento organizador central o <i>outro</i> , devido a uma preocupação com outras pessoas ou causas sociais. Os jovens deste submodelo pretendem, por meio de um trabalho formal, “fazer a diferença” para alguém. Neste submodelo encontramos respostas nas quais as profissões se encontram definidas, sendo que poderão contribuir para ajudar o próximo. As profissões apontadas na definição dos jovens são: professores, psicólogos, pedagogos e médicos
Submodelo 5b	Mobilização do elemento organizador central o <i>outro</i> . Nas respostas dos jovens que aplicaram este submodelo, já constam ações para seus projetos futuros. A organização do raciocínio dos jovens sobre as formas de ajudar o outro também incluem os familiares, o que é significado como uma das formas de retribuir a ajuda já recebida em suas vidas. A forma de ajudar o outro está centrada em ações específicas de trabalho voluntário. Encontramos jovens que definem duas formas de atuação para o cuidado com o outro: por meio de um trabalho formal e por um trabalho social. A maioria das projeções sobre a área profissional está definida em estreita relação com atividades que envolvam um cuidado para com pessoas e/ou causas

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Conforme apresentado na síntese do quadro anterior, os modelos organizadores nos proporcionam uma visão peculiar das elaborações dos jovens para seus projetos de vida, a serem discutidas após a próxima tabela,

A Tabela 28 mostra a distribuição percentual dos participantes nos modelos, que em razão das suas particularidades foram divididos em submodelos organizadores do pensamento, à exceção do Modelo 1. Ressaltamos, entretanto, que a sequência a ser utilizada neste bloco de análise será estabelecida a partir dos referenciais quantitativos em relação ao número de participantes nos modelos organizadores, ou seja, a ordem a ser seguida não será referente à numeração dos modelos, mas sim à quantidade de participantes que os integram.

Tabela 28 – Distribuição quantitativa e percentual dos participantes em modelos e submodelos referentes à elaboração do projeto de vida

Modelos organizadores	Submodelo	Submodelos		Modelos	
		n*	%	n**	%
Modelo 1	-	-	-	8	6,7
Modelo 2	2a	36	30,0	44	36,7
	2b	2	1,7		
	2c	6	5,0		
Modelo 3	3a	14	11,7	31	25,8
	3b	17	14,1		
Modelo 4	4a	14	11,7	30	25
	4b	16	13,3		
Modelo 5	5a	2	1,7	7	5,8
	5b	5	4,1		
Total		112	93,3	120	100

n*Quantidade de participantes dos modelos e submodelos

n** Quantidade de participantes dos modelos

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Segundo dados da tabela, o Modelo 2 aparece com o maior percentual de participantes (36,7%) e o Modelo 5, com o menor número (5,8%). Ambos, quadro e tabela, oportunizam uma síntese das principais características qualitativas e quantitativas sobre os modelos e submodelos organizadores aplicados por 120 jovens que participaram de nosso estudo.

Tais resultados nos levam a concluir que há, por conta dos respondentes, uma prevalência de participação nos modelos referentes às Relações Interpessoais e/ou Vínculos (Modelo 2); Trabalho (Modelo 3); e Família e Trabalho (Modelo 4), perfazendo um total de 87,5% de participantes, enquanto o Modelo 1 (Modo de vida) e o Modelo 5 (Preocupação com o outro) concentram um percentual de apenas 12,5%. No que diz respeito aos aspectos qualitativos, é possível inferir que os elementos centrais (valores) mais mobilizados pelos participantes (Relações Interpessoais e/ou Vínculo, Trabalho, Família e Trabalho)

assemelham-se àqueles apresentados por Araújo (2007), quando este argumenta a respeito da construção do sistema de valores e atenta para o fato de que

[...] crianças e adultos constroem seus sistemas de valores dentro do espectro de possibilidades que a natureza, a cultura e a sociedade lhes oferecem, mas de forma não previsível. Nesse processo, alguns aspectos têm fundamental importância e influenciam diretamente, quais sejam: família, escola, religião, amigos, mídia, cultura, tudo parece influenciar esse processo. (ARAÚJO, 2007, p. 29)

Essa percepção é compartilhada por Pinheiro (2013, p. 141), em sua investigação sobre projetos de vida e valores:

[...] os projetos de vida, na medida em que são formulações realizadas pelos sujeitos, em um processo que leva em consideração elementos vivenciados ou imaginados pelo sujeito em relação ao passado, ao presente e às projeções sobre o futuro, alicerçam-se em valores e sentimentos, nos processos que estes tecem para a sua organização.

Em perspectiva com Marina (2009), que caracteriza uma dinâmica temporal tripartida presente no processo de formulação dos projetos para o futuro, é possível observar que uma série de acontecimentos biográficos cria nossa subjetividade tendo vínculo com nossos projetos, pelas experiências passadas, ações presentes e projeções futuras.

Isto porque, segundo Pinheiro (2013, p. 141),

[...] os projetos não apenas elucidam valores e sentimentos, mas são, outrossim, construídos por base nos processos que envolvem a integração e a regulação entre eles. A complexidade inerente à elaboração de um projeto de vida está calcada na multiplicidade de relações e organizações que podem dar-se no raciocínio do jovem.

Contextualizados por essa visão de múltiplas relações e organizações do pensamento, e para melhor pontuar as discussões sobre os elementos centrais que compõem os modelos organizadores presentes nos projetos de vida dos jovens, traremos um diálogo com algumas referências de nosso escopo teórico para ajudar-nos em nossas percepções.

Na perspectiva dos participantes do Modelo 1, o futuro é entendido como um acontecimento natural, e de qualquer forma a vida passará, sem a consecução de uma ação específica para tal. Para eles, o tempo é o “presente”, ou seja, momento de viver a vida. Para os participantes deste modelo organizador, realizar projeções não é o foco das preocupações. Percebemos um adiamento de projeções futuras que, segundo Damon, (2009), tem mais características de “indecisão” por parte destes jovens. Nesse sentido, ressalta o autor:

[...] não que haja um momento exato para tomar uma direção na vida, mas o atraso excessivo desse momento cria o sério risco de que o jovem desista por completo da incumbência de procurar uma direção positiva, manter tal direção e adquirir as habilidades necessárias para atingir suas metas. (DAMON, 2009, p. 27)

No caso do Modelo 2, é posta em ação a tripartição do tempo de Marina (2009), tempo no qual os jovens projetam suas ações em torno daquilo que lhes é valor: família, amigos e/ou namorado. Neste modelo, eles se preocupam com as relações interpessoais do tempo presente e a manutenção do vínculo futuro.

A ideia de Marina (2009) também está presente no Modelo 3, e pode ser observada quando os jovens constroem suas formulações futuras para o desenvolvimento de um trabalho ou profissão. Entretanto, no que se refere à perspectiva de Klein (2011, p. 9), observa-se que “os aspectos relativos à vida social são associados, pelos participantes, às motivações para construção dos seus projetos de vida, na medida em que apontam as disciplinas escolares como elementos importantes para o seu desenvolvimento profissional”. Neste aspecto em particular, os resultados obtidos com os participantes deste modelo assemelham-se àqueles apresentados por Klein (2011), na medida em que tais participantes situam como elemento norteador de seus projetos a realização financeira e profissional. Nesse contexto, o estudo e a formação escolar são colocados como meio de se alcançar o desejado.

O Modelo 4, de modo aproximado ao Modelo 3, também se norteia pelas projeções vinculadas ao trabalho, embora nem sempre com uma definição a respeito da futura área de atuação. Entretanto, além do trabalho, a família aparece como elemento central para os jovens, como ponto de apoio aos projetos de vida. Nessa perspectiva, Damon (2009) reflete sobre o papel da família nos projetos vitais, ao tecer considerações sobre a urgência da atuação dos pais na vida dos filhos. Na visão do autor,

O que urge aos pais hoje, em um mundo de crescente incerteza econômica, cultural, e social, é ajudar os filhos a adquirirem completo senso de direção que os conduza através dos “campos minados” da desorientação, da confusão, da apatia, da ansiedade, do medo e da alienação que ameaçam sua geração. (DAMON, 2009, p. 145)

Nesse sentido, conforme aponta o autor, “a chave está no modo como estes procuram orientá-las em direção a um projeto vital que seja genuinamente do interesse da própria criança” (DAMON, 2009, p. 145).

Os integrantes do Modelo 5 trazem maior aproximação com a área de estudo da Psicologia Moral, ao se posicionarem frente ao mundo com um olhar de cuidado,

principalmente, em relação ao outro. Os jovens que aplicaram este modelo manifestam a necessidade de ajudar as pessoas em diferentes causas de natureza pessoal ou social. Buscam, em suas rotinas, associar trabalhos de caráter voluntário, contribuindo com a necessidade do outro. O comprometimento e o desafio a que o jovem se lança levam-no a se envolver com ações significativas em prol do outro. Segundo Bundick (2010), isto caracteriza a realização de suas potencialidades causando uma sensação de completude, tendo por base a filosofia aristotélica denominada de “eudaimonia”. De acordo com os resultados apresentados por este modelo organizador, os jovens buscam, pelo trabalho formal, a atenção ao outro, por meio da escolha de profissões que contribuam com a efetivação de seus desejos. Sobre isso, lembra-nos Machado (2006a, p. 63) “que o reconhecimento do outro, no entanto, não pode prescindir do reconhecimento de si mesmo”. Sob esse prisma, os jovens que aplicaram o referido modelo também buscam a construção de sentido para suas vidas pelo desenvolvimento de um trabalho voluntário, no qual possam ajudar pessoas e ao mesmo tempo realizar-se.

Pela configuração dos modelos organizadores, percebemos que alguns valores perpassam pelos modelos: *o trabalho* e a *família*. Com maior ou menor intensidade, estes elementos transitam por todos os modelos de acordo com a relação estabelecida pelos jovens e dimensionados de acordo com a carga afetiva investida nessa ligação. Notadamente, pela relevância dada pelos jovens ao elemento *trabalho*, este pode ser configurado como um valor estruturador de seus projetos de vida.

8.1.2.1 Análise da dimensão afetiva

Esta seção será dedicada à análise da dimensão afetiva dos sentimentos emanados a partir da organização mental realizada pelos jovens participantes da pesquisa na construção de seus projetos de vida. Serão apresentados os sentimentos que com maior frequência foram atribuídos aos elementos centrais presentes nos modelos organizadores, destacando seus aspectos positivos e/ou negativos. Para tanto, utilizaremos um quadro ilustrativo referente à carga afetiva dos sentimentos, em cada modelo organizador. Necessário ressaltar que a reiteração do termo “sentimento” utilizada ao longo de nossas discussões deu-se pela preocupação em preservar o sentido atribuído a ele pelo universo teórico por nós referenciado.

Quadro 16 – Análise da carga afetiva dos sentimentos nos modelos

Modelos	Sentimentos	
	Positivos	Negativos
1 Modos de vida	Bem-estar Contentamento Felicidade	Ansiedade
2 Relações interpessoais e/ou vínculos	Bem-estar Esperança Determinação Satisfação Sucesso Capacidade Felicidade	Ansiedade Vontade de desistir Decepção Preocupação Medo
3 Trabalho	Bem-estar Empenho Perseverança Confiança Realização Autoria Felicidade	Ansiedade Conformação
4 Projeções idealizadas sobre trabalho e família	Bem-estar Esperança Confiança Determinação Foco Animação Empolgação Felicidade	Ansiedade Indecisão Medo
5 Preocupação com o outro	Realização Autoria Felicidade	Receio Dificuldade

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Os dados apresentados revelam uma quantidade significativa de diferentes sentimentos evocados pelos participantes na organização do raciocínio subjacente a seus projetos de vida. Isso nos conduziu às reflexões de Moreno e Sastre (2010), as quais lançam mão do termo “complexo de sentimentos”, trazendo a ideia de que estes não são mobilizados de forma isolada. Em cada situação na qual é apresentado, o sentimento pode receber diferentes significados, por vezes envolvendo outros sentimentos, a depender do contexto afetivo presente, a exemplo da ansiedade, que embora compreendida com um sentimento ambivalente, (negativo ou positivo) foi situada, no presente contexto, como um sentimento negativo. Em par com tais observações, pontuamos que a felicidade posiciona-se positivamente nos cinco modelos organizadores identificados, sendo, em sua maioria,

configurado como um sentimento idealizado. Visando o aprofundamento das discussões, essa questão será abordada na próxima seção.

Para fins de análise da situação contextual dos sentimentos, do ponto de vista da sua ambivalência, e das contribuições destes na construção dos projetos de vida dos jovens participantes da presente investigação, além das considerações das duas autoras, já referenciadas na presente discussão, lançaremos também a noção de “valência de sentimentos”, proposta por Araújo (2007, p. 21) em suas reflexões a respeito das projeções afetivas do ser humano.

A carga afetiva presente em cada modelo organizador foi analisada a partir das concepções de Araújo (2007, p. 21), segundo o qual,

[...] se o valor refere-se àquilo de que a pessoa gosta e que valoriza, a valência positiva dos sentimentos torna-se essencial para que o alvo da projeção seja considerado um valor pelo sujeito. Ou seja, uma ideia ou uma pessoa tornar-se-ão um valor para o sujeito, se ele projetar sobre ela sentimentos positivos.

Como resultado de nossas análises, foi possível observar a presença daquilo que Araújo (2007) define como “valência de sentimentos”, uma vez que, a natureza dos sentimentos mobilizados mostrou-se oscilante entre os positivos e os negativos. Nesse contexto, os mais evidentes foram aqueles expressos pelos seguintes termos: sentir-se bem; determinação; satisfação; realização e felicidade.

Inserindo-se no mesmo universo, um aspecto que nos chamou a atenção foi a menção, por parte de dois entrevistados (Modelos 3 e 5), do sentimento de “autoria”, utilizado com referência à ideia de “liberdade, autonomia”. Sendo assim, por se tratar de um aspecto singular dentro do conjunto de dados analisados, uma vez que não serão pontuadas falas de outros entrevistados ao longo da presente seção, apresentaremos os excertos referentes a tal aspecto: “[...] pois é algo que ninguém me indicou fazer, nem me obrigou, veio de mim mesmo” (P 253, masculino, 15, Sudeste); “Me sentiria com uma coisa que eu mesmo criei, montei para mim” (P 203, masculino, 18, Norte).

Quanto aos sentimentos negativos, também serão aqui analisados no sentido de buscarmos seu posicionamento ao serem elaborados pelos participantes entrevistados, em relação às suas projeções futuras. Tal aspecto foi observado à luz das discussões propostas por Araújo (2007, p. 21) a respeito da relação entre projeções e os sentimentos negativos. Conforme as noções trazidas pelo estudioso, os sentimentos negativos encontrados em nossos modelos organizadores ocuparam uma posição de centralidade nas projeções ora referidas. Os sentimentos negativos mais recorrentes foram ansiedade; receio; vontade de desistir;

dificuldade; indecisão; preocupação e medo, todos associados à preocupação com o não cumprimento de seus projetos. Isto porque, segundo Araújo (2007, p. 24),

[...] no processo de desenvolvimento psicológico, durante toda a vida, à medida que nossos valores vão sendo construídos, eles se organizam em um sistema. Nesse sistema de valores, que cada sujeito constrói (e que no fundo constitui a base das representações de si) alguns deles se “posicionam” de forma mais central em nossa identidade e outros, de forma mais periférica.

Esse conjunto de resultados nos fez perceber, em conformidade com o autor, que “as pessoas também projetam sentimentos negativos sobre objetos e/ou pessoas e /ou relações e/ou sobre si mesmas” (ARAÚJO, 2007, p. 21).

8.1.2.2 As possíveis relações entre projeto de vida e o sentimento de felicidade

Dada a importância do sentimento de felicidade dentro de nosso arcabouço de discussão, uma vez que se configura como cerne de nossas reflexões, esta seção será dedicada às considerações sobre o modo como jovens compreendem a relação entre projetos de vida e felicidade, com base nas respostas à seguinte questão: “que relações você estabelece entre o seu projeto de vida e felicidade? Explique com detalhes”. Para isso, serão apresentados trechos das falas dos participantes, acompanhadas das indicações relativas ao modelo organizador, o número do participante e a região. Exemplo: M 1, P 21, Nordeste.

Vale ressaltar que, embora nossos estudos tenham acolhido como vertente teórico-metodológica as considerações sobre projetos de vida, para fins de análise das relações entre os projetos de vida e os sentimentos de felicidade adotaremos as bases teóricas oferecidas por estudiosos que se dedicam também às discussões sobre projetos vitais. Salientamos também que a clareza e a contextualização em relação à questão de base (Q 32) foram os critérios definidos para a escolha das amostras de fala que fundamentam as discussões da presente seção.

Feitas as devidas observações, partiremos das reflexões de Damon (2009) a respeito dos projetos vitais e sua relação com as buscas pessoais.

O projeto vital pode ajudar na busca pessoal de um sentido de vida, mas vai além do aspecto pessoa, e, por essa razão não é um sinônimo exato. O projeto vital comunica-se com o mundo além do *eu*. Isso implica um desejo de fazer a diferença no mundo, talvez de contribuir com algo para os outros, criar algo novo ou realizar algo de sua autoria. (DAMON, 2009, p. 53 -54)

Nesse sentido, a fala de alguns participantes assemelha-se às concepções do autor, quando revelam, por exemplo: *“que quando eu conseguir fazer a diferença, serei feliz”* (M3, P 143, Sul), ou ainda: *“Tudo que projeto é a grande felicidade que eu espero. Meu projeto está envolvido com as melhores formas de vida que eu poderia imaginar, acho que felicidade é se sentir bem e com tudo isso, me sentiria assim”* (M3, P 138, Norte).

Ambas as falas revelam um projeto que envolve realizações maiores, exemplificadas pelos termos “fazer a diferença” e “grande felicidade”. Os mesmos interesses são manifestados pelos participantes que direcionam o foco de seus projetos de vida à felicidade gerada por grandes metas financeiras, a exemplo da fala a seguir, na qual a felicidade está intimamente vinculada a um projeto de vida bastante ambicioso: *“o que me faz feliz é pensar que daqui uns seis, sete anos vou estar muito bem de vida, isso me faz ter forças para lutar por um futuro melhor para mim”* (M3, P 86, Centro-Oeste).

A proposição assentada na questão norteadora das falas aqui apresentadas direcionamos a refletir sobre diferentes níveis de vinculação entre projetos de vida e sentimentos de felicidade, buscando assinalar em que medida os respondentes da pesquisa conseguem associar seus projetos de vida ao sentimento ora mencionado. Em vista de tais considerações, daremos um foco mais bem detalhado às falas dos entrevistados, no intuito de pontuar esse processo de vinculação.

Os dados observados nas falas apresentadas apontam para uma diversidade de relações trazidas na reflexão do possível entrelaçamento entre projetos de vida e o sentimento de felicidade, uma vez que são definidos como elementos que podem ou não ser naturalmente vinculados, quando essa relação é pensada a partir do seu eixo de fundamentação, estabelecido pelo respondente. Nesse contexto, pela variada forma de organização, denotando a complexidade do raciocínio humano, é possível identificar relações que vão desde a construção de uma negação até a crença absoluta no vínculo entre tais elementos. Ressaltamos a importância de tais processos, pois subjazem à organização do pensamento para as diferentes formas de elaboração sobre as relações.

A posição que nega a ligação aqui discutida pode ser depreendida a partir da seguinte fala: *“Nenhuma, pois às vezes seus projetos podem ter sido feitos em cima da dor”* (M2, P 239, Sudeste), o que nos leva a corroborar a visão de Pátaro (2011) quando esta problematiza o papel dos sentimentos negativos das ações humanas. Na visão da autora: *“os sentimentos negativos são tomados como relevantes, de modo que o sujeito reconhece sua importância para o redimensionamento das suas ações e escolhas”* (PATÁRO, 2011, p. 135).

Numa segunda perspectiva, o mesmo conjunto de dados forneceu informações que apontavam para uma visão diferenciada daquela traçada no parágrafo acima, na medida em que estabeleciam uma relação mal delineada entre projetos de vida e sentimento de felicidade, a qual foi assim descrita: “*será a realização de um sonho*” (M4, P 180, Sul); “*atrás da sua vida você chega na felicidade constante*” (M1, P 265, Sudeste); “*realizar todos*” (M1, P 148, Sul). No eixo de tais diferenciações também se encontram a relação de indefinição no que diz respeito à possível conexão entre projetos de vida sentimento de felicidade. Tais observações remetem às palavras de Damon (2009, p. 23) quando evoca questões pertinentes às perspectivas de vida de um jovem:

[...] no mundo de hoje estão longe de ser exatas. Há apenas poucas décadas, quase todo jovem já sabia, ao final da adolescência, onde ia viver, qual seria sua ocupação e com quem ia se casar. Hoje, a maior parte dos jovens não tem resposta para essas questões nem ao chegar à vida adulta.

Um olhar mais atento ao universo dos dados da pesquisa revelou que dois dos respondentes da questão em pauta assumiram posição bastante diferenciada no que diz respeito a uma categorização da ausência de projetos de vida. A nosso ver, isto também remete à ausência de uma reflexão entreo projeto e o sentimento de felicidade: “*eu não tenho projeto*” (M2, P 145, Sul); “*ainda não pensei nisso*” (M2, P 219, Nordeste). Na visão de Damon (2009 p. 14), “Independentemente das variações linguísticas e culturais, depreende-se que os significados de *purpose* e de projeto se aproximam: ambos designam uma das condições para dar sentido ético à vida das pessoas e à sociedade”.

Não menos interessante é a vertente de compreensão que situa o vínculo entre projetos de vida e sentimento de felicidade como um processo vindouro, uma noção ainda não construída, uma vez que o próprio projeto de vida também é situado dentro dos mesmos parâmetros. Na visão desses participantes: “*o projeto me fará bem e fará a muitos*” (M1, P 215, Nordeste); “*Esses projetos me ajudarão a alcançar aquilo que me fará feliz*” (M2, P 268, Sudeste). Em semelhante posição encontram-se aqueles que situam seus projetos como algo que um dia deveria ter sido traçado: “*Que eu seria, com certeza mais feliz do que sou agora*” (M2, P 220, Nordeste); “*digamos que os dois iriam trabalhar juntos na minha vida*” (M4, P 202, Norte); “*Meu projeto de vida seria como uma conquista, algo que eu desejo, algo que sei que vai me trazer a felicidade, então não me importo muito com a ordem deles*” (M5, P 253, Sudeste), mas conforme demonstram em suas próprias colocações verbais, os projetos nunca chegaram a existir no contexto real.

Contemplando esses tipos de acepção, Damon (2009, p. 20) pondera, de forma bastante incisiva:

[...] a menos que façamos de tais questões o elemento central de nossas conversas com os jovens, pouco poderemos fazer senão nos recostar e observar enquanto eles vagueiam num mar de confusão, de falta de rumo, insegurança e ansiedade – sentimentos que muitas vezes afloram quando trabalho e empenho não são acompanhados por um projeto vital.

Muitos dos entrevistados descreveram a suposta relação entre projetos de vida e felicidade como algo dotado de uma natureza condicional, na medida em que esta dependeria do sucesso alcançado naquele. Assim, de acordo com as falas dos respondentes: *“Se o projeto der certo, acredito eu que vai me possibilitar uma imensa felicidade”* (M2, P 259, Sudeste); *“que ambos andam juntos, pois se eu consigo concluir meu projeto de vida consequentemente alcançarei a felicidade desejada, ou seja, a felicidade que busquei, idealizada por mim, a que eu desejo”* (M3, P 173, Sul); *“Meu projeto só vai existir, se no meio dele tiver felicidade”* (M4, P 211, Nordeste). Esse posicionamento parece ter relação bastante próxima com a ideia de projeto apresentada por Leão, Dayrell e Reis (2011, p. 1.071):

A ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo etc.) em um arco temporal mais ou menos largo. Tais elaborações dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas experiências.

Situadas no mesmo cenário estão as exposições daqueles que posicionaram o vínculo entre projetos de vida e sentimento de felicidade num campo de natureza transitória, na qual tanto os projetos quanto a felicidade são elementos em constante construção. Conforme ilustrado nas falas dos próprios participantes: *“conforme eu for concluindo o meu projeto de vida, eu vou me sentir cada vez mais feliz”* (M3, P 269, Sudeste); *“[...] pois você tendo um projeto de vida, você já vai vivendo a sua felicidade, pois é aquilo que você quer para você próprio”* (M4, P 175, Sul).

No cerne das reflexões que finalizam as discussões sobre os dados coletados no presente empreendimento, em acréscimo às diversas acepções nas quais foi situada a relação entre projetos de vida e sentimento de felicidade, chamamos a atenção para o fato de que parte significativa dos jovens participantes da pesquisa posicionou a felicidade como elemento estritamente vinculado aos projetos de vida; ao serem indagados sobre a existência do vínculo entre projetos de vida e sentimento de felicidade, assim se posicionaram: *“Todas as relações,*

pois a felicidade faz parte do meu projeto” (M2, P 244, Sudeste); *“Tudo. Pois um depende do outro”* (M2, P 216, Nordeste); *“Tudo. Esse projeto é o meu significado de felicidade”* (M2, P 262, Sudeste); *“uma leva à outra”* (M3, P 263, Sudeste); *“[...] tudo está relacionado, pois sem meu projeto de vida eu não teria felicidade, nem esperança”* (M3, P 207, Norte); *“As duas andam de mãos dadas porque sem trabalho não tem felicidade”* (M4, P 170, Sul); *“[...] eu acho que eles estão totalmente ligados, pois se o meu projeto de vida der certo eu vou ser feliz”* (M4, P 266, Sudeste); *“[...] pra mim ter projeto de vida concretizado vai se tornar felicidade”* (M4, P 139, Norte). A relação estabelecida entre projetos de vida e sentimento de felicidade, tal qual expressa nas vozes aqui trazidas, remete, em par com as considerações de Leão, Dayrell e Reis, (2011, p. 1.075), a uma perspectiva diferenciada de futuro, na medida em que

O futuro deixa de ser uma fronteira a ser superada e um fim que orienta o presente, tornando-se um horizonte, descontínuo e dinâmico, numa fragmentação da experiência com o tempo. É neste contexto que podemos situar a formulação dos projetos de vida pelos jovens pesquisados.

A formulação do raciocínio que vincula as duas noções discutidas ao longo desta seção torna-se tão intensa nas considerações dos jovens participantes que, em alguma medida, elas chegam a ser definidas como conceitos que se complementam, uma vez que, de acordo com a definição de alguns participantes sobre projetos de vida e sentimento de felicidade: *“Bem, que os projetos realizados trarão felicidade a mim”* (M5, P131, Norte); *“[...] são parceiros, pois um completa o outro”* (M4, P 40, Nordeste).

Os resultados expostos até aqui nos auxiliaram na compreensão da organização do pensamento dos participantes envolvidos neste trabalho relativamente à construção dos modelos organizadores que respaldam seus projetos de vida, ao trazerem à tona as projeções futuras, marcadas não só pela dinâmica temporal, mas por uma multiplicidade de relações e organizações em seus raciocínios. Com vistas à riqueza percebida entre tais relações, preocupamo-nos em destacar:

[...] apesar de identificarmos valores e sentimentos semelhantes nos diferentes projetos de vida, as dinâmicas de organização mostraram-se diferenciadas, principalmente pela rede de significados estabelecida. De acordo com os significados que foram atribuídos, teceram-se articulações entre os valores e os sentimentos, formando um todo coerente para os jovens e fazendo com que se posicionassem de forma central para a elaboração dos seus projetos de vida. (ARANTES et al., 2016, p. 79)

Concluimos nossas análises em torno das reflexões sobre os modelos organizadores subjacentes aos projetos de vida e à relação com o sentimento de felicidade ressaltando que, de acordo com a interpretação dos dados utilizados em torno dessa reflexão, “[...] valores são resultados da projeção de sentimentos positivos sobre objetos, pessoas, relações e sobre seus próprios pensamentos e ações” (ARAÚJO, 2007, p. 28). No caso dos jovens de nosso estudo, os sentimentos mais frequentes nos projetos de vida envolveram uma carga afetiva positiva sobre os elementos que se constituem como valor em seus projetos, sendo as relações estabelecidas com o sentimento de felicidade, em sua maioria, de forma manifesta.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi permeado por uma noção teórica bastante diversificada, envolvendo considerações de diferentes campos do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia, a Educação e a Filosofia. Em face de tal complexidade, buscaremos, a partir daqui, apresentar uma sistematização das proposições fundamentais que nortearam o estudo, o qual se organizou a partir do objetivo geral de *estudar os processos psíquicos subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade*, pontuando o modo como essas questões influenciaram na interpretação tanto da análise dos resultados quanto de sua compreensão. Como já dito anteriormente, os objetivos específicos foram:

- identificar e analisar os valores subjacentes aos projetos de vida dos jovens participantes;
- identificar os modelos organizadores do pensamento subjacentes aos projetos de vida dos jovens e sua dimensão afetiva, com foco no sentimento de felicidade;
- analisar as possíveis relações entre os projetos de vida dos jovens e o sentimento de felicidade.

Sendo assim, iniciaremos observando que o percurso metodológico do presente investimento partiu das considerações teóricas que fundamentaram as análises, a partir das quais foram obtidos os resultados. As contribuições de Arantes (2000a, 2000b, 2003, 2013), Aristóteles (2009), Epicuro (2002), Giannetti (2002), Machado e Bandeira (2012), Morin (1997a, 1997b), Seligman (2004), Seligman e Csikszentmihalyi (2000) e Snyder e Lopez (2009), entre outros, tiveram importância definitiva no que diz respeito tanto à compreensão dos aspectos históricos quanto às possibilidades de um diálogo entre o referencial teórico e os objetivos norteadores do estudo.

Orientados em tal contexto, percebemos que as discussões sobre as dimensões a serem assinaladas, mais especificamente a juventude, ainda se mantêm concentradas em torno de questões etárias, ao mesmo tempo em que existe uma dificuldade em definir seu conceito, que compreende adolescência e juventude a partir de processos biológicos e psicológicos, perspectivas sociológicas, culturais e históricas. Nesse sentido, os estudos tentam ampliar as reflexões sobre a questão, mantendo discussões atuais a respeito da “moratória social” (ERIKSON, 1976a, p. 157), a qual é definida como “um compasso de espera nos compromissos adultos [...]”. Essa discussão figurou como elemento importante na orientação de nossos estudos, uma vez que nela a moratória social é entendida como:

[...] um período de tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem; entretanto, conduz também, frequentemente, a um empenho profundo, ainda que amiúde transitório, do jovem, terminando com uma confirmação mais ou menos cerimonial desse compromisso pela sociedade. (ERIKSON, 1976a, p. 157)

Sobre felicidade, o arcabouço teórico já mencionado ofereceu grande colaboração, no sentido de orientar a elaboração das argumentações que nos possibilitariam estabelecer relações entre a referida noção e os processos de construção dos projetos de vida. De modo particular, comparativamente às demais noções aqui apresentadas, a felicidade foi a única a ser discutida a partir de duas diferentes perspectivas: a que engloba o percurso histórico atento dos seus significados e aquela que se constrói a partir de um ponto de vista contemporâneo. Desse universo, foi possível depreender que o conceito de felicidade vem sendo discutido sob uma ótica que permite situá-lo para além do campo da Filosofia, uma vez que, dentre as inúmeras perspectivas que orientaram nosso percurso, encontra-se aquela que, ao se referir ao aspecto cultural, mais especificamente à cultura de massa, posiciona a felicidade na vertente contemporânea, como resultante dessa cultura.

Ainda como parte integrante do referencial teórico-metodológico, o conceito de projeto de vida e a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento foram contemplados, sob perspectiva de aproveitamento semelhante àsquelas expostas nos momentos iniciais deste capítulo.

O espaço teórico organizado a partir da noção de projetos de vida foi ocupado pela percepção de que as problematizações em torno do tema têm-se situado num terreno cada vez mais complexo dentro das Ciências Humanas. Por isso, o termo foi aqui adotado em par com outras definições que possibilitaram, entre diferentes áreas, a aproximação de sentido, em observância a nossos propósitos investigativos. É o caso das noções de *purpose* e projeto vital, utilizadas nos estudos de Damon (2009) como importante elemento conceitual nas pesquisas com jovens alunos do ensino médio. Em relação a essa noção, a Psicologia Positiva, enquanto vertente científica que promove “de forma pró-positiva a construção de projetos vitais nobres por parte dos jovens, ajudando-os a desenvolver um sentido de bem-estar duradouro por toda a vida” (ARAÚJO, 2009, p.13), contribuiu para a compreensão do vínculo entre projetos de vida e o sentimento de felicidade.

Tendo em vista o objetivo do estudo, a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al., 1999a) ocupou posição primordial no conjunto conceitual adotado, por se constituir em um arcabouço teórico-metodológico que, a partir de seus

fundamentos e implicações, incorpora a análise de um sujeito complexo, dotado de pensamentos, crenças, sentimentos e desejos, em constante interação com seu meio.

Tal escolha justifica-se pelo fato de que, somada aos efeitos dialógicos que estabeleceu com os objetivos da pesquisa, a vertente teórica relativa aos modelos organizadores apresenta um caráter metodológico inovador que se ajustou harmoniosamente à nossa proposta investigativa. Sendo assim, para fins de análise dos dados obtidos, a vertente teórica ora discutida foi muito importante, na medida em que passamos a entendê-la “como uma particular organização que o sujeito realiza dos elementos que seleciona e elabora a partir de uma determinada situação, dos significados que lhes atribui e das implicações que deles se originam” (MORENO et al., 1999a, p. 78). Sendo assim, a adoção da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento foi acertada e necessária para auxiliar na interpretação dos dados, uma vez que estes foram extraídos sem a formulação de categorias prévias, sendo eles mesmos as fontes norteadoras para a identificação e interpretação, à luz de algumas proposições teóricas acerca das elaborações mentais formuladas pelos respondentes das questões propostas para o presente estudo. Diante de tal escolha, foi possível atender a uma interlocução entre objetivos propostos no sentido de empreender um estudo que contemplasse tanto a complexidade e a diversidade existentes na construção dos projetos de vida dos jovens quanto os valores e sentimentos evocados por tais participantes, no momento de refletir sobre a possível existência de um vínculo entre seus projetos de vida e o sentimento de felicidade.

Feitas as observações sobre a parte teórica, passamos a nos dedicar às descrições relativas ao plano de investigação, no qual foram delineadas as questões norteadoras da pesquisa. Ele foi composto a partir de um questionário elaborado por Damon (2003; 2009) e seus colaboradores do Stanford Center on Adolescence e adaptado para nossos propósitos. Para efeito de organização do trabalho, houve a reelaboração de questões que envolvessem um conteúdo referente a possíveis projeções realizadas pelos respondentes, a partir de proposições cujas respostas fossem mais amplas, às quais pudessem relacionar aspectos de três dimensões pontuais: presente, passado e futuro.

Como ações norteadoras para a presente pesquisa, organizamos um questionário contendo 32 indagações, em que os entrevistados pudessem pontuar desde os aspectos mais gerais da vida cotidiana às projeções futuras, sempre direcionando aos sentimentos envolvidos e, especificamente, ao sentimento de felicidade. O conjunto de questões foi aplicado virtualmente, em plataforma *online*, para jovens estudantes do ensino médio das cinco regiões brasileiras. Desse repertório, delimitou-se para o estudo um conjunto de 12 questões específicas ao atendimento de nossa proposta, e também um recorte sobre o número de

participantes, segundo critérios por nós colocados. Todo o percurso de coleta desses dados junto às escolas resultou em 360 participantes. Dessa totalidade, a partir do próprio instrumento, filtramos os questionários cujo conjunto de respostas estivesse completo e, destes, selecionamos 120 participantes para nossa investigação por um novo recorte que contemplasse os diferentes gênero, faixa etária e o ano de ensino em curso.

Vale ressaltar que a leitura dos protocolos contendo todas as questões também foi de extrema importância para as análises, por acreditarmos na complexa organização do raciocínio humano. Seguindo-se a isso, foram feitas as considerações referentes à análise dos dados e da discussão dos resultados.

A opção por realizar um tipo de arquivo de dados para nossas análises a partir das respostas individuais de cada participante da pesquisa deu-se por conta da preocupação em nos estruturarmos dentro de uma perspectiva que possibilitasse contemplar os aspectos intrapessoais nas respostas formuladas por cada um desses respondentes. Para fins de organização da pesquisa, foram eleitas 12 questões norteadoras, por intermédio das quais tivemos uma visão mais ampla sobre o conjunto de valores expressos pelos jovens para suas vidas, seus projetos e, principalmente, os sentimentos subjacentes e a relação com a felicidade.

Tal escolha foi realizada a partir de leituras realizadas sob duas diferentes perspectivas. Com base nesse critério, iniciamos nosso estudo a partir de uma referência quantitativa que nos posicionasse em relação aos dados mais citados pelo conjunto de participantes. Embora soubéssemos que o teor quantitativo não era o centro de nossas atenções, esta foi uma vertente de análise necessária. Sob outra perspectiva, a qualitativa, com base no mesmo conjunto de respostas, organizamos os dados considerados mais significativos nesse contexto, dessa vez, tomando como foco de observação a organização mental para a justificativa das respostas, quando os participantes foram solicitados a justificar suas escolhas.

No que se refere à importância dessas etapas no processo de construção metodológica do nosso trabalho, ambas tiveram como objetivo construir categorias de análise que nos permitiram identificar, a partir do raciocínio dos participantes, os elementos que se constituem como valores subjacentes aos projetos de vida. Vale ressaltar que nesse processo, apesar de encontramos uma diversidade de conteúdos, nosso objetivo esteve centrado, para além das similaridades, nas singularidades existentes.

Com base nesse propósito, a identificação das categorias de análise, norteadas pelo primeiro objetivo, deu-se em duas etapas distintas: na primeira, realizada a partir de uma análise quantitativa, por meio de uma leitura geral de todos os protocolos de respostas, de

forma interpessoal, pelos quais buscamos a regularidade de elementos citados sobre as três coisas mais importantes na vida dos jovens, os quais consideramos como os mais relevantes e se constituíram como representativos dos “valores” para os jovens pesquisados. Nesta mesma perspectiva, encontramos outra regularidade de citações, quando do questionamento aos entrevistados sobre que projetos eles têm para suas vidas. A partir desta proposta, encontramos os elementos dos projetos de vida indicados pelos participantes. A segunda etapa consistiu de uma análise qualitativa em relação ao que é *valor* para os jovens. Para tanto, elegemos uma das questões aplicadas, na qual os respondentes teriam de justificar suas escolhas sobre as três coisas mais importantes em suas vidas. Neste sentido, encontramos duas formas de organização do raciocínio empreendidas pelos participantes ao construírem suas justificativas. Uma, pela qual agruparam os três elementos ao discorrerem sobre suas justificativas para a escolha deles, sendo por nós considerada como de elaborações mais simples (Categoria 1 – Agrupam elementos); outra, em que os três elementos tiveram suas razões pautadas item a item, exigindo um raciocínio mais elaborado (Categoria 2 – Não agrupam elementos).

A partir destas duas perspectivas de elaboração do pensamento, buscamos, desta mesma divisão de participantes nas categorias citadas, identificar quais foram os elementos que os respondentes elegeram como constituintes de seus projetos de vida. Nomeamos de Categoria 3 a relação de elementos dos projetos dos participantes da Categoria 1; e de Categoria 4, a relação de elementos dos projetos dos participantes da Categoria 2.

Diante da complexidade envolvida em todo o percurso construído na análise dos dados empíricos para identificação e análise dos valores subjacentes aos projetos de vida e identificação das categorias anunciadas, nossos resultados apontaram para algumas questões, sobre as quais discorreremos, no sentido de pontuarmos alguns aspectos significativos encontrados.

No que tange aos elementos que se constituíram como *valor* para os jovens, identificamos oito elementos (85%) do total da amostra, que concentraram suas indicações, prioritariamente em três deles: Família (118); Deus (51); Amigos (50), representados por 61% dos participantes. Tal resultado assinalou a frequência com que tais elementos compareceram nas elaborações que os jovens fizeram quando questionados sobre o que lhes seria mais importante. Percebemos uma tendência dos respondentes a indicar elementos com base nas relações interpessoais, as quais foram acentuadas pelos elementos Família e Amigos, que ficaram bastante evidentes na amostra. A religiosidade também foi marcada pela presença da figura de Deus, representando a crença em um ser superior. A leitura mais acurada dos

protocolos individuais desse estudo, mostrou o realce de tais crenças e também a importância do vínculo estabelecido com familiares e amigos. Esses resultados apontaram para a importância destes elementos para o cotidiano dos jovens.

Interessante notar que, quando foi alterada a perspectiva da análise e se passou a questionar sobre os projetos de vida desses jovens, as respostas resultaram na indicação de nove elementos (92,5%), e outros não indicados, pelo argumento dos participantes de não ter ou não saber sobre seus projetos. Dos itens mais citados, cinco foram mais relevantes: Estudo (57); Trabalho (17); Dinheiro/Bens (10); Bem-estar (10); Família (9). Este quantitativo (86%) aponta para uma coleta inicial representativa da ideia dos jovens sobre o elemento que é *valor* em seus projetos. Consideramos inicial, pois este é o percurso quantitativo de nossa análise. Ao buscarmos uma relação entre os valores destacados para o cotidiano e os indicados para os projetos, percebemos a mudança de foco do elemento central. Tal fato resultou de que, ao falar de seu contexto atual, as relações interpessoais se evidenciaram. Contudo, quando projetam seu futuro, o elemento Estudo comparece como valor mais significativo, seguido do Trabalho. Apenas o elemento Família permaneceu associado nos contextos temporais da vida dos jovens. Assim, estes resultados têm estreita relação com os modelos organizadores do pensamento construídos pelos jovens, uma vez que tais elementos foram abstraídos e retidos como significativos para a maioria deles.

Relativamente ao segundo objetivo específico, de identificar os modelos organizadores subjacentes aos projetos de vida dos jovens, com o apoio da proposta teórico-metodológica da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO et al., 1999a) identificamos cinco modelos organizadores construídos pelos participantes, a partir de uma multiplicidade de organizações do pensamento e conteúdos presentes nos projetos, o que nos permitiu tecer considerações sobre a dinâmica psíquica subjacentes aos projetos de vida. São eles: Modelo 1 – Modo de vida; Modelo 2 – Relações interpessoais/vínculo; Modelo 3 – Trabalho; Modelo 4 – Família e Trabalho. Modelo 5 – Preocupação com o outro. Estes modelos estão caracterizados por um conjunto de respostas com diferentes níveis de elaboração sobre os projetos de vida dos jovens, sendo o Modelo 1 o que nos traz referências de respostas mais simples e uma preocupação com a vida de maneira natural, enquanto o Modelo 5 define-se por respostas bem elaboradas para significar sua preocupação social pelo “outro”.

Dos resultados destes modelos, em comparação aos elementos (valores) identificados nas categorias já anunciadas, observamos que o elemento Estudo, nos modelos, passou a incorporar as ações projetadas pelos jovens para o possível alcance de seus objetivos, sendo estes, para a maioria dos jovens, vinculados ao Trabalho. Observadas as interações entre

cognição e o investimento afetivo realizado, pudemos compreender o caráter dinâmico que subjaz ao raciocínio dos jovens e também da teoria que respaldou a presente investigação.

O terceiro objetivo, estreitamente vinculado ao anterior, era analisar as possíveis relações entre os projetos de vida dos jovens e o sentimento de felicidade. Considerando a relevância desse objetivo para nossas análises, uma vez que serviu para responder à proposição central do estudo, retomaremos a questão que deu origem às respostas trazidas para as nossas análises: *que relações você estabelece entre o seu projeto de vida e felicidade? Explique com detalhes.*

Nesse contexto, os dados revelaram uma multiplicidade de formas de organização que subjazem ao raciocínio dos jovens que responderam a essa questão, dentro de um espectro de possíveis relações estabelecidas entre os projetos de vida e o sentimento de felicidade. Como resultado destas possíveis vinculações, observamos um conjunto de diferentes naturezas, desde as formulações que negam o vínculo aos projetos até as que o definem como inegavelmente presente.

Diante dessas diferentes considerações, constatamos que a felicidade é um sentimento que se faz presente na maioria das respostas elaboradas pelos jovens estudantes do ensino médio participantes deste investimento, no sentido de relacioná-la a seus projetos de vida. Sendo assim, evidenciamos que os estudos sobre valores, projetos de vida e o sentimento de felicidade, se desenvolvidos nos ambientes escolares, seriam contribuições, por uma via positiva, no contexto das proposições emanadas desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, de C. (Org.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2003. p. 13-32.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5-6, p. 25-36, maio/ago. 1997.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-35.

ARANTES, V. A. Cognição, afetividade e moralidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 137-153, 2000a.

_____. **Estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais**. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Facultat de Psicologia da Universitat de Barcelona, Barcelona, 2000b.

_____. Afetividade, cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003. p. 109-128.

_____. Afetividade no cenário da educação. In: OLIVEIRA Marta Kohl de; SOUZA, Denise Trento R.; REGO, Teresa Cristina (Org.). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2008. p. 159-174.

_____. **Modelos organizadores do pensamento e o seu desenvolvimento teórico-metodológico: estudos de Psicologia e Educação**. 2012. Tese (Livre-docência)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ARANTES, V. A.; SASTRE, G.; GONZÁLEZ, A. Violência contra a mulher e representações mentais: um estudo sobre pensamentos morais e sentimentos de adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 26, n. 1, p. 109-120, jan./mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000100013>. Acesso em: 12 ago. 2016.

ARANTES, V. A. et al. Projetos de vida, juventude e educação moral. **International Studies on Law and Education**, São Paulo; Porto, v. 23, p. 77-94, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle23/77-94Valeria&.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

ARAÚJO, U. F.; PUIG, J.; ARANTES, V. A. (Org.) **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007.

ARAÚJO, U. F. **Conto de escola: a vergonha como regulador moral**. São Paulo: Moderna; Campinas: Edunicamp, 1999.

_____. **Assembléia escolar: um caminho para a resolução de conflitos.** São Paulo: Moderna, 2004.

_____. A construção social e psicológica dos valores. In: ARAÚJO, U. F.; PUIG, J.; ARANTES, V. A. (Org.) **Educação e valores: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2007. p. 17-62.

_____. Apresentação à edição brasileira. In: DAMON, W. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2009. p. 11-15.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ARISTÓTELES. **De anima.** Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. **Ética a Nicômaco.** Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2009.

BARBIER, J. M. **Elaboração de projetos de ação e planificação.** Porto: Porto, 1993.

BLASI, A. Moral understanding and the moral personality: the process of moral integration. In: KURTINES, W.; GEWIRTZ, J. (Org.). **Moral development: an introduction.** London: Allyn & Bacon, 1995. p. 229-254.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BOUTINET, J. P. **Antropologia do projeto.** Porto Alegre: Artmed, 1996.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 16 jul. 1990.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** 29. ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. Congresso. Câmara dos Deputados. Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação. **Reunião ordinária nº 1.894/05, de 23 de novembro de 2005.** Brasília, DF, 2005. Disponível em:

<<http://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=1894/05>>. Acesso em: 19 set. 2016.

_____. **Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010.** Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. Brasília, DF, 2010. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc65.htm>. Acesso em: 19 set. 2016.

BUNDICK, M. J. **Pursuing the good life: an examination of purpose, meaningful engagement, and psychological well-being in emerging adulthood.** 2009. Dissertation (Doctor of Philosophy)—School of Education, Stanford University, Stanford, CA, 2010.

COIMBRA, C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 2-11, jun. 2005.

COLBY, A.; DAMON, W. **Some do care**: contemporary lives of moral commitment. New York: The Free Press, 1992.

COLEMAN, J. S.; HÚSEN, T. **Tornar-se adulto numa sociedade em mutação**. Porto: Afrontamento, 1985.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMON, W. **Greater expectations**. San Francisco: The Free Press, 1995.

_____. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2009.

DAMON, W.; MENON, J.; BRONK, K. C. The development of purpose during adolescence. **Applied Developmental Science**, London, v. 7, n. 3, p. 119-128, 2003.

D'ANDREA, G. **Noções de direito da criança e do adolescente**. Florianópolis: OAB/SC, 2005.

DANZA, H. C. **Projetos de vida e educação moral**: um estudo na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1.105-1.128, out. 2007.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Edunesp, 2002.

ERIKSON, E. H. **Identidade**: juventude e crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1976a.

_____. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976b.

FELICIDADE. In: HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 1.323.

OS FILÓSOFOS através dos textos: de Platão a Sartre: por um grupo de professores. Tradução de Constança Terezinha M. César. São Paulo: Paulus, 1997.

FONSECA, A. C. **Comportamento anti-social e família**: uma abordagem científica. Coimbra: Almedina, 2002.

FREITAS, M. V. (Org.) **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

GIANNETTI, E. **Felicidade**: diálogo sobre o bem-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILSON, É. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2006.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, M. A. G. **Revelações**: poderes e afeto nas entrelinhas do bilhete escolar. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2011.

GOMIDE, P. I. C. **Menor infrator**: a caminho de um novo tempo. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2001.

GREVE, B. **Felicidade**. São Paulo: Edunesp, 2013.

JOHNSON-LAIRD, P. M. **Mental models**: towards a cognitive science of language, inference and consciousness. New York: Cambridge University Press, 1983.

KLEIN, A. M. **Projetos de vida e escola**: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. 2011. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KOLLER, S. H.; TELMO, A. Q.; THOMÉ, L. D. Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. In: KOLLER, S. H.; DELL'AGLIO, D. D. (Org.). *Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 175-185.

LA TAILLE, Y. A educação moral: Kant e Piaget. In: MACEDO, Lino de (Org.). **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996a. p. 37-104.

_____. Moralidade e sentimento de vergonha. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA GENÉTICA, 4., 22-27 set. 1996, Águas de Lindoia. **Anais...** Águas de Lindoia: [s. n.], 1996b. p. 103-107.

_____. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1.067-1.084, dez. 2011.

MACHADO, M. de T. **A proteção constitucional de crianças e adolescentes e os direitos humanos**. São Paulo: Manole, 2003.

MACHADO, N. J. **Epistemologia e didática**: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Educação**: projetos e valores. São Paulo: Escrituras, 2006a.

_____. A vida, o jogo, o projeto. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Jogo e projeto**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006b. p. 49-85.

MACHADO, W. de L.; BANDEIRA, D. R. Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 587-595, out./dez. 2012.

MALPIQUE, C. **A ausência do pai**. 3. ed. Porto: Afrontamento, 1998.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 13-30.

MARIÁS, J. **Antropología metafísica**. Trad. de Diva R. de Toledo Piza. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. **Ortega**: las trayectorias. Madrid: Alianza, 1983.

_____. **Breve tratado de la ilusión**. Madrid: Alianza, 1984a.

_____. **Ortega**: circunstancia y vocación. Madrid: Alianza, 1984b.

_____. **A felicidade humana**. Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

MARINA, J. A. **Teoria da inteligência criadora**. Rio de Janeiro: Guarda-Chuva, 2009.

MCCORD, J. Forjar criminosos na família. In: FONSECA, A. C. **Comportamento anti-social e família**: uma abordagem científica. Coimbra: Almedina, 2002. p. 15-36.

MORENO, M.; SASTRE, G. **Cómo construimos universos**: amor, cooperación y conflicto. Barcelona: Gedisa, 2010.

MORENO, M. et al. **Conhecimento e mudança**: os modelos organizadores na construção do conhecimento. São Paulo: Moderna, 1999a.

MORENO, M. et al. **Falemos de sentimentos**: a afetividade como um tema transversal. São Paulo: Moderna, 1999b.

MORIN, E. **Cultura de massas do século XX: o espírito do tempo. v. I – neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997a.

_____. **Introdução al pensamiento complejo.** Barcelona: Gedisa, 1997b.

_____. **Cultura de massas do século XX: o espírito do tempo. v. II – necrose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

NOVAES, R. R.; VITAL, C. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: THOMPSON, A. A. (Org.). **Associando-se à juventude para construir o futuro.** São Paulo: Peirópolis, 2005. p. 107-147.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1993.

PÁTARO, C. S. O. **Sentimentos, emoções e projetos vitais da juventude: um estudo exploratório na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.** 2011. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PIAGET, J. **Les relations entre l'affectivité et l'intelligence.** Paris: Sorbonne, 1954.

PINHEIRO, V. P. G. **Integração e regulação de valores e sentimentos nos projetos devida de jovens brasileiros: um estudo na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.** 2013. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SASTRE, G.; ARANTES, V.; GONZÁLEZ, A. Violencia contra las mujeres: significados cognitivos y afectivos en las representaciones mentales de adolescentes. **Infancia y Aprendizaje**, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 197-214, 2007.

SASTRE, G. et al. El derecho a ser y la autorrenuncia: sus modelos organizadores en la preadolescencia. **Educación y Sociedad**, Madrid, n. 26-27, p. 13-25, 1994.

SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade.** Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SCHNITMAN, D.; LITTLEJOHN, S. (Org.). **Novos paradigmas em mediação.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SELIGMAN, M. E. P. **Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: an introduction. **American Psychologist**, New York, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 24, n.

2, p. 201-209, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/09.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. S. **Psicologia positiva**: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SPOSITO, M. P. Jovens e Educação: novas dimensões da exclusão. **Em Aberto**, Brasília, DF, ano 11, n. 56, out./dez. 1992. p. 43-56.

_____. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 37-52, set./out./nov./dez. 1997.

_____. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.) **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania: Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

_____. (Coord.) **Espaços públicos e tempos juvenis**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

_____. A pesquisa sobre jovens na pós-graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: SPOSITO, M. (Coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). v. 1. Belo Horizonte: Argumentum, 2009a. p. 17-56.

_____. (Coord.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). v. 1. Belo Horizonte: Argumentum, 2009b.

VELHO, G. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIANNA, H. (Org.). **Galerias cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.